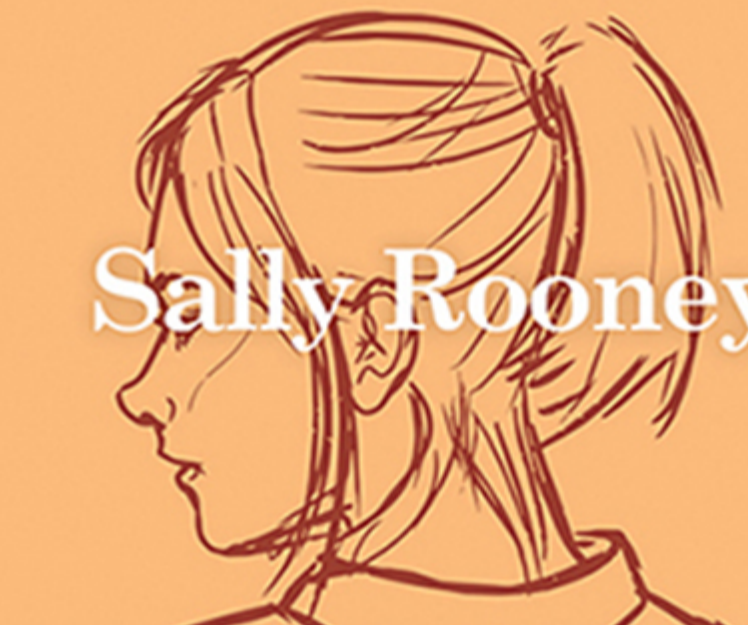




Sally Rooney

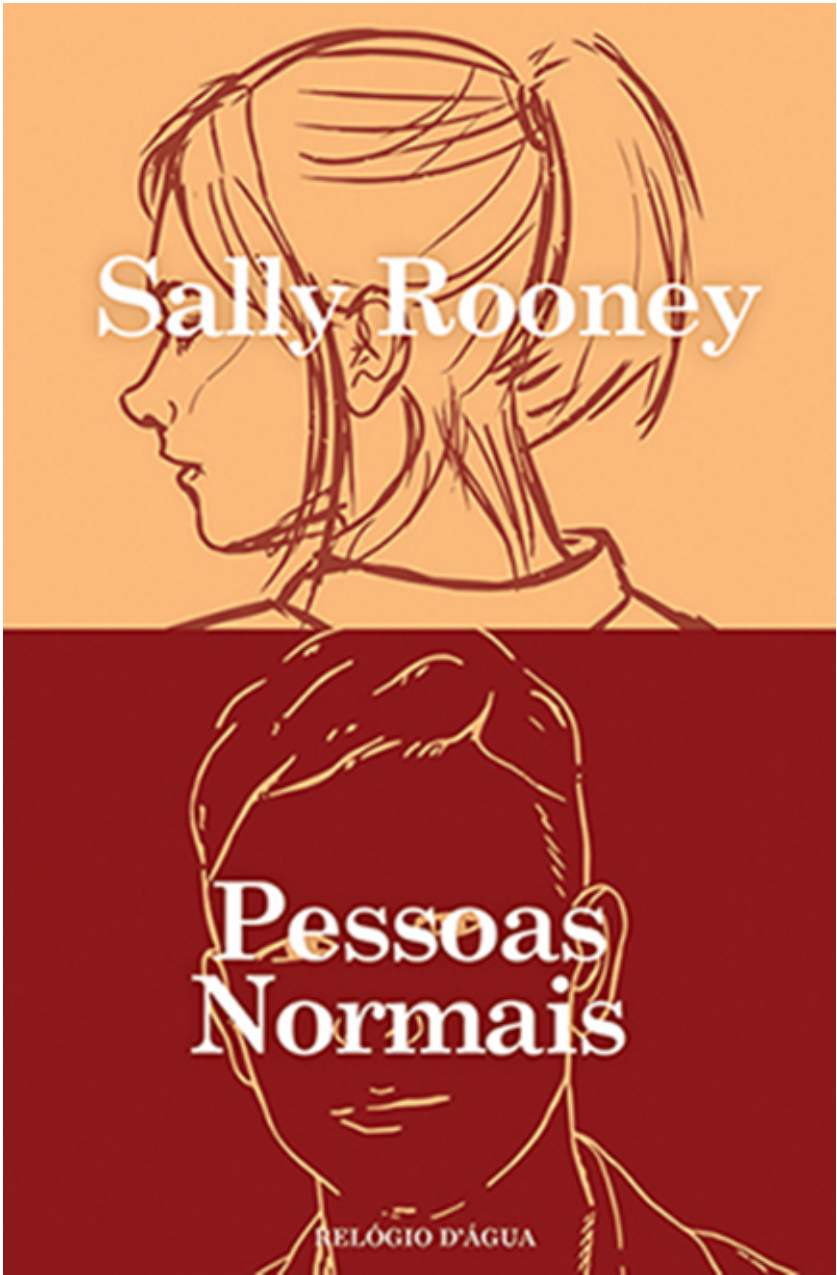


Pessoas  
Normais

RELÓGIO D'ÁGUA

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



Sally Rooney

Pessoas  
Normais

RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © 2018, Sally Rooney  
Todos os direitos reservados

Título: Pessoas Normais  
Título original: *Normal People* (2018)  
Autora: Sally Rooney  
Tradução e notas: Ana Falcão Bastos  
Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.  
Revisão de texto: Isabel Castro Silva  
Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))

© Relógio D'Água Editores, janeiro de 2021

ISBN 978-989-783-109-6

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

É um dos segredos dessa alteração da postura mental a que apropriadamente se chama conversão que, para muitos, nem o Céu nem a Terra tenham qualquer revelação, até uma personalidade os tocar, exercendo sobre eles uma influência peculiar, subjugando-os e despertando a receptividade.

George Eliot, *Daniel Deronda*

Janeiro de 2011

Marianne vai abrir a porta quando Connell toca a campainha. Ainda está com o uniforme da escola, mas sem a camisola, apenas com a blusa e a saia, e sem sapatos, só com colãs.

Ah, olá, diz ele.

Entra.

Ela vira-se e atravessa a entrada. Depois de fechar a porta da rua, ele segue-a. Descem os degraus que conduzem à cozinha, onde Lorraine, a mãe dele, está a tirar umas luvas de borracha. Marianne salta para cima da bancada para apanhar um boião aberto de creme de chocolate para barrar, dentro do qual deixou uma colher de chá.

A Marianne disse-me que recebeste hoje os resultados dos exames preliminares, diz Lorraine.

Recebemos os de Inglês, diz ele. Entregam-nos separados. Queres ir andando?

Lorraine dobra com todo o cuidado as luvas de borracha e volta a arrumá-las debaixo do lava-loiça. Depois começa a tirar os ganchos do cabelo. Connell pensa que ela podia fazer aquilo no carro.

E já sei que tiveste um bom resultado, diz ela.

Foi o melhor da turma, diz Marianne.

Certo, diz Connell. Mas a Marianne também se saiu bem. Podemos ir?

Lorraine pára de desatar as tiras do avental e diz:

Não percebi que estávamos com tanta pressa.

Ele enfia as mãos nos bolsos e reprime um suspiro de irritação, embora com uma inspiração audível, que continua a parecer um suspiro.

Só tenho de ir tirar a roupa da máquina de secar, diz Lorraine. E depois podemos ir. Está bem?

Sem responder, Connell baixa a cabeça enquanto Lorraine sai.

Queres um bocadinho disto?, pergunta Marianne

Estende-lhe o boião com o creme de chocolate. Ele enterra as mãos um pouco mais nos bolsos, como que a tentar enfiar lá o corpo todo.

Não, obrigado.

Recebeste hoje os resultados de Francês?

Ontem.

Apoia as costas ao frigorífico e fica a vê-la lamber a colher. Na escola, ele e Marianne fingem não se conhecer. As pessoas sabem que ela vive na mansão branca com o caminho de acesso para carros, e que a mãe de Connell trabalha lá como empregada doméstica, mas ninguém está a par da relação especial entre esses factos.

Tive um A1, acrescenta ele. O que tiveste em Alemão?

Também tive um A1, responde ela. Estás a gabar-te?

Vais ter seiscentos, não vais?

Ela encolhe os ombros. Provavelmente tu é que vais.

Bem, tu és mais inteligente do que eu.

Não te preocupes. Ninguém é tão inteligente como eu.

Agora Marianne faz um sorriso irónico. Despreza abertamente os outros alunos da escola. Não tem amigos e passa a hora do almoço sozinha a ler romances. Há muita gente que a detesta. O pai morreu quando tinha treze anos e Connell ouviu dizer que ela tem uma doença mental, ou coisa assim. É verdade que é a aluna mais inteligente da escola. Receia ficar sozinho com ela como está agora, mas também imagina coisas que lhe poderia dizer para a impressionar.

Não és a melhor da turma em Inglês.

Indiferente, ela passa a língua pelos dentes.

Talvez devesse dar-me explicações, Connell.

Ele sente as orelhas a esquentar. É provável que ela esteja só a falar por falar, sem querer insinuar nada, mas, se o faz, é apenas para o humilhar por associação, devido à aversão que ela inspira. Usa sapatos rasos, feios, de sola grossa, e não se maquilha. Dizem que não rapa as pernas nem nada disso. Uma vez Connell ouviu dizer que, no refeitório da escola, ela se sujou com gelado de chocolate e foi para a casa de banho das raparigas, despiu a blusa e a lavou no lavatório. Essa é uma história muito conhecida sobre ela, que toda a gente ouviu. Se quisesse, podia exhibir-se na escola a cumprimentar Connell. Até logo à tarde, poderia dizer diante de toda a gente. Sem dúvida que isso o deixaria numa posição incómoda, o que é uma coisa de que, em geral, ela parece gostar. Mas nunca o fez.

Do que estavas hoje a falar com a professora Neary?, pergunta Marianne.

De nada. Sei lá. Dos exames.

Marianne gira a colher dentro do boião.

Ela está caída por ti?

Connell observa-a a mover a colher. Continua a sentir as orelhas a arder.

Porque perguntas isso?

Meu Deus, não tens um caso com ela, pois não?

Claro que não. Achas que tem graça brincar com uma coisa dessas?

Desculpa, diz Marianne.

Tem uma expressão concentrada, como se, através dos olhos, lhe estivesse a ver a parte de trás da cabeça.

Tens razão, não tem graça. Desculpa.

Ele faz um aceno de cabeça, olha em redor e enfia a ponta do sapato numa ranhura

entre os mosaicos.

Às vezes, parece-me que ela tem um comportamento estranho comigo, diz. Mas não é coisa que me vá pôr para aí a contar.

Mesmo na aula, parece-me que ela se atira a ti.

Achas?

Marianne faz um aceno afirmativo. Ele esfrega o pescoço. A professora Neary dá aulas de Economia. Na escola fala-se muito do que supõem que ele sente por ela. Até há quem diga que tentou pedir-lhe amizade no Facebook, o que não fez, nem nunca faria. Na verdade, ele não lhe faz nem lhe diz nada, fica apenas sentado em silêncio enquanto é ela que lhe faz e diz coisas. Por vezes retém-no depois da aula para lhe falar do rumo da sua vida, e uma vez tocou-lhe mesmo no nó da gravata do uniforme. Connell não pode contar a ninguém como ela se comporta porque iriam pensar que se estava a gabar. Na aula sente-se demasiado constrangido e exasperado para se concentrar na matéria, e limita-se a ficar sentado a olhar para o manual até os gráficos de barras começarem a ficar desfocados.

As pessoas estão sempre a meter-se comigo, a dizer que ando babado por ela e sei lá que mais. Mas não ando, de modo nenhum. Não achas que alinhio quando ela se comporta assim, pois não?

Que eu tenha visto, não.

Sem pensar, Connell enxuga as palmas das mãos à camisa do uniforme. Todos estão de tal modo convencidos de que se sente atraído pela professora Neary que por vezes começa a duvidar dos seus sentimentos. E se, a qualquer nível, acima ou abaixo da sua percepção, a deseja de facto? Nem sequer sabe muito bem como é sentir desejo. Sempre que fez sexo na vida real, isso pareceu-lhe tão stressante que em grande medida foi desagradável, levando-o a desconfiar que há qualquer coisa errada com ele, que é incapaz de ter relações íntimas com mulheres e que tem alguma deficiência de desenvolvimento. A seguir fica deitado a pensar: Detestei tanto o que se passou que estou agoniado. Ele será mesmo assim? A náusea que sente quando a professora Neary se inclina sobre a sua mesa será a sua maneira de sentir excitação sexual? Como poderá saber?

Se quiseses posso ir falar com o professor Lyons, propõe Marianne. Não lhe digo que me contaste seja o que for, só digo que reparei.

Santo Deus, não. De modo nenhum. Não fales disto a ninguém, está bem?

Está bem.

Ele olha para ela, a fim de confirmar que fala a sério, e faz um aceno de cabeça.

A culpa não é tua se ela se comporta assim contigo, diz Marianne. Não fizeste nada de mal.

Então porque pensam todos que estou apaixonado por ela?, pergunta baixinho.

Talvez seja por ficares muito corado quando ela fala contigo. Mas, com essa tua pele, coras por tudo e por nada.

Ele solta uma gargalhada breve e infeliz. Obrigado, agradece.

É verdade.

Sim, eu sei.



Neste momento, estás a corar, diz Marianne.

Ele fecha os olhos e pressiona a língua contra o palato. Ouve Marianne a rir.

Porque tens de ser tão dura com as pessoas?

Não sou dura. Não quero saber se coras, não vou contar a ninguém.

Lá porque não vais contar a ninguém, não significa que possas dizer o que te apetece.

Está bem. Desculpa.

Ele vira-se para a janela e olha para o jardim, que, em boa verdade, se assemelha mais a um parque. Inclui um corte de ténis e uma grande estátua de pedra a representar uma mulher. Olha para o «parque» e aproxima o rosto da frescura do vidro. Quando as pessoas contam aquela história de Marianne lavar a blusa no lavatório, é como se isso fosse cómico, mas Connell pensa que o verdadeiro objetivo é outro. Marianne nunca andou com nenhum colega da escola, não há quem a tenha visto despida, nem sequer sabem se ela gosta de rapazes ou de raparigas, pois não fala desses assuntos com ninguém. As pessoas não lhe perdoam isso, e Connell acha que é por esse motivo que contam a história, como uma maneira de ficarem pasmadas com uma coisa que nem sequer lhes é permitido ver.

Não quero discutir contigo, diz ela.

Não estamos a discutir.

Sei que me deves detestar, mas és a única pessoa que fala comigo.

Nunca disse que te detestava, responde ele.

Isso chama a atenção de Marianne, que ergue os olhos. Confuso, Connell continua a desviar a vista, mas, pelo canto do olho, ainda está a observá-la. Quando fala com ela, tem a sensação de que existe uma intimidade total entre ambos. Sabe que lhe podia contar fosse o que fosse a seu respeito, mesmo coisas estranhas, que ela nunca as iria repetir. Estar sozinho com Marianne é como abrir uma porta para sair da vida normal e depois fechá-la atrás de si. Ela não o assusta, na verdade é uma pessoa bastante calma, mas receia estar perto dela, devido à maneira confusa como ele próprio se comporta, às coisas que diz e que não costuma dizer.

Umás semanas atrás, quando estava à espera de Lorraine na entrada, Marianne desceu a escada de roupão. Era um simples roupão branco, atado da maneira normal. Tinha o cabelo molhado e a pele do rosto com um brilho que dava ideia de ter estado a pôr creme. Quando viu Connell, hesitou e disse: Não sabia que estavas cá, desculpa. Talvez parecesse perturbada, mas não tinha ar de se sentir mal nem nada de semelhante. A seguir voltou para o quarto. Depois de se ter ido embora, ele ficou ali na entrada, à espera. Sabia que ela devia estar a vestir-se e, fosse qual fosse a roupa que tivesse quando voltasse a descer, seria a que escolhera depois de o ver no vestíbulo. De qualquer modo, Lorraine ficou pronta para sair antes de Marianne reaparecer, e ele nunca iria saber o que ela vestira. Não que se importasse muito com isso. Por certo que nunca iria contar a ninguém da escola que a tinha visto de roupão de banho, ou que a vira ficar perturbada, ninguém tinha nada com isso.

Olha, gosto de ti, diz Marianne.

Durante uns segundos, ele não diz nada, e a intimidade entre ambos é de tal modo

intensa que exerce uma pressão quase física no rosto e no corpo dele. Depois Lorraine volta a entrar na cozinha, a atar o cachecol ao pescoço. Dá umas pancadinhas na porta, embora esta esteja já aberta.

Estás pronto para irmos?, pergunta.

Iá, responde Connell.

Obrigada por tudo, Lorraine, agradece Marianne. Até para a semana.

Connell já está a sair da cozinha quando a mãe diz: Podes despedir-te, não?

Ele volta-se para olhar por cima do ombro, mas, como não consegue encarar Marianne, é para o chão que fala.

Certo, adeus, despede-se, sem esperar para ouvir a resposta dela.

No carro, a mãe põe o cinto de segurança, abana a cabeça e diz: Podias mostrar-te um pouco mais simpático com a Marianne. A vida dela na escola não deve ser nada fácil.

Ele introduz a chave na ignição e olha pelo retrovisor.

Eu sou simpático com ela, responde.

É uma pessoa muito sensível, acrescenta Lorraine.

Podemos falar de outra coisa?

Lorraine faz uma careta. A olhar pelo para-brisas, ele finge não ver.

Três Semanas mais tarde  
(Fevereiro de 2011)

Ela está sentada ao toucador a ver-se ao espelho. As faces e o maxilar são pouco definidos. A cara parece uma peça de tecnologia e os olhos são os cursores a piscar. Ou faz lembrar a Lua refletida em qualquer coisa, vacilante e oblíqua. Exprime tudo ao mesmo tempo, o que é o mesmo que não exprimir nada. Ela chega à conclusão de que usar maquilhagem naquelas circunstâncias a deixaria pouco à vontade. Sem quebrar o contacto visual consigo própria, mergulha o dedo num boião de bálsamo labial transparente e aplica-o.

No andar de baixo, quando tira o casaco do cabide, Alan, o irmão, sai da sala.

Aonde vais?, pergunta ele.

Vou sair.

Sair aonde?

Enfia os braços nas mangas do casaco e compõe a gola. Agora começa a sentir-se nervosa e espera que o seu silêncio comunique insolência e não insegurança.

Só vou dar um passeio.

Alan vai pôr-se à frente da porta.

Sei que não vais encontrar-te com amigos. Porque não tens amigos, pois não?

Não, não tenho.

Agora sorri, um sorriso sereno, na esperança de que esse gesto de submissão acalme o irmão e o leve a afastar-se da porta. Mas, em vez disso, ele pergunta: Para que estás a fazer isso?

O quê?

Esse sorriso esquisito.

Imita a expressão dela, com o rosto contorcido num esgar e os dentes à mostra. Embora sorria, a força e o exagero daquela imitação fazem-no parecer zangado.

Estás contente por não teres amigos?

Não.

Ainda a sorrir, ela dá dois pequenos passos à retaguarda, volta-se e dirige-se à cozinha, onde há uma porta que dá para o jardim. Alan vai atrás dela. Agarra-a pelo braço e afasta-a da porta. Ela sente o maxilar contrair-se. Os dedos do irmão apertam-

lhe o braço através do casaco.

Vê lá se vais fazer queixinhas à mamã por causa disto, diz Alan.

Não, diz Marianne, não vou. Vou só dar um passeio. Obrigada.

Ele larga-a e ela esgueira-se pela porta, que fecha atrás de si. Fora de casa, o ar está muito frio e ela começa a bater os dentes. Contorna a parte lateral da casa, desce o caminho de acesso e sai para a rua. Tem o braço a latejar no sítio onde Alan o agarrou. Tira o telemóvel do bolso e digita uma mensagem; bate repetidamente na tecla errada, apaga e volta a escrever. Finalmente envia-a: Estou a ir. Antes de voltar a arrumar o telemóvel, recebe uma resposta: fixe até já.

No fim do último período, a equipa de futebol da escola chegou à final de uma competição qualquer e toda a gente foi dispensada das três últimas aulas para ir assistir. Marianne nunca os tinha visto jogar. Não se interessava por desporto e as aulas de Educação Física provocavam-lhe ansiedade. No autocarro, a caminho do jogo, ouviu música nos auriculares e ninguém falou com ela. Pela janela via-se gado negro, prados verdes e casas brancas com telhados castanhos. A equipa de futebol ia toda junta no andar de cima do autocarro, a beber água e a dar palmadas nos ombros uns dos outros para levantar o moral. Marianne tinha a sensação de que a sua vida real se desenrolava algures muito longe, que acontecia sem ela, e não sabia se alguma vez iria descobrir onde e tornar-se parte dela. Muitas vezes tinha essa sensação na escola, mas sem ser acompanhada de quaisquer imagens específicas do que a vida real pudesse ser ou parecer. Tudo o que sabia era que, quando essa vida comesse, ela já não precisaria de imaginá-la.

Durante o jogo não choveu. Tinham-nos levado ali para ficarem junto das linhas laterais a apoiar os jogadores. Marianne encontrava-se perto da baliza, com Karen e algumas outras colegas. Todas, à exceção de Marianne, pareciam saber de cor os cânticos da escola, com letras que ela nunca ouvira. No intervalo ainda estavam zero a zero, e a professora Keaney distribuía pacotes de sumo e barras energéticas. No segundo tempo, as equipas trocaram de campo, e os avançados da escola passaram a jogar perto do sítio onde Marianne se encontrava. Connell Waldron era o ponta de lança. Ela via-o ali, com o equipamento de futebol, os calções brancos reluzentes, a camisola da escola com o número nove nas costas. Tinha uma postura muito boa, melhor do que a de qualquer outro jogador. A sua figura assemelhava-se a uma linha longa e elegante desenhada com um pincel. Quando a bola se deslocava para o seu extremo do campo, ele punha-se a correr e podia levantar uma das mãos, e depois voltava a ficar parado. Era agradável observá-lo, e Marianne não pensava que ele soubesse ou quisesse saber onde ela se encontrava. Um dia, depois da escola, poderia dizer-lhe que tinha estado a vê-lo, e ele havia de rir dela e de dizer que ela era estranha.

Aos setenta minutos, Aidan Kennedy atacou pelo lado esquerdo do campo e cruzou para Connell. Este fez um remate do canto da grande área, levando a bola a passar por cima das cabeças dos defesas, para ir bater no fundo das redes. Toda a gente gritou, até Marianne, e Karen rodeou-lhe a cintura com o braço e apertou-a. Estavam a aplaudir

juntas, tinham visto qualquer coisa móvica que dissolvia as habituais relações sociais entre elas. A professora Keaney assobiava e batia os pés. No campo, Connell e Aidan abraçaram-se como irmãos que se reencontram. Connell era lindo. Marianne pensou como desejava vê-lo fazer sexo com alguém; não tinha de ser com ela, podia ser com outra pessoa qualquer. Só ficar a vê-lo seria fantástico. Sabia que eram pensamentos desse género que a tornavam diferente dos outros alunos da escola, mais estranha.

Todos os colegas de Marianne parecem gostar imenso da escola e achá-la normal. Usar todos os dias o mesmo uniforme, respeitar regras arbitrárias em todas as ocasiões, ser controlado e monitorizado por mau comportamento, tudo isso é normal para eles. A escola não lhes parece um ambiente repressivo. No ano anterior, Marianne tivera uma discussão com o professor Kerrigan, que lecionava História, por ele a ter apanhado a olhar pela janela durante a aula, e nenhum colega de turma tomou o seu partido. Parecia-lhe uma loucura ter de pôr um disfarce todas as manhãs e passar o dia a ter de andar em rebanho por um edifício enorme, sem ter sequer autorização de olhar para onde queria, pois até os seus movimentos oculares ficavam sujeitos às regras da escola. Se estás a olhar pela janela e a sonhar acordada, não aprendes, disse o professor Kerrigan. Marianne, que nessa altura já estava furiosa, respondeu-lhe com maus modos: Não se iluda, professor, não tenho nada a aprender consigo.

Havia pouco, Connell dissera que se lembrava desse incidente e que, na altura, lhe parecera que ela estava a ser dura com o professor Kerrigan, que, afinal, era um dos professores mais razoáveis. Mas percebo o que querias dizer com isso de te sentires aprisionada na escola, acrescentou. Ele devia ter-te deixado olhar pela janela, quanto a isso estou de acordo. Não estavas a fazer nada de mal.

Depois da conversa que tiveram na cozinha, quando ela lhe disse que gostava dele, Connell começou a ir mais vezes a sua casa. Chegava cedo para ir buscar a mãe ao trabalho e ficava na sala sem dizer grande coisa, ou junto da lareira com as mãos nos bolsos. Marianne nunca lhe perguntava porque ia lá a casa. Falavam um pouco, ou ela falava, e ele fazia acenos de aquiescência. Ele disse-lhe que devia tentar ler *O Manifesto Comunista*, achava que iria gostar, e ofereceu-se para escrever o título para ela não se esquecer. Sei o nome de *O Manifesto Comunista*, disse ela. Ele encolheu os ombros e retorquiu: Está bem. Daí a um momento, acrescentou, a sorrir: Estás a armar-te em superior, mas se calhar nem sequer o leste. Nessa altura ela teve de rir, e ele riu só de a ver. Não conseguiam cruzar o olhar enquanto riam e tiveram de o fixar nos cantos da sala, ou nos pés.

Connell parecia compreender como ela se sentia por causa da escola; disse que gostava de ouvir as suas opiniões. Já ouves suficientes nas aulas, respondeu Marianne. Como se nada fosse, ele afirmou: Nas aulas mostras-te diferente do que de facto és. Era como se pensasse que Marianne tinha acesso a toda uma gama de identidades distintas, e que deslizava sem esforço de umas para as outras. Isso surpreendeu-a, porque em geral se sentia confinada a uma única personalidade, que era sempre a mesma, independentemente do que fazia ou dizia. No passado tentara fazer a experiência de ser diferente, mas não funcionara. Se era diferente com Connell, essa diferença não ocorria dentro dela, na sua personalidade, mas na dinâmica que se

gerava entre eles. Por vezes fazia-o rir, mas havia outros dias em que ele se mostrava taciturno, impenetrável, e, depois de partir, ela sentia-se excitada, nervosa, ao mesmo tempo cheia de energia e terrivelmente esgotada.

Na semana anterior, ele seguira-a até ao escritório enquanto ela procurava um exemplar de *The Fire Next Time* para lhe emprestar. Ficou ali a inspecionar as estantes, com o primeiro botão da camisa desabotoado e a gravata da escola desapertada. Marianne encontrou o livro e estendeu-lho, e Connell sentou-se junto da janela a olhar para a contracapa. Ela sentou-se ao lado dele e perguntou-lhe se os seus amigos Eric e Rob sabiam que ele lia tanto fora da escola.

Isto não os interessaria, foi a resposta.

Queres dizer que não se interessam pelo mundo que os rodeia.

Connell ficou carrancudo e inexpressivo, como acontecia sempre que ela criticava os amigos. Não da mesma maneira, respondeu. Têm os seus próprios interesses. Não me parece que leiam livros sobre racismo e coisas assim.

Claro, estão demasiado ocupados a gabar-se das miúdas com quem vão para a cama.

Ele ficou calado durante um segundo, como se aquela observação lhe provocasse picadas nas orelhas, mas não soubesse muito bem como reagir. Já, eles costumam fazer isso, acabou por dizer. Não estou a defendê-los, sei que pode ser irritante.

Isso não te incomoda?

Ele ficou de novo em silêncio, antes de responder:

A maior parte das vezes, não. Claro que, se passam das marcas, isso me aborrece. Mas, afinal, são meus amigos, percebes? Para ti é diferente.

Marianne olhou-o, mas ele examinava a lombada do livro.

Diferente, porquê?

Ele encolheu os ombros, a dobrar a capa do livro para trás e para a frente. Frustrada, ela sentiu o rosto e as mãos quentes. Connell continuou a olhar para o livro, embora nessa altura por certo já tivesse lido todo o texto da contracapa. De uma maneira microscópica, era de tal modo sensível à presença do corpo dele, que o movimento habitual da sua respiração parecia suficientemente poderoso para a deixar maldisposta.

No outro dia disseste que gostavas de mim, disse ele. Disseste isso na cozinha, quando estávamos a falar da escola.

Já.

Querias dizer gostar, tipo, como amiga, ou quê?

Ela olhou para o colo. Tinha uma saia de veludo cotelê e, com a luz que entrava pela janela, Connell viu que estava cheia de borbotos.

Não, não era apenas como amiga.

Ah, sim. Estava só a perguntar-me.

Ficou ali sentado, a acenar com a cabeça para consigo.

Ando um bocado baralhado com o que sinto, acrescentou. Acho que não íamos sentir-nos à vontade na escola se acontecesse alguma coisa connosco.

Ninguém teria de saber.

Ele olhou-a, diretamente, com uma atenção total. Marianne percebeu que ia beijá-la, e foi o que aconteceu. Os lábios dele eram macios e a língua movia-se ligeiramente na boca dela. Depois acabou e ele afastou-se. Parecendo recordar-se de que tinha o livro na mão, começou a olhar de novo para ele.

Foi bom, disse ela.

Em silêncio, ele fez um aceno de cabeça e voltou a fixar o livro. A sua atitude era tão tímida, como se tivesse sido indelicado da parte dela fazer referência ao beijo, que Marianne começou a rir, o que o fez ficar ainda mais atrapalhado.

De que estás a rir?, perguntou.

De nada.

Até parece que nunca beijaste ninguém.

É isso, nunca beijei.

Ele cobriu o rosto com a mão. Ela riu de novo, sem conseguir conter-se, e então foi a vez de ele começar a rir. Tinha as orelhas muito vermelhas e abanava a cabeça. Daí a uns segundos, pôs-se de pé, com o livro na mão.

Não fales disto a ninguém da escola, está bem?

Como se eu fosse contar a alguém da escola.

Ele saiu do escritório. Sem energia, ela deixou-se cair do assento para o chão, com as pernas estendidas à sua frente como uma boneca de trapos. Enquanto estava ali sentada, teve a sensação de que Connell só tinha ido lá a casa para a pôr à prova, que passara no teste e que o beijo era uma forma de lhe comunicar esse facto. Pensou na maneira como ele rira quando ela disse que nunca tinha beijado ninguém. Se fosse outra pessoa a rir assim poderia ter sido cruel, mas com ele era diferente. Tinham rido juntos, de uma situação partilhada na qual se encontravam, embora Marianne não soubesse exatamente como descrevê-la ou o que havia nela de tão cómico.

Na manhã seguinte, antes da aula de Alemão, ficou sentada a ver os colegas, aos guinchos e risadinhas, a empurrarem-se uns aos outros para ficarem mais próximos do aquecedor. Quando a aula começou, ficaram a ouvir em silêncio uma cassete com uma alemã a falar de uma festa a que não pudera ir. *Es tut mir sehr leid.*<sup>1</sup> À tarde começou a nevar, com grandes flocos cinzentos que passavam a esvoaçar pela janela e se derretiam na gravilha. Tudo parecia sensual: o cheiro a bafio das salas, a campainha com um som metálico que tocava entre as aulas, as árvores sombrias e austeras, que se erguiam, semelhantes a aparições, à volta do campo de basquetebol. O lento trabalho rotineiro de copiar notas com canetas de diversas cores em papel pautado azul e branco. Connell, como de costume, não falou com Marianne na escola nem sequer a olhou. Ela ficou a vê-lo, nas aulas, a conjugar os verbos, enquanto mordida a ponta da caneta. No outro extremo da cantina, à hora do almoço, a sorrir de qualquer coisa com os amigos. O segredo que partilhavam pesava-lhe agradavelmente no interior do corpo, pressionando o osso pélvico quando se movia.

Não o viu depois da escola nesse dia, nem no seguinte. Na quinta-feira à tarde a mãe dele estava outra vez a trabalhar e ele chegou cedo para a ir buscar. Marianne teve de ir abrir a porta porque não estava mais ninguém em casa. Ele trocara o uniforme da escola por uns *jeans* pretos e uma camisola. Quando o viu, ela teve uma vontade

instintiva de fugir e esconder o rosto. A Lorraine está na cozinha, disse. Depois deu meia-volta, subiu a escada e fechou a porta do quarto. Deitou-se na cama, a respirar para dentro da almofada. Afinal quem era aquela pessoa chamada Connell? Tinha a sensação de o conhecer intimamente, mas por que razão sentia isso? Só por ele a ter beijado uma vez, sem dar explicações, e depois a ter avisado que não dissesse a ninguém? Após um ou dois minutos, ouviu bater à porta do quarto e sentou-se. Entra, disse. Ele abriu a porta e, lançando-lhe um olhar interrogativo, como que a querer saber se era bem-vindo, entrou no quarto e fechou a porta.

Estás chateada comigo?, perguntou.

Não. Porque havia de estar?

Ele encolheu os ombros. Com movimentos indolentes, dirigiu-se à cama e sentou-se. Ela estava sentada de pernas cruzadas, a segurar os tornozelos. Ficaram em silêncio durante alguns instantes. Depois, aproximou-se dela. Tocou-lhe na perna, e ela recostou-se na almofada. Com ousadia, ela perguntou-lhe se a ia beijar de novo. O que achas?, foi a resposta, que pareceu a Marianne altamente enigmática e sofisticada. De qualquer modo, começou a beijá-la. Ela disse-lhe que era bom e ele limitou-se a ficar calado. Ela sentiu-se capaz de fazer fosse o que fosse para ele gostar dela, para o lavar a dizer em voz alta que gostava dela. Connell enfiou a mão por baixo da blusa da escola. Podemos despir-nos?, perguntou-lhe ela ao ouvido. Ele tinha a mão dentro do sutiã. De modo nenhum, respondeu ele. Isto é uma estupidez, a Lorraine está mesmo aqui por baixo, disse, tratando a mãe pelo nome próprio. Ela nunca vem aqui, afirmou Marianne. Ele abanou a cabeça e disse: Não, é melhor pararmos. Sentou-se e olhou-a.

Durante um segundo, sentiste-te tentado, disse ela.

Nem por isso.

Fui eu que te tentei.

Ele abanava a cabeça, a sorrir. És uma pessoa mesmo estranha, disse.

Agora Marianne encontra-se no caminho de acesso, onde o carro dele está estacionado. Ele mandou-lhe uma mensagem: É o número 33. É uma casa em banda, com paredes rugosas, revestidas de pequenos seixos, cortinas arrendadas, e um pequeno quintal cimentado. Vê que há uma luz acesa na janela do primeiro andar. É difícil acreditar que ele vive ali, numa casa que ela nunca visitou nem viu. Tem vestida uma camisola preta, uma saia cinzenta, roupa interior preta, barata. Rapou as pernas com todo o cuidado, o desodorizante deixou-lhe as axilas lisas como giz e tem o nariz a pingar um pouco. Toca a campainha e ouve-o descer a escada para abrir a porta. Antes de a deixar entrar, olha por cima do ombro dela, para se certificar de que ninguém a viu chegar.

<sup>1</sup> Tenho muita pena.



Um Mês mais tarde  
(Março de 2011)

Estão a falar da candidatura à universidade, Marianne deitada, com o lençol a cobrir-lhe cuidadosamente o corpo, e Connell sentado, com o *MacBook* dela no colo. Ela já se inscreveu em História e Política no Trinity College. Ele inscreveu-se em Direito no Galway College, mas agora pensa que talvez possa mudar, porque, como Marianne sublinhou, não se interessa por Direito. Nem sequer consegue imaginar-se como advogado, de gravata e por aí fora, possivelmente a ajudar a condenar criminosos. Só se inscreveu nesse curso porque não conseguiu lembrar-se de mais nada.

Devias estudar Inglês, diz Marianne.

Achas que devia, ou estás a brincar?

Acho que devias. É a única disciplina de que gostas na escola. E passas todo o tempo livre a ler.

Ele lança um olhar inexpressivo ao portátil, e depois ao lençol fino que lhe cobre o corpo, projetando um triângulo de sombra lilás sobre os seios.

Não passo assim todo o meu tempo livre.

Ela sorri e diz: Além disso, há lá imensas raparigas e vais ser o borracho da turma.

Iá. Mas não sei bem quais as perspetivas de emprego.

E que importa isso? De qualquer modo, a economia está lixada.

Agora o ecrã do portátil tinha ficado negro e ele toca no *trackpad* para voltar a acendê-lo. A página das candidaturas está diante dos seus olhos.

Depois de terem relações pela primeira vez, Marianne passou a noite em casa dele. Connell nunca tinha estado com uma rapariga que fosse virgem. No total, só fizera sexo um número reduzido de vezes, e sempre com raparigas que a seguir iam contar à escola inteira o que se passara. Mais tarde, no vestiário, ele tivera de ouvir repetirem-lhe as suas ações: os erros que cometera e, o que era ainda pior, as suas tentativas desesperadas de ternura, representadas numa gigantesca pantomima. Com Marianne era diferente, pois tudo se passava apenas entre eles, mesmo o que era desajeitado ou difícil. Com ela, podia dizer ou fazer o que quisesse que ninguém iria descobrir.

Pensar nisso, provocava-lhe uma sensação de vertigem e aturdimento. Quando a tocou nessa noite, ela estava toda húmida e, a revirar os olhos, disse: Sim, sim. E podia dizê-lo, pois ninguém iria saber. Ele receou vir-se só de a tocar assim.

Na manhã seguinte, no corredor, ao dar-lhe um beijo de despedida, sentiu o sabor alcalino, semelhante a pasta de dentes, da boca dela. Obrigada, disse Marianne. Depois saiu, antes de ele perceber porque lhe agradecera. Enquanto metia os lençóis na máquina de lavar e tirava outros limpos do armário, pensava como ela era uma pessoa reservada e independente, capaz de ir a sua casa e deixá-lo ter relações com ela, sem sentir necessidade de contar a ninguém o que se passara. Limitava-se a deixar as coisas acontecer, como se nada disso fosse importante.

Lorraine chegou a casa nessa tarde. Ainda antes de poisar as chaves em cima da mesa, perguntou: Estás a fazer uma máquina de lavar? Connell disse que sim com um movimento de cabeça. Ela pôs-se de cócoras e, através do óculo redondo, olhou para o tambor, onde os lençóis se agitavam na espuma.

Não vou fazer perguntas, disse.

O quê?

Lorraine começou a encher a chaleira, enquanto ele se apoiava à bancada.

Não vou perguntar porque puseste a roupa da cama na máquina.

Connell revirou os olhos, só para fazer qualquer coisa com o rosto. Estás sempre a pensar o pior, disse ele.

Ela riu, encaixou a chaleira no suporte e ligou o botão. Desculpa, disse, mas ninguém da tua escola deve ter uma mãe mais permissiva do que eu. Desde que uses proteção, podes fazer o que quiseres.

Ele não respondeu. A chaleira começava a aquecer e ela tirou uma caneca lavada do armário.

Então?, insistiu Lorraine. Isso é um sim?

Um sim o quê? Claro que não fiz sexo sem proteção com ninguém enquanto não estavas. Santo Deus.

Então diz lá, como se chama ela?

Connell saiu da cozinha mas, enquanto subia a escada, ouviu a mãe a rir. Para ela, a vida do filho é sempre um divertimento.

Na segunda-feira, na escola, teve de evitar olhar para Marianne ou interagir com ela fosse de que maneira fosse. Carregava o segredo de um lado para o outro como se fosse uma coisa grande e escaldante, como uma bandeja demasiado cheia de bebidas quentes que tivesse de transportar para toda a parte sem entornar. Ela agia como era habitual, como se nada tivesse acontecido: lia um livro junto dos cacifos como de costume, envolvia-se em discussões absurdas. Na terça-feira, à hora do almoço, Rob começou a interrogá-lo acerca de a mãe dele trabalhar em casa de Marianne, e Connell continuou a comer, tentando manter-se inexpressivo.

Já lá foste?, perguntou Rob. À mansão.

Connell sacudiu o pacote de batatas fritas que tinha nas mãos e espreitou para o seu interior.

Sim, estive lá umas quantas vezes, respondeu.

Como é por dentro?

Encolheu os ombros.

Não sei. Grande, claro.

Como é ela no seu *habitat* natural?, insistiu Rob.

Não sei.

Deve tratar-te como se fosses o mordomo, não?

Connell limpou a boca engordurada às costas da mão. As batatas fritas eram demasiado salgadas e doía-lhe a cabeça.

Duvido.

Mas a tua mãe é criada dela, não é?

Não, é só mulher a dias. Só lá vai duas vezes por semana, e não me parece que se vejam muito.

A Marianne não toca uma campainha para a chamar?, perguntou Rob.

Connell não respondeu. Nesse momento, não compreendia a situação com Marianne. Depois de falar com Rob, disse para consigo que estava tudo acabado, que só dormira com ela uma vez para ver como era e que nunca mais iria vê-la. Mas, enquanto dizia tudo aquilo para consigo, ouvia outra parte do seu cérebro afirmar, numa voz diferente: Sim, vais tornar a vê-la. Era uma parte da sua consciência que até então desconhecia, aquele impulso inexplicável para agir movido por desejos perversos e secretos. Nessa tarde, no fundo da aula de Matemática, ou durante o jogo de *rounders*, entregou-se a fantasias com ela. Pensava na sua boca pequena e húmida e, de súbito, ficou com falta de ar e teve de fazer um esforço para encher os pulmões.

Nessa tarde, foi a casa dela depois das aulas. Durante todo o caminho, no carro, manteve o rádio muito alto para não ter de pensar no que estava a fazer. Quando subiram ao primeiro andar, ele manteve-se calado e deixou-a falar. É tão bom, não parava ela de dizer. Que bom que isto é. O seu corpo era macio e branco como massa para pão. Ele encaixava perfeitamente dentro dela. Fisicamente era muito agradável, e Connell percebeu porque faziam as pessoas loucuras por motivos sexuais. Na realidade, percebia uma quantidade de coisas do mundo adulto que anteriormente lhe pareciam misteriosas. Mas porquê Marianne? Não era que fosse atraente. Havia quem achasse que era a rapariga mais feia da escola. Que tipo de pessoa iria querer fazer aquilo com ela? E, no entanto, ali estava ele, fosse que tipo de pessoa fosse, a fazê-lo. Quando Marianne lhe perguntou se estava a ser bom, fingiu não ouvir. Como ela estava de gatas, não conseguia ver-lhe a expressão facial ou perceber o que estava a pensar. Daí a uns segundos, perguntou numa voz muito mais baixa: Estou a fazer alguma coisa mal? Ele fechou os olhos e respondeu:

Não. Estou a gostar.

A respiração dela parecia entrecortada. Connell puxou-lhe as ancas mais para junto do seu corpo e depois libertou-a ligeiramente. Ela emitiu um som como se estivesse a sufocar. Ao repetir o gesto, ela disse-lhe que ia vir-se. Isso é bom, respondeu, como se fosse a coisa mais banal do mundo. De súbito, a sua decisão de ir a casa de Marianne nessa tarde pareceu-lhe muito acertada e inteligente, talvez a única coisa inteligente que fizera na vida.

Quando acabaram, perguntou-lhe o que devia fazer com o preservativo. Sem levantar da almofada o rosto cor-de-rosa e húmido, ela respondeu: Podes deixá-lo no chão. Ele assim fez, e depois ficou deitado de costas a olhar para o candeeiro. Gosto tanto de ti, disse Marianne. Connell sentiu-se invadido por uma tristeza agradável, que o fez ficar à beira das lágrimas. Os momentos de sofrimento emocional aconteciam assim e pareciam-lhe sem sentido ou, pelo menos, indecifráveis. Percebia que Marianne tinha uma vida completamente livre, enquanto ele estava preso por diversos condicionalismos. Preocupava-se com o que as pessoas pensavam a seu respeito. Agora era óbvio que até se preocupava com o que Marianne pensava.

Diversas vezes tentou passar ao papel os seus pensamentos sobre ela, num esforço de percebê-los. Move-o um desejo de descrever a sua aparência e maneira de falar. O cabelo e a roupa que usa. O exemplar de *Do Lado de Swann* que ela lê à hora do almoço na cantina da escola, com uma pintura francesa sombria na capa e uma lombada verde-menta. Os seus dedos longos a virarem as páginas. Ela não tem o mesmo género de vida que as outras pessoas. Por vezes tem atitudes tão sofisticadas, que o fazem sentir-se ignorante, mas outras vezes pode ser muito ingénua. Quer compreender como funciona a sua mente. Se decide em silêncio não dizer qualquer coisa quando estão a conversar, daí a um ou dois segundos Marianne irá perguntar: «O quê?» Essa pergunta parece-lhe conter muitas coisas: não apenas a atenção forense aos seus silêncios que, para começar, lhe permite fazer a pergunta, mas um desejo de comunicação total, uma sensação de que qualquer coisa não dita é uma interrupção indesejável entre eles. Connell anota essas coisas, frases longas com demasiadas orações subordinadas, por vezes ligadas com pontos e vírgulas ofegantes, como se quisesse recriar uma cópia exata de Marianne no papel, como se pudesse preservá-la por completo para uma revisão futura. Depois vira uma nova página do caderno, a fim de não ter de olhar para o que escreveu.

Em que estás a pensar?, pergunta agora Marianne, a enfiar o cabelo atrás da orelha. Na faculdade, responde ele.

Devias inscrever-te em Inglês no Trinity.

Ele fixa de novo o olhar na página da Internet. Nos últimos tempos, é dominado pela sensação de que, na realidade é formado por duas pessoas distintas, e que em breve terá de escolher quem irá ser a tempo completo, deixando a outra pessoa para trás. Tem uma vida em Carricklea, tem amigos. Se fosse para a faculdade de Galway, podia ficar com o mesmo grupo social, e viver a vida que sempre pensou vir a ter, tirar um bom curso, ter uma namorada simpática. As pessoas iriam dizer que se saíra bem na vida. Por outro lado, podia ir para o Trinity como Marianne. Nesse caso, a vida seria diferente. Começaria a ir a jantares e a ter conversas sobre o resgate financeiro da Grécia. Podia fornicar com raparigas de aspeto bizarro e descobrir que eram bissexuais. Li *The Golden Notebook*, poderia dizer-lhes. É verdade que leu esse livro. Depois disso, nunca regressaria a Carricklea, iria para outro sítio, para Londres ou Barcelona. As pessoas não iriam necessariamente pensar que tivera êxito; algumas poderiam pensar que falhara redondamente, enquanto outras se esqueceriam dele por

completo. O que iria Lorraine pensar? Havia de desejar que o filho fosse feliz, sem se preocupar com o que os outros diziam. Mas o velho Connell, aquele que todos os seus amigos conheciam, de certo modo estaria morto ou, pior, sepultado vivo, e a gritar debaixo da terra.

Então iríamos ambos para Dublin, diz ele. Aposto que, se topássemos um com o outro, ias fingir que não me conhecias.

A princípio, Marianne não responde. Quanto mais tempo fica em silêncio, mais nervoso ele se sente, como se ela fingisse não o conhecer, e a ideia de não ter a sua atenção provoca-lhe uma sensação de pânico, não só em relação a ela pessoalmente, mas ao seu próprio futuro, ao que é possível para ele.

Depois ela diz: Nunca iria fingir não te conhecer, Connell.

O silêncio torna-se então muito intenso. Durante uns segundos, fica deitado imóvel. Claro que finge não conhecer Marianne na escola, mas não era sua intenção falar disso. É assim que tem de ser. Se descobrissem o que anda a fazer com ela, em segredo, ao mesmo tempo que a ignora todos os dias na escola, a sua vida estaria arruinada. Quando atravessasse o átrio, seguiu-lo-iam com o olhar, como se fosse um assassino em série, ou pior. Os amigos não pensam nele como um pervertido, alguém que poderia perguntar a Marianne Sheridan, em plena luz do dia, com uma frieza total: Importas-te que me venha na tua boca? Com esses amigos, tem um comportamento normal. Ele e Marianne têm a sua vida privada no quarto dele onde ninguém os pode incomodar, não havendo por isso razão para misturar esses mundos separados. Mesmo assim, percebe que cometeu um deslize na conversa que tiveram, permitindo, embora involuntariamente, que esse tema viesse à baila, e que agora tem de dizer qualquer coisa.

Ah, não?

Não.

Muito bem, então vou inscrever-me em Inglês no Trinity.

A sério?

Iá. Não estou assim tão preocupado em arranjar emprego.

Ela faz-lhe um pequeno sorriso, como se pensasse que saiu vencedora da discussão, o que ele gosta de lhe permitir que sinta. Por instantes, parece-lhe possível conservar os dois mundos, as duas versões da sua vida, deslocar-se entre elas como quem transpõe uma porta. Pode ter o respeito de alguém como Marianne e sentir também que gostam dele na escola, pode ter opiniões e preferências secretas sem suscitar um conflito, sem nunca ter de fazer uma escolha entre duas coisas. Basta-lhe um pequeno subterfúgio para ter duas vidas distintas, sem nunca confrontar a questão suprema do que irá fazer quanto à sua vida ou ao género de pessoa que é. Essa ideia é de tal modo reconfortante que, por instantes, evita cruzar o olhar com o de Marianne, a fim de manter essa convicção durante um pouco mais de tempo. Sabe que, quando olhar para ela, já não será capaz de continuar a acreditar no mesmo.

## Seis Semanas mais tarde (Abril de 2011)

O nome dela está na lista. Mostra o bilhete de identidade ao segurança. Quando entra, a luz no interior é difusa, cavernosa, vagamente arroxeadada, com riscas longas de cada lado, e desce até uma pista de dança. Cheira a álcool cediço e às marcas metálicas do gelo seco. Algumas das outras raparigas da comissão de angariação de fundos já estão sentadas à volta de uma mesa, a olhar para listas. Olá, diz Marianne. Elas viram-se e olham-na.

Olá, diz Lisa. Hoje esmeraste-te.

Estás o máximo, diz Karen.

Rachel Moran não diz nada. Toda a gente sabe que ela é a rapariga mais popular da escola, mas ninguém está autorizado a dizê-lo. Em contrapartida, todos têm de fingir que não se apercebem de que as suas vidas sociais estão dispostas hierarquicamente, com determinadas pessoas no topo, outras a acotovelarem-se num nível intermédio e outras ainda mais abaixo. Por vezes Marianne vê-se no fundo da escada, mas outras vezes imagina-se completamente fora dela, sem ser afetada pela sua mecânica, uma vez que não deseja popularidade nem faz nada para a ter. Do seu ponto de vista, não é evidente que recompensas proporciona a escada, mesmo àqueles que estão no topo. Esfrega o braço e agradece: Obrigada. Alguém quer uma bebida? De qualquer modo vou ao bar.

Pensei que não bebias álcool, diz Rachel.

Queria uma garrafa de *West Coast Cooler*<sup>2</sup>, diz Karen. Se não te importas.

Vinho é a única bebida alcoólica que Marianne experimentou, mas, quando vai ao bar, decide encomendar um gim-tónico. Enquanto fala, o *barman* olha-lhe descaradamente para os seios. Marianne não imaginava que os homens fizessem isso fora dos filmes e da televisão, e a experiência provoca-lhe um frémito de feminilidade. Tem um vestido preto transparente, que se lhe cola ao corpo. O local ainda está quase completamente vazio, embora teoricamente o evento já tenha começado. Quando regressa à mesa, Karen desfaz-se em agradecimentos pela bebida. A próxima pago eu, diz. Não te preocupes com isso, responde Marianne, com um aceno da mão.

Por fim, as pessoas começam a chegar. A música faz-se ouvir, um *remix*

matraqueado de Destiny's Child, e Rachel dá a Marianne o livrinho de rifas e explica-lhe o sistema de preços. Provavelmente foi por graça que votaram em Marianne para a comissão de angariação de fundos para o baile de finalistas, mas de qualquer modo tem de ajudar a organizar as festas. Com o livro das rifas na mão, continua junto das outras raparigas. Está habituada a observar essas pessoas à distância, quase cientificamente, mas naquela noite, tendo de fazer conversa e de sorrir delicadamente, já não é uma observadora, mas uma intrusa, e ainda por cima desajeitada. Vende alguns bilhetes, dando o troco do porta-moedas que tem no saco, pede mais bebidas, deita uma olhadela à porta e desvia a vista para outro lado, desapontada.

Os rapazes estão muito atrasados, diz Lisa.

De todos os rapazes possíveis, Marianne sabe a quem ela se refere: Rob, com quem Lisa tem uma relação intermitente, Eric, um amigo dele, Jack Hynes e Connell Waldron. Esse atraso não escapou a Marianne.

Se não aparecerem, mato o Connell, diz Rachel. Ontem deu-me a certeza de virem.

Marianne não diz nada. É frequente Rachel falar assim de Connell, referindo-se em conversas privadas ao que aconteceu entre eles, como se fossem confidentes especiais. Connell ignora esses comportamentos, mas também ignora as alusões que Marianne lhes faz quando estão sozinhos.

Provavelmente começaram logo a beber em casa do Rob, diz Lisa.

Quando chegarem aqui já vão estar completamente entornados, acrescenta Karen.

Marianne tira o telemóvel do saco e escreve uma mensagem para Connell: Discussão animada aqui por causa da vossa ausência. Estão a pensar aparecer ou não? Daí a meio minuto, ele responde: sim mas o Jack vomitou imenso e tivemos de o meter num táxi etc. aparecemos daqui a pouco. que tal está a ser a socialização com as pessoas. Marianne responde: Agora sou a nova aluna popular da escola. Andam comigo pela pista de dança a cantar o meu nome em coro. Mete o telemóvel no saco. Naquele momento, nada seria mais divertido para ela do que dizer: Eles vão chegar daqui a pouco. Como isso seria desestabilizador e destrutivo e como aumentaria o seu estatuto já confuso e aterrador.

Embora Marianne nunca tenha vivido noutro lugar, não conhece muito bem Carricklea. Não frequenta os *pubs* da Main Street, e até àquela noite nunca tinha estado na única discoteca da vila. Nunca visitou o complexo habitacional de Knocklyon. Não sabe o nome do rio castanho e lamacento que passa pelo Centra e por trás do parque de estacionamento da igreja, arrastando sacos de plástico, nem para onde corre a seguir. Quem lhe poderia dizer? Só sai de casa para ir à escola, à missa a que a obrigam a assistir ao domingo e a casa de Connell quando não está lá mais ninguém. Sabe quanto tempo demora a chegar a Sligo — vinte minutos —, mas a localização de outras vilas vizinhas e o seu tamanho em relação a Carricklea é um mistério para ela. Tem a certeza de que Coolaney, Skreen e Ballysadare ficam nas imediações de Carricklea, e esses nomes despertam-lhe recordações vagas, mas não sabe onde se situam. Nunca entrou no centro desportivo. Nunca foi beber na fábrica de chapéus abandonada, embora tenha lá passado de carro.

De igual modo, é-lhe impossível saber que famílias da cidade são consideradas respeitáveis e quais as que não o são. É o género de coisa que gostaria de saber, para poder rejeitá-la mais completamente. No entanto, sabe que ela é de uma boa família e Connell não. Os Waldrons têm má fama em Carricklea. Um dos irmãos de Lorraine esteve em tempos na prisão, Marianne não sabe porquê, e uns anos antes outro teve um acidente de moto na rotunda e quase morreu. E claro que Lorraine engravidou aos dezassete anos e deixou a escola para ter o bebé. No entanto, atualmente Connell é considerado um bom partido. É bom aluno, joga futebol como avançado, é atraente, não se mete em brigas. Toda a gente gosta dele. É calmo. Até a mãe de Marianne diz com ares aprovadores: Esse rapaz nem parece um Waldron. A mãe de Marianne é solícita. O pai tinha a mesma profissão.

Na semana anterior, Connell referira qualquer coisa chamada «o fantasma». Marianne nunca ouvira falar disso e teve de lhe perguntar o que era. As sobranceiras dele desapareceram. O fantasma, repetiu ele. A urbanização fantasma, Mountain View. Fica nas traseiras da escola. Marianne apercebera-se vagamente de qualquer construção no terreno atrás da escola, mas não sabia que se tratava de uma zona residencial ou que era desabitada. As pessoas iam para lá beber, acrescentou Connell. Ah, disse Marianne. E perguntou como era. Ele respondeu que quem lhe dera mostrá-lhe, mas que havia sempre gente por lá. Muitas vezes usava a expressão «quem me dera» sobre diversas coisas. Quem me dera que não tivesses de ir, diz ele quando ela se prepara para partir, quem me dera que pudesses passar cá a noite. Marianne sabe que, se ele realmente desejasse essas coisas, elas aconteceriam. Connell consegue sempre o que quer, e depois sente pena de si mesmo quando o que quer não o torna feliz.

Fosse com fosse, Connell levou-a a ver a urbanização fantasma. Uma tarde, foram até lá de carro, e ele saiu primeiro para se certificar de que não estava lá ninguém antes de Marianne o seguir. As casas eram enormes, com fachadas de betão nuas e relvados à frente, por cortar. Algumas das aberturas das janelas vazias tinham coberturas de plástico, que batiam ruidosamente agitadas pelo vento. Estava a chover e ela tinha deixado o casaco no carro. Cruzou os braços e ergueu os olhos franzidos para os telhados de ardósia molhados.

Queres ir ver lá dentro?, perguntou Connell.

A porta da rua do número 23 estava aberta. O interior era mais silencioso e mais escuro. A casa estava imunda. Com a ponta do sapato, Marianne empurrou uma garrafa de sidra vazia. O chão estava coberto de pontas de cigarros e alguém tinha levado um colchão para a sala de estar nua. As grandes manchas de humidade que cobriam o colchão pareciam sangue.

Isto é sórdido, disse Marianne em voz alta. Connell ficou em silêncio, a olhar à volta.

Passas muito tempo aqui?, perguntou ela.

Ele encolheu os ombros. Nem por isso, respondeu. Dantes costumava vir cá, mas agora nem por isso.

Por favor, diz-me que nunca dormiste com ninguém naquele colchão.

Ele fez um sorriso ausente. Nunca, respondeu. É isso que pensas que passo o fim



de semana a fazer, não?

Mais ou menos.

Connell não disse mais nada, o que a fez sentir-se ainda pior. Ele deu um pontapé numa lata amolgada de *Dutch Gold* que a fez deslizar até às portas-janelas.

Isto deve ter o triplo do tamanho da minha casa, disse ele. Não te parece?

Ela sentiu-se idiota por não se aperceber do que ele tinha estado a pensar. Sim, deve, respondeu. Mas claro que não vi o andar de cima.

Tem quatro quartos de dormir.

Meu Deus.

E isto tudo vazio, sem ninguém a viver cá. Se não as conseguem vender, porque não as dão? Não estou na brincadeira, gostava mesmo de saber.

Ela encolheu os ombros. A verdade é que também não percebia.

Isso tem qualquer coisa que ver com o capitalismo, respondeu.

Sim. Tudo tem que ver com o capitalismo, é esse o problema, não é? Ela anuiu. Como se estivesse a sair de um sonho, Connell olhou-a.

Tens frio?, perguntou. Pareces estar gelada.

Ela sorriu e esfregou o nariz. Ele abriu o fecho do anoraque preto e pôs-lho pelos ombros. Estavam muito próximos. Ele sabia que, se quisesse, ela deitar-se-ia no chão e deixá-lo-ia caminhar sobre o seu corpo.

Quando saio ao fim de semana, não é para andar atrás de outras miúdas, disse ele.

Marianne sorriu e respondeu: Pois não, acho que são elas que andam atrás de ti.

Também a sorrir, Connell olhou para os sapatos. Fazes uma linda ideia de mim, disse.

Ela fechou os dedos à volta da sua gravata da escola. Era a primeira vez na vida que podia ter um comportamento escandaloso e usar linguagem imprópria, por isso fartou-se de o fazer. Se eu quisesse, eras capaz de foder comigo aqui, perguntou-lhe?

A expressão dele não se alterou mas as mãos moveram-se debaixo da camisola dela para mostrar que estava a ouvir. Daí a uns segundos, respondeu: Sim. Se quisesse, sim. Estás sempre a obrigar-me a fazer coisas esquisitas.

O que quer isso dizer? Não te obrigo a nada.

Obrigas, sim. Julgas que há outra pessoa com quem eu fizesse este género de coisas? A sério, achas que mais alguém me levava a andar por aí às escondidas depois da escola e tudo isso?

O que queres que eu faça? Que te deixe em paz?

Ele olhou-a, aparentemente surpreendido com o novo rumo da conversa. Abanou a cabeça e disse: Se fizesses isso...

Ela olhou-o, mas Connell não disse mais nada.

Se eu fizesse isso, o quê?

Não sei. Se quisesse que não nos víssemos mais. Sinceramente, ficava admirado, porque pareces gostar disto.

E se eu conhecesse alguém que gostasse mais de mim?

Ele riu-se. Marianne afastou-se dele, mal-humorada, e rodeou o tronco com os braços. Olha lá, disse ele, mas ela não se voltou. Estava virada para o colchão nojento,

coberto de manchas cor de ferrugem. Devagarinho, aproximou-se dela por trás e levantou-lhe o cabelo para lhe beijar a nuca.

Desculpa ter-me rido, disse. Fico inseguro quando falas de não queres andar mais comigo. Pensei que gostavas de mim.

Ela fechou os olhos. Gosto de ti, sim, disse.

Bem, se conhecesses alguém de quem gostasses mais, eu ficava chateado, topas? E, já que queres saber, não ficava nada feliz. Certo?

Hoje o teu amigo Eric disse à frente de toda a gente que eu não tinha mamas.

Connell calou-se. Ela sentiu a sua respiração. Não o ouvi dizer isso, retorquiu.

Estavas na casa de banho ou noutro sítio qualquer. Disse que eu parecia uma tábua de engomar.

Caramba, ele é cá um idiota. É por isso que estás de mau humor?

Ela encolheu os ombros. Connell passou-lhe os braços à volta da barriga.

Ele só está a tentar chatear-te, disse. Se achasse que tinha a mínima hipótese contigo, falava de uma maneira muito diferente. Só pensa que tu o olhas de cima.

Ela encolheu de novo os ombros e mordeu o lábio inferior.

Não tens nada que te preocupar com a tua aparência, disse Connell.

Hm.

Acredita que não gosto de ti só por seres inteligente.

Ela riu, a sentir-se pateta.

Connell esfregou o nariz na orelha dela e acrescentou: Se não quisesses ver-me mais, ia sentir a tua falta.

Ias sentir a falta de dormir comigo?

Ele tocou-lhe com a mão na anca, puxando-a para si, e respondeu baixinho: Sim, muito.

Agora podemos voltar para tua casa?

Ele fez que sim com a cabeça. Durante uns segundos, ficaram ali imóveis, ele a rodeá-la com os braços, e a respirar-lhe ao ouvido. A maioria das pessoas passa a vida inteira sem se sentir assim tão próxima de ninguém, pensou Marianne.

Finalmente, depois de ela beber o terceiro gim-tónico, a porta abre-se com estrépito e os rapazes chegam. As raparigas da comissão põem-se de pé e começam a meter-se com eles, a darem-lhes uma descompostura por chegarem atrasados e coisas do género. Marianne fica para trás, a tentar trocar um olhar com Connell, que não reage. Ele tem uma camisa branca e os mesmos ténis *Adidas* que usa em toda a parte. Os outros rapazes também têm camisas, mas mais formais, mais cintilantes, e calçam sapatos de couro. No ar paira um odor intenso, estimulante, a *aftershave*. Eric encontra os olhos de Marianne e de súbito larga Karen, com um gesto suficientemente óbvio para toda a gente reparar.

Estás toda gira, Marianne, diz Eric.

Ela não percebe imediatamente se ele está a ser sincero ou trocista. Agora todos os rapazes a olham, exceto Connell.

Estou a falar a sério, diz Eric. Que vestido fantástico, muito *sexy*.

Rachel começa a rir e inclina-se para dizer qualquer coisa ao ouvido de Connell. Este desvia a cara ligeiramente, sem rir. Marianne sente uma certa pressão na cabeça, que tem vontade de aliviar gritando ou chorando.

Vamos dançar, propõe Karen.

Nunca vi a Marianne dançar, diz Rachel.

Vais ver agora, diz Karen.

Pega na mão de Marianne e puxa-a para a pista de dança. Estão a passar uma canção de Kanye West, a que tem um *sample* de Curtis Mayfield. Marianne continua com o livro das rifas na mão, e sente a outra mão húmida na de Karen. A pista de dança está apinhada e envia frémitos de contrabaixo que lhe passam através dos sapatos e lhe sobem pelas pernas. Karen, já tocada, apoia um braço ao ombro de Marianne e diz-lhe ao ouvido: Não liguês à Rachel, ela está de péssimo humor.

Marianne faz um aceno de aquiescência, movendo o corpo ao ritmo da música. A sentir-se embriagada, volta-se para procurar Connell na sala. Vê-o imediatamente, de pé no cimo dos degraus, a observá-la. A música está tão alta que lhe vibra dentro do corpo. À volta dele, os outros falam e riem. Connell limita-se a olhá-la, sem dizer nada. Sob o seu olhar, os movimentos dela parecem ampliados, escandalosos, e o peso do braço de Karen no seu ombro é quente e sensual. Oscila as ancas para a frente e passa a mão pelo cabelo.

Karen diz-lhe ao ouvido: Ele tem estado o tempo todo a olhar para ti.

Marianne olha para ele e depois volta a fitar Karen, em silêncio, a tentar que o seu rosto não deixe transparecer nada.

Agora percebes porque está a Rachel de mau humor contigo, diz Karen.

Quando Karen fala, sente-lhe o hálito a vinho com gasosa e vê-lhe os dentes obturados. Nesse momento, gosta imenso dela. Dançam um pouco mais e depois voltam a subir a escada juntas, de mãos dadas, agora ofegantes, a rirem de nada. Eric e Rob estão a fingir que têm uma discussão. Connell aproxima-se de Marianne quase impercetivelmente, e os braços de ambos tocam-se. Ela sente vontade de lhe pegar na mão e de lhe chupar a ponta dos dedos uma após outra.

Rachel volta-se para ela e diz: Quando puderes, importas-te de vender umas rifas?

Marianne faz um sorriso presumido, quase desdenhoso, e diz: Está bem.

Aqui os rapazes talvez queiram comprar algumas, diz Eric.

Com um aceno de cabeça, indica a porta, por onde alguns rapazes mais velhos estão a entrar. Não deviam estar ali, a discoteca disse que seria só para quem tinha bilhete. Marianne não sabe quem são, talvez irmãos ou primos de alguém, ou apenas homens de vinte e tal anos que gostam de aparecer nas campanhas de angariação de fundos da escola. Veem Eric a acenar e aproximam-se. Marianne procura o porta-moedas no saco para o caso de eles quererem comprar rifas.

Como vai isso, Eric?, pergunta um dos homens. Quem é esta tua amiga?

É a Marianne Sheridan, responde Eric. Talvez conheças o irmão dela, o Alan. Deve ter sido do ano do Mick.

O homem limita-se a fazer um aceno de cabeça e olha Marianne de cima a baixo. Ela fica indiferente a essa atenção. A música demasiado alta impede-a de ouvir o que

Rob está a dizer ao ouvido de Eric, embora sinta que tem que ver com ela.

Vou buscar-te uma bebida, diz o homem. O que queres tomar?

Nada, obrigada.

O homem rodeia-lhe os ombros com os braços. Repara que é muito alto, mais alto do que Connell. Os seus dedos esfregam-lhe o braço nu. Tenta afastá-lo mas ele não a larga. Um dos amigos começa a rir e Eric faz coro com ele.

Lindo vestido, diz o homem.

Importas-te de me largar?

Muito decotado aqui, não é?

Com um movimento, ele desloca a mão do ombro dela e aperta-lhe o seio direito, à frente de toda a gente. Com um movimento brusco, ela afasta-se dele e puxa o vestido para cima, ao mesmo tempo que sente o sangue subir-lhe ao rosto. Tem os olhos a arder e dói-lhe onde ele a agarrou. Atrás dela, ouve os outros a rir. O riso de Rachel, agudo e aflautado, ressoa aos ouvidos de Marianne.

Sem se voltar, transpõe a porta e deixa-a bater atrás de si. Agora está no átrio onde se encontra o bengaleiro e não se recorda se a saída é à esquerda ou à direita. Está a tremer da cabeça aos pés. A empregada do bengaleiro pergunta-lhe se está bem. Marianne já não sabe se está muito ou pouco embriagada. Dá uns passos em direção à porta à esquerda, encosta-se à parede e começa a deslizar até ficar sentada no chão. Dói-lhe o seio que o homem agarrou. Ele não estava a brincar, queria magoá-la. Agora está no chão, a apertar os joelhos contra o peito.

A porta que dá para o átrio começa a abrir-se e Karen sai, com Eric, Rachel e Connell atrás. Veem Marianne no chão e Karen corre para ela, enquanto os outros três ficam onde estão, talvez sem saber o que fazer, ou sem quererem fazer nada. Karen acocora-se e toca na mão de Marianne. Esta tem os olhos a arder e não sabe para onde olhar.

Estás bem?, pergunta-lhe Karen.

Estou. Desculpem, acho que bebi de mais.

Deixa-a, diz Rachel.

Olha, aquilo foi só na paródia, diz Eric. A verdade é que, depois de o conhecermos, o Pat até é um tipo fixe.

Eu acho que foi divertido, diz Rachel.

Ao ouvir isto, Karen volta-se de um salto e olha para os outros.

Se acham que foi tão divertido, porque estão aqui?, pergunta. Se acham que é tão divertido assediar miúdas, porque não vão para ao pé do vosso melhor amigo Pat?

A Marianne é uma *miúda*?, pergunta Eric.

Na altura estávamos todos a rir, diz Rachel.

Isso não é verdade, riposta Connell.

Nessa altura, todos os olhares se fixam nele, inclusivamente o de Marianne. Os seus olhos encontram-se.

Estás bem?, pergunta ele.

Vê lá se lhe queres dar um beijinho para ela ficar melhor?, diz Rachel.

Agora ele está corado, e leva a mão à testa. Todos estão imóveis a observá-lo.

Marianne sente a parede fria contra as costas.

E se te fosses foder, Rachel?, diz Connell.

Nessa altura, Marianne vê que Karen e Eric se entreolham, com os olhos arregalados. Connell nunca fala nem age assim na escola. Durante todos aqueles anos, nunca o viu comportar-se de uma forma agressiva, nem sequer quando o provocavam. Rachel sacode a cabeça e volta a entrar na discoteca. A porta gira nos gonzos e fecha-se pesadamente. Connell continua a esfregar a testa durante um segundo. Karen move os lábios a dizer qualquer coisa em silêncio a Eric, Marianne não sabe o quê. Depois Connell olha para ela e pergunta: Queres ir para casa? Vou de carro, posso deixar-te lá. Ela faz um aceno de aquiescência. Karen ajuda-a a levantar-se. Connell mete as mãos nos bolsos, como que para se impedir de lhe tocar sem querer. Desculpa toda esta confusão, diz Marianne a Karen. Sinto-me estúpida. Não estou acostumada a beber.

A culpa não é tua, responde Karen.

Obrigada por seres tão simpática, agradece Marianne.

Apertam as mãos mais uma vez. Marianne segue Connell em direção à saída e contornam o lado do hotel, até onde o carro dele está estacionado. Lá fora está escuro e frio, e o som ténue da música da discoteca vibra atrás deles. Senta-se no lugar do passageiro e põe o cinto de segurança. Ele fecha a porta do lado do condutor e introduz a chave na ignição. Desculpa toda esta confusão, repete ela.

Não foste tu, diz Connell. Tenho pena que os outros se comportassem de uma maneira tão estúpida. Só pensam que o Pat é bestial porque às vezes dá essas festas em casa. Até parece que, se dás festas, já podes meter-te com as pessoas.

Magoou-me mesmo. O que ele fez.

Connell não diz nada. Apenas amassa o volante com as mãos. Olha para o colo e expira muito depressa, quase como se tossisse. Desculpa, diz ele. Depois põe o carro a trabalhar. Seguem uns minutos em silêncio e Marianne refresca a testa contra a janela.

Queres voltar um bocado para minha casa?, pergunta ele.

A Lorraine não está lá?

Ele encolhe os ombros e bate com os dedos no volante. Já deve estar deitada, responde. Podemos lá ficar um bocado antes de te ir levar a casa. Mas, se não quiseres, tudo bem.

E se ela ainda está a pé?

Ela é muito desconfiada com estas cenas, a sério. Não me parece que se vá importar.

Marianne olha pela janela e vê a vila desfilir. Percebe o que ele está a dizer: que não se importa se a mãe descobrir o que há entre eles. Talvez ela até já saiba.

Lorraine parece uma boa mãe, observa Marianne.

Sim. Acho que sim.

Ela deve orgulhar-se de ti. És o único rapaz da escola que tem êxito como adulto.

Connell olha-a de relance. Como é que tenho êxito?, pergunta.

O que queres dizer? Todos gostam de ti. E, ao contrário da maioria, és boa pessoa.

Ele faz uma expressão que ela não é capaz de interpretar, com as sobrancelhas erguidas ou de cenho franzido. Quando chegam a casa dele, não há luz em nenhuma

janela e Lorraine está na cama. No quarto de Connell, deitam-se juntos a segredar. Ele diz-lhe que é linda. Nunca lhe disseram tal coisa, embora por vezes, secretamente, ela já tenha suspeitado disso, mas é diferente ouvir alguém dizê-lo. Puxa-lhe a mão para o sítio do seio onde lhe dói e ele beija-a. Marianne tem o rosto húmido, por ter estado a chorar. Ele beija-lhe o pescoço e pergunta-lhe: Estás bem? Quando ela faz que sim com a cabeça, ele alisa-lhe o cabelo para trás e acrescenta: Sabes que não há problema se estiveres enervada. Ela fica deitada com o rosto encostado ao seu peito. Sente-se como um pedaço de tecido macio, espremido e a pingar.

Não eras capaz de bater numa rapariga, pois não?

Meu Deus, não. Claro que não. Porque me perguntas isso?

Não sei.

Pensas que sou o género de pessoa que anda para aí a bater em raparigas?

Ela pressiona-lhe o rosto contra o peito com muita força. O meu pai batia na minha mãe, explica ela. Durante uns segundos, que parecem um tempo incrivelmente longo, Connell fica em silêncio. Depois diz: Santo Deus. Desculpa. Não sabia.

Não há problema, diz ela.

Ele alguma vez te bateu?

Umas quantas vezes.

Connell fica de novo em silêncio. Inclina-se e beija-a na testa. Sabes que eu nunca te faria mal, diz. Nunca. Ela faz um aceno de assentimento e não diz nada. Fico mesmo feliz contigo, diz ele. Passa-lhe a mão no cabelo e acrescenta: Amo-te. Não digo isto por dizer, é mesmo verdade. Os olhos dela enchem-se de novo de lágrimas e ela fecha-os. Mesmo como recordação, esse momento parecer-lhe-á insuportavelmente intenso, e tem consciência disso enquanto está a acontecer. Nunca acreditou que fosse possível ser amada por alguém. Mas agora tem uma vida nova, que começa naquele instante, e mesmo decorridos muitos anos ainda irá pensar: Sim, aquele foi o início da minha vida.

<sup>2</sup> Refrigerante bebido na Irlanda, feito de vinho branco e sumo de fruta.

Dois Dias mais tarde  
(Abril de 2011)

Ele fica ao lado da cama enquanto a mãe vai procurar uma das enfermeiras. É só isso que tens vestido?, pergunta a avó.

Hm?, diz Connell.

Só tens essa camisola?

Ah, sim.

Vais enregelar. E depois és tu a vir para aqui.

Nessa manhã, a avó tinha escorregado no parque de estacionamento do Aldi e caído em cima da anca. Não é velha como alguns dos outros doentes, só tem cinquenta e oito anos. A mesma idade que a mãe de Marianne, pensa Connell. De qualquer modo, parece que tem qualquer lesão na anca, possivelmente uma fratura, e Connell teve de levar Lorraine a Sligo para a ir visitar ao hospital. Na cama do outro lado da enfermaria, ouve-se alguém a tossir.

Estou bem, diz ele. Lá fora não está frio.

A avó suspira, como se o comentário dele acerca do tempo a fizesse sofrer. É provável que assim seja, pois tudo o que ele faz é doloroso para ela, uma vez que o odeia por estar vivo. Olha-o de cima a baixo com uma expressão crítica.

Bem, não deves sair à tua mãe, pois não?

Não.

Fisicamente, Lorraine e Connell têm tipos diferentes. A mãe é loura e tem um rosto suave, sem arestas. Os colegas dele acham-na atraente e muitas vezes dizem-lho e, como provavelmente é verdade, isso não o ofende. Connell tem o cabelo mais escuro e um rosto duro, como o desenho de um criminoso. No entanto, sabe que a posição da avó não tem que ver com a sua aparência física, mas com a sua paternidade. Por isso, tudo bem, não tem nada que dizer a esse respeito.

Ninguém, à exceção de Lorraine, sabe quem é o pai de Connell. A mãe diz que lhe pode perguntar quando quiser, mas ele não sente interesse em saber. Quando saem à noite, por vezes os amigos mencionam esse assunto como se se tratasse de qualquer coisa profunda e significativa de que só podem falar quando estão embriagados. Connell acha isso deprimente. Nunca pensa no homem que engravidou Lorraine, e

porque haveria de o fazer? Os amigos parecem obcecados com os seus próprios pais, com a ideia de os emularem ou de serem diferentes deles em aspetos específicos. Quando discutem com eles, essas discussões parecem sempre significar uma coisa à superfície, mas ter outro significado secreto subjacente. Quando Connell briga com Lorraine, em geral é por causa de qualquer coisa como deixar uma toalha húmida em cima do sofá, e isso tem de facto que ver com a toalha ou, quando muito, com o facto de Connell ter uma tendência fundamental para ser desleixado e de querer que a mãe o considere uma pessoa responsável apesar do seu hábito de deixar toalhas por toda a parte; e Lorraine diz que, se isso é tão importante para ele, os seus atos devem mostrar que é responsável, e coisas desse género.

No final de fevereiro, levou Lorraine de carro à assembleia de voto, e pelo caminho ela perguntou-lhe em quem ia votar. Num dos candidatos independentes, respondeu vagamente. Ela riu e disse: Não me digas. Vais votar no comunista Declan Bree. Sem reagir à provocação, Connell continuou a olhar para a estrada. Um pouco mais de comunismo não fazia mal nenhum a este país, ripostou. Pelo canto do olho, viu Lorraine sorrir. Então, camarada, disse ela. Não te esqueças de que fui eu que te eduquei com os bons valores socialistas. É verdade que Lorraine tem valores. Interessa-se por Cuba e pela causa da libertação palestina. Connell acabou por votar em Declan Bree, que veio a ser eliminado à quinta volta. Dois dos assentos parlamentares foram para o Fine Gael e o outro para o Sinn Féin. Lorraine disse que era uma vergonha, trocar um grupo de criminosos por outro. Enviou uma mensagem a Marianne: fg no governo, porra. Ela respondeu: O partido que foi combater pelo Franco. Ele teve de ir pesquisar para ver o que aquilo significava.

Na véspera à noite, Marianne dissera-lhe que pensava que ele tinha êxito. Que era simpático e que todos gostavam dele. Connell começara a pensar muito no assunto. Era uma coisa agradável de pensar. *És uma pessoa simpática e todos gostam de ti.* Para se pôr à prova, tentava não pensar nisso durante algum tempo, e depois voltava a pensar para ver se ainda o fazia sentir-se bem, e fazia. Por qualquer razão, apetecia-lhe contar a Lorraine o que Marianne dissera. Achava que isso de algum modo iria tranquilizá-la, mas porquê? Por o seu único filho afinal não ser um falhado? Por ela não ter desperdiçado a sua vida?

E ouvi dizer que ias para o Trinity College, diz a avó.

Vou, se conseguir os pontos.

Porque meteste o Trinity na cabeça?

Encolhe os ombros. A avó ri, mas com um riso escarninho. Ah, está mesmo bem para ti, diz ela. O que vais estudar?

Connell resiste ao impulso de tirar o telemóvel do bolso para ver que horas são.

Inglês, responde. As tias e os tios ficaram todos muito impressionados com a sua decisão de pôr o Trinity como primeira opção, o que o deixa embaraçado. Se entrar, vai candidatar-se à bolsa integral, mas, mesmo assim, terá de trabalhar a tempo inteiro durante o verão e pelo menos a meio-tempo durante o período de aulas. Lorraine diz que não quer que ele trabalhe demasiado enquanto estiver na faculdade, para se poder concentrar na licenciatura. Isso fá-lo sentir-se mal, porque Inglês não lhe parece uma



licenciatura a sério, que permitia arranjar trabalho, é apenas uma brincadeira, e depois pensa que afinal devia ter-se candidatado a Direito.

Agora Lorraine volta à enfermaria. Os sapatos dela produzem um som seco e monótono nos ladrilhos. Começa a falar com a avó sobre o especialista que está de licença e sobre o doutor O'Malley e o raio X. Transmite toda esta informação meticulosamente, e anota os pormenores mais importantes na folha de um bloco. Finalmente, depois de a avó lhe dar um beijo na face, saem da enfermaria. Connell desinfeta as mãos no corredor enquanto Lorraine aguarda. Depois descem a escada e saem do hospital, para o sol brilhante e húmido.

Depois da angariação de fundos da véspera à noite, Marianne contou-lhe aquilo sobre a sua família. Sem saber o que dizer, Connell começou por afirmar que a amava. Assim, sem mais nem menos, como se retira a mão quando se toca numa coisa quente. Ao vê-la chorar, disse aquilo sem pensar. Seria verdade? Não sabia o suficiente para estar certo. A princípio pensou que devia ser verdade, uma vez que o dissera, e porque havia de mentir? Mas depois recordou-se de que por vezes mentia, involuntariamente, ou sem saber porquê. Não era a primeira vez que sentia o impulso de dizer a Marianne que a amava, fosse ou não verdade, mas era a primeira vez que o fizera. Reparou no tempo que ela demorou a responder-lhe, e como essa pausa o incomodara, como se ela pudesse não reagir, e, quando ela falou, sentiu-se melhor; mas talvez isso não quisesse dizer nada. Connell desejava saber como as outras pessoas se comportavam na sua vida privada, para poder imitar o seu exemplo.

Na manhã seguinte, acordaram com o som das chaves de Lorraine na porta. Lá fora o sol brilhava, ele sentia a boca seca, e tudo o que Marianne, sentada a vestir-se, lhe disse foi: Desculpa, peço desculpa. Deviam ter adormecido sem darem por isso. Connell tencionava deixá-la em casa na véspera à noite. Ela calçou os sapatos e ele também se vestiu. Quando chegaram à escada, Lorraine estava no vestíbulo com dois sacos de plástico com compras. Marianne tinha o vestido da noite anterior, o preto com as alças.

Olá, querida, disse Lorraine.

O rosto de Marianne ficou incandescente como uma lâmpada. Desculpe incomodar, disse.

Connell não lhe tocou, nem falou com ela. Doía-lhe o peito. Ao sair de casa, Marianne disse: Adeus, desculpe, obrigada, desculpe mais uma vez. Fechou a porta atrás de si ainda ele nem tinha acabado de descer a escada.

Lorraine apertou os lábios como se estivesse a tentar não se rir. Podes dar-me uma ajuda com estes sacos, disse ela, estendendo-lhe um deles. Connell seguiu-a até à cozinha e poisou o saco em cima da mesa sem deter os olhos nele. A esfregar o pescoço, ficou a vê-la tirar as coisas das embalagens e arrumá-las.

Qual é a graça?, perguntou.

Ela não precisa de desatar a fugir só porque eu estou em casa, respondeu Lorraine. Fico encantada por a ver, sabes como gosto da Marianne.

Ele ficou a olhar para a mãe, enquanto ela dobrava os sacos de plástico

reutilizáveis.

Julgavas que eu não sabia?, perguntou ela.

Ele fechou os olhos durante uns instantes e reabriu-os. Encolheu os ombros.

Enfim, sabia que às vezes, à tarde, vinha cá alguém, disse Lorraine. E não te esqueças de que trabalho na casa dela.

Ele fez que sim com a cabeça, incapaz de falar.

Deves gostar mesmo dela, disse Lorraine.

Porque dizes isso?

Não é por isso que vais para o Trinity?

Ele enterrou o rosto nas mãos. Ouviu Lorraine a rir. Estás a fazer com que não me apeteça lá voltar, disse.

Ah, deixa-te disso.

Ele olhou para o saco das compras que deixara em cima da mesa, e tirou dele um pacote de esparguete. Ainda embaraçado, arrumou-o no armário ao lado do frigorífico junto da outra massa.

Então a Marianne é tua namorada?, perguntou Lorraine.

Não.

O que quer isso dizer? Fazes sexo com ela, mas não é a tua namorada?

Não gosto que andes a meter o nariz na minha vida. Nada disso é da tua conta. Voltou para junto do saco e tirou para fora a caixa dos ovos, que colocou na bancada ao lado do óleo de girassol.

É por causa da mãe dela?, insistiu Lorraine. Achas que ela te vai olhar de cima?

O quê?

Porque isso pode acontecer, sabes?

Olhar-me de cima? repetiu Connell. Isso é uma loucura, o que é que eu fiz?

Julgo que ela pode considerar-nos um pouco inferiores.

Fitou a mãe que estava do outro lado da cozinha, a arrumar no armário um pacote de *cornflakes*. Nunca lhe tinha ocorrido que a família de Marianne se considerasse superior a ele e a Lorraine, demasiado boa para conviver com eles. Para sua surpresa, descobriu que essa ideia o deixava furioso.

O quê, ela acha que não somos suficientemente bons para eles?

Não sei. É possível.

Ela não se importa que lhe limpes a casa mas não quer que o teu filho anda com a filha dela? Isso é ridículo. Parece uma coisa do século XIX, até me dá vontade de rir.

Não me parece que estejas a rir, diz Lorraine.

Acredita que estou. Acho hilariante.

Lorraine fechou o armário e voltou-se para o olhar com curiosidade.

Então porquê todo esse segredo, se não é por causa da Denise Sheridan? A Marianne tem outro namorado e não queres que ele descubra?

Estás a ser intrometida com essas perguntas.

Então ela tem mesmo um namorado.

Não tem. Mas esta é a última pergunta a que te respondo.

As sobrancelhas de Lorraine moveram-se, mas ela não disse nada. Connell

amanchou o saco de plástico vazio que estava em cima da mesa e ficou em silêncio com o saco torcido na mão.

Não vais contar a ninguém, pois não?, perguntou.

Isto começa a parecer-me muito suspeito. Porque não hei de contar a ninguém?

A sentir-se implacável, Connell respondeu: Porque não seria vantajoso para ti, e seria muito desagradável para mim. Pensou durante alguns instantes e acrescentou com um ar astuto: E para a Marianne.

Meu Deus, exclamou Lorraine. Acho que nem quero saber.

Ele continuou à espera, a pensar que a mãe não prometera inequivocamente não contar a ninguém, e Lorraine ergueu as mãos, exasperada, e disse: Tenho coisas mais interessantes sobre as quais conversar do que a tua vida sexual, entendes? Não te preocupes.

Connell subiu a escada e sentou-se na cama. Não sabia quanto tempo passou ali sentado. Pensava na família de Marianne, na ideia de ela ser boa de mais para ele, e também no que ela lhe dissera na véspera à noite. Ouvira colegas da escola dizer que por vezes as raparigas, a fim de chamarem a atenção, inventavam histórias sobre si próprias, episódios desagradáveis que lhes tinham acontecido e coisas do género. E o que Marianne lhe contara, sobre o pai a bater-lhe quando era criança, era mesmo das que captam a atenção. Além disso, agora o pai estava morto, pelo que já não podia defender-se. Connell considerava possível que Marianne lhe tivesse mentido para conquistar a sua compaixão, mas também sabia que, sem sombra de dúvida, ela não o fizera. Quando muito, achava que ela omitira como isso tinha sido grave. Ter essa informação sobre ela, estar ligado a ela daquela maneira, dava-lhe uma sensação estranha.

Isso fora na véspera. De manhã, como de costume, chegou cedo à escola e, quando foi pôr os livros no cacifo, Rob e Eric começaram a fingir que o aplaudiam na paródia. Connell deixou cair a mochila no chão e ignorou-os. Eric passou-lhe um braço à volta dos ombros e disse: Vá lá, conta-nos. Deste umas cambalhotas ontem à noite? Connell procurou no bolso a chave do cacifo e libertou-se do braço do amigo, exclamando: Que engraçado.

Ouvi dizer que vocês se piraram muito juntinhos, disse Rob.

Aconteceu alguma coisa?, perguntou Eric. Sê sincero.

Não, como é evidente, respondeu Connell.

É evidente porquê?, perguntou Rachel. Toda a gente sabe que ela gosta de ti.

Estava sentada no parapeito da janela, a baloiçar lentamente para trás e para a frente as pernas altas, cobertas com colãs azul-tinta. Connell não cruzou o olhar com o seu. Lisa estava sentada no chão, apoiada aos cacifos, a acabar o trabalho de casa. Karen ainda não tinha chegado. O que ele mais queria era que Karen chegasse.

Aposto que ele deu uma boa pinocada, disse Rob. Mas nunca nos conta nada.

Não me admiro nada, disse Eric, ela nem tem mau aspeto quando se esforça.

Pois, mas não regula bem, disse Rachel.

Connell fingiu procurar qualquer coisa no cacifo. Sentiu uma fina camada de suor começar a formar-se nas mãos e debaixo do colarinho.

Vocês estão a ser umas pestes, disse Lisa. O que é que ela vos fez?

A questão é o que ela fez ao Waldron, disse Eric. Olha para ele a esconder-se ali no cacifo. Vá lá, desembucha. Deste-lhe beijos de língua?

Não, respondeu Connell.

Olhem, eu tenho pena dela, disse Lisa.

Eu também, disse Eric. Acho que devias ser simpático com ela, Connell. Acho que devias convidá-la para o baile de finalistas.

Desataram todos a rir. Connell fechou o cacifo e saiu da sala, a segurar a mochila na mão direita. Ouviu os outros chamarem-no, mas não se voltou. Quando chegou à casa de banho, fechou-se num compartimento. As paredes amarelas faziam pressão sobre ele, e tinha o rosto pegajoso de suor. Não parava de pensar em si a dizer a Marianne na cama: Amo-te. Era aterrador, como ver-se a cometer um crime atroz na televisão. E daí a pouco ela estaria na escola, a meter os livros na mochila, a sorrir para consigo, sem saber nada. És uma pessoa simpática e todos gostam de ti. Maldisposto, respirou fundo, e depois vomitou.

Ao sair do hospital, põe o pisca para a esquerda para voltar à N16. Sente uma dor por trás dos olhos. Seguem ao longo do centro comercial, ladeados por maciços de árvores escuras.

Sentes-te bem?, pergunta Lorraine.

Iá.

Estás cá com um ar.

Connell inspira, de modo que o cinto de segurança lhe faz pressão nas costelas, e a seguir expira.

Convidei a Rachel para ir comigo ao baile de finalistas, diz.

O quê?

Convidei a Rachel Moran para ir comigo ao baile de finalistas.

Estão a passar por uma garagem e Lorraine dá umas pancadas rápidas no vidro e diz: Estaciona aqui. Connell olha para ela, confuso.

O quê?

A mãe volta a bater na janela, com mais força, e as unhas tilintam no vidro. Estaciona aqui, repete. Ele põe o pisca rapidamente, olha pelo retrovisor, encosta e pára o carro. Ao lado da estação de serviço, alguém está a lavar uma carrinha com uma mangueira, e a água que corre forma rios escuros.

Queres alguma coisa da loja?, pergunta ele.

Com quem vai a Marianne ao baile de finalistas?

Connell aperta o volante com ar ausente. Não sei, responde. Não me fizeste estacionar aqui para termos uma discussão, pois não?

Então pode ser que ninguém a convide, diz Lorraine. E talvez ela não vá.

Pois é, talvez. Não sei.

Nesse dia, ao regressarem do almoço, Connell deixara-se ficar para trás. Sabia que Rachel iria vê-lo e esperar por ele. E, quando isso aconteceu, ele franziu os olhos até quase os fechar e ver o mundo de um cinzento esbranquiçado, e perguntou: Ouve lá, já

tenso companhia para ires ao baile de finalistas? Ela respondeu que não. Connell perguntou-lhe se queria ir com ele. Está bem, respondeu Rachel. Tenho de dizer que estava à espera de qualquer coisa um pouco mais romântica. Ele não respondeu, porque se sentiu como se tivesse acabado de saltar de um alto precipício e caísse em direção à morte, contente por estar morto e sem querer voltar a estar vivo.

A Marianne sabe que vais com outra pessoa?, pergunta Lorraine.

Ainda não. Mas vou dizer-lhe.

Lorraine tapa a boca com a mão, e Connell não vê qual a sua expressão: pode ser de surpresa, de preocupação, ou talvez esteja agoniada.

E não achas que talvez devesse tê-la convidado?, pergunta a mãe. Uma vez que fodes com ela todos os dias depois da escola.

Não precisas de usar palavrões.

Lorraine tem as narinas brancas e frementes quando inspira.

Como queres que fale? Achas que devia dizer que tens andado a usá-la para fazer sexo, isso é mais exato?

Importas-te de te acalmar? Ninguém está a usar ninguém.

Como conseguiste que ela ficasse de boca calada? Disseste-lhe que lhe iria acontecer qualquer coisa má se te denunciasses?

Santo Deus. É claro que não. Foi uma coisa que combinámos, topas? Agora estás a exagerar.

Lorraine faz um aceno de cabeça para consigo, a olhar pelo para-brisas. Enervado, Connell espera que ela diga qualquer coisa.

Os colegas da escola não gostam dela, pois não?, pergunta Lorraine. Por isso, acho que tens medo do que iriam dizer de ti se descobrissem.

Connell não responde.

Bem, vou dizer-te o que penso a teu respeito, diz Lorraine. Acho que és uma desgraça. Tenho vergonha de ti.

Ele enxuga a testa à manga e diz: Lorraine.

A mãe abre a porta do seu lado.

Aonde vais?, pergunta ele.

Vou apanhar o autocarro para casa.

Que estás para aí a dizer? Importas-te de te comportar de uma maneira normal?

Se ficar no carro, só vou dizer coisas de que me virei a arrepender.

O que é isto?, pergunta ele. Afinal, que te importa que eu vá ou não vá com outra pessoa? Não tens nada com isso.

Lorraine empurra a porta e sai do carro. Não sejas ridícula, diz ele. Como resposta, ela bate com a porta do carro, com toda a força. Ele aperta o volante até as mãos lhe doerem, mas fica calado. Porra, cuidado com o meu carro!, poderia dizer. Por acaso mandei-te bater com a porta? Lorraine já se vai a afastar, com o saco de mão a bater-lhe na anca ao ritmo das passadas. Ele fica a olhar até a ver virar a esquina. Para comprar aquele carro, teve de trabalhar dois anos e meio na estação de serviço depois das aulas, e só o usa para andar com a mãe de um lado para o outro porque ela não tem carta de condução. Podia ir atrás dela, baixar o vidro, e gritar-lhe que voltasse. Quase

sente vontade de o fazer, embora ela só fosse fingir que não o via. Mas fica sentado ao volante, com a cabeça encostada ao apoio do assento, a ouvir a sua respiração idiota. No recinto de acesso, um corvo debica um pacote que alguém deitou fora. Uma família sai da loja com gelados na mão. O cheiro a gasolina infiltra-se no interior do carro, pesado como uma dor de cabeça. Connell põe o motor a trabalhar.

Quatro Meses mais tarde  
(Agosto de 2011)

Ela está no jardim, com óculos de sol. Há uns dias que faz bom tempo, e ela começa a ficar com sardas nos braços. Ouve a porta das traseiras abrir-se, mas não esboça um movimento. A voz de Alan chama do terraço: A Annie Kearney teve quinhentos e setenta! Marianne não reage. Apalpa a relva ao lado da cadeira à procura da loção solar, e, quando se senta para a pôr, repara que ele está a falar ao telemóvel.

Ei, alguém do teu ano teve seiscentos!, berra o irmão.

Deita um pouco de loção na palma da mão esquerda.

Marianne!, grita Alan. Alguém teve seis A1, ouviste?

Ela faz que sim com a cabeça. Espalha a loção lentamente sobre o braço direito, que fica reluzente. Alan está a tentar descobrir quem teve seiscentos pontos. Marianne sabe imediatamente quem foi, mas não diz nada. Aplica alguma loção no braço esquerdo e depois, calmamente, volta a deitar-se na espreguiçadeira, virada para o Sol, e fecha os olhos. Por trás das pálpebras, movem-se ondas luminosas vermelhas e verdes.

Nesse dia, não tomou o pequeno-almoço nem almoçou, bebeu apenas duas chávenas de café com leite com açúcar. Este verão tem pouco apetite. Quando acorda de manhã, abre o portátil que está em cima da almofada ao lado da sua e espera que os olhos se adaptem ao retângulo luminoso do ecrã, para poder ler as notícias. Lê longos artigos sobre a Síria e em seguida pesquisa as tendências ideológicas dos jornalistas que os escreveram. Lê longos artigos sobre a crise das dívidas soberanas na Europa e faz *zoom* para ver as letras minúsculas dos gráficos. Em seguida, em geral volta a dormir ou vai tomar duche, ou talvez fique deitada a masturbar-se. O resto do dia segue um padrão semelhante, com pequenas variações: talvez abra as cortinas, ou talvez não; talvez tome o pequeno-almoço, ou talvez beba apenas café, que toma no quarto, para não ter de ver a família. Nessa manhã claro que foi diferente. Olha, Marianne, diz Alan. É o Waldron! O Connell Waldron teve seiscentos pontos!

Ela não se mexe. Ao telemóvel, Alan diz: Não, ela só teve quinhentos e noventa. Calculo que agora está furiosa por alguém ter tido melhor resultado do que ela. Está furiosa, Marianne? Ela ouve-o, mas não responde. Sente as pálpebras oleosas sob as

Mentes dos óculos de sol. Um inseto passa-lhe pela orelha a zumbir e afasta-se.

O Waldron está aí contigo, não?, pergunta Alan. Passa-mo lá.

Porque estás a chamar-lhe «Waldron» como se ele fosse teu amigo?, pergunta Marianne. Mal o conheces.

Alan ergue os olhos do telemóvel, com um sorriso tolo. Conheço-o muito bem, diz. Ontem vi-o em casa do Eric.

Ela arrepende-se de ter falado. Alan anda de um lado para o outro no terraço, ouve o som dos seus passos no saibro quando desce para o relvado. Alguém do outro lado da linha começa a falar e o irmão faz um sorriso rasgado e tenso. Então, como estás?, pergunta. Muito bem, parabéns. Connell fala em voz baixa e por isso Marianne não consegue ouvir. Alan continua com o sorriso forçado. Fica sempre assim quando está com outras pessoas, acanhado e bajulador.

Sim, diz o irmão. Ela teve um bom, sim. Não tão bom como tu! Teve quinhentos e noventa. Queres que ta passe?

Marianne ergue os olhos. Alan está a gozar. Pensa que Connell vai dizer que não. Não vê nenhuma razão para Connell querer falar ao telefone com Marianne, uma falhada sem amigos; particularmente naquele dia. Mas ele diz que sim. O sorriso de Alan vacila. Sim, diz, não incomodas nada. Estende o telemóvel a Marianne, que abana a cabeça. Ele fica de olhos arregalados. Sacode o telemóvel na mão. Toma, diz. Ele quer falar contigo. Ela volta a abanar a cabeça. Agora Alan espeta-lhe o telemóvel no peito, com brusquidão. Ele quer falar contigo, Marianne, repete.

Eu não quero falar com ele, diz Marianne.

O rosto de Alan fica com uma expressão de fúria, com o branco dos olhos a assomar. Enterra-lhe o telemóvel com mais força no esterno, a magoá-la, e diz: Cumprimenta-o. Ela ouve a voz de Connell a zumbir no auricular. O sol incide-lhe no rosto. Pega no telemóvel e passa-lhe o dedo a desligar. Alan está de pé junto da espreguiçadeira, a olhá-la fixamente. Durante alguns segundos, não se ouve nenhum som no jardim. Depois, em voz baixa, ele pergunta: Porra, porque fizeste isso?

Não queria falar com ele. Eu disse-te.

Ele queria falar contigo.

Sim, eu sei.

Está um dia invulgarmente luminoso, e a sombra de Alan projetada na relva é nítida e intensa. Ela continua com o telemóvel poisado na palma da mão, à espera de que o irmão o aceite.

Em abril, Connell disse-lhe que ia levar Rachel Moran ao baile de finalistas. Sentada na beira da cama dele, Marianne continuou impassível e bem-humorada, o que o deixou pouco à vontade. Disse-lhe que não havia nada de «romântico» entre ele e Rachel, que eram apenas amigos.

Queres dizer como nós somos apenas amigos, comentou Marianne.

Bem, não, respondeu ele. É diferente.

Mas dormes com ela?

Não. Quando arranjava tempo para isso?



Mas apetece-te?, insistiu Marianne.

Essa ideia não me entusiasma muito. Não sou assim tão insaciável, já te tenho a ti.

Marianne baixou os olhos para as pontas dos dedos.

Foi só uma graça, disse Connell.

Não vejo qual é a graça.

Sei que estás chateada comigo.

A verdade é que não me importo. Só penso que, se queres dormir com ela, me devias dizer.

Sim, e hei de dizer-te, se alguma vez me apetecer fazer isso. Dizes que é esse o problema, mas sinceramente, não me parece.

Marianne ripostou: Então qual é? Connell limitou-se a olhá-la. Corada, Marianne voltou a olhar para as unhas. Ele ficou em silêncio. Por fim ela soltou uma gargalhada, pois a boa disposição não desaparecera por completo, e evidentemente que aquilo era divertido, a selvajaria com que ele a tinha humilhado e a sua incapacidade de pedir desculpa ou sequer de admitir o que fizera. Depois foi para casa, diretamente para a cama, e dormiu treze horas de seguida.

Na manhã seguinte deixou de ir à escola. Fosse como fosse que encarasse a situação, não era possível voltar. Era evidente que mais ninguém a convidaria para o baile de finalistas. Ela organizara as angariações de fundos, reservara o local, mas não poderia estar presente. Toda a gente o saberia, alguns ficariam contentes, e mesmo os mais solidários só poderiam sentir um terrível embaraço em segunda mão. Por isso, permaneceu em casa, no quarto, todo o dia com as cortinas fechadas, a estudar e a dormir a horas estranhas. A mãe ficou furiosa. Houve portas a bater. Em duas ocasiões, o jantar de Marianne foi parar ao lixo. Mesmo assim, ela já era adulta, e ninguém podia obrigá-la a vestir um uniforme e a submeter-se aos olhares ou aos cochichos dos outros.

Uma semana depois de deixar a escola, entrou na cozinha e viu Lorraine ajoelhada no chão a limpar o forno. Endireitou-se ligeiramente e enxugou a testa com a parte do pulso que aparecia acima da luva de borracha. Marianne permaneceu em silêncio.

Olá, querida, cumprimentou-a Lorraine. Ouvi dizer que não vais à escola há uns dias. Está tudo bem?

Sim, estou ótima, respondeu Marianne. Na verdade, não vou voltar para a escola. Acho que dá mais resultado se ficar em casa a estudar.

Lorraine fez um gesto de assentimento e disse: Tu é que sabes. Depois, recomeçou a esfregar o interior do fogão. Marianne abriu o frigorífico para procurar o sumo de laranja.

O meu filho disse-me que não atendes as chamadas dele, acrescentou Lorraine.

Marianne não respondeu e o silêncio na cozinha ressoou-lhe aos ouvidos, como o ruído da água a correr. Sim, confirmou, é verdade.

Fazes bem, disse Lorraine. Ele não te merece.

Marianne sentiu um alívio tão súbito e intenso que quase parecia pânico. Poisou o sumo de laranja na bancada e fechou o frigorífico.

Lorraine, disse, pode pedir-lhe que não volte cá? Se a vier buscar, ou coisa assim,

há problema se não entrar em casa?

Ah, no que me diz respeito, ele está terminantemente proibido de cá entrar. Não precisas de te preocupar com isso. Passou-me pela cabeça pô-lo fora da minha casa.

Marianne sorriu, a sentir-se constrangida. Ele não fez nada assim tão mau, disse. Para ser franca, em comparação com os outros colegas da escola até foi bastante simpático.

Ao ouvir isto, Lorraine pôs-se de pé e tirou as luvas. Sem dizer palavra, rodeou-a com os braços e apertou-a com muita força. Numa voz estranha e embargada, Marianne disse: Não há problema. Estou bem. Não se preocupe comigo.

Era verdade o que dissera sobre Connell. Ele não fizera nada assim tão mau. Nunca tentara iludi-la e levá-la a pensar que era socialmente aceitável; fora ela a iludir-se a si mesma. Ele usara-a apenas como uma espécie de experiência privada, e a prontidão com que ela se deixara usar provavelmente chocara-o. No fundo, tinha piedade dela, mas ela também lhe inspirava repulsa. De certo modo, agora sente pena dele porque tem de viver com o facto de ter feito sexo com ela, por iniciativa própria, e de ter gostado. Isto diz mais sobre ele, a pessoa que todos consideram vulgar e saudável, do que sobre ela. Nunca mais voltou à escola, a não ser para fazer os exames. Nessa altura as pessoas diziam que ela tinha estado no manicómio. Mas agora nada disso importava.

Estás irritada por ele ter tido melhor resultado do que tu?, pergunta o irmão.

Marianne dá uma gargalhada. E porque não havia de rir? A vida dela ali em Carricklea acabou, e uma nova vida irá, ou não, começar. Em breve estará a fazer as malas: a arrumar camisolas de lã, saias, os seus dois vestidos de seda. Um serviço de chávenas e pires de chá com um desenho de flores. Um secador de cabelo, uma frigideira, quatro toalhas de algodão branco. Uma cafeteira. Os objetos de uma nova vida.

Não, responde.

Então porque não queres falar com ele?

Pergunta-lhe. Se és tão amigo dele, devias perguntar-lhe. Ele sabe porque é.

Alan fecha o punho da mão esquerda. Não interessa, já passou. Ultimamente, Marianne anda por Carricklea e pensa como a vila é bonita quando o sol brilha, com as nuvens brancas como pó de giz por cima da biblioteca e longas avenidas ladeadas de árvores. Uma bola de ténis descreve um arco no ar azul. Carros abrandam nos semáforos com os vidros das janelas descidos e a música a sair aos berros dos altifalantes. Marianne pergunta-se como seria sentir-se em casa ali, andar pela rua a cumprimentar as pessoas e a sorrir. Sentir que a vida estava a acontecer ali, naquele lugar, e não algures muito longe.

O que significa isso?, pergunta Alan.

Pergunta ao Connell Waldron porque deixámos de nos falar. Telefona-lhe, se quiseres, que eu até gostava de saber o que ele tem a dizer.

Alan morde o nó do indicador. Tem o braço a tremer. Dentro de poucas semanas, Marianne estará a viver com pessoas diferentes, e a vida será diferente. Mas ela não

será diferente. Será a mesma pessoa, encerrada no mesmo corpo. Não há sítio para onde possa ir que a liberte disso. Um lugar diferente, pessoas diferentes, que interessa? Alan pára de morder o dedo.

Como se ele se ralasse com isso, diz Alan. Até me admiro que saiba o teu nome.

Olha que éramos muito chegados. Também lhe podes perguntar isso, se quiseres. Mas podes ficar um bocado chocado.

Antes de Alan poder reagir, ouvem alguém a chamar do interior e uma porta fechar-se. A mãe está em casa. Alan ergue os olhos, a sua expressão altera-se, e Marianne sente o rosto mover-se involuntariamente. O irmão olha-a de relance. Não devias mentir sobre as pessoas, diz ele. Sem ripostar, Marianne faz que sim com a cabeça. Não fales disto à mãe. Marianne faz que não com a cabeça. Está bem, concorda. Mas, se lhe dissesse, não teria importância. Denise decidiu há muito que o facto de os homens serem agressivos para com Marianne é aceitável, que é uma maneira de expressarem o que sentem. Em criança, Marianne resistiu, mas agora limita-se a distanciar-se, como se isso não lhe interessasse, o que de certo modo é verdade. Denise considera isso um sintoma da personalidade frígida e antipática da filha. Está convencida de que Marianne tem falta de «calor», entendendo por isso a capacidade de pedir amor a quem a odeia. Nesse momento, Alan volta para dentro. Marianne ouve a porta do terraço fechar-se.

Três Meses mais tarde  
(Novembro de 2011)

Connell não conhece ninguém na festa. A pessoa que o convidou não é a mesma que lhe abriu a porta e que, com um encolher de ombros indiferente, o deixou entrar. Ainda não viu quem o convidou, um rapaz chamado Gareth, que está a fazer um seminário em Teoria Crítica. Connell sabia que seria má ideia ir à festa sozinho, mas ao telefone Lorraine dissera-lhe que seria boa ideia. Não vou conhecer ninguém, respondera-lhe ele. Ao que ela objetou pacientemente: Não consegues conhecer ninguém se não saíres e conviveres com pessoas. Agora encontra-se sozinho numa sala apinhada, sem saber se há de ou não despir o casaco. Parece-lhe praticamente escandaloso estar ali, naquela solidão. Tem a impressão de que todos os que o rodeiam se sentem incomodados com a sua presença e que tentam não fixar os olhos nele.

Finalmente, no momento em que decide ir-se embora, Gareth chega. O alívio intenso que Connell sente ao vê-lo desencadeia uma nova vaga de ódio por si mesmo, dado não conhecer Gareth muito bem, nem gostar particularmente dele. Gareth estende a mão e desesperadamente, bizarramente, Connell sacode-a. É um momento negativo na sua vida de adulto. Connell está certo de que as pessoas estão a vê-los apertar as mãos. Que bom teres vindo, meu, diz Gareth. É bom ver-te. Gosto dessa mochila, muito à anos 90. Connell tem uma mochila azul-marinho muito simples, sem nada que a distinga das muitas outras que se veem na festa.

Hm. Sim, Obrigado, agradece.

Gareth é uma dessas pessoas populares, envolvidas nas associações de estudantes. Foi para uma das grandes escolas privadas de Dublin e toda a gente está sempre a cumprimentá-lo na *campus*: Viva, Gareth! Gareth, olá! Cumprimentam-no de todos os lados quando atravessa a praça diante da faculdade só para o verem acenar em resposta. Connell já assistiu a isso. Dantes as pessoas gostavam de mim, sente vontade de dizer por graça. Pertencia à equipa de futebol da escola. Ali ninguém iria rir dessa piada.

Posso ir buscar-te uma bebida?, pergunta Gareth.

Connell levou uma grade com seis garrafas de sidra, mas tem relutância em fazer seja o que for que chame a atenção para a sua mochila, caso Gareth se sinta tentado a

fazer algum comentário sobre ela. Boa!, exclama. Gareth dirige-se à mesa ao lado da sala e regressa com uma garrafa de *Corona*. Isto está bem?, pergunta. Connell olha-o durante um segundo, sem saber se a pergunta é irónica ou sinceramente servil. Incapaz de decidir, responde: Sim, pode ser, obrigado. Os colegas da faculdade são assim, desagradavelmente presumidos num minuto, para se rebaixarem a fim de exibir as suas boas maneiras no seguinte. Fica a beber goles de cerveja sob o olhar de Gareth. Sem qualquer sarcasmo aparente, este sorri e diz: Bom proveito.

É assim em Dublin. Todos os colegas de Connell têm sotaques idênticos e andam com *MacBooks* do mesmo tamanho debaixo do braço. Nos seminários, dão a sua opinião apaixonadamente e envolvem-se em debates improvisados. Incapaz de formar ideias genuínas e de as expressar com vigor, inicialmente Connell era dominado por um esmagador sentimento de inferioridade em relação aos colegas, como se, por casualidade, tivesse ascendido a um nível intelectual muito acima do seu, no qual se esforçasse por entender as premissas mais básicas. Gradualmente, começou a perguntar-se se todos os debates das aulas seriam tão abstratos e carentes de pormenores textuais, e acabou por se aperceber de que, na realidade, a maioria dos alunos não fazia as leituras recomendadas. Iam à faculdade todos os dias para participarem em debates acalorados sobre livros que não tinham lido. Agora apercebe-se de que os colegas não são como ele. É-lhes fácil ter opiniões e expressá-las com confiança. Não receiam parecer ignorantes ou presumidos. Não são estúpidos, mas também não são muito mais inteligentes do que ele. O que se passa é que se movem no mundo de uma maneira diferente, e provavelmente Connell nunca irá compreendê-los; e sabe que, por seu turno, eles nunca irão compreendê-lo, ou sequer esforçar-se por isso.

De qualquer modo, uma vez que tem poucas aulas por semana, preenche o resto do tempo a ler. Ao fim do dia fica até tarde na biblioteca, a ler os textos, romances e obras de crítica literária obrigatórios. Sem ter amigos com quem comer, lê à hora do almoço. Aos fins de semana, quando há futebol na televisão, vê as notícias da equipa e volta a ler em vez de ver a antevisão do jogo. Uma noite, a biblioteca começou a preparar-se para fechar no momento em que ele chegou à passagem de *Emma* em que Mr. Knightley parece prestes a casar com Harriet, e teve de fechar o livro e de ir para casa num estado de estranha agitação emocional. Acha cómico ficar assim envolvido no conflito de romances semelhantes. Intelectualmente, parece-lhe pouco sério preocupar-se com personagens de ficção a casarem umas com as outras. Mas o facto é que a literatura o emociona. Um dos seus professores chama a isso «o prazer de ser tocado pela grande arte». Aquelas palavras quase lhe parecem ter um timbre sexual. E, de certo modo, a sensação que assalta Connell quando Mr. Knightley beija a mão de Emma não é completamente assexuada, embora a sua relação com a sexualidade seja indireta. Isso sugere-lhe que a mesma imaginação que utiliza enquanto leitor também é necessária para compreender as pessoas reais e para criar relações íntimas com elas.

Tu não és de Dublin, pois não?, pergunta Gareth.

Não. Sou de Sligo.

Ah, sim? A minha namorada é de Sligo.

Connell não tem a certeza do que Gareth espera que responda a isso.

Ah, diz em voz débil. Vê lá tu.

É frequente as pessoas em Dublin mencionarem o oeste da Irlanda naquele tom de voz estranho, como se fosse um país estrangeiro, mas sobre o qual se consideram muito bem informadas. Na véspera à noite, no Workmans, tinha dito a uma rapariga que era de Sligo e ela comentara com uma expressão estranha: Sim, tens ar disso. É como se Connell se sentisse cada vez mais atraído por esse tipo de pessoas presunçosas. Por vezes, quando sai à noite, entre um grande grupo de mulheres sorridentes com vestidos justos e batom perfeitamente aplicado, Niall, o seu companheiro de apartamento, chama-lhe a atenção para uma delas e diz: Aposto que a achas atraente. E é sempre qualquer rapariga sem peito, com sapatos feios e a fumar um cigarro com ar desdenhoso. E Connell tem de admitir que sim, que a acha atraente, e que talvez vá mesmo tentar meter conversa com ela. E volta para casa a sentir-se ainda pior do que antes.

Pouco à vontade, percorre a sala com o olhar e pergunta: Moras aqui, não é?

Iá, responde Gareth. Não é mau para um alojamento no *campus*, pois não?

Nada mau. Na verdade é muito agradável.

E tu, onde moras?

Connell diz-lhe. É num apartamento perto da faculdade, mesmo ao pé da Brunswick Place. Niall e ele pagam a meias um pequeno quarto, com duas camas de pessoa só, encostadas a paredes opostas. Partilham uma cozinha com dois estudantes portugueses que nunca estão em casa. O apartamento tem alguns problemas de humidade e muitas vezes à noite faz tanto frio que Connell vê o seu próprio bafo no escuro; mas, pelo menos, Niall é um sujeito decente. É de Belfast, e também acha que os alunos do Trinity são bizarros, o que o tranquiliza. Agora Connell já conhece mais ou menos alguns dos amigos de Niall, bem como a maioria dos colegas, mas não há ninguém com que possa ter uma conversa interessante.

Em Carricklea, a timidez de Connell nunca parecia um grande obstáculo à sua vida social, pois toda a gente sabia quem ele era e nunca havia necessidade de se apresentar ou de transmitir impressões sobre a sua personalidade. Quando muito, essa personalidade parecia qualquer coisa que lhe era externa, criada pelas opiniões dos outros, e não uma coisa que ele fizesse ou produzisse individualmente. Agora tem uma sensação de invisibilidade, de nulidade, de ausência de uma reputação que o recomende aos outros. Embora o seu aspeto físico não se tenha alterado, sente objetivamente que tem uma aparência pior do que antes. Sente-se inseguro com a roupa que usa. Todos os rapazes da sua turma usam os mesmos blusões encerrados e as mesmas calças de sarja cor de ameixa. Não é que Connell tenha problemas por as pessoas se vestirem como querem, mas sentir-se-ia um palerma chapado se usasse aquela vestimenta. Ao mesmo tempo, isso obriga-o a reconhecer que a roupa que usa é barata e fora de moda. Os únicos sapatos que possui são um par de ténis *Adidas* antigos, que usa em toda a parte, até no ginásio.

Continua a ir a casa aos fins de semana, porque trabalha na estação de serviço aos sábados à tarde e aos domingos de manhã. Agora, a maioria das pessoas que andou

com ele na escola deixou a vila, para ir para a universidade ou trabalhar.

Karen foi viver para Castlebar com a irmã, e Connell não a vê desde que saiu da escola. Rob e Eric estão a estudar Gestão em Galway e, ao que parece, nunca vão à vila. Alguns fins de semana Connell não vê ninguém da escola. À noite, fica em casa sentado, a ver televisão com a mãe. Como é viveres sozinha?, perguntou-lhe no último fim de semana. Ela sorriu. Ah, é fantástico, respondeu. Ninguém deixa toalhas em cima do sofá. Não há pratos sujos no lava-loiça. É formidável. Sem humor, ele faz um aceno de assentimento. A mãe dá-lhe um pequeno encontrão por brincadeira. O que queres que eu diga?, pergunta. Que à noite adormeço a chorar? Ele revirou os olhos. Claro que não, resmungou. Lorraine disse-lhe que estava contente por ele se ter ido embora, pois pensava que seria bom para ele. O que há de bom em irmo-nos embora?, perguntou ele. Viveste aqui a vida inteira e não te deste mal com isso. Ela olhou-o, admirada. Ah, e tencionas enterrar-me aqui, não é? Santo Deus, só tenho trinta e cinco anos. Ele tentou não sorrir, mas achou divertido. Obrigada, podia ir-me embora amanhã, acrescentou. Assim não tinha de olhar para a tua cara desconsolada todos os fins de semana. Nessa altura, ele não pôde deixar de rir.

Agora Gareth está a dizer qualquer coisa que Connell não consegue ouvir. Estão a passar *Watch the Throne* muito alto, transmitido por um par de altifalantes. Connell inclina-se um pouco para Gareth e pergunta: O quê? A minha namorada, tens de a conhecer, diz Gareth. Vou apresentar-te. Contento por haver uma pausa na conversa, Connell segue Gareth. Saem pela porta principal e vão até aos degraus de entrada. O prédio fica em frente dos campos de ténis, que agora estão fechados por ser noite e parecem sinistramente frios, vazios e avermelhados sob as luzes da rua. Ao fundo dos degraus, algumas pessoas fumam e conversam.

Ei, Marianne, chama Gareth.

Ela ergue os olhos do cigarro, a meio de uma frase. Tem um blusão de bombazina por cima do vestido e o cabelo apanhado atrás. Banhada pela luz, a mão que segura o cigarro é comprida e etérea.

Ah, diz Connell. Olá.

No mesmo instante, o rosto de Marianne rasga-se num sorriso inacreditável e enorme, que lhe deixa à mostra os dentes da frente tortos. Tem batom. Agora toda a gente está a olhar para ela. Estava a falar, mas interrompeu-se a fim de olhar para ele.

Meu Deus!, exclama. Connell Waldron! Vindo do além-túmulo.

Ele tosse e, com o pânico de não parecer normal, pergunta: Quando começaste a fumar?

Dirigindo-se a Gareth e aos amigos, ela acrescenta: Andámos na escola juntos. Voltando a fixar o olhar em Connell, pergunta com um ar radiante: Então, como estás? Ele encolhe os ombros e murmura: Estou bem, estou ótimo. Ela fita-o, como que com uma mensagem no olhar. Apetece-te uma bebida?, pergunta. Ele ergue a garrafa que Gareth lhe deu. Vou buscar-te um copo, diz ela. Vamos para dentro. Sobe os degraus, ao seu encontro. Por cima do ombro, diz: Já volto. Por esta observação e pela sua postura na escada, Connell percebe que todas as pessoas na festa são amigas dela, que tem uma quantidade de amigos e que está feliz. Depois a porta da rua fecha-se atrás

deles e ficam sozinhos no vestíbulo.

Ele segue-a até à cozinha, que está vazia e higienicamente silenciosa. Superfícies azul-esverdeadas e eletrodomésticos a condizer. A janela fechada reflete o interior azul e branco, iluminado. Connell não precisa de copo, mas não protesta quando Marianne tira um do armário. Ela despe o blusão e pergunta-lhe como conhece Gareth. Connell responde que têm aulas juntos. Ela pendura o blusão nas costas de uma cadeira. Tem um vestido cinzento, para o comprido, que lhe torna o corpo estreito e delicado.

Parece que toda a gente o conhece, diz Marianne. É extrovertido.

É uma dessas celebridades do *campus*, diz Connell.

Isso fá-la rir, e é como se tudo estivesse bem entre eles, como se vivessem num universo ligeiramente diferente onde nada de mau aconteceu, embora Marianne de repente tenha um namorado impecável e Connell seja o solitário, o impopular.

Ele deve adorar isso, diz Marianne.

Faz parte de uma data de comissões para isto e para aquilo.

Ela sorri, e ergue os olhos um pouco estrábicos para ele. Tem um batom muito escuro, cor-de-vinho, e os olhos maquilhados.

Senti a tua falta, diz ela.

Aquela franqueza, tão rápida e inesperada, fá-lo corar. Para desviar a atenção, começa a deitar a cerveja para o copo.

Sim, eu também senti a tua falta. Fiquei preocupado quando saíste da escola, e tudo isso. Fiquei um bocado em baixo com isso, sabes?

Bem, não nos víamos muito na escola.

Pois não. Como é evidente.

E tu e a Rachel?, pergunta Marianne. Continuam a andar juntos?

Não, acabámos no verão.

Numa voz apenas suficientemente falsa para parecer sincera, Marianne diz: Ah. Que pena.

Depois de Marianne sair da escola em abril, Connell entrou num período de desalento. Os professores falaram-lhe disso. A orientadora escolar disse a Lorraine que estava «preocupada». Ele não sabia, mas era provável que as pessoas na escola também falassem disso. Não conseguia a energia suficiente para agir de uma maneira normal. Ao almoço, sentava-se no lugar de sempre, a comer garfadas tristes, sem dar atenção aos amigos quando eles falavam. Por vezes nem se apercebia quando o chamavam pelo nome, e tinham de lhe atirar qualquer coisa ou de lhe dar um piparote na cabeça para lhe atrair a atenção. Toda a gente devia saber que havia um problema com ele. Tinha uma vergonha debilitante por causa do tipo de pessoa em que se havia tornado, e sentia falta da maneira como Marianne o fazia sentir, e também da sua companhia. Telefonava-lhe constantemente, enviava-lhe mensagens todos os dias, mas ela nunca respondia. A mãe dizia-lhe que estava proibido de visitar a casa dela, embora ele pensasse que, de qualquer modo, nunca tentaria fazê-lo.

Durante algum tempo, tentou superar tudo aquilo bebendo demasiado e fazendo sexo ansioso e angustiado com outras raparigas. Numa festa, em maio, dormiu com



Sinead, a irmã de Barry Kenny, que tinha vinte e três anos e uma licenciatura em Terapia da Fala e da Linguagem. A seguir, sentiu-se tão mal que vomitou, e teve de dizer a Sinead que estava embriagado, embora isso não fosse verdade. Não havia ninguém com quem pudesse falar daquilo por que estava a passar. Sentia-se desesperadamente só. Tinha sonhos recorrentes em que se via de novo com Marianne, a abraçá-la tranquilamente como costumava fazer quando estavam cansados e em que falava com ela em voz baixa. Depois, recordava-se do que tinha acontecido, e acordava a sentir-se tão deprimido que não conseguia mover um só músculo do corpo.

Uma noite, em junho, chegou a casa embriagado e perguntou à mãe se via muitas vezes Marianne quando ia lá trabalhar.

Às vezes, respondeu Lorraine. Porquê?

E ela está bem?

Já te disse que a acho triste.

Ela não responde às minhas mensagens. Quando lhe ligo, se percebe que sou eu, não atende.

Porque a magoaste.

Sim, mas está a exagerar, não?

Lorraine encolheu os ombros e voltou a olhar para a televisão.

Achas que está?, perguntou ele.

Que está o quê?

Achas que ela está a exagerar?

Lorraine continuou a olhar para a televisão. Embriagado, Connell não se lembra do que a mãe estava a ver. Devagar, ela disse: Sabes, a Marianne é muito vulnerável. E tu tiraste partido dela e magoaste-a. Por isso, talvez seja bom sentires-te mal por causa disso.

Eu não disse que me sentia mal por causa disso.

Ele e Rachel começaram a andar um com o outro em julho. Toda a gente na escola sabia que ela gostava de Connell, e ela parecia encarar aquela relação como uma proeza pessoal da sua parte. Quanto à ligação propriamente dita, decorria principalmente nas noites antes de saírem, quando se maquilhava e se queixava dos amigos, enquanto Connell ficava sentado a beber cerveja. Por vezes olhava para o telemóvel enquanto ela estava a falar e Rachel dizia: Nem sequer estás a ouvir. Ele detestava a maneira como se comportava, porque Rachel tinha razão em dizer que não a ouvia; mas, quando a escutava, não gostava do que ela dizia. Só teve relações com ela duas vezes, e em nenhuma delas sentiu prazer e, quando ficaram deitados juntos na cama, sentiu uma dor lancinante no peito e na garganta que lhe dificultava a respiração. Tinha pensado que estar com ela o faria sentir-se menos só, mas a sua solidão apenas se tornou mais persistente, como se estivesse dentro dele e fosse impossível matá-la.

Por fim, chegou a noite do baile de finalistas. Rachel envergava um vestido extravagante e dispendioso, e a mãe dela tirou-lhes uma fotografia no jardim da sua casa. Rachel não parava de dizer que ele ia para Trinity, e o pai dela mostrou-lhe uns tacos de golfe. Depois foram jantar ao hotel. Toda a gente se embriagou e Lisa ficou

sem dar acordo antes da sobrementes. Por baixo da mesa, Rob mostrou a Eric e a Connell fotografias de Lisa nua que tinha no telemóvel. Eric riu e bateu com os dedos no ecrã, em determinadas partes do corpo de Lisa. Connell ficou a olhar para o telemóvel e comentou baixinho: É um bocado lixado estares a mostrar isto, não achas? Com um suspiro sonoro, Rob fechou o telemóvel, voltou a metê-lo no bolso e disse: Ultimamente até pareces um paneleiro.

À meia-noite, a cair de bêbedo mas hipocritamente enojado com a embriaguez de todos os que o rodeavam, Connell saiu da sala de baile e seguiu por um corredor até ao jardim onde se podia fumar. Tinha acendido um cigarro e estava a retalhar algumas folhas baixas de uma árvores que se encontrava perto quando a porta de correr se abriu e Eric saiu ao seu encontro. Ao vê-lo, soltou uma gargalhada cúmplice, sentou-se num vaso virado ao contrário e acendeu também um cigarro.

É uma pena a Marianne ter acabado por não vir, disse Eric.

Connell fez um aceno de assentimento, a detestar ouvir mencionar o nome dela e sem vontade de dar uma resposta.

O que se passou?, perguntou Eric.

Connell olhou-o em silêncio. Um feixe de luz branca vindo do candeeiro por cima da porta iluminou o rosto de Eric com um brilho pálido e fantasmagórico.

O que queres dizer?, perguntou Connell.

Entre vocês os dois.

Connell mal reconheceu a sua própria voz quando respondeu: Não sei do que estás a falar.

Eric fez um sorriso rasgado e os seus dentes húmidos cintilaram sob a luz.

Achas que não sabemos que andavas a pôr-te nela?, perguntou. Claro que toda a gente sabe.

Connell ficou em silêncio e puxou mais uma fumaça. Provavelmente aquela era a coisa mais horrenda que Eric lhe podia ter dito, não por pôr termo à sua vida, mas por não o fazer. Nesse momento, percebeu que o segredo pelo qual tinha sacrificado a sua felicidade e a felicidade de outra pessoa tinha sido banal e inútil. Ele e Marianne podiam ter percorrido os corredores da escola de mãos dadas, que isso não teria tido nenhuma consequência. Ninguém queria saber.

Estou a ver que sim, disse Connell.

Quanto tempo durou isso?

Não sei. Um bocado.

E o que é que houve?, insistiu Eric. Andaste só a gozar com ela, ou quê?

Tu conheces-me.

Apagou o cigarro e voltou para dentro, para ir buscar o blusão. Depois saiu sem se despedir de ninguém, incluindo Rachel, que acabou com ele pouco tempo depois. E foi assim, os outros foram-se embora, ele foi-se embora. A vida deles em Carricklea, a que tinham atribuído tanta importância e significado, terminou dessa maneira, sem uma conclusão, para nunca poder ser retomada, pelo menos da mesma maneira.

Pois é, diz ele a Marianne. Acho que não tinha muito que ver com a Rachel.

Hm, diz ela, com um pequeno sorriso tímido.

O quê?

Eu talvez pudesse ter-te dito isso.

Sim, devias ter-me dito. Mas, na altura, nem sequer respondias às minhas mensagens.

Bem, senti-me um bocado abandonada.

Eu também me senti um bocado abandonado, não foi? Tu desapareceste. E, já agora, nunca tive nada que ver com a Rachel até montes de tempo depois disso. Não que isso interesse agora, mas foi assim.

Marianne suspira e move a cabeça para um lado e para o outro, num gesto ambivalente.

Não foi por isso que saí da escola, diz ela.

Certo. Acho que foi o melhor que fizeste.

Foi mais a gota que fez transbordar o copo.

Pois, diz ele. Perguntei-me se não seria isso.

Ela sorri de novo, um sorriso oblíquo, como se estivesse a flirtar.

A sério? Talvez fosse telepatia.

Às vezes achava que era capaz de te ler o pensamento, diz Connell.

Na cama, queres tu dizer.

Ele bebe um gole. A cerveja está fresca, mas o copo está à temperatura ambiente. Até àquela noite não sabia como Marianne iria reagir se a encontrasse na faculdade, mas agora parece-lhe inevitável, claro que seria assim. Claro que falaria com ironia da sua vida sexual, como se fosse uma graça entre eles e não um assunto incómodo. E, de certo modo, ele gosta que seja assim, gosta de saber como agir com ela.

Sim, diz Connell. E depois também. Mas talvez isso seja normal.

Não é.

Sorriem ambos, um sorriso divertido e mal dissimulado. Connell poisa a garrafa vazia na bancada e olha para Marianne. Ela alisa o vestido.

Estás com ótimo aspeto, diz ele.

Já sei. Eu sou assim, vim para a universidade e fiquei bonita.

Ele começa a rir. Não sente vontade de rir, mas há qualquer coisa estranhamente dinâmica entre eles que o faz rir. «Eu sou assim» é uma frase típica de Marianne, um pouco irónica e, ao mesmo tempo, apontando para qualquer entendimento mútuo entre eles, a consciência de que ela é especial. O vestido que tem posto é decotado à frente e revela as clavículas pálidas, semelhantes a dois hífenes brancos.

Sempre foste bonita, diz ele. Eu sei, sou um tipo superficial. És muito bonita, és linda.

Agora ela não está a rir. Faz uma expressão cómica e afasta o cabelo da testa.

Pois é, diz ela. Há algum tempo que ninguém me dizia isso.

O Gareth não te diz que és linda? Ou anda demasiado ocupado com, tipo, teatro amador ou coisas do género?

Com debates. E estás a ser muito cruel.

Com debates? Meu Deus, não me digas que ele anda metido com essa cena nazi.

Os lábios de Marianne tornam-se uma linha fina. Connell não lê muito os jornais do *campus*, mas mesmo assim está a par do clube de debates que convidou um neonazi para fazer um discurso. Vem tudo nas redes sociais. Até apareceu um artigo em *The Irish Times*. Connell não comentou nada disso no Facebook, mas pôs *likes* em diversos comentários a apelar para que o convite fosse anulado, o que provavelmente é o ato político mais enérgico que já cometeu na vida.

Bem, não estamos de acordo em relação a tudo, responde ela.

Connell ri, por qualquer razão feliz ao ver aquela fraqueza e falta de escrúpulos, tão pouco características dela.

Pensei que era mau ter andado com a Rachel Moran, diz ele. Mas o teu namorado é um desses que nega o Holocausto.

Ele só defende a liberdade de expressão.

Sim, isso é ótimo. Ainda bem que existem os reacionários moderados, como escreveu o Martin Luther King.

Ela ri-se, com sinceridade. Os seus pequenos dentes cintilam de novo e ela tapa a boca com a mão. Connell bebe um pouco mais de cerveja e toma consciência da expressão doce de Marianne, de que teve saudades, e sente que está a decorrer uma cena agradável entre eles, embora mais tarde possa vir a odiar tudo o que lhe disse. Está bem, diz ela, temos ambos falta de pureza ideológica. Connell põe a hipótese de responder: Espero que ele seja mesmo bom na cama, Marianne. Sem dúvida que ela iria achar isso divertido. Mas, por qualquer razão, provavelmente por timidez, não o diz. Ela olha-o com os olhos semicerrados e pergunta: Andas com alguém problemático neste momento?

Não, responde ele. Nem sequer com alguém como deve ser.

Marianne esboça um sorriso curioso. Achas difícil estar com pessoas?, pergunta.

Ele encolhe os ombros, vagamente, e faz um aceno de cabeça. É um bocado diferente de Carricklea, não é?, diz ele.

Tenho algumas amigas que te posso apresentar.

Ah, sim?

Sim, agora tenho amigas.

Não estou certo de ser do tipo que lhes agrada.

Entreolham-se. Ela está um pouco corada, e tem o batom ligeiramente esborratado no lábio inferior. O olhar dela deixa-o perturbado, como dantes; era como olhar para um espelho e ver qualquer coisa que já não tem segredos.

Que quer isso dizer?, pergunta ela.

Não sei.

O que há em ti que desagrada?

Ele sorri e olha para o copo.

Se Niall visse Marianne, comentaria: Não me digas que gostas dela. É verdade que ela é do tipo que Connell aprecia, talvez mesmo o modelo original desse tipo: elegante, com um ar entediado, a transmitir uma impressão de perfeita segurança. E pode admitir que se sente atraído por ela. Após esses meses longe de casa, a vida parece-lhe muito mais vasta, e os seus dramas pessoais menos importantes. Não é o mesmo jovem

ansioso e reprimido que era na escola, quando a atração que sentia por ela lhe parecia aterradora, como se a empurrasse para debaixo de um comboio a aproximar-se. Sabe que ela tem um comportamento estranho e reservado porque quer mostrar-lhe que não está ressentida. Poderia dizer-lhe: Lamento muito o que te fiz, Marianne. Sempre pensei que, se voltasse a vê-la, seria isso que lhe diria. Mas de algum modo ela parece não admitir essa possibilidade, ou talvez ele seja demasiado cobarde, ou ambas as coisas.

Não sei, responde. Boa pergunta, mas não sei.

Três Meses mais tarde  
(Fevereiro de 2012)

Marianne entra para o banco da frente do carro de Connell e fecha a porta. Tem o cabelo por lavar e apoia os pés no banco para apertar os atacadores. Cheira a licor de fruta, um cheiro que não é mau, mas também não é completamente bom. Connell entra e põe o motor a trabalhar. Ela olha-o de relance.

Puseste o cinto de segurança?, pergunta ele.

Está a olhar pelo espelho retrovisor, como num dia normal. É de manhã, depois de uma festa em Swords, onde Connell não bebeu e Marianne bebeu, pelo que nada parece normal. Obediente, ela põe o cinto de segurança, para mostrar que continuam a ser amigos.

Desculpa a noite passada, diz ela.

Tenta dizer isso de uma maneira que comunique várias coisas: desculpa, uma vergonha dolorosa, qualquer vergonha adicional simulada que serve para ironizar e diluir o embaraço, uma sensação de saber que será, ou que já foi, perdoada, o desejo de não «fazer um drama».

Não penses mais nisso, diz ele.

Mas desculpa.

Não há problema.

Agora Connell está a sair do caminho de acesso. Aparentemente não empola o incidente mas, por qualquer razão, isso não parece satisfazê-la. Quer que ele admita o que aconteceu antes de a deixar seguir em frente, ou talvez deseje apenas fazer-se sofrer excessivamente.

Não foi decente, diz ela.

Olha, estavas muito bêbeda.

Isso não é desculpa.

E completamente passada, diz ele, o que só descobri mais tarde.

Sim. Senti-me uma agressora.

Agora ele ri. Ela puxa os joelhos contra o peito e segura os cotovelos com as mãos.

Não me agrediste, diz ele. Essas coisas acontecem.

Eis o que se passou. Connell levou Marianne a uma festa de aniversário em casa de um amigo comum. Tinham combinado passar lá a noite e Connell levá-la de volta na manhã seguinte. Pelo caminho ouviram os Vampire Weekend, Marianne bebeu gim de uma garrafa prateada e falaram sobre a administração Reagan. Estás a ficar embriagada, disse-lhe Connell no carro. Tens uma cara muito gira, sabes?, disse ela. Já outras pessoas me disseram isso sobre a tua cara.

À meia-noite, Connell refugiara-se em qualquer sítio e Marianne encontrara as suas amigas Peggy e Joanna na arrecadação do jardim. Estavam as duas a beber uma garrafa de Cointreau e a fumar. Peggy tinha um blusão de couro muito usado e umas calças de linho às riscas. Atirava constantemente para o lado o cabelo solto, caído até aos ombros, e penteava-lo com a mão. Joanna estava de peúgas, sentada em cima da arca congeladora. Tinha um vestido comprido e informe, como o de uma grávida, e uma camisa por baixo. Marianne, apoiada à máquina de lavar, tirou a garrafa de gim do bolso. Peggy e Joanna tinham estado a falar de moda masculina, e em particular da ideia que os seus amigos do sexo masculino tinham de moda. Marianne contentava-se em estar ali, com todo o peso do corpo apoiado à máquina de lavar, com o gim a girar-lhe no interior da boca e a ouvir as amigas falar.

Peggy e Joanna estudam História e Política com Marianne. Joanna já está a planificar a tese de final do curso sobre James Connolly e o Congresso dos Sindicatos Irlandeses. Está sempre a recomendar livros e artigos, que Marianne lê, por vezes na diagonal, ou dos quais lê resumos. Os outros consideram-na uma pessoa séria, o que é um facto, mas também pode ser muito divertida. Peggy não «apanha» o humor de Joanna, porque o seu género de carisma é mais assustador e mais sensual do que o cómico. Numa festa antes do Natal, Peggy preparou para Marianne uma linha de cocaína na casa de banho de Declan, um amigo delas, e Marianne snifou-a quase toda. Não lhe alterou consideravelmente o humor, só que nos dias que se seguiram sentiu-se alternadamente divertida e culpabilizada com a ideia do que tinha feito. Não falou disso a Joanna. Sabe que esta não aprovaria, porque a própria Marianne não aprova, mas, quando Joanna reprova uma coisa, não a faz.

Joanna quer trabalhar em jornalismo, enquanto Peggy não parece querer trabalhar em nada. Até agora, isso parece não ser um problema para ela, pois conhece uma quantidade de homens a quem agrada financiar o seu estilo de vida, comprando-lhe sacos de mão e drogas caras. Prefere homens ligeiramente mais velhos, que trabalham em bancos de investimento ou em agências de contabilidade, de vinte e sete anos, com carradas de dinheiro e que têm em casa namoradas que são advogadas sensatas. Uma vez Joanna perguntou a Peggy se alguma vez seria uma rapariga de vinte e sete anos com um namorado que passasse a noite fora a snifar cocaína com uma adolescente. Peggy não se sentiu minimamente insultada e achou a ideia divertidíssima. Retorquiu que nessa altura estaria casada com um oligarca russo e que não se importaria com o número de namoradas que ele tivesse. Isso leva Marianne a perguntar-se o que irá fazer depois da faculdade. Praticamente não há caminhos que lhe pareçam definitivamente fechados, nem sequer o do casamento com um oligarca. Quando sai à noite, na rua os homens gritam-lhe as coisas mais grosseiras, e, como é óbvio, não têm

vergonha de a desejar, muito pelo contrário. E na faculdade, é frequente sentir que não há limite para aquilo de que o seu cérebro é capaz, podendo sintetizar tudo que ela introduz nele; é como ter uma máquina poderosa dentro da cabeça. Na realidade, tudo lhe corre bem. Não tem ideia do que irá fazer na vida.

Na arrecadação, Peggy perguntou onde estava Connell.

Lá em cima, respondeu Marianne. Acho que com a Teresa.

Ocasionalmente, Connell anda com uma amiga delas chamada Teresa. Marianne não tem qualquer problema com ela, mas é frequente incitar Connell a dizer coisas negativas a seu respeito, por nenhuma razão, o que ele recusa sempre fazer.

Ele usa uma roupa gira, afirma Joanna.

Nem por isso, contradiz Peggy. Tem bom aspeto, mas anda quase sempre de fato de treino. Até duvido de que tenha um fato.

Joanna procurou de novo cruzar os olhos com os de Marianne, e dessa vez conseguiu. Peggy, a observá-las, bebeu mais uma grande golada de Cointreau e limpou os lábios com a mão com que segurava a garrafa. O quê?, exclamou.

Bem, ele não é de uma família da classe operária?, perguntou Joanna.

Isso é de uma sensibilidade exagerada, disse Peggy. Não posso criticar o vestuário de alguém por causa do seu estatuto socioeconómico? Deixa-te disso.

Não, não era isso que ela queria dizer, interveio Marianne.

Porque, como sabes, nós somos todas muito simpáticas para ele, disse Peggy.

Nessa altura, Marianne descobriu que não conseguia olhar para nenhuma das amigas. «Nós», quem?, apetecia-lhe perguntar. Em vez disso, tirou a garrafa de Cointreau da mão de Peggy e bebeu duas goladas mornas, tão doces que eram enjoativas.

A dada altura, por volta das duas da manhã, depois de ter ficado extremamente embriagada e de Peggy a ter convencido a partilhar um charro com ela na casa de banho, viu Connell no cimo das escadas, no patamar do terceiro piso. Não estava lá mais ninguém. Olá, disse ele. Ela encostou-se à parede, embriagada e a desejar a sua atenção.

Estiveste com a Teresa, disse ela.

Estive? Isso é interessante. Estás completamente fora, não estás?

Cheiras a perfume.

A Teresa não está aqui, disse Connell. Quer dizer, não está na festa.

Nessa altura, Marianne riu-se. Sentiu-se estúpida, mas no bom sentido. Anda cá, disse ela. Ele aproximou-se até ficarem frente a frente.

O que é?

Gostas mais dela do que de mim?.

Ele meteu-lhe uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

Não. Para ser franco, nem a conheço muito bem.

Mas ela é melhor na cama do que eu?

Estás embriagada, Marianne. Se estivesses sóbria, nem sequer ias querer saber a resposta a essa pergunta.

Então não é a resposta que eu quero ouvir.



Envolveu-se naquele diálogo de uma maneira basicamente linear, ao mesmo tempo que abria um dos botões da camisa de Connell, nem sequer de uma maneira sensual, mas apenas porque estava tão bêbeda e tão pedrada. Além disso, ainda não tinha conseguido desabotoá-lo por completo.

Claro que é a resposta que queres.

Então ela beijou-o. Connell não recuou como se estivesse horrorizado, mas afastou-se com firmeza e disse: Não, pára com isso.

Vamos lá para cima, insistiu ela.

Já estamos cá em cima.

Quero que me fodas.

Ele franziu o sobrolho, com uma expressão que, se estivesse sóbria, a teria levado a fingir que só estava a brincar.

Esta noite não, disse ele. Estás a cair de bêbeda.

Essa é a única razão?

Ele olhou-a. Marianne reprimiu um comentário que tinha estado a adiar, sobre a forma da boca dele, como era perfeita, porque queria que ele respondesse à pergunta.

Sim, disse Connell. É por isso.

Então de outro modo dormias comigo.

Devias ir para a cama.

Vou dar-te drogas, disse ela.

Tu nem sequer... Marianne, tu nem sequer tens drogas. Isso é apenas um pequeno exemplo de que estás a dizer disparates. Vai para a cama.

Dá-me só um beijo.

Ele beijou-a. Foi um beijo agradável, mas amistoso. Depois ele despediu-se e desceu a escada em passos ligeiros, com o corpo leve e sóbrio a deslocar-se em linha reta. Marianne foi procurar uma casa de banho, onde bebeu água pela torneira até parar de lhe doer a cabeça, após o que caiu a dormir ali mesmo, no chão. Fora aí que acordara havia vinte minutos, quando Connell pediu a uma das raparigas que a fosse procurar.

Agora ele está a passar as estações de rádio enquanto esperam num semáforo. Encontra uma canção do Van Morrison e deixa-a a tocar.

De qualquer modo, desculpa, repete Marianne. Não estava a procurar complicar as coisas com a Teresa.

Ela não é minha namorada.

Está bem. Mas foi uma falta de respeito para com a nossa amizade.

Nem sequer me tinha apercebido de que eras amiga dela.

Refiro-me à minha amizade contigo.

Connell vira-se para ela. Marianne aperta os joelhos com os braços e enfia o queixo no ombro. Ultimamente, ela e Connell têm-se visto muito. Em Dublin, pela primeira vez podem passear juntos pelas grandes ruas imponentes, com a certeza de que ninguém que passa sabe ou quer saber quem eles são. Marianne vive sozinha num apartamento de duas divisões, que pertence à avó, e à noite ela e Connell sentam-se na

sala a beber vinho. Ele queixa-se, aparentemente sem reservas, de como é difícil fazer amigos em Trinity. Um dia destes, ele deitou-se no sofá, a fazer girar um resto de vinho no copo, e disse: As pessoas aqui são tão snobes. Mesmo que gostassem de mim, a verdade é que eu não queria ser amigo delas. Poisou o copo e olhou para Marianne. É por isso que para ti é fácil. Porque és de uma família rica, e por isso elas gostam de ti. Ela franziu o sobrolho e fez um gesto de assentimento, e então Connell começou a rir. Estou a meter-me contigo, disse. Os olhos de ambos encontraram-se. Marianne sentiu vontade de rir, mas sem saber se a graça era sobre ela.

Ele acompanha-a sempre às festas, embora diga que não percebe o grupo de amigos dela. As amigas de Marianne gostam muito dele e, por qualquer razão, sentem-se muito à vontade sentadas no seu colo durante as conversas e a despenteá-lo carinhosamente. Já os homens não o aceitam tão bem. Toleram-no devido à sua associação com Marianne, mas, por si só, não o consideram particularmente interessante. Nem sequer é inteligente!, exclamou um dos amigos dela na véspera à noite quando Connell não estava presente. Ele é mais inteligente do que eu, ripostou Marianne. Todos ficaram sem saber o que dizer. É certo que Connell é calado nas festas, mesmo obstinadamente calado, sem se preocupar em exhibir quantos livros leu ou sobre quantas guerras tem conhecimentos. Mas, intimamente, Marianne dá-se conta de que não é por isso que o consideram estúpido.

Porque pensas que isso foi uma falta de respeito para com a nossa amizade?, pergunta ele.

Acho que seria difícil continuarmos amigos se começássemos a dormir juntos.

Ele faz um sorriso malévolos. Embaraçada, ela esconde a cara no braço.

Achas que sim?

Não sei.

Pronto, está bem.

Uma noite, na cave do Bruxelles, dois amigos de Marianne estavam a jogar bilhar desajeitadamente, enquanto os outros, sentados em redor, bebiam e observavam. Depois de Jamie ganhar, perguntou: Quem quer jogar com o vencedor? E Connell poisou a cerveja calmamente e respondeu: Quero eu. Jamie deu a tacada de abertura, mas não embolsou nenhuma bola. Sem se envolver em nenhuma conversa, Connell embolsou quatro bolas amarelas de seguida. Marianne começou a rir, mas Connell manteve-se inexpressivo, parecendo apenas concentrado no jogo. No breve intervalo de tempo depois da sua vez, bebeu em silêncio e ficou a ver Jamie enviar uma bola vermelha que bateu na tabela e se afastou a girar. Depois, com um movimento brusco, Connell pôs giz no taco e embolsou as três últimas amarelas. Havia qualquer coisa de muito convincente na maneira como estudava a mesa e alinhava as tacadas, e no beijo sereno do giz na superfície lisa da bola. As raparigas estavam sentadas em redor, a vê-lo dar tacadas e inclinar-se sobre a mesa com o rosto duro e silencioso iluminado pelo candeeiro do teto. É como um anúncio da *Coca-Cola* de dieta, comentou Marianne. Toda a gente riu, até mesmo Connell. Quando já só restava a bola preta, apontou para a bolsa do lado direito e, com um ar satisfeito, perguntou: Marianne, estás a olhar?

E em seguida embolsou. Todos aplaudiram.

Nessa noite, em vez de ir para casa, Connell ficou em casa dela. Deitaram-se na cama a olhar para o teto e a conversar. Até então, tinham sempre evitado falar do que se passara entre eles no ano anterior, mas nessa noite Connell perguntou: Os teus amigos sabem de nós?

Marianne ficou em silêncio, até por fim perguntar: Sabem o quê de nós?

O que aconteceu na escola e tudo isso.

Não, acho que não. Talvez tivessem topado qualquer coisa, mas nunca lhes contei.

Durante alguns instantes, Connell não disse nada. No escuro, ela ficou tão silenciosa como ele. Sentias-te envergonhada se descobrissem?, perguntou.

De certa maneira, sim.

Ele voltou-se, de modo a não ficar virado para o teto mas de frente para ela. Porquê?, insistiu.

Porque era humilhante.

Referes-te à forma como te tratei?

Sim, disse ela. E ao facto de eu ter tolerado.

Suavemente, ele procurou-lhe a mão debaixo da coberta e Marianne deixou-o pegar-lhe. Sentiu uma tremura percorrer-lhe o maxilar e tentou falar numa voz ligeira e bem-humorada.

Alguma vez pensaste convidar-me para o baile de finalistas?, perguntou. É uma coisa estúpida, mas tenho curiosidade de saber se pensaste nisso.

Para ser sincero, não. Mas quem me dera ter-te convidado.

Ela fez um aceno de assentimento. Continuou a olhar para o teto negro, a disfarçar, com receio de que ele se apercebesse da sua expressão.

Terias aceitado?, perguntou Connell.

Ela assentiu de novo. Tentou revirar os olhos, mas isso pareceu-lhe mais grotesco e piegas do que divertido.

Lamento muito, disse ele. O que fiz foi errado. E, sabes, parece que de qualquer modo na escola sabiam de nós. Não sei se ouviste dizer.

Ela sentou-se apoiada no cotovelo e olhou-o no escuro. Sabiam o quê?

Que andávamos um com o outro e tudo isso.

Eu não contei a ninguém, Connell, juro.

Mesmo no escuro, viu-o estremecer.

Pois não, eu sei. A minha ideia é mais que, mesmo que tivesses contado, isso não teria importância. Mas sei que não contaste.

E eles fizeram comentários horrorosos?

Não, não. O Eric só falou disso no baile de finalistas, disse que as pessoas sabiam. Mas, no fundo, ninguém deu importância.

Seguiu-se outro silêncio breve da parte de ambos.

Sinto-me culpado por todas as coisas que te disse, acrescentou Connell. Pelo pior que seria se alguém descobrisse. Como é evidente, isso era mais na minha cabeça do que outra coisa. Quero dizer, não havia razão para as pessoas se importarem. Mas sofro de ansiedade em relação a estas coisas. Não que esteja a des-

culpar-me, mas acho que projetei em ti alguma dessa ansiedade, se é que isto faz sentido. Não sei. Ainda penso muito nisso, no motivo por que me comportei de uma maneira tão lixada.

Ela apertou-lhe a mão e ele fez o mesmo, com tanta força que quase a magoou, e esse seu pequeno gesto de desespero fê-la sorrir.

Eu perdoo-te, disse.

Obrigado. Penso que me serviu de lição. E espero ter mudado, como pessoa, percebes? Mas, sinceramente, se isso aconteceu, foi devido a ti.

Continuaram de mãos dadas debaixo da coberta, mesmo depois de terem adormecido.

Agora, quando chegam a casa dela, Marianne pergunta a Connell se quer entrar. Ele diz que precisa de comer qualquer coisa e ela responde que há coisas para o pequeno-almoço no frigorífico. Sobem a escada juntos. Connell começa a procurar no frigorífico enquanto Marianne vai tomar um duche. Despe-se, aumenta ao máximo a pressão da água e fica vinte minutos debaixo do chuveiro. Depois sente-se melhor. Quando sai, embrulhada num roupão branco e com o cabelo enrolado numa toalha, Connell já comeu. Tem o prato limpo e está a consultar o correio eletrónico. A cozinha cheira a café e a fritos. Marianne aproxima-se e ele limpa a boca às costas da mão, como se de súbito estivesse nervoso. Ela fica de pé junto da cadeira dele e Connell ergue os olhos para ela e desfaz-lhe o laço do cinto do roupão. Já passou quase um ano. Aproxima os lábios da pele dela e tem a sensação de que Marianne é sagrada, como um relicário. Vem para a cama, diz ela. Connell acompanha-a.

A seguir, ela liga o secador de cabelo e ele vai para o duche. Depois, volta a deitar-se, a ouvir o som dos canos. Está a sorrir. Quando Connell sai da casa de banho, deita-se ao seu lado, frente a frente, e toca-lhe. Hm, diz ela. Fazem de novo sexo, sem falarem muito. Depois, Marianne sente-se tranquila e quer dormir. Ele beija-lhe as pálpebras fechadas. Não é assim com as outras pessoas, diz ela. Pois não, concorda ele. Eu sei. Ela sente que há coisas que ele não lhe está a dizer. Não percebe se Connell está a reprimir o desejo de se afastar dela ou a vontade de se tornar de algum modo ainda mais vulnerável. Ele beija-lhe o pescoço. As pálpebras dela estão a ficar pesadas. Acho que tudo vai ficar bem connosco, diz ele. Marianne não sabe, ou não se consegue recordar, do que ele está a falar. Adormece.

Dois Meses mais tarde  
(Abril de 2012)

Connell acabou de regressar da biblioteca. Marianne teve amigos em casa mas, quando ele chega, estão de saída, a tirar os casacos dos cabides da entrada. Peggy é a única que ainda está sentada à mesa, a despejar o resto de uma garrafa de *rosé* para um copo enorme. Marianne limpa o tampo da bancada com um pano húmido. Pela janela por cima do lava-loiça vê-se um retângulo de céu azul-ganga. Connell senta-se à mesa e Marianne tira uma cerveja do frigorífico e abre-lha. Pergunta-lhe se tem fome e ele diz que não. Lá fora está calor e a frescura da garrafa sabe-lhe bem. Os exames vão começar em breve e agora em geral ele fica na biblioteca até aparecer o funcionário a tocar a campainha que anuncia que vão fechar.

Posso perguntar uma coisa?, diz Peggy.

Percebe que ela está embriagada e que Marianne gostaria que ela se fosse embora. E ele também.

Claro, responde Marianne.

Vocês andam a foder um com o outro, não é?, pergunta Peggy. Tipo, a dormir juntos.

Connell não responde. Passa o polegar pelo rótulo da garrafa de cerveja, à procura de um canto para o tirar. Não faz ideia do que Marianne irá responder: qualquer coisa divertida, acha ele, qualquer coisa que vá fazer Peggy rir e esquecer a pergunta. Mas, em vez disso, inesperadamente, Marianne diz: Ah, sim. Ele começa a rir para consigo. O canto do rótulo da cerveja descola-se do vidro sob o seu polegar.

Peggy ri e diz: Está bem. É bom saber. Já agora, toda a gente anda a especular.

Pois é, diz Marianne. Mas não é uma coisa nova, já andávamos um com o outro na escola.

Ah sim?, diz Peggy.

Marianne está a encher um copo de água. Quando se volta, com ele na mão, olha para Connell.

Acho que agora já não te importas que eu fale disto, diz-lhe.

Ele encolhe os ombros, mas com um sorriso a que ela corresponde. Não fazem publicidade da relação, mas os amigos dele sabem. Não gosta de exibições públicas, é

tudo. «Vez vez Marianne perguntou-lhe se tinha «vergonha» dela, mas foi só por graça. Tem piada, disse ele. O Niall pensa que eu me gabo muito por tua causa. Ela adorou aquilo. Não é que ele se gabe de andar com ela, mas acontece que Marianne é muito popular e muitos outros rapazes queriam dormir com ela. De vez em quando, talvez Connell se gabe, mas nunca diz nada de mau gosto.

É verdade que fazem um casal todo jeitoso, diz Peggy.

Obrigado, agradece Connell.

Eu não falei de casal, diz Marianne.

Ah, diz Peggy. Queres dizer que ele não é o único? Isso é fixe. Eu queria tentar uma relação aberta com o Lorcan, mas ele não está de acordo.

Marianne afasta uma cadeira da mesa e senta-se.

Há homens possessivos, diz.

Eu sei!, exclama Peggy. É de loucos. Seria de pensar que iam ficar aos saltos com a ideia de múltiplos parceiros.

Em geral, acho que os homens se preocupam muito mais em pôr limites à liberdade das mulheres do que em exercer a sua liberdade pessoal, diz Marianne.

Isto é verdade?, pergunta Peggy a Connell.

Ele olha para Marianne com um pequeno aceno de assentimento, preferindo que ela prossiga. Descobriu que Peggy é a amiga faladora, que está sempre a interromper. Marianne tem outras amigas, preferíveis, mas nunca ficam até tão tarde nem falam tanto.

Quando se olha para as vidas dos homens, é uma tristeza, diz Marianne. Controlam todo o sistema social, e isso é o melhor que conseguem para si próprios? Nem sequer se divertem.

Peggy dá uma gargalhada. Estás a divertir-te, Connell?, pergunta.

Hm, diz ele. Diria que sim, até certo ponto. Mas concordo com a ideia.

Preferias viver num matriarcado?, pergunta Peggy.

É difícil saber. De qualquer modo, gostava de experimentar, de ver como era.

Peggy continua a rir, como se Connell estivesse a dizer coisas incrivelmente espirituosas. Os teus privilégios masculinos agradam-te?, pergunta.

É como a Marianne disse, responde ele. Não é tão agradável quanto isso. Quero dizer, é como é, não me dá muito gozo.

Peggy faz um sorriso que lhe deixa os dentes à mostra e declara: Se eu fosse um homem, teria três namoradas. Pelo menos.

O último canto do rótulo descola-se da garrafa de cerveja de Connell. Sai mais facilmente quando a garrafa está muito fria, porque a condensação dissolve a cola. Põe a cerveja em cima da mesa e começa a dobrar o rótulo num pequeno quadrado. Peggy continua a falar, mas não lhe parece importante ouvi-la.

Nesse momento, as coisas estão a correr muito bem entre ele e Marianne. À tardinha, depois de a biblioteca fechar, ele regressa a pé a casa dela e por vezes, pelo caminho, compra qualquer coisa para comerem e uma garrafa de vinho de quatro euros. Quando o tempo está bom, o céu parece muito distante e as aves descrevem círculos no ar leve e infinito. Quando chove, a cidade fecha-se, rodeada de neblina; os

carros movem-se mais devagar, com os faróis a luzirem sombrios, e os rostos que passam estão rosados de frio. Marianne prepara o jantar, esparguete ou risoto, e depois ele lava a loiça e arruma a cozinha. Limpa as migalhas que estão debaixo da torradeira e ela lê-lhe piadas do Twitter. Depois vão para a cama. Ele gosta de penetrar bem fundo nela, lentamente, até a respiração de Marianne ficar forte e sonora e ela agarrar na fronha da almofada com uma das mãos. Nessa altura, o seu corpo parece muito pequeno e aberto. Assim?, pergunta ele. E ela faz que sim com a cabeça, talvez a bater com a mão na almofada, emitindo pequenos arquejos sempre que ele se mexe.

As conversas que se seguem são agradáveis para Connell, tomando muitas vezes rumos inesperados e incitando-o a manifestar novas ideias que até então nunca formulara conscientemente. Falam sobre os romances que ele está a ler, sobre a investigação que ela está a estudar, sobre o momento histórico em que estão a viver e a dificuldade de o observar enquanto decorre. Por vezes, Connell tem a sensação de que se assemelham a patinadores artísticos, a improvisarem as suas conversas tão habilmente e numa sincronização tão perfeita que os surpreende a ambos. Ela ergue-se no ar com graciosidade e, a cada vez, sem saber como irá fazê-lo, ele apanha-a. A consciência de que provavelmente irão tornar a fazer amor antes de adormecerem talvez torne a conversa mais agradável, e ele suspeita de que a intimidade dessas conversas, muitas vezes avançando e recuando entre o concetual e o pessoal, também melhora o sexo. Na última sexta-feira, quando estavam deitados a seguir, ela disse: Isto foi intenso, não foi? Ele respondeu que lhe parecia sempre intenso. Mas também romântico, acrescentou Marianne. Acho que, a dado momento, comecei a sentir certas coisas por ti. Ele sorriu para o teto. Só tens de reprimir todas essas coisas, Marianne, disse ele. É o que eu faço.

Marianne sabe o que ele sente a seu respeito. O facto de Connell se mostrar tímido perante os amigos dela não quer dizer que o que existe entre eles não seja sério, porque o é. Por vezes, ele preocupa-se por não ter sido suficientemente claro quanto a essa questão, e, depois de deixar essa preocupação avolumar-se durante um dia ou dois, a perguntar-se como poderá abordar o assunto, finalmente acabará por dizer qualquer coisa tímida como: Sabes que eu gosto mesmo de ti, não sabes? E, por qualquer razão, o seu tom de voz parecerá quase exasperado, o que a fará rir. Como toda a gente sabe, Marianne tem muitas outras opções românticas. Estudantes de Política que aparecem nas festas dela com garrafas de *Moët* e a contar episódios sobre as férias de verão que passaram na Índia. Membros de clubes das faculdades, muitas vezes de *smoking* e que inexplicavelmente acreditam que o trabalho interno das associações de estudantes são interessantes para as pessoas normais. Rapazes que têm o hábito de tocar em Marianne durante a conversa, ajeitando-lhe o cabelo ou pondo-lhe a mão nas costas. Uma vez, perdido de bêbedo, Connell perguntou-lhe por que motivo essas pessoas tinham de estar sempre a tocar-lhe, ao que ela respondeu: Tu não me tocas, e mais ninguém tem o direito de o fazer? Isso deixou-o tremendamente mal-humorado.

Aos fins de semana, já não vai a casa porque Sophie, uma amiga deles, lhe arranjou trabalho no restaurante do pai. Connell só tem de passar os fins de semana sentado num gabinete do primeiro andar a responder a *e-mails* e a apontar reservas num grande

caderno com capa de couro. Por vezes, aparecem celebridades menores, como pessoas da RTÉ<sup>3</sup> e outras do género, mas na maioria das noites de semana o local está morto. É evidente para Connell que o negócio é um sorvedouro de dinheiro e que terá de fechar, mas o emprego foi tão fácil de arranjar que essa perspectiva não lhe causa ansiedade. Se e quando deixar de ter trabalho, outro dos amigos ricos de Marianne aparecerá a propor-lhe um novo emprego. Os ricos olham uns pelos outros e ser o melhor amigo de Marianne e seu suposto parceiro sexual elevou Connell ao estatuto de rico-adjacente: alguém para quem organizam festas de aniversário surpresa e para quem arranjam empregos confortáveis surgidos do nada.

Antes do final do período teve de fazer uma apresentação à turma sobre a *Morte de D'Arthur* e, enquanto falava, as mãos tremiam-lhe e não conseguia levantar os olhos das folhas impressas para ver se alguém estava de facto a ouvir. A voz fraquejou-lhe diversas vezes e teve a sensação de que, se não estivesse sentado, teria caído ao chão. Só mais tarde descobriu que aquela apresentação havia sido considerada excelente. Um dos colegas chegou ao ponto de lhe chamar «um génio», cara a cara, num tom de voz desdenhoso, como se os génios fossem pessoas ligeiramente desprezíveis. De uma forma geral, os alunos do seu ano reconhecem que Connell obteve a nota mais alta em todos os módulos exceto num, e ele descobre que gosta de ser considerado inteligente, quanto mais não seja por isso tornar as suas interações com os outros mais legíveis. Quando alguém se esforça por recordar o nome de um livro ou de um autor, agrada-lhe ser capaz de o dizer prontamente, não a exhibir-se, mas simplesmente a recordar-se. Fica satisfeito quando Marianne diz aos amigos — filhos de juizes e de ministros do governo, que frequentaram colégios extraordinariamente caros — que Connell é a pessoa mais inteligente que «alguma vez irão conhecer».

E tu, Connell?, pergunta Peggy.

Ele não estava a ouvir, e tudo que consegue responder é: O quê?

Sentes-te tentado pela ideia de múltiplos parceiros?

Ele olha-a. Peggy tem uma expressão surpreendida.

Bem, responde ele, não sei. O que queres dizer?

Ter um harém não faz parte das tuas fantasias?, pergunta Peggy. Pensei que isso era universal para os homens.

Ah, estou a ver. Para dizer a verdade, não.

Então só duas pessoas, diz Peggy.

Queres dizer duas mulheres?

Peggy olha para Marianne e solta uma risadinha travessa. Marianne continua a beber água calmamente.

Se quiseres, nós podemos fazer isso, diz Peggy.

Espera lá, desculpa, diz Connell. Podemos fazer o quê?

Bem, como quiseres chamar-lhe. Um trio, ou lá o que é.

Ah, diz ele. E ri-se da sua própria estupidez. Certo, diz. Certo, desculpa. Dobra de novo o rótulo, sem saber que outra coisa fazer. Não percebi, acrescenta. Não pode fazer isso. Não se sente indeciso quanto à questão de gostar ou não de o fazer, na realidade, não pode fazê-lo. Por qualquer razão que não consegue explicar a si mesmo,



pensa que talvez pudesse fornicar com Peggy à frente de Marianne, embora isso o pusesse pouco à vontade e não fosse necessariamente agradável. Mas tem a certeza imediata de que não poderia fazer fosse o que fosse com Marianne enquanto Peggy, qualquer outra amiga dela, ou fosse quem fosse, observasse. Só de pensar nisso, fica envergonhado e confuso. É uma coisa que não compreende em si mesmo. Se a privacidade entre ele e Marianne fosse invadida por Peggy, ou por qualquer outra pessoa, isso iria destruir qualquer coisa dentro dele, uma parte da sua identidade, que parece não ter nome e que nunca tentou identificar. Dobra o rótulo húmido mais uma vez, de modo que este fica muito pequeno e compacto. Hm, diz.

Ah, não, diz Marianne. Sou demasiado envergonhada. Ia morrer.

A sério? Peggy diz isto numa voz divertida e interessada, como se falar da vergonha da Marianne a fizesse sentir-se tão feliz como praticar sexo em grupo. Connell tenta não mostrar que se sente aliviado.

Tenho todo o tipo de inibições, diz Marianne. Sou muito neurótica.

Peggy elogia a aparência de Marianne da forma feminina habitual e pergunta como o que têm que ver as suas inibições.

Marianne belisca o lábio inferior e responde: Bem, não sinto que seja possível alguém amar-me. Penso que há em mim qualquer coisa impossível de amar... uma frieza, que torna difícil gostar de mim. Faz um gesto no ar com uma das mãos longas e finas, como se estivesse apenas a aproximar-se do que quer dizer, sem conseguir captá-lo completamente.

Não acredito, diz Peggy. Ela é fria contigo?

Connell tosse e responde: Não.

Peggy e Marianne continuam a falar e ele faz rolar o rótulo dobrado entre os dedos, a sentir-se ansioso.

Nessa semana, Marianne foi passar uns dias a Carricklea e, quando voltou a Dublin, na véspera à noite, parecia calma. Ficaram em casa a ver na televisão *Os Chapéus de Chuva de Cherburgo*. No final, Marianne chorou, mas desviou o rosto para não parecer que estava a chorar. Isso inquietou Connell. O filme tinha um final triste, mas ele não via que houvesse motivo para chorar. Estás bem?, perguntou. Ela fez que sim com a cabeça, com o rosto voltado para o outro lado, de tal forma que ele viu um tendão branco no seu pescoço a fazer pressão para fora.

Então?, insistiu. Há algum problema?

Ela abanou a cabeça, sem se virar. Connell foi fazer-lhe uma chávena de chá e, quando lho levou, ela tinha parado de chorar. Tocou-lhe no cabelo e ela fez um sorriso débil. A personagem do filme tinha engravidado inesperadamente, e ele tentou recordar-se de quando tivera Marianne o período pela última vez. Quanto mais pensava no assunto, há mais tempo lhe parecia ter sido. Por fim, em pânico, perguntou: Ouve lá, não estás grávida, pois não? Ela riu, o que o acalmou.

Não, respondeu. O período veio-me esta manhã.

Pronto. Isso é ótimo.

O que fazias se estivesse?

Ele sorriu, e inspirou pela boca. Depende do que tu quisesse fazer, respondeu. Confesso que cairia na ligeira tentação de ter o bebé. Mas não te preocupes, não te faria isso.

A sério? Qual seria a tentação? Desculpa se é insensível perguntar isto.

Não sei, respondeu ela. Num certo aspeto, agrada-me a ideia de me acontecer uma coisa tão dramática. Gostaria de baralhar as expectativas das pessoas. Achas que seria uma má mãe?

Não, claro que serias uma mãe excelente. És excelente em tudo o que fazes.

Ela sorriu. Tu não terias de ficar envolvido.

Enfim, iria apoiar-te, fosse o que fosse que decidisses.

Não sabia porque estava a dizer que iria apoiá-la, uma vez que praticamente não tinha meios para o fazer nem perspectivas de os vir a ter. Era como se isso fosse o que se impunha dizer. A verdade é que nunca pensara no assunto. Marianne parecia o tipo de pessoa íntegra, que se ocuparia ela própria de tudo e, quando muito, ele teria de ir com ela no avião.

Imagina o que iriam dizer em Carricklea, disse ela.

Ah, sim. A Lorraine nunca iria perdoar-me.

Marianne ergueu os olhos rapidamente e perguntou: Porquê, ela não gosta de mim?

Não é isso, ela adora-te. Digo que não me iria perdoar por te fazer isso. Ela gosta imenso de ti, não te preocupes. Sabes isso. Acha que és boa de mais para mim.

Marianne sorriu de novo e depois tocou-lhe no rosto com a mão. Ele gostou desse gesto, por isso, aproximou-se mais dela e acariciou-lhe a pele pálida da parte inferior do pulso.

E a tua família?, perguntou Connell. Acho que também nunca iriam perdoar-me.

Ela encolheu os ombros e voltou a deixar cair a mão no colo.

Eles sabem que andamos um com o outro?

Marianne abanou a cabeça. Desviou o olhar e encostou a mão à face.

Não que tenhas de lhes contar, disse ele. De qualquer modo, talvez não gostem de mim. Provavelmente querem que andes com um médico, um advogado ou qualquer coisa assim, não?

Não me parece que se preocupem muito com o que eu faço.

Por uns momentos ela cobriu o rosto com as mãos espalmadas e, em seguida, esfregou o nariz com brusquidão e espirrou. Connell sabia que ela tinha uma relação tensa com a família. A primeira vez que se apercebera disso ainda estavam na escola, e não lhe pareceu invulgar, porque nesse tempo Marianne tinha relações tensas com toda a gente. Alan, o irmão, era uns anos mais velho, e tinha aquilo a que Lorraine chamava uma «personalidade fraca». Era difícil imaginá-lo a manter-se firme num conflito com Marianne. Mas agora são ambos adultos e ela quase nunca vai a casa, ou vai e volta distraída e taciturna, a dizer que tinha tornado a ter uma briga com a família, e sem querer falar disso.

Tiveste outro desentendimento com eles, não foi?, perguntou Connell.

Ela fez um aceno afirmativo. Eles não gostam muito de mim, respondeu.

Sei que deves ter essa sensação. Mas, no fundo, são a tua família e adoram-te.

Marianne não respondeu. Não fez que sim nem que não com a cabeça, apenas continuou ali sentada. Pouco depois foram para a cama. Ela estava com câibras e disse que terem relações talvez a magoasse, e por isso ele masturbou-a até ela se vir. Depois ficou de bom humor, a soltar gemidos deliciosos e a dizer: Meu Deus, foi tão bom. Ele saiu da cama e foi lavar as mãos à casa de banho contígua, uma pequena divisão revestida de azulejos cor-de-rosa, com uma planta num vaso a um canto e pequenos botes de creme e perfumes por toda a parte. A passar as mãos por água debaixo da torneira, perguntou a Marianne se estava a sentir-se melhor. E da cama ela respondeu: Sinto-me maravilhosamente, obrigada. Ao olhar-se no espelho, ele reparou que tinha um pouco de sangue no lábio inferior. Devia ter-lhe roçado a mão sem querer. Esfregou-o com os nós dos dedos molhados, e do quarto Marianne disse: Imagina como eu vou ser azeda quando conheceres outra pessoa e te apaixonares. É frequente dizer graças deste género. Connell secou as mãos e desligou a luz da casa de banho.

Não sei, respondeu. Do meu ponto de vista, o acordo que temos é muito agradável. Bem, eu faço o possível.

Voltou para a cama, deitou-se ao lado dela e beijou-a na face. Depois de ver o filme, ela estava triste, mas agora estava feliz. Connell tinha o poder de a fazer feliz. Era uma coisa que lhe podia dar, como dinheiro ou sexo. Com outras pessoas, parecia muito independente e distante, mas com Connell era uma pessoa diferente. Ele era o único que a conhecia assim.

Por fim, Peggy acaba o vinho e vai-se embora. Connell fica sentado à mesa enquanto Marianne a acompanha à saída. A porta da rua fecha-se e ela regressa à cozinha. Lava o copo de água e deixa-o voltado ao contrário no escorredor da loiça. Connell está à espera de que ela olhe para ele.

Salvaste-me a vida, diz ele.

Ela volta-se, a sorrir e a descer as mangas arregaçadas.

Eu também não teria gostado, diz ela. Tê-lo-ia feito se tu quisesses, mas percebi que não querias.

Ele olha-a. E continua a olhá-la até ela perguntar: O que é?

Não devias fazer coisas que não queres.

Não era isso que queria dizer.

Ergue as mãos, como se o assunto fosse irrelevante, e ele percebe que o é. Tenta suavizar a sua maneira de falar, uma vez que, de qualquer modo, não está aborrecido com ela.

Olha, foi uma boa intervenção da tua parte, diz. Estás muito atenta às minhas preferências.

Tento estar.

Sim, estás. Vem cá.

Ela aproxima-se, senta-se ao seu lado e toca-lhe na face. De súbito, ele tem a terrível sensação de que poderia bater-lhe no rosto, com toda a força, e de que ela continuaria ali sentada a deixar que o fizesse. A ideia assusta-o a tal ponto que puxa a cadeira para trás e levanta-se. Tem as mãos a tremer. Não sabe porque pensou naquilo.

Talvez tenha vontade de o fazer. Mas isso fá-lo sentir-se mal.

O que se passa?, pergunta ela.

Ele sente um formigueiro nos dedos e não consegue respirar como deve ser.

Não sei, responde. Não sei, desculpa.

Fiz alguma coisa?

Não, não. Desculpa. Tive uma... Sinto-me esquisito. Não sei.

Ela não se põe de pé. Mas, se ele lhe pedisse que se levantasse, ela fá-lo-ia. Agora Connell sente o coração acelerado e a cabeça à roda.

Sentes-te mal?, pergunta ela. Estás tão pálido.

Ouve, Marianne. Tu não és fria, sabes? Não és nada assim.

Ela fita-o com um olhar estranho, de rosto franzido. Bem, talvez «fria» fosse a palavra errada, diz ela. Mas não importa.

E não é difícil gostar de ti, sabes? Toda a gente gosta de ti.

Não me expliquei bem. Não penses mais nisso.

Ele faz um aceno de assentimento. Continua a não conseguir respirar normalmente. O que querias dizer?, pergunta. Agora Marianne está a olhar para ele e, finalmente, levanta-se. Estás terrivelmente pálido. Sentes-te a desmaiar? Ele responde que não. Ela pega-lhe na mão e diz-lhe que está húmida. Ele concorda, a respirar com dificuldade. Baixinho, Marianne diz: Lamento muito se fiz alguma coisa que te perturbou. Ele solta uma gargalhada forçada e retira a mão. Não, tive uma sensação estranha, diz. Não sei o que foi. Agora já estou bem.

<sup>3</sup> A RTÉ ou Radió Teifilís Éireann — Rádio-Televisão Irlandesa — é o serviço público de televisão, rádio e Internet da Irlanda.

Três Meses mais tarde  
(Julho de 2012)

Marianne está no supermercado, a ler a parte de trás de um boião de iogurte. Na outra mão tem o telemóvel, e está a ouvir Joanna contar-lhe uma história sobre o seu trabalho. Quando Joanna começa a contar uma história assim, esta pode tornar-se um monólogo prolongado, pelo que Marianne não se preocupa por desviar a atenção da conversa durante uns segundos para ler o boião de iogurte. Lá fora está uma temperatura agradável, ela tem vestidas uma blusa e uma saia leves, e a temperatura do corredor da refrigeração arrefia-lhe a pele dos braços. A única razão para ter vindo ao supermercado é não querer estar em casa com a família, e em Carricklea não há muitos locais onde uma pessoa sozinha possa passar despercebida. Não pode ir tomar um copo nem beber um café à Main Street sem companhia. Mesmo o supermercado vai deixar de ser útil quando as pessoas repararem que não está propriamente a fazer compras, ou quando vir alguém conhecido e tiver de fazer conversa.

O escritório está meio vazio, e não há quase nada para fazer, diz Joanna. Mas não me importo, porque continuam a pagar-me.

Como Joanna agora tem um emprego, a maioria das conversas delas são ao telemóvel, embora vivam ambas em Dublin. Marianne só foi passar o fim de semana a casa, mas essa é a única altura em que Joanna está disponível. Ao telemóvel, é frequente descrever o escritório, as diversas personagens que lá trabalham, os dramas que ocorrem entre elas, e é como se fosse cidadã de um país que Marianne nunca visitou, o país do trabalho remunerado. Volta a pôr o iogurte no armário frigorífico e pergunta a Joanna se acha estranho ser paga pelas horas que passa no emprego — ou seja, por trocar blocos do seu tempo extremamente limitado neste mundo pela invenção humana conhecida por dinheiro.

É tempo que nunca irás recuperar, acrescenta. E o tempo é real.

O dinheiro também é real.

Mas o tempo é mais real. O tempo tem que ver com a física e o dinheiro é apenas uma construção social.

Sim, continuo viva no emprego, diz Joanna. Continuo a ser eu e a ter experiências. Tu não trabalhas, mas o tempo também passa para ti. E nunca podes fazê-lo andar para

trás.  
Mas posso decidir como utilizá-lo.  
A isso respondo que essa tua decisão também é uma construção social.  
Marianne ri. Sai da zona da refrigeração e dirige-se aos aperitivos.  
Não acredito na moralidade do trabalho, diz ela. Talvez de algum trabalho, mas tu só fazes circular papéis pelo escritório, sem contribuir para o esforço humano.  
Não falei de moralidade.  
Marianne pega numa embalagem de frutos secos e examina-a, mas, como contém passas, volta a pô-la no sítio e pega noutra.  
Pensas que eu te julgo por seres tão ociosa?, pergunta Joanna.  
No fundo, penso que sim. Julgas a Peggy.  
A Peggy tem uma mente ociosa, o que é diferente.  
Marianne dá um estalo com a língua, como que a criticar Joanna pela sua crueldade, mas sem grande convicção. Está a ler o verso de uma embalagem de maçã seca.  
Não quero que fiques como a Peggy, diz Joanna. Gosto de ti como és.  
Mas a Peggy não é tão má quanto isso. Estou no supermercado e vou para a caixa, por isso tenho de desligar.  
Está bem. Se te apetecer falar, podes ligar amanhã depois dessa coisa.  
Obrigada, agradece Marianne. És uma boa amiga. Adeus.  
Marianne dirige-se à caixa com as maçãs secas e, pelo caminho, pega numa garrafa de chá frio. Quando chega à fila de máquinas *self-service*, vê Lorraine a esvaziar um cesto com diversos produtos. Quando vê Marianne, esta pára e cumprimenta-a: Olá!  
Marianne aperta os frutos secos contra o peito e responde-lhe com outro olá.  
Como tens passado?, pergunta Lorraine.  
Bem, obrigada. E a Lorraine?  
O Connell disse-me que és a melhor da turma. Que ganhas prémios e essas coisas. Claro que isso não me surpreende.  
Marianne faz um sorriso infantil, que lhe deixa as gengivas à mostra. Aperta a embalagem de frutos secos, sente-a estalar sob a sua mão húmida e olha para a máquina. As luzes do supermercado são de um branco deslavado, e ela não tem maquilhagem.  
Ah. Não é nada de especial.  
Como seria de esperar, Connell aparece. Leva uma embalagem com seis pacotes de batatas fritas, sabor a sal e vinagre. Tem uma *T-shirt* branca e uma dessas calças de fato de treino com tiras aos lados. Agora os ombros dele parecem mais largos. E olha para ela. Esteve todo o tempo no supermercado, e talvez até a tenha visto no corredor da refrigeração e tenha passado rapidamente para evitar cruzar os olhos com os seus. E é possível que a tenha ouvido falar ao telemóvel.  
Olá, diz Marianne.  
Ah, olá. Não sabia que estavas por cá.  
Olha para a mãe, depois passa as batatas fritas na máquina e põe-nas com as outras embalagens para arrumar. A sua surpresa ao ver Marianne ou, pelo menos, a sua

relutância em olhar ou falar com ela parecem autênticas.

Ouvi dizer que eras muito popular em Dublin, diz Lorraine. Estás a ver, agora sei todos os mexericos de Trinity.

Connell não ergue os olhos. Está a passar os outros artigos do carrinho: um pacote de saquetas de chá, um pão de forma fatiado.

Tenho a certeza de que o seu filho só está a ser simpático, diz Marianne. Pega na carteira e paga os artigos que comprou e que custam três euros e oitenta e nove. Connell e a mãe estão a arrumar as compras em sacos de plástico reutilizáveis.

Podemos dar-te boleia para casa?, propõe Lorraine.

Ah, não, responde Marianne. Vou a pé. Mas obrigada.

A pé!, exclama Lorraine. Até Blackfort Road? Nem pensar. Damos-te boleia.

Connell pega nos dois sacos de plástico e, com um gesto de cabeça, aponta para a porta.

Anda lá, diz.

Marianne não o vê desde maio. Ele voltou para casa depois dos exames e ela ficou em Dublin. Ele disse que queria ver outras pessoas e ela respondeu: Está bem. Agora, uma vez que nunca foi propriamente a sua namorada, nem sequer é a sua ex-namorada. Não é nada. Entram os três para o carro, Marianne senta-se atrás, enquanto Connell e Lorraine têm uma conversa sobre alguém que conhecem e que morreu, mas, como se trata de uma pessoa idosa, não é assim tão triste quanto isso. Marianne olha pela janela.

Estou encantada por te termos encontrado, diz Lorraine. É ótimo ver-te com tão bom aspeto.

Muito obrigada.

Quanto tempo vais ficar por cá?

Vim só passar o fim de semana, responde Marianne.

Por fim, Connell põe o pisca à entrada da urbanização de Foxfield e estaciona à porta de casa. Lorraine sai. Pelo retrovisor, Connell deita uma olhadela a Marianne e diz: Queres passar para a frente? Não sou taxista. Sem dizer palavra, Marianne obedece. Lorraine abre a bagageira e Connell vira-se no assento e diz-lhe: Deixa os sacos. Eu levo-os quando voltar. Ela ergue as mãos num gesto de rendição, fecha a bagageira e despede-se deles com um aceno.

É um trajeto curto de casa de Connell à de Marianne. Ele vira à esquerda para sair da urbanização e segue para a rotunda. Poucos meses atrás, ele e Marianne ficavam até pé toda a noite a conversar e a fazer sexo. De manhã, ele destapava-a e punha-se em cima dela com aquela expressão sorridente de quem diz: Ora então, bom dia. Eram os melhores amigos. Quando ela lhe perguntava quem era o seu melhor amigo, Connell respondia: És tu. Depois, no fim de maio, ele disse-lhe que ia passar o verão a casa.

Como vão as coisas?, pergunta ele.

Tudo ótimo, obrigada. E tu, como estás?

Estou bem.

Mete uma mudança com um gesto de mão dominador.

Ainda estás a trabalhar na estação de serviço?, pergunta ela.

Não, não. Referes-te àquela onde trabalhava antes? Essa agora já fechou.

Ah, sim?

Sim, diz ele. Não, estou a trabalhar no Bistro. A tua mãe esteve lá ontem à noite com o... Com o namorado dela, ou lá o que é.

Marianne faz que sim com a cabeça. Agora vão a passar pelo campo de futebol. Uma fina cortina de chuva começa a cair no para-brisas, e Connell liga os limpa-para-brisas que, ao rasparem o vidro de um lado para o outro, imprimem um ritmo mecânico à viagem.

Na primavera, quando Connell foi a casa para a Semana de Leitura, pediu a Marianne que lhe mandasse fotografias dela nua. Claro que as apago quando quiseres, disse ele. Podes controlar. Isso sugeriu a Marianne todo um ritual erótico de que nunca ouvira falar. Porque havia de querer que as apagasses?, perguntou. Estavam a falar ao telemóvel, Connell em casa, em Foxfield, e Marianne deitada na cama em Merrion Square. Ele explicou-lhe sucintamente a política das fotografias de nus: não as mostrar a ninguém, apagá-las a pedido, e por aí adiante.

Recebes fotografias dessas de uma data de raparigas?, perguntou ela.

Bem, agora não tenho nenhuma. A verdade é que nunca as pedi, mas às vezes recebo-as.

Marianne perguntou-lhe se lhe retribuiria com fotografias dele, E Connell respondeu com um «hm».

Não sei, acrescentou. Queres mesmo uma fotografia da minha pila?

Ela sentiu o interior da boca húmido, o que lhe pareceu cómico.

Quero, respondeu. Mas, se me mandasses uma, nunca a iria apagar, por isso, o melhor é não mandares.

Nessa altura, ele riu-se. Não quero saber se a apagas ou não.

Ela descruzou os tornozelos e disse: Vou levá-la para a sepultura. Tipo, vou olhar para ela todos os dias até morrer.

Então ele riu a bom rir. Olha, Marianne, não sou religioso, mas às vezes penso que Deus te fez para mim.

Através da mancha da chuva, o centro desportivo passou a brilhar pela janela do lado do condutor. Connell olha de novo para Marianne, e volta a pôr os olhos na estrada

E agora andas com esse tipo, o Jamie, não é?, pergunta ele. Foi o que ouvi dizer.

Sim.

Ele não tem mau aspeto.

Pois não. Obrigada.

Ela e Jamie andam juntos há umas semanas. Ele tem certas inclinações. Partilham certas tendências. Por vezes, a meio do dia, Marianne recorda-se de qualquer coisa que Jamie lhe disse ou fez, e toda a sua energia a abandona por completo, pelo que o seu corpo fica a parecer uma carcaça, qualquer coisa imensamente pesada e horrorosa que tem de transportar de um lado para o outro.



Sim, diz Connell. Uma vez derrotei-o num jogo de bilhar. Provavelmente não te lembraras.

Lembro-me.

Connell faz um aceno de cabeça e acrescenta: Ele sempre gostou de ti.

Pelo para-brisas, Marianne olha para o carro que segue à frente. É verdade, Jamie sempre gostou dela. Uma vez mandou-lhe uma mensagem a sugerir que as intenções de Connell a seu respeito não eram sérias. Ela mostrou-a a Connell e riram sobre o assunto. Na altura, estavam juntos na cama, com o rosto de Connell iluminado pelo ecrã do telemóvel. Devias andar com alguém que te tomasse a sério, dizia a mensagem.

E tu, andas com alguém?, pergunta ela.

Não propriamente. Nada de sério.

Vejo que optaste pela vida de solteiro.

Tu conheces-me.

Conhecia-te.

Ele franze o sobrolho.

Isso é um bocado filosófico. Não mudei muito nos últimos meses.

Eu também não. Para dizer a verdade, não mudei nada.

Uma noite, em maio, Sophie, a amiga de Marianne, deu uma festa para celebrar o fim dos exames. Os pais dela estavam na Sicília ou em qualquer sítio do género. Nessa altura, Connell ainda tinha um exame para fazer, mas, como isso não o preocupava, também apareceu. Todos os amigos deles lá estavam, em parte porque Sophie tinha uma piscina aquecida na cave. Passaram quase toda a noite de fato de banho, a entrar e a sair da água, a beber e a conversar. Marianne estava sentada à parte, a beber vinho por um copo de plástico, enquanto alguns faziam um jogo na piscina, que parecia consistir em se porem às cavalitas de outros e tentarem derrubar os adversários para a água. Sophie pôs-se aos ombros de Connell para uma segunda partida, e disse com um ar apreciativo: Tens um belo tronco. Ligeiramente embriagada e por instantes dominada por uma estanha sensação de nostalgia, Marianne admirava Sophie e Connell, ele com as mãos nas canelas lisas e morenas dela. Nessa altura, Sophie olhou para ela.

Não precisas de te preocupar, Marianne, gritou. Não vou roubar-to.

Marianne pensou que Connell desviaria o olhar para a água, a fingir que não ouvia, mas, em vez disso, voltou a cabeça e olhou para ela e disse a sorrir:

Ela não está preocupada.

Marianne ficou sem saber o que aquilo queria dizer, mas sorriu, e nesse momento o jogo começou. Sentia-se feliz por estar rodeada por pessoas de quem gostava e que gostavam dela. Sabia que, se quisesse falar, era provável que todos se voltassem para escutar, sinceramente interessados, o que também a tornava feliz, embora não tivesse absolutamente nada para dizer.

Depois de o jogo acabar, Connell aproximou-se dela e ficou de pé dentro da piscina, no sítio onde as pernas dela baloiçavam. Ela baixou os olhos, fitou-o com um

caro afável, e disse: Estava a admirar-te. Ele afastou da testa o cabelo preto, molhado, e respondeu: Estás sempre a admirar-me. Ela deu-lhe um pontapé ao de leve e Connell rodeou-lhe o tornozelo com a mão e acariciou-o com os dedos. Tu e a Sophie fazem uma equipa atlética, disse Marianne. Ele continuou a acariciar-lhe a perna debaixo de água. A sensação era muito agradável. Os outros chamaram-no para a zona mais funda, pois queriam fazer outro jogo. Joguem sem mim, disse ele. Vou fazer uma pausa. Depois saltou para o lado dela, na beira da piscina. O seu corpo molhado cintilava. Assentou a mão nos ladrilhos para se firmar.

Vem para aqui, disse.

Rodeou-lhe a cintura com o braço. Até então, nunca lhe tocara em frente de ninguém. Nunca os amigos deles, nem ninguém, os tinham visto assim juntos. Na piscina, os outros continuavam a chapinhar e a gritar.

Isto é agradável, disse ela. Ele virou a cabeça e beijou-lhe o ombro nu. Marianne ri de novo, agradavelmente surpreendida. Ele voltou a fitar a água e, em seguida, olhou para ela e disse:

Agora estás feliz. Estás a sorrir.

Tens razão, estou feliz.

Ele fez um aceno de cabeça em direção à piscina, onde Peggy tinha acabado de cair à água e todos riam.

A vida é assim?, perguntou Connell.

Marianne examinou-lhe o rosto, mas não percebeu se tinha uma expressão divertida ou triste. O que queres dizer?, perguntou. Mas ele limitou-se a encolher os ombros. Uns dias mais tarde, disse-lhe que não ia ficar em Dublin no verão.

Não me disseste que estavas cá, diz Connell agora.

Marianne faz um lento aceno de cabeça, como se pensasse no assunto e só agora lhe ocorresse que de facto não lhe tinha dito que estava em Carricklea, e como se essa ideia fosse interessante.

Então, já não somos amigos?, pergunta ele.

Claro que somos.

Quase nunca respondes às minhas mensagens.

É indubitável que ela anda a ignorá-lo. Teve de contar às pessoas o que se passara entre eles, que Connell tinha acabado com ela e se tinha ido embora, e isso humilhava-a. Fora ela a apresentar Connell a todos, a dizer-lhes que ele era uma excelente companhia, como era sensível e inteligente, e ele recompensara-a ficando em casa dela quase todas as noites durante três meses, a beber a cerveja que ela lhe comprara, até depois, abruptamente, a deixar cair. Isso fazia-a parecer uma palerma. Claro que Peggy se fartou de rir, a dizer que os homens eram todos iguais. Joanna não pareceu achar a situação minimamente divertida, mas intrigante e triste. Estava sempre a perguntar o que cada um deles, especificamente, dissera quando tinham rompido, e depois ficava em silêncio, como se revisse a cena em pensamento e tentasse compreendê-la.

Joanna quis saber se Connell estava a par de como era a família de Marianne. Toda a gente em Carricklea se conhece, respondeu Marianne. Joanna abanou a cabeça e

insistiu: Mas o Connell faz ideia de como eles são? Marianne não foi capaz de responder a isso. Sente que nem ela sabe como é a sua família, que nunca consegue descrevê-la como deve ser, que oscila entre exagerar o seu comportamento, o que a faz sentir-se culpada, ou banalizá-la, o que também a faz sentir-se culpada, mas com uma culpa diferente, mais dirigida para o interior. Joanna está convencida de que sabe como é a família de Marianne, mas como pode ela, como pode qualquer pessoa saber, se a própria Marianne não sabe? Claro que Connell também não sabe. Ele é um indivíduo equilibrado, criado num ambiente carinhoso. Ele pensa o melhor de toda a gente e não sabe nada.

Pensei que pelo menos me enviarias uma mensagem a dizer que vinhas a Carriclea, diz ele. É estranho topar contigo sem saber que estavas cá.

Nesse momento, ela lembra-se de ter deixado um frasco de bebida no carro de Connell em abril, no dia em que foram a Howth, e de nunca o ter recuperado. Talvez ainda esteja no porta-luvas. Deita-lhe uma olhadela, mas não lhe parece que o consiga abrir, pois ele iria perguntar o que estava a fazer, e ela teria de mencionar a viagem a Howth. Nesse dia, tinham ido à praia; estacionaram o carro algures, onde não os podiam ver, e fizeram sexo no banco de trás. Seria um descaramento recordar-lhe essa ocasião, agora que estavam outra vez juntos no carro, embora gostasse de recuperar o frasco, ou talvez isso não tenha que ver com o frasco, talvez ela só queira recordar-lhe que tinha fornicado com ela no banco traseiro do carro onde agora estão sentados; sabe que isso o faria corar, e talvez o queira obrigar a corar como uma manifestação de poder sádica, por isso não diz nada.

De qualquer modo, o que estás a fazer na vila?, pergunta ele. Só vieste visitar a família?

É a missa do aniversário da morte do meu pai.

Ah, diz ele. Deita-lhe uma olhadela e volta a olhar para o para-brisas. Desculpa, acrescenta. Não me dei conta. Quando é, amanhã de manhã?

Ela faz um aceno afirmativo. Às dez e meia, respondeu.

Desculpa, Marianne. Foi estúpido da minha parte.

Não faz mal. A verdade é que não me apetecia vir a casa por causa disto, mas a minha mãe insistiu. Não sou muito de missas.

Pois não, concorda Connell.

Ele tosse. Ela olha para o para-brisas. Agora estão no cimo da rua dela. Marianne e Connell nunca falaram muito do pai dela, e do dele também não.

Queres que eu vá?, pergunta Connell. Claro que, se não me quiseses lá, não vou. Mas não me importo de ir, se quiseses.

Ela olha-o, e sente o corpo enfraquecer.

Obrigada por te ofereceres, agradece ela. É simpático da tua parte.

Não me importo.

Não precisas de o fazer.

Não é incómodo nenhum, insiste ele. Para ser franco, gostava de ir.

Põe o pisca e estaciona no caminho de acesso à casa dela. O carro da mãe dela não se encontra à vista, ela não está em casa. A enorme fachada branca do edifício lança-

lhês um olhar furibundo. Qualquer coisa na disposição das janelas confere à casa de Marianne uma expressão reprovadora. Connell desliga o motor.

Desculpa não responder às tuas mensagens, diz Marianne. Foi infantil.

Não faz mal. Olha, se não quiseres que continuemos amigos, não é obrigatório.

Claro que quero que continuemos amigos.

Ele faz um aceno de assentimento e bate com os dedos no volante. O corpo dele é grande e suave como o de um labrador. Ela tem vontade de lhe contar coisas. Mas agora é demasiado tarde e, de qualquer modo, nunca foi benéfico para ela contar coisas a ninguém.

Muito bem, diz Connell. Então vemo-nos amanhã de manhã na igreja, não é?

Ela não responde. Queres entrar um bocado?, pergunta. Podemos tomar um chá, ou coisa assim.

Bem gostava, mas tenho gelado na bagageira.

Marianne olha em redor, lembra-se dos sacos de compras e de súbito sente-se desorientada.

A Lorraine matava-me, diz ele.

Está bem. Claro.

Sai do carro. Ele faz-lhe um aceno pela janela. Na manhã seguinte, acabará por aparecer com uma camisola azul-marinho e uma camisa Oxford, branca, com um ar tão inocente como um cordeirinho, e depois da missa ficará com ela no vestíbulo, sem dizer grande coisa, mas cruzando o olhar com o dela como que a dar-lhe apoio. Trocarão sorrisos, sorrisos aliviados. E voltarão a ser amigos.

Seis Semanas mais tarde  
(Setembro de 2012)

Ele chega atrasado ao encontro. O autocarro ficou preso num engarrafamento, porque havia uma manifestação na cidade e agora está oito minutos atrasado e não sabe onde é o café. É a primeira vez que se encontra com Marianne para irem tomar café. Faz um calor desagradável, excessivo para aquela época do ano. Encontra o café na Capel Street e passa pela caixa, em direção à porta das traseiras, a olhar para o telemóvel. São três horas e nove minutos. Para lá da porta, Marianne está sentada no exterior, no jardim, onde é permitido fumar, já a beber o seu café. Não há lá mais ninguém, o local está tranquilo. Ela não se levanta quando o vê.

Desculpa, estou atrasado, diz ele. Havia uma manifestação qualquer, e o autocarro demorou mais.

Senta-se à frente dela. Ainda não pediu nada.

Não te preocupes, diz ela. Que manifestação era? Não tinha que ver com o aborto, pois não?

Ele sente-se envergonhado por não ter reparado.

Não me parece, responde. O imposto predial, ou coisa assim.

Bem, desejo-lhes boa sorte. Que a revolução seja rápida e brutal.

Não a vê desde julho, quando ela foi a casa para assistir à missa pelo pai. Tem os lábios pálidos e ligeiramente gretados, e olheiras escuras. Embora lhe dê prazer achá-la com bom aspeto, sente uma afinidade especial com ela quando a vê com um ar adoentado, ou com problemas de pele, como quando alguém que em geral é muito bom em desporto tem um desempenho fraco. De certo modo, isso fá-la parecer mais bonita. Veste uma blusa preta muito elegante, tem os pulsos esguios e brancos, e o cabelo num rolo pouco apertado na nuca.

Sim, diz ele, para ser franco, teria mais energia para protestar se fosse mais para o violento.

Queres ser espancado pela Gardaí<sup>4</sup>.

Há coisas piores do que ser espancado.

Quando ele diz isto, Marianne está a beber um golinho de café e detém-se por instantes com a chávena junto dos lábios. Ele deteta essa pausa, embora não saiba

identificá-la e distingui-la do movimento natural de beber. Depois, ela volta a colocar a chávena no pires.

Estou de acordo.

O que quer isso dizer?

Que concordo contigo.

Foste há pouco tempo atacada pela guarda, ou houve alguma coisa que me escapou?

Ela deita um pouco mais de açúcar do pacote na chávena e mexe-o. Por fim, ergue os olhos para ele, como que a recordar-se de que está ali sentado.

Não vais beber café?, pergunta-lhe.

Ele faz um aceno afirmativo. Ainda se sente um pouco ofegante devido à caminhada desde o autocarro, um pouco encalorado com a roupa que veste. Levanta-se da mesa e volta à sala principal. Aí o ambiente está fresco e muito mais sombrio. Uma mulher com batom vermelho recebe o seu pedido e diz que o irá servir de imediato.

Até abril, Connell fez planos de trabalhar em Dublin durante o verão e de pagar a renda com o salário, mas, uma semana antes dos exames, o patrão disse-lhe que lhe iam reduzir as horas. Mesmo assim, conseguia pagar a renda, mas não lhe restava nada para viver. Sempre soubera que o restaurante iria fechar, e ficou furioso consigo mesmo por não ter procurado trabalho noutro lado. Durante semanas, pensou constantemente no assunto e acabou por decidir que teria de sair de Dublin no verão. Niall foi muito simpático e disse que o quarto ainda estaria à espera dele em setembro e todas essas coisas. E tu e a Marianne?, perguntou Niall. E Connell respondeu: Não sei. Ainda não lhe disse.

A realidade é que ficava na casa de Marianne quase todas as noites. Podia pô-la a par da situação e perguntar se podia ficar na casa dela até setembro. Sabia que ela diria que sim. Pensava que ela diria que sim, era difícil imaginá-la a recusar. Mas adiou a conversa, assim como a resposta à pergunta de Niall sobre o assunto, planeando falar disso com ela e não o fazendo no último minuto. Tinha a sensação de que era como se estivesse a pedir-lhe dinheiro. Ele e Marianne nunca falavam de dinheiro. Por exemplo, nunca tinham mencionado o facto de a mãe dela pagar à mãe dele para lhe esfregar o soalho e estender a roupa, ou de esse dinheiro circular indiretamente para Connell, que, na maioria dos casos, o gastava com Marianne. Detestava ter de pensar em coisas desse género. Sabia que Marianne nunca o fazia. Passava o tempo a pagar-lhe isto e aquilo, o jantar, bilhetes para o teatro, coisas que lhe comprava e, no mesmo instante, esquecia para sempre.

Uma noite, quando os exames estavam a acabar, foram a uma festa em casa de Sophie Whelan. Connell sabia que finalmente iria ter de dizer a Marianne que ia sair de casa de Niall, e que teria de lhe perguntar, com toda a franqueza, se podia ficar em casa dela. Passaram a maior parte da noite na piscina, mergulhados na gravidade enfeitiçante da água morna. Ficou a ver Marianne a chapinhar, com o seu fato de banho vermelho sem alças. Uma madeixa de cabelo molhado tinha-se soltado do rabo-de-cavalo e brilhava no pescoço, como que colada à sua pele. Todos riam e bebiam.

Nada daquilo se assemelhava à sua vida real. Ele não conhecia aquelas pessoas, mal acreditava nelas, ou em si próprio. Na beira da piscina, impulsivamente, beijou o ombro de Marianne, e ela sorriu-lhe, encantada. Ninguém olhava para eles. Pensou contar-lhe o que se passava nessa noite na cama. Mas tinha muito medo de a perder. Quando se deitaram, ela quis fazer sexo e a seguir adormeceu. Pensou acordá-la, mas não foi capaz. Decidiu esperar até depois do último exame para lhe falar da mudança de casa.

Dois dias mais tarde, imediatamente depois do seu teste de Romance Medieval e Renascentista, foi a casa de Marianne e sentaram-se à mesa a beber café. Prestando pouca atenção, ele ouviu-a falar de qualquer relação complicada entre Teresa e Lorcan, à espera de que ela acabasse, e por fim disse: Escuta. A propósito. Parece que este verão não vou poder pagar a renda aqui. Marianne ergueu os olhos do café e disse numa voz neutra: O quê?

Sim, disse ele. Vou ter de sair da casa do Niall.

Quando?, perguntou Marianne.

Muito em breve. Talvez para a semana.

O rosto dela tornou-se duro, sem deixar transparecer qualquer emoção particular. Ah, disse. Então vais para casa.

Ele esfregou o esterno, a sentir falta de ar. Sim, parece que sim, respondeu.

Ela fez um sinal de aquiescência, ergueu as sobrancelhas por momentos e baixou-as de novo para a chávena de café. Bem, imagino que voltas em setembro, disse.

Os olhos doíam-lhe e Connell fechou-os. Não percebia como aquilo tinha acontecido, como tinha deixado a conversa resvalar daquela maneira. Claro que era demasiado tarde para dizer que queria ficar com ela, mas quando se tinha tornado demasiado tarde? Parecia ter acontecido imediatamente. Passou-lhe pela cabeça poisar o rosto na mesa e chorar como uma criança. Em vez disso, voltou a abrir os olhos.

Sim. Não vou desaparecer, não te preocupes.

Então só te vais embora por três meses.

É isso.

Seguiu-se uma longa pausa.

Não sei, disse ele. Calculo que nessa altura vais querer andar com outras pessoas, não é?

Finalmente, numa voz que lhe pareceu verdadeiramente fria, Marianne disse: Claro.

Ele levantou-se e despejou o café para o lava-loiça, embora não o tivesse acabado. Quando saiu do prédio, ia a chorar, tanto pela sua fantasia patética de viver em casa dela, como pelo falhanço da sua relação, fosse ela o que fosse.

Daí a umas semanas, Marianne já saía com outra pessoa, um amigo dela chamado Jamie. O pai dele era um dos responsáveis pela crise financeira — não em sentido figurado, mas uma das pessoas realmente envolvidas. Foi Niall que enviou a Connell uma mensagem a contar que eles andavam juntos. Connell leu-a durante o trabalho e teve de ir à sala dos fundos e de passar quase um minuto com a testa encostada a um armário fresco. Durante todo esse tempo, Marianne tinha querido andar com outra

pessoa, pensou. Era provável que estivesse contente por ele ter de deixar Dublin devido a estar sem dinheiro. Queria um namorado com uma família que a pudesse levar a férias de esqui. E, agora que o tinha, já nem sequer respondia aos *e-mails* de Connell.

Em julho, até Lorraine tinha ouvido dizer que Marianne andava com outro. Connell sabia que na vila se falava disso, porque Jamie tinha aquele pai tristemente famoso, e porque quase não se passava mais nada.

Então quando se separaram?, perguntou-lhe Lorraine.

Nunca estivemos juntos.

Pensei que andavam um com o outro.

Só às vezes.

Esta juventude de agora. Não consigo entender as vossas relações.

Não és assim tão velha.

No meu tempo de escola, ou andávamos com uma pessoa, ou não andávamos.

Connell moveu o maxilar de um lado para o outro, a olhar para a televisão com pouco interesse.

Então como é que eu apareci?, perguntou.

Lorraine deu-lhe uma cotovelada reprovadora e ele continuou a olhar para a televisão. Estavam a passar um programa de viagens, com longas praias prateadas e água azul.

A Marianne Sheridan não andaria com alguém como eu, disse ele.

O que quer isso dizer, alguém como tu?

Acho que o novo namorado dela está um bocado mais próximo da sua classe social.

Lorraine não disse palavra durante vários segundos. Connell percebeu que os dentes de trás da mãe rangiam em silêncio.

Não acredito que a Marianne se comportasse assim, disse Lorraine. Acho que ela não é esse género de pessoa.

Ele levantou-se do sofá. Só te posso contar o que aconteceu, disse.

Talvez estejas a interpretar mal o que aconteceu.

Mas Connell já tinha saído da sala.

Na esplanada do café, a luz do Sol é tão intensa que esmaga todas as cores e as torna ardentes. Marianne está a acender um cigarro, que tirou do maço aberto em cima da mesa. Quando Connell se senta, ela sorri-lhe através da pequena nuvem de fumo cinzenta. Percebe que ela está envergonhada, mas não sabe porquê.

Acho que nunca viemos tomar um café juntos, pois não?, diz ele.

Não? Devemos ter vindo.

Ele sabe que está a ser desagradável, mas não consegue parar. Não, nunca viemos, insiste.

Viemos, teima ela. Tomámos café antes der irmos ver a *Janela Indiscreta*. Embora ache que isso foi mais um encontro romântico.

Essa observação surpreende-o e, como resposta, limita-se a emitir um som evasivo



do gênero: Hm.

A porta atrás deles abre-se e a empregada sai com o café. Connell agradece-lhe e ela sorri e volta a entrar. A porta fecha-se. Marianne está a dizer que espera que Connell e Jamie se conheçam melhor. Espero que te vás dar bem com ele, diz. Nessa altura, ergue os olhos para Connell nervosamente, com uma expressão sincera, que o toca.

Sim, estou certo que sim, diz ele. Porque não havia de me dar bem com ele?

Sei que vais ser bem-educado. Mas espero mesmo que se deem bem.

Vou tentar.

E não o intimides.

Connell deita um pouco de leite no café, deixa a cor vir à superfície, e volta a colocar a leiteira na mesa.

Bem, espero que também lhe digas para não me intimidar.

Como se o pudesses achar intimidante, Connell. Ele é mais baixo do que eu.

Não é apenas uma questão de altura, pois não?

Do ponto de vista dele, diz Marianne, tu és bastante mais alto, e eras tu que fornicavas com a namorada dele.

Essa é uma bela maneira de pôr as coisas. Foi isso que lhe contaste sobre nós, o Connell, esse rapaz alto com quem eu fornicava?

Não, responde ela a rir. Mas toda a gente sabe.

Ele é inseguro por causa da altura? Não vou falar disso, só gostava de saber.

Marianne ergue a chávena de café. Connell não consegue imaginar que tipo de relação devem ter agora. Estão a concordar que já não se sentem atraídos um pelo outro? Desde quando era suposto que essa atração tivesse acabado? Nada no comportamento de Marianne lhe dá a menor pista. Na realidade, ainda desconfia que ela continua atraída por ele, e que agora acha divertido, como uma piada secreta, sentir atração por alguém que nunca poderia pertencer ao seu mundo.

Em julho, tinha ido à missa por alma do pai de Marianne. A igreja da vila era pequena, cheirava a chuva e a incenso e tinha vitrais nas janelas. Ele e Lorraine nunca iam à missa, e até então ele só lá entrara por ocasião de funerais. Quando chegou, viu Marianne no vestíbulo, e ela fez-lhe lembrar uma peça de arte sacra. Ninguém o avisara que seria tão doloroso olhar para ela, e apeteceu-lhe fazer qualquer coisa terrível, imolar-se pelo fogo ou, ao volante do carro, atirar-se contra uma árvore. Quando se sentia angustiado, a sua reação era sempre imaginar maneiras de infligir danos extremos a si mesmo. Parecia aliviá-lo por instantes imaginar uma dor muito mais intensa e total do que aquela que realmente sentia, talvez apenas devido à energia cognitiva que isso exigia, à quebra momentânea na sua linha de pensamento, mas a seguir ainda se sentia pior.

Nessa noite, depois de Marianne voltar para Dublin, ele saiu para ir beber uns copos com alguns colegas da escola, primeiro ao Kelleher's, depois ao McGowan's e, finalmente, ao Phantom, essa discoteca pavorosa nas traseiras do hotel. Não havia ninguém por perto de quem se sentisse realmente próximo e, após algumas bebidas,

deu-se conta de que, afinal, não estava ali para conviver, mas apenas para beber até ficar num estado de sedação e inconsciência. Foi-se distanciando gradualmente da conversa, concentrando-se em consumir tanto álcool quanto possível sem perder o conhecimento, sem rir com as graças ou sequer as ouvir.

Foi no Phantom que encontraram Paula Neary, a sua antiga professora de Economia. Mas, nessa altura, Connell já estava tão embriagado que via as coisas distorcidas e, além de cada objeto sólido, via uma segunda versão dele, como um fantasma. Paula ofereceu a todos *shots* de tequila. Tinha um vestido preto e um pendente de prata. Ele lambeu uma linha de sal nas costas da mão e viu o fantasma do fio que ela tinha ao pescoço, um ténue traço branco no seu ombro. Quando Paula o olhou, não tinha dois olhos, mas vários, que se moviam exoticamente no ar, como joias. Connell começou a rir por causa disso, e ela inclinou-se até ficar muito próxima, com a respiração no rosto dele, para lhe perguntar o que era tão engraçado.

Ele não se recorda de como chegou a casa dela, se foram a pé ou de táxi, e continua a não saber. O apartamento tinha aquela estranha limpeza e ausência de mobiliário que por vezes se encontra nas casas de pessoas solitárias. Era como se ela não tivesse passatempos: não havia estantes com livros nem instrumentos musicais. O que fazes aos fins de semana?, lembra-se de lhe ter perguntado numa voz entaramelada. Saio e divirto-me, foi a resposta. Mesmo na altura, isso pareceu-lhe profundamente deprimente. Ela encheu copos de vinho para ambos. Connell sentou-se no sofá de couro a beber, para ter alguma coisa que fazer com as mãos.

Que tal vai a equipa de futebol este ano?, perguntou.

Não é o mesmo sem ti, respondeu Paula.

Sentou-se ao lado dele no sofá. O vestido descaíra-lhe ligeiramente, revelando um sinal no seio direito. Connell podia ter fornicado com ela no tempo da escola. Os colegas diziam graças sobre isso, mas teriam ficado chocados se de facto o tivesse feito, teriam ficado assustados, pensando que a timidez dele dissimulava qualquer coisa dura e assustadora.

Os melhores anos da tua vida, disse ela.

O quê?

Os melhores anos da tua vida, os da escola secundária.

Connell tentou rir, mas o seu riso soou pateta e nervoso. Não sei, disse. Se for verdade, é uma ideia triste.

Nessa altura, ela começou a beijá-lo. Isso pareceu-lhe uma coisa estranha que estava a acontecer-lhe, desagradável à superfície, mas também de certo modo interessante, como se a sua vida estivesse a tomar um novo rumo.

A boca dela sabia a tequila azeda. Por instantes, Connell perguntou-se se seria legal ela estar a beijá-lo, e concluiu que devia ser, sem poder pensar numa razão para não ser, embora aquilo lhe parecesse substancialmente errado. Cada vez que se afastava, ela parecia segui-lo, de tal maneira que ficou intrigado com a física do que se passava, deixando de saber se estava sentado direito no sofá ou reclinado contra o apoio para o braço. Fez a experiência de tentar sentar-se, o que confirmou que já estava sentado, e que a pequena luz vermelha que lhe parecia estar no teto por cima

dele era apenas uma luz de espera na aparelhagem de som do outro lado da sala.

Nos tempos da escola, a professora Neary fizera-o sentir-se pouco à vontade. Mas agora ele estaria a dominar essa sensação incómoda deixando-a beijá-lo no sofá da sala, ou apenas a submeter-se? Mal tivera tempo de formular essa pergunta, quando ela começou a desabotoar-lhe os *jeans*. Em pânico, tentou empurrar-lhe a mão, mas com um gesto tão ineficaz que Paula pensou que estava a ajudá-la. Conseguiu desabotoar de botão de cima, e ele disse-lhe que estava muito embriagado, e que talvez deversem parar. Introduzindo a mão no cós das cuecas, ela respondeu que não fazia mal, que não se importava. Connell pensou que o mais provável era perder a consciência, mas descobriu que não era capaz. Bem gostaria que isso tivesse acontecido. Ouviu-a dizer: Estás tão duro, o que era uma coisa particularmente louca, porque a verdade é que não estava.

Vou vomitar, disse ele.

Ela recuou de um salto, puxando o vestido atrás de si, e Connell aproveitou a oportunidade para se levantar do sofá e voltar a abotoar os *jeans*. Cautelosamente, ela perguntou-lhe se estava bem. Quando a olhou, discerniu duas Paulas distintas, sentadas no sofá, tão nitidamente delineadas que já não era evidente qual era a Paula real e qual era o fantasma. Desculpa, disse. Acordou no dia seguinte completamente vestido no chão da sala da casa dele. Ainda hoje não faz ideia de como conseguiu chegar a casa.

Ele deve sentir-se inseguro com qualquer coisa, diz Marianne. Não sei o quê. Talvez gostasse de ser mais intelectual.

Talvez tenha apenas uma boa autoestima.

Não, de certeza que não é isso. Ele é...

Os olhos dela, a brilhar, movem-se de um lado para o outro rapidamente. Quando faz isso, parece um especialista em matemática a executar cálculos mentais. Volta a apoiar a chávena de café no pires.

Ele é o quê?, pergunta Connell.

É um sádico.

Connell olha-a do outro lado da mesa, permitindo que o seu rosto manifeste o sobressalto suscitado por essa observação, e ela esboça um sorrisinho encantador, fazendo girar a chávena no pires.

Estás a falar a sério?, pergunta Connell.

Bem, gosta de me bater. Mas só enquanto fazemos sexo. Não durante as discussões.

Ri, um riso estúpido, que não lhe assenta bem. O campo visual de Connell estremece violentamente durante um segundo, como no início de uma gigantesca enxaqueca, e ele leva uma mão à testa. Apercebe-se de que está assustado. Na presença de Marianne é frequente sentir-se um tanto ingénuo, embora, na realidade, tenha muito mais experiência sexual do que ela.

E tu alinhas, não?, pergunta.

Ela encolhe os ombros. O cigarro dela arde no cinzeiro. Marianne pega-lhe e puxa uma fumaça rápida antes de o apagar.

Não sei, responde ela. Não sei se isso me agrada.

Então porque o deixas fazer isso?

Fui eu que tive a ideia.

Connell pega na chávena e bebe um grande gole de café muito quente, desejoso de fazer qualquer coisa eficaz com as mãos. Quando volta a poisar a chávena, o café entorna-se no pires.

O que queres dizer?, pergunta.

A ideia foi minha, queria submeter-me a ele. É difícil explicar.

Tenta, se quiseres. Estou interessado.

Ela ri de novo. Vai fazer-te ficar muito pouco à vontade.

Está bem.

Ela olha para ele, talvez para ver se está a brincar, e levanta o queixo obliquamente. Percebe que Marianne não deixará de lhe contar, pois isso significaria ceder a qualquer coisa em que não acredita sobre si mesma.

Não é que ser humilhada me excite em si, diz ela. Só gosto de saber que sou capaz de me rebaixar perante alguém a quem isso agrade. Isto faz sentido? Não sei se faz, tenho andado a pensar no assunto. Tem mais que ver com a dinâmica do que com o que de facto acontece. De qualquer modo, sugeri-lhe que podia tentar ser mais submissa. E descobri que ele gosta de me bater.

Connell começa a tossir. Marianne tira uma pequena varinha de madeira para mexer o café de um boião que está em cima da mesa e começa a fazê-la girar entre os dedos. Connell espera que a tosse passe antes de perguntar: O que é que ele te faz?

Ah, não sei, responde ela. Às vezes, bate-me com um cinto. Gosta de me sufocar, e coisas assim.

Estou a ver.

Isso não me dá prazer, a sério. E, se nos submetemos apenas a coisas que nos dão prazer, isso não é submissão.

Sempre tiveste essas ideias?, pergunta Connell.

Ela deita-lhe uma olhadela. Ele sente como se o medo o tivesse consumido e transformado noutra coisa qualquer, como se tivesse passado para o outro lado do medo, e olhar para ela fosse como atravessar a nado uma correnteza de água para a alcançar. Pega no maço de cigarros e olha-o. Os dentes começam a bater-lhe; põe um cigarro no lábio inferior e acende-o. Marianne é a única pessoa que lhe provoca essa estranha sensação dissociativa, como se estivesse a afogar-se e o tempo tivesse deixado de existir.

Não quero que penses que o Jamie é um tipo horroroso, diz ela.

Se não é, parece.

A sério que não é.

Connell puxa uma fumaça e semicerra os olhos por instantes. O sol está muito quente, e ele sente o corpo de Marianne próximo do seu, o sabor do fumo que inalou e o trau do café.

Talvez eu queira que me tratem mal, diz ela. Não sei. Às vezes penso que mereço coisas desagradáveis por ser má.

Ele expira o fumo. Por vezes, na primavera, acordava à noite ao lado de Marianne e, se ela também estivesse acordada, abraçavam-se até ele sentir que estava dentro dela. Não precisava de dizer nada, a não ser perguntar-lhe se estava bem assim, e a resposta era sempre afirmativa. Nada mais na sua vida se comparava com o que sentia nessa altura. Muitas vezes desejava adormecer dentro dela. Era uma coisa que nunca poderia, nem queria ter com outra pessoa. A seguir voltavam a adormecer abraçados, sem falar.

Nunca me falaste disso, diz ele. Quando éramos...

Contigo era diferente. Nós éramos diferentes. E as coisas eram diferentes.

Marianne torce a varinha de madeira com ambas as mãos e solta-a de um lado, de modo que ela lhe ressalta nos dedos.

Deverei sentir-me insultado?, pergunta ele.

Não. Se quiseres ouvir a explicação mais simples, eu digo-ta.

É uma mentira?

Não, responde ela.

Fica em silêncio. Com cuidado, poisa o pauzinho de mexer o café. Como agora já não tem a que se apoiar, toca no cabelo.

Contigo não precisava de fazer jogos. Era tudo real. Com o Jamie, é como se estivesse a desempenhar um papel, só finjo que me sinto dessa maneira, como se estivesse em seu poder. Mas contigo havia uma dinâmica diferente, era mesmo isso que sentia, teria feito tudo o que quisesse. Agora pensas que eu sou uma namorada perversa, vês? Que estou a ser desleal. Quem não iria querer bater-me?

Tapa os olhos com a mão. Está a sorrir, um sorriso fatigado de quem sente algum ódio por si. Ele enxuga as palmas das mãos no colo.

Eu não iria querer, diz ele. Talvez, de certa maneira, seja antiquado.

Ela afasta a mão e olha para ele, com o mesmo sorriso, e os seus lábios ainda a parecerem secos.

Espero que possamos apoiar-nos sempre um ao outro, diz ela. É muito reconfortante para mim.

Sim, é bom.

Então ela olha-o, como se o estivesse a ver pela primeira vez desde que se sentaram.

Já agora, diz ela, como estás?

Ele sabe que a pergunta é sincera. Ele não é uma pessoa que se sinta confortável a abrir-se com os outros, ou a perguntar-lhes coisas. É por essa razão que precisa de Marianne. É a primeira vez que se dá conta disso. Marianne é alguém a quem pode perguntar coisas. Embora na sua relação haja certas dificuldades e ressentimentos, essa relação continua. Isso agora parece-lhe extraordinário, e quase comovedor.

No verão aconteceu-me uma coisa estranha, disse ele. Posso falar-te disso?

<sup>4</sup> A Gardaí, ou a Guarda, é a força policial da República da Irlanda, com sede em Dublin.

Quatro Meses mais tarde  
(Janeiro de 2013)

Marianne está em casa, com amigos. Os exames para bolsas de estudo terminaram esta semana e o período vai começar na segunda-feira. Ela sente-se esgotada e vazia, como um barco virado. Está a fumar o quarto cigarro da noite, o que lhe provoca uma curiosa sensação de acidez no peito, e além disso não jantou. Ao almoço, comeu uma tangerina e uma torrada sem manteiga. Peggy está no sofá, a contar uma história sobre uma viagem pela Europa em *interrail* e, por qualquer razão, insiste em explicar a diferença entre Berlim Ocidental e Oriental. Marianne expele o fumo e diz com ar ausente: Sim, eu estive lá.

Peggy volta-se para ela, com os olhos muito abertos. Estiveste em Berlim?, pergunta. Nunca pensei que deixassem os habitantes de Connacht viajar até tão longe.

Alguns dos amigos delas riem polidamente. Marianne sacode a cinza do cigarro para o cinzeiro de cerâmica no braço do sofá. Muito engraçado, diz.

Devem ter-te dado uns dias de folga da quinta, diz Peggy.

Exatamente, responde Marianne.

Peggy continua a contar a história. Nos últimos tempos, habituou-se a dormir em casa de Marianne quando Jamie não está, a tomar o pequeno-almoço na cama e até a segui-la para a casa de banho quando ela vai tomar duche, ficando a cortar as unhas despreocupadamente e a queixar-se dos homens. Marianne gosta que ela a tenha escolhido como sua amiga especial, mesmo quando isto se manifesta como uma tendência para ocupar grande parte do seu tempo livre. Mas, ultimamente, em determinadas festas, Peggy também começou a troçar dela em frente de outros. Por causa dos amigos, Marianne tenta rir-se disso, mas o esforço contorce-lhe o rosto, o que só dá a Peggy um novo ensejo de a picar. Depois de todos se irem embora, aninha-se no ombro de Marianne e diz: Não fiques irritada comigo. E Marianne respondeu-lhe numa voz fina e defensiva: Não estou irritada contigo. Naquele momento, estão a preparar-se para ter exatamente essa conversa, mais uma vez, durante umas breves horas.

Quando a história de Berlim chega ao fim, Marianne vai à cozinha buscar mais uma garrafa de vinho e volta a encher os copos de todos.

A propósito, como correram os exames?, pergunta-lhe Sophie.

Marianne encolhe os ombros, bem-humorada, e é recompensada com uma pequena gargalhada. Por vezes, os amigos parecem não perceber bem a sua dinâmica com Peggy, soltando gargalhadas extra quando Marianne tenta ser engraçada, mas, de certa forma, parecem mais solidários, ou mesmo apiedados, do que divertidos.

Diz a verdade, intervém Peggy. Espalhaste-te, não foi?

Marianne sorri, faz uma careta, volta a pôr a rolha na garrafa. Os exames para as bolsas acabaram dois dias antes; Peggy e Marianne fizeram-nos juntas.

Enfim, podiam ter corrido melhor, responde Marianne com diplomacia.

Isto é cem por cento característico, diz Peggy. És a pessoa mais inteligente do mundo, mas, no que diz respeito a exames, és um fracasso.

Podes repeti-los para o ano, sugere Sophie.

Duvido que tenham corrido assim tão mal, diz Joanna.

Marianne evita o olhar de Joanna e volta a arrumar o vinho no frigorífico. As bolsas oferecem cinco anos de propinas pagas, alojamento gratuito no *campus* e, todas as noites, jantar no Refeitório com os outros membros da academia. Para Marianne, que não paga renda nem propinas e não tem uma ideia real de quanto essas coisas custam, trata-se apenas de uma questão de prestígio. Gostaria de ver a transferência de grandes quantias de dinheiro afirmar publicamente a excelência das suas capacidades intelectuais. Dessa maneira, poderia simular modéstia sem que ninguém na realidade acreditasse nela. O facto é que os exames não lhe correram mal, mas até muito bem.

O meu professor de Estatística andava em cima de mim, diz Jamie. Mas não me apeteceu lixar as férias de Natal a estudar. Marianne faz outro sorriso vago. Jamie não se apresentou aos exames porque sabia que não iria passar. Todas as pessoas da sala estão a par disso. Ele tenta armar-se em fanfarrão, mas falta-lhe o autoconhecimento necessário para compreender que as suas palavras são tomadas por gabarolice, e que ninguém acredita no que diz. Há qualquer coisa tranquilizadora na forma como Jamie é transparente para ela.

No início da relação, sem qualquer ideia preconcebida aparente, ela disse-lhe que era do «tipo submisso». Ao fazer essa afirmação, ela própria se sentiu surpreendida: talvez dissesse isso para o chocar. O que queres dizer?, perguntou ele. A sentir-se experiente, ela respondeu: Gosto de tipos que me magoem, sabes? A partir daí, ele começou a amarrá-la e a bater-lhe com diversos objetos. Quando pensa no pouco que o respeita, Marianne sente-se repelente e começa a odiar-se, e esses sentimentos desencadeiam nela um desejo avassalador de ser subjugada e, de certo modo, destruída. Quando isso acontece, o seu cérebro fica vazio, como uma sala com as luzes apagadas, e ela estremece num orgasmo sem qualquer alegria perceptível. Depois tudo recomeça. Quando pensa em acabar com ele, o que é frequente, não é na reação dele, mas na de Peggy, que mais pensa.

Peggy gosta de Jamie, o que quer dizer que o acha um fascista, mas um fascista sem nenhum poder essencial sobre Marianne. Por vezes, esta queixa-se dele e Peggy diz apenas coisas do género: Pois, ele é um porco chauvinista, o que esperavas? Peggy pensa que os homens são animais repugnantes, sem controlo dos impulsos, e que as

mulheres deviam evitar contar com eles para lhes darem apoio emocional. Marianne demorou muito tempo a perceber que Peggy utilizava o disfarce da sua crítica geral dos homens para defender Jamie sempre que Marianne se queixava dele. O que esperavas?, dizia Peggy. Ou: Achas que isso é mau? Pelos padrões masculinos, ele é um príncipe. Marianne não faz ideia do que a leva a fazer isso. Cada vez que faz uma sugestão, por muito hesitante que seja, de que a relação com Jamie pode estar a chegar ao fim, Peggy fica furiosa. Até têm brigas por causa disso, que terminam com Peggy curiosamente a declarar que, de qualquer modo, não quer saber se eles vão acabar ou não, e Marianne, nessa altura exausta e confusa, a dizer que provavelmente não vão.

Agora, quando Marianne se senta de novo, o seu telemóvel começa a tocar; é um número que não reconhece. Levanta-se para atender, indicando aos outros com um gesto que podem continuar a falar, e dirige-se à cozinha.

Está?

Olá, é o Connell. Desculpa incomodar-te, mas acabaram de me roubar. Tipo, a carteira, o telemóvel e coisas assim.

Meu Deus, que horror. O que aconteceu?

Estava a perguntar-me... Estás a ver, neste momento estou em Dun Laoghaire, e não tenho dinheiro para apanhar um táxi nem nada. Pergunto-me se há alguma maneira de me encontrar contigo e de me emprestares algum dinheiro ou coisa assim.

Agora todos os amigos estão a olhar para ela e Marianne faz-lhes um aceno para prosseguirem com a conversa. Sentado na poltrona, Jamie continua a observá-la a falar ao telemóvel.

Claro, não te preocupes, responde. Estou em casa, por isso queres apanhar um táxi até cá? Eu desço e pago ao motorista, está bem assim? Podes tocar a campanha quando chegares.

Sim. Está bem, obrigado. Obrigado, Marianne. Este telemóvel é emprestado e agora tenho de o devolver. Até já.

Desliga. Os amigos olham-na na expectativa, quando se volta para eles com o telemóvel na mão. Quando explica o que aconteceu, todos manifestam simpatia por Connell. Por vezes, ele ainda aparece em festas, apenas para beber um copo rápido, antes de partir para outro lado qualquer. Em setembro, disse a Marianne o que se passara com Paula Neary, e isso fê-la sentir-se estranha, possuída por uma violência que nunca experimentara. Sei que estou a ser dramático, disse Connell. O que ela fez não foi assim tão grave. Mas fiquei lixado. Marianne ouviu-se dizer numa voz dura como gelo: Gostava de lhe cortar a garganta. Connell ergueu os olhos e riu, chocado. Meu Deus, Marianne, exclamou a rir. Era capaz de o fazer, insistiu ela. Ele abanou a cabeça e disse: Tens de dominar esses impulsos violentos. Não podes andar por aí a degolar pessoas, metem-te na prisão. Marianne deixou-o parar de rir, e retorquiu baixinho: Não quero saber, se ela volta a tocar-te é o que faço.

Só tem trocos na carteira, mas há trezentos euros numa gaveta da mesa de cabeceira. Vai buscá-los, sem acender a luz, e, através da parede, ouve as vozes dos amigos a murmurar. O dinheiro está lá, seis notas de cinquenta. Tira três, dobra-as e mete-as na carteira. Em seguida senta-se na beira da cama, sem vontade de voltar



imediatamente.

Durante o Natal, as coisas estiveram tensas em casa. Sempre que têm visitas, Alan fica ansioso e enervado. Uma noite, depois de a tia e o tio partirem, seguiu Marianne até à cozinha, para onde ela tinha levado as chávenas de chá vazias.

Era só o que faltava, disse ele. A mandares vir com os resultados dos exames.

Marianne abriu a torneira da água quente e avaliou a temperatura com os dedos. Alan ficou na soleira da porta, com os braços cruzados.

Não fui eu que trouxe o assunto à baila. Foram eles.

Se isso é tudo de que te podes gabar na vida, metes-me pena, disse Alan.

A água da torneira ficou mais quente e Marianne pôs a válvula no lava-loiça e verteu um pouco de detergente para uma esponja.

Estás a ouvir o que te digo?, insistiu Alan.

Sim, estou a ouvir, tens pena de mim.

És um caso perdido, é o que tu és.

Já percebi a mensagem.

Colocou uma das chávenas no escorredor, a secar, e mergulhou outra na água quente.

Achas-te mais esperta do que eu?, insistiu ele.

Ela passou a esponja molhada pelo interior da chávena. É uma pergunta estranha, respondeu. Não sei, nunca pensei nisso.

Mas olha que não és.

Está bem, tens razão.

*Está bem, tens razão*, repetiu ele numa voz esganiçada, a imitar a de uma rapariga. Não admira que não tenhas amigos, se nem sequer consegues ter uma conversa normal.

Certo.

Devas ouvir o que as pessoas da vila dizem de ti.

Involuntariamente, por essa ideia lhe parecer tão ridícula, ela riu. Agora enraivecido, Alan agarrou-a pelo braço, afastou-a do lava-loiça e, num gesto aparentemente espontâneo, cuspiu-lhe. Depois largou-lhe o braço. Uma mancha visível de saliva manchou-lhe o tecido da saia. Ai, exclamou ela, que nojo. Alan deu meia-volta e saiu da cozinha; Marianne recomeçou a lavar a loiça. Ao colocar a quarta chávena no escorredor, apercebeu-se de uma tremura ligeira, mas perceptível, na mão direita.

No dia de Natal, a mãe deu-lhe um envelope com quinhentos euros. Não havia um bilhete; era um dos pequenos envelopes de papel pardo que usava para os salários de Lorraine. Marianne agradeceu-lhe, e Denise disse com ligeireza: Ando um bocado preocupada contigo. Marianne passou os dedos pelo envelope e tentou fazer uma expressão adequada. Porquê?, perguntou.

Bem, respondeu Denise, o que vais fazer da tua vida?

Não sei. Acho que ainda tenho muitas opções em aberto. De momento, estou apenas centrada na universidade.

E depois?

Marianne fez pressão com o polegar no envelope e uma ligeira mancha escura apareceu no papel.

Como disse, não sei, repetiu.

Estou preocupada por o mundo real poder vir a ser um choque para ti, disse Denise.

De que maneira?

Não sei se te dás conta de que a universidade é um ambiente muito protetor. Não é como um local de trabalho.

Duvido que alguém no local de trabalho me cuspa se estiver em desacordo comigo, disse Marianne. Tanto quanto sei, isso não seria visto com bons olhos.

Denise fez um sorriso de lábios cerrados. Se não aguentas uma pequena rivalidade de irmãos, não sei como vais enfrentar a vida adulta, minha querida, disse a mãe.

Logo veremos.

Ao ouvir isso, Denise deu uma palmada na mesa da cozinha. Marianne estremeceu, mas não ergueu os olhos nem largou o envelope.

Achas-te especial, não é?, perguntou Denise.

Marianne deixou os olhos fecharem-se. Não, respondeu. Não acho.

É quase uma da manhã quando Connell toca à campainha. Marianne desce com a carteira e encontra o táxi à espera à porta do edifício. Na praça em frente, uma neblina enrosca-se nas árvores. As noites de inverno são admiráveis, pensa dizer a Connell. Ele está de costas, a falar com o motorista pela janela. Quando ouve a porta, vira-se, e ela vê-lhe a boca, cortada e a sangrar, sangue escuro como tinta seca. Recua, assustada, e Connell diz: Eu sei, vi-me ao espelho. Mas estou bem, só preciso de me lavar. Aturdida, ela paga ao taxista, quase deixando cair as moedas na valeta. Na escada, no interior do prédio, vê que o lábio superior de Connell está inchado, com uma protuberância dura e brilhante do lado direito. Os dentes estão cor de sangue. Meu Deus, exclama. O que aconteceu? Ele pega-lhe docemente na mão e acaricia-lhe os nós dos dedos com o polegar.

Apareceu um tipo que me pediu a carteira, explicou. Eu recusei e ele bateu-me na cara. Claro, foi má ideia, devia ter-lhe dado o dinheiro. Desculpa telefonar-te, mas é o único número que sei de cor.

Que horror, Connell. Tenho cá amigos, mas o que te apetece fazer? Queres tomar um duche, ou coisa assim, e ficar cá em casa? Ou preferes que te dê dinheiro e ires para casa?

Agora estão à porta do apartamento, e detêm-se ali.

O que for melhor para ti, responde ele. A propósito, estou embriagado. Desculpa.

Muito embriagado?

Bem, não vou a casa desde os exames. Não sei, ainda tenho pupilas?

Ela examina-lhe os olhos, onde as pupilas dilatadas se assemelham a balas negras e redondas.

Tens. Estão enormes.

Use a acaricia-lhe de novo a mão e diz mais baixo: Pois é. Ficam assim quando te vejo.

Ela ri-se e abana a cabeça.

Se estás a atirar-te a mim, estás mesmo embriagado. O Jamie está cá, sabes?

Connell inspira pelo nariz e olha por cima do ombro.

Talvez eu volte a sair e apanhe outro murro na cara, diz ele. Não foi tão mau como isso.

Marianne sorri, e ele larga-lhe a mão. Ela abre a porta.

Na sala, todos os amigos dela se sobressaltam e obrigam-no a voltar a contar a história, o que ele faz, embora sem o desejado efeito dramático. Marianne vai buscar um copo de água, com que ele bochecha e que cospe no lava-loiça da cozinha, rosa como coral.

Maldita ralé, exclama Jamie.

Estás a falar de mim?, pergunta Connell. Isso é pouco simpático. Nem todos podemos andar em colégios privados, sabes?

Joanna ri. Em geral, Connell não é hostil e Marianne pergunta-se se o facto de lhe terem esmurrado a cara o deixou agressivo, ou se estará mais bêbedo do que lhe pareceu.

Estava a falar do tipo que te assaltou, explica Jamie. E o mais provável era estar a roubar para comprar droga, que é o que a maioria deles faz.

Connell toca nos dentes, como que para se certificar de que ainda os tem na boca. Depois enxuga as mãos a um pano da loiça.

Ah, sim, diz. A vida não é fácil para um toxicodependente.

Nada fácil, mesmo, diz Joanna.

Ao menos podiam tentar deixarem de se drogar, diz Jamie.

Connell ri e diz: Sim, tenho a certeza de que eles nunca pensaram nisso.

Toda a gente fica em silêncio e Connell faz um sorriso envergonhado. Agora, depois de ter bochechado com água, os dentes têm um aspeto mais normal. Desculpem lá. Não vos quero incomodar mais. Todos insistem que não os está a incomodar, exceto Jamie, que não diz nada. Num súbito acesso de desejo maternal, Marianne prepara um banho para Connell. Joanna pergunta-lhe se tem dores e ele esfrega de novo os dentes da frente com a ponta dos dedos antes de responder: Não muito fortes. Tem um blusão preto e uma *T-shirt* branca, manchada, sob a qual Marianne reconhece o cintilar de um fio sem adornos que ele usa desde os tempos de escola. Uma vez Peggy descreveu esse fio como «chique da Argos<sup>5</sup>», o que fez Marianne ficar embaraçada, embora não pudesse dizer à amiga porquê.

De quanto dinheiro achas que vais precisar?, pergunta a Connell. A pergunta é suficientemente delicada para os amigos começarem a falar uns com os outros, de modo que ela sente que quase o tem só para si. Connell encolhe os ombros. Não deves poder fazer levantamentos sem o teu cartão, diz ela. Ele fecha os olhos com força e toca na testa.

Porra, estou tão bêbedo, diz. Sinto que estou a alucinar. O que é que me estás a perguntar?

Dinheiro. Quanto te posso dar?

Ah, não sei, dez libras?

Deixa-me dar-te cem, diz ela.

O quê?

Não. Discutem durante algum tempo, até Jamie aparecer e tocar no braço de Marianne. De súbito, esta toma consciência de como ele é feio, e sente vontade de se afastar dele. Jamie começa a ficar com entradas e tem um rosto fraco, sem maxilar. Ao lado dele, e mesmo coberto de sangue, Connell irradia saúde e carisma.

Devo ter de ir andando daqui a pouco, diz Jamie.

Então até amanhã, responde Marianne.

Jamie olha-a, surpreendido, e ela domina o impulso de dizer: O que é?

Em vez disso, sorri. Não que ela seja a pessoa mais linda do mundo, longe disso. Em certas fotografias parece não só banal, mas declaradamente feia, exibindo para a câmara os dentes tortos como vermes. Culpabilizada, aperta o pulso de Jamie, como se pudesse realizar o seguinte ato de comunicação impossível: dizer a Jamie que Connell está ferido e que tem muita pena, mas precisa de lhe dar atenção, e a Connell que preferia não tocar em Jamie.

Tudo bem, diz Jamie. Então, boa noite.

Dá-lhe um beijo na face e vai buscar o blusão. Todos agradecem a Marianne por os receber. Deixam os copos no corredor do lava-loiça. Depois a porta da rua fecha-se, e Marianne e Connell ficam sozinhos. Ela sente os músculos dos ombros relaxar, como se a sua solidão fosse um narcótico. Enche a chaleira, tira chávenas do armário, coloca mais alguns copos sujos no lava-loiça e esvazia o cinzeiro.

Então ele ainda é teu namorado?, pergunta Connell.

Marianne sorri, e ele imita-a. Tira duas saquetas de chá da caixa e mete-as nas chávenas, enquanto a água da chaleira ferve. Adora estar assim sozinha com ele. De súbito, a vida parece-lhe muito fácil.

Sim, responde.

E porquê?

Porque é que ele é meu namorado?

Sim, confirma Connell. O que se passa? Em termos de, tipo, porque continuas a andar com ele?

Marianne pigarreia. Suponho que vais querer um chá, diz ela. Connell faz um aceno afirmativo. Enfia a mão direita no bolso. Ela vai buscar um pacote de leite ao frigorífico, que lhe deixa os dedos húmidos. Ele está encostado à bancada da cozinha, com a boca inchada, embora a maior parte do sangue tenha desaparecido, e o seu rosto tem uma beleza brutal.

Podias ter um namorado diferente, diz ele. Pelo que oiço dizer, há constantemente tipos a apaixonarem-se por ti.

Pára com isso.

És o tipo de pessoa que se adora ou se odeia.

O botão da chaleira salta e ela tira-a do suporte. Enche uma das chávenas e depois a outra.

Bem, tu não me odeias, diz ela.

A princípio, ele não responde. Depois diz: Não, de certo modo, sou imune em relação a ti. Porque te conheci na escola.

Quando eu era uma miúda falhada e feia.

Não, nunca foste feia.

Marianne volta a poisar a chaleira. Sente um certo poder sobre ele, um poder perigoso.

Ainda me achas bonita?

Connell olha-a, provavelmente consciente do que ela está a fazer, e em seguida fita as próprias mãos, como que a recordar-se da sua estatura física na sala.

Estás de bom humor, diz ele. Deve ter sido uma bela festa.

Ela ignora-o. Vai-te foder, pensa, mas não o diz. Tira as saquetas de chá com uma colher e deita-as para o lava-loiça, depois serve o leite e volta a arrumá-lo no frigorífico, tudo com os movimentos rápidos de alguém que lida impacientemente com um amigo ébrio.

Preferia que fosse outra pessoa, diz Connell. Preferia que o teu namorado fosse o tipo que me esmurrou.

Que te importa isso?

Ele não responde. Marianne pensa na maneira como tratou Jamie antes de ele se ir embora e esfrega o rosto com as mãos. Um parolo bebedor de leite, chamou um dia Jamie a Connell. É verdade que ela viu Connell beber leite diretamente do pacote. Ele entretém-se em jogos de vídeo com alienígenas e tem opiniões sobre treinadores de futebol. E é íntegro como um grande dente de bebé. Provavelmente nunca na vida pensou em infligir dor a alguém por motivos sexuais. É boa pessoa, é um bom amigo. Então porque passa ela todo o tempo atrás dele, a pressioná-lo por causa de qualquer coisa? Tem de andar sempre à volta dele, desesperada?

Gostas dele?, pergunta Connell.

A mão dela detém-se na porta do frigorífico.

Não é habitual interessares-te pelos meus sentimentos, Connell. Tenho de te dizer que pensava que essas coisas não eram para nós.

Pronto. Está bem.

Ele esfrega de novo a boca, agora com um ar distraído. Depois deixa cair a mão e espreita pela janela da cozinha.

Olha, talvez já devesse ter-te dito, mas ando com outra pessoa. Já dura há algum tempo, devia ter-te falado do assunto.

Marianne fica tão surpreendida com a notícia que tem uma reação física. Limita-se a olhar para ele, incapaz de dissimular a sua surpresa. Enquanto foram amigos, Connell nunca teve uma namorada. E ela nunca pensou muito na hipótese de isso poder acontecer.

O quê? Há quanto tempo andam juntos?, pergunta.

Há cerca de seis semanas. É a Helen Brophy, não sei se a conheces. Estuda Medicina.

Marianne vira-lhe as costas e tira a chávena da bancada. Tenta manter os ombros

inmóveis, com medo de que ele a veja chorar.

Então porque estás a tentar que eu acabe com o Jamie?, pergunta.

Não estou. Só quero que sejas feliz, é tudo.

Por seres tão meu amigo, não é?

Sim, é. Enfim, não sei.

A chávena nas mãos de Marianne está demasiado quente para ela a segurar, mas, em vez de voltar a poisá-la, ela deixa a dor penetrar-lhe nos dedos e afundar-se na carne.

Estás apaixonado por ela?

Sim. Gosto muito dela.

Nessa altura, Marianne começa a chorar, a coisa mais constrangedora que lhe aconteceu em toda a sua vida adulta. Está de costas, mas sente os ombros sacudidos por um horrível espasmo involuntário.

Meu Deus, exclama Connell. Marianne.

Vai-te lixar.

Connell toca-lhe nas costas e ela afasta-se de um salto, como se ele estivesse a tentar magoá-la. Poisa a chávena na bancada para enxugar as lágrimas à manga.

Vai-te embora. Deixa-me em paz.

Não digas isso, Marianne. Sinto-me pessimamente, estás a ouvir? Já te devia ter dito, desculpa.

Não quero falar contigo. Vai-te embora.

Durante algum tempo, nada acontece. Ela morde a parte interior da bochecha até a dor começar a acalmar-lhe os nervos e deixar de chorar. Enxuga de novo o rosto, desta vez com as mãos, e volta-se.

Por favor, vai-te embora. Por favor.

Ele solta um suspiro, a olhar para o chão. Esfrega os olhos.

Está bem. Olha, lamento pedir-te, mas preciso mesmo desse dinheiro para ir para casa. Desculpa.

Nessa altura ela recorda-se e sente-se mal. Na realidade, sente-se tão mal que lhe sorri. Santo Deus, exclama. Com toda aquela confusão, esqueci-me que foste assaltado. Posso dar-te duas notas de cinquenta, está bem?

Ele faz que sim com a cabeça, mas sem olhar para ela. Marianne sabe que ele se sente mal; quer comportar-se como uma adulta. Encontra a carteira e estende-lhe o dinheiro, que ele mete no bolso. Connell baixa os olhos, a pestanejar e a aclarar a garganta, como se fosse também chorar. Desculpa, repete.

Deixa lá, diz ela. Não te preocupes.

Ele esfrega o nariz e percorre a divisão com o olhar, como se nunca mais fosse voltar a vê-la.

Sabes?, não percebi o que se passou connosco no verão passado, diz ele. Tipo, quando tive de mudar de casa e tudo isso. Pensei que talvez me deixasses ficar aqui, ou coisa parecida. Não sei mesmo o que acabou por acontecer connosco.

Ela sente uma dor aguda no peito e leva a mão à garganta, sem agarrar nada.

Disseste-me que podíamos andar com outras pessoas. Não fazia ideia que querias

ficar aqui. Pensei que estavas a romper comigo.

Por instantes, ele esfrega a palma da mão na boca e em seguida expira.

Não disseste nada sobre ficares aqui, acrescenta ela. É evidente que serias bem-vindo. Sempre foste.

Está bem, pronto. Olha, vou andando. Dorme bem, sim?

Quando sai, a porta fecha-se atrás dele com um ligeiro estalido.

Na manhã seguinte, no pavilhão de artes, Jamie beija-a diante de toda a gente e diz que ela está linda.

Como se portou o Connell ontem à noite?, pergunta.

Ela pega na mão de Jamie e revira os olhos, com uma expressão de cumplicidade. Ah, estava a cair de bêbado, responde. Acabei por conseguir livrar-me dele.

<sup>5</sup> A Argos é uma empresa de venda por catálogo que opera no Reino Unido e na Irlanda.

Seis Meses mais tarde  
(Julho de 2013)

Ele acorda imediatamente depois das oito. Lá fora, o Sol brilha e a carruagem está a aquecer, com a atmosfera pesada da respiração e do suor. Pequenas estações de caminho de ferro com nomes ilegíveis passam num relâmpago e desaparecem. Elaine já está acordada, mas Niall ainda dorme. Connell esfrega o olho esquerdo com os nós dos dedos e senta-se. Elaine está a ler um romance que levou para a viagem, com uma capa lustrosa e as palavras *Agora um Filme de Sucesso* no alto. A atriz por baixo há semanas que é a sua companheira constante. Connell sente uma afinidade quase amistosa com o seu rosto pálido de romance de época.

Sabem onde estamos?, pergunta Connell.

Elaine ergue os olhos do livro e responde:

Passámos por Liubliana há duas horas.

Ah, certo. Então não estamos longe.

Connell olha para Niall, que dorme a cabecear ligeiramente. Elaine segue o seu olhar. Como de costume, dorme que nem uma pedra, diz ela.

A princípio havia outros. Alguns amigos de Elaine foram com eles de Berlim a Praga, e encontraram-se com alguns colegas de Engenharia de Niall em Bratislava antes de atravessarem para Viena de comboio. As pousadas de juventude eram baratas e as cidades que visitaram transmitiam uma agradável sensação de transitoriedade. Era como se nada do que Connell lá fazia subsistisse. Toda a viagem parecia uma série de filmes curtos, projetados uma única vez, deixando-lhe a seguir uma ideia do que tratavam, mas nenhuma recordações exatas do enredo. Lembra-se de ver imagens pela janela de táxis.

Em cada cidade encontra um café com Internet e completa os mesmos três rituais de comunicação: telefona a Helen pelo Skype, envia à mãe uma mensagem grátis pela rede da Internet do telemóvel e escreve um *e-mail* para Marianne.

Helen arranjou um trabalho de verão para estudantes em Chicago. Como ruído de fundo das chamadas, ouve as amigas dela a tagarelar, a ocuparem-se do cabelo umas das outras, e por vezes Helen a dizer-lhes coisas como: Meninas, por favor! Estou ao telefone! Ele adora ver-lhe a cara no ecrã, especialmente quando a ligação é boa, e os



seus movimentos fluidos e naturais. Tem um sorriso magnífico e dentes fantásticos. Na véspera, no final da chamada, ele pagou ao balcão, voltou a sair para o sol e encomendou um copo de *Coca-Cola* com gelo excessivamente caro. Por vezes, quando Helen tem muitas amigas em casa e o café com Internet está particularmente apinhado, as conversas podem ser um pouco incómodas, embora, mesmo assim, ele se sintia melhor depois de falar com ela. Por vezes apressa-se para chegar ao fim da conversa, de modo a poderem desligar, e depois, em retrospectiva, poder saborear o quanto gosta de a ver, sem a pressão de ter de produzir momento a momento as expressões certas e de dizer as coisas certas. O simples facto de ver Helen, o seu belo rosto, o seu sorriso, e de saber que ela continua a amá-lo, introduz uma dádiva de alegria no seu dia, e, durante horas, tudo o que sente é uma felicidade despreocupada.

Helen proporcionou a Connell uma nova maneira de viver. É como se uma tampa incrivelmente pesada tivesse sido retirada da sua vida emocional, permitindo-lhe de súbito respirar ar puro. É fisicamente possível digitar e enviar uma mensagem a dizer: Amo-te! Anteriormente, isso parecia-lhe completamente impossível, mas na realidade é fácil. Claro que, se alguém visse as mensagens, se sentiria embaraçado, mas agora sabe que esse género de embaraço é normal, um impulso quase protetor em direção a uma parte da vida particularmente boa. Pode sentar-se a jantar com os pais de Helen, pode acompanhá-la a festas a casa dos seus amigos, pode tolerar os sorrisos e as conversas repetitivas. Consegue apertar-lhe a mão enquanto as pessoas o interrogam sobre o futuro. Quando ela o toca espontaneamente, fazendo-lhe uma ligeira pressão no braço, ou mesmo estendendo a mão para lhe retirar um pedacinho de cotão da gola, sente-se dominado por uma vaga de orgulho, e tem esperança de que os outros os estejam a observar. Ser conhecido como o namorado dela insere-o firmemente no mundo social, define-o como uma pessoa aceitável, como alguém com um estatuto particular, com silêncios na conversa que são mais ponderados do que socialmente embaraçosos.

As mensagens que envia a Lorraine têm um carácter prático. Põe-na a par quando veem monumentos históricos ou tesouros culturais. Na véspera enviou-lhe a seguinte mensagem:

olá de viena. para ser sincero catedral de santo estêvão dececionante mas o museu de história de arte bom. espero q tudo esteja bem por aí.

Ela gosta de perguntar como está Helen. Quando se conheceram, Helen e Lorraine deram-se bem imediatamente. Sempre que Helen os visita, a mãe está sempre a abanar a cabeça por causa da maneira como Connell se comporta e a dizer: Como consegues suportá-lo, querida? Mas, seja como for, é bom elas darem-se bem. Helen é a primeira namorada que apresenta à mãe, e descobre que está curiosamente ansioso por convencer Lorraine de que a relação deles é normal e de que Helen o considera impecável, embora não saiba exatamente qual a origem desse sentimento.

Durante as semanas em que estiveram separados, os seus *e-mails* para Marianne tornaram-se longos. Começou a escrevê-los no telemóvel em momentos de lazer,

enquanto esperava pela roupa numa lavandaria, ou quando estava deitado à noite na poltrona de juventude, sem conseguir dormir por causa do calor. Lê esses rascunhos repetidas vezes, revendo todos os elementos da prosa, mudando orações de sítio a fim de tornar as frases corretas. O tempo torna-se mais suave enquanto escreve, parecendo lento e dilatado, embora, na verdade, passe muito depressa, e, mais do que uma vez, ao erguer os olhos, descobriu que haviam decorrido horas. Não sabe explicar o que há de tão absorvente nesses *e-mails*, mas não pensa que isso seja banal. A experiência de os escrever parece-lhe a expressão de um princípio mais vasto e mais fundamental, qualquer coisa que tem que ver com a sua identidade, ou com algo ainda mais abstrato, relacionado com a própria vida. Há pouco, escreveu no seu pequeno diário cinzento: ideia para uma história contada através de *e-mails*? Depois riscou isso, decidindo que era uma treta. Risca coisas do diário, como se imaginasse qualquer pessoa no futuro debruçada sobre ele, a lê-lo em pormenor, e como se quisesse que essa pessoa futura soubesse que ideias lhe pareceram melhores.

A sua correspondência com Marianne inclui uma série de *links* para novas informações. De momento, estão ambos embrenhados na história de Edward Snowden, Marianne devido ao seu interesse pela arquitetura da vigilância global, e Connell ao drama pessoal fascinante. Lê toda a especulação *online*, vê as imagens pouco nítidas do aeroporto de Sheremetyevo. Ele e Marianne só podem falar do assunto por *e-mail*, usando as mesmas tecnologias de comunicação que sabem estar sob vigilância, e por vezes é como se a sua relação tivesse sido apanhada numa rede complexa de poder estatal, e essa rede fosse uma forma de inteligência em si, encerrando-os a ambos e ao que sentem um pelo outro. Tenho a impressão de que os agentes da Segurança Nacional que leem estes *e-mails* ficam com uma ideia errada a nosso respeito, escreveu Marianne certa vez. Provavelmente não estão ao corrente daquela vez em que não me convidaste para o baile de finalistas.

Ela escreve-lhe imenso sobre a casa onde está a morar com Jamie e Peggy, nos arredores de Trieste. Conta-lhe o que se passa, como se sente, como supõe que os outros se sentem e o que anda a ler e a pensar. Ele escreve-lhe sobre as cidades que visitam, incluindo por vezes um parágrafo a descrever um espetáculo ou uma cena particulares. Disse-lhe como, ao subir da estação de metro de Schönleinstraße, viu que, de súbito, tinha ficado escuro e que os ramos das árvores se agitavam sobre eles como dedos fantasmagóricos, descreveu o ruído dos bares, e o cheiro a piza e a gases de escape. Sente-se poderoso ao pôr uma experiência em palavras, como se estivesse a fechá-la num frasco sem nunca poder perdê-la. Certa vez disse a Marianne que andava a escrever histórias e agora ela está sempre a pedir-lhe para as ler. Se forem tão boas como os teus *e-mails*, devem ser excelentes, escreveu ela. Foi uma coisa agradável de ler, embora ele lhe respondesse com sinceridade: Não são tão boas como os meus *e-mails*.

Ele, Niall e Elaine combinaram apanhar o comboio de Viena para Trieste a fim de passarem as últimas noites na casa de férias de Marianne, antes de voarem todos juntos de regresso a Dublin. Falaram de uma viagem de um dia a Veneza. Na véspera à noite, entraram no comboio com as mochilas, e Connell enviou uma mensagem a Marianne:

devemos estar aí amanhã à tarde, antes disso não vou ter tempo de responder ao teu *e-mail* como deve ser. Agora já quase não lhe resta roupa limpa. Tem postos uma *T-shirt* cinzenta, uns *jeans* pretos e uns ténis brancos sujos. Na mochila tem várias peças de roupa ligeiramente sujas, uma *T-shirt* branca lavada, uma garrafa de plástico vazia para água, roupa interior limpa, um carregador de telemóvel enrolado, o passaporte, duas embalagens de paracetamol genérico, um exemplar muito gasto de um romance de James Salter, e, para Marianne, uma edição dos poemas escolhidos de Frank O'Hara que encontrou numa livraria inglesa em Berlim. E um caderno de capa macia cinzenta.

Elaine dá cotoveladas a Niall até a cabeça lhe cair para a frente e ele abrir os olhos. Pergunta que horas são e onde estão e Elaine diz-lhe. Niall cruza os dedos e estica os braços à sua frente. As articulações estalam baixinho. Connell olha pela janela para a paisagem que passa: amarelos secos e verdes, o declive laranja de um telhado com telhas, uma janela recortada e incendiada pelo sol.

As bolsas para a universidade tinham sido anunciadas em abril. No alto dos degraus do Pavilhão dos Exames, o reitor leu a lista dos bolseiros. Nesse dia, o céu estava de um azul delirante, como gelo colorido. Connell tinha vestido o seu blusão e Helen dava-lhe o braço. Quando chegou ao Inglês, leram quatro nomes, por ordem alfabética, e o último era: Connell Waldron. Helen abraçou-o. E foi tudo, disseram o seu nome e passaram à frente. Ele ficou à espera na praça até anunciarem História e Política, e, quando ouviu o nome de Marianne, olhou em redor à procura de a ver. Ouviu um círculo de amigos dela a darem vivas e a aplaudirem. Enfiou as mãos nos bolsos. Ao ouvir o nome de Marianne, deu-se conta de como era real, tinha de facto ganho a bolsa, tinham ambos. Não se recorda muito bem do que aconteceu depois. Lembra-se de ter ligado a Lorraine depois de anunciarem os nomes, de ouvir a sua voz calma e surpreendida, antes de murmurar: Oh, meu Deus.

Niall e Elaine chegaram junto dele, a aplaudirem, a darem-lhe palmadas nas costas e a chamarem-lhe «um marrão do caraças». Connell ria de nada, só porque tanta excitação exigia qualquer manifestação exterior, e não queria chorar. Nessa noite, todos os novos bolseiros tiveram de ir a um jantar de gala no Refeitório. Connell pediu um *smoking* emprestado a alguém da sua turma, que não lhe assentava muito bem, e ao jantar sentiu-se constrangido ao tentar fazer conversa com o professor de Inglês sentado ao seu lado. Queria estar com Helen e com os amigos, e não com aquelas pessoas que não conhecia e que nada sabiam sobre ele.

Agora, com a bolsa, tudo é possível: pagar a renda e as propinas e comer uma refeição gratuita todos os dias na faculdade. Foi isso que lhe permitiu passar metade do verão a viajar pela Europa, gastando dinheiro com a atitude despreocupada de quem é rico. Explicou, ou tentou explicar isso nos *e-mails* que escrevia a Marianne. Para ela, a bolsa era um incentivo à autoestima, uma confirmação feliz do que sempre acreditara sobre si própria: que era especial. Connell nunca soube se havia de acreditar nisso a seu respeito, e continua sem saber. Para ele, a bolsa é um gigantesco facto material, como um enorme pacote de cruzeiro vindo de nenhures, que, repentinamente, lhe

permite fazer um curso de pós-graduação gratuitamente se quiser, viver gratuitamente em Dublin, e nunca pensar na renda de casa até acabar os estudos. Assim, sem mais nem menos, pode passar uma tarde em Viena a olhar para *A Arte da Pintura* de Vermeer; lá fora está calor e, se lhe der na gana, quando sair pode pagar um copo de cerveja fresca. É como uma coisa que toda a vida pensou ser um cenário pintado e que se revelou ser real: as cidades estrangeiras são reais, bem como as obras de arte famosas, os sistemas de metropolitanos subterrâneos e os vestígios do Muro de Berlim. É dinheiro, a substância que torna o mundo real. E há nisso qualquer coisa muito *sexy* e corrupta.

Chegaram a casa de Marianne às três horas da tarde, com um calor de rachar. Os pequenos arbustos do lado de fora do portão pululam de insetos, e um gato de pelo avermelhado está deitado no capô de um carro do outro lado da rua. Através do portão, Connell avista a casa, que tem o mesmo aspeto que nas fotografias que ela lhe enviou: uma fachada de pedra e janelas com portadas brancas. Vê a mesa de jardim onde deixaram duas chávenas. Elaine toca à campainha e daí a uns segundos alguém dobra a esquina da casa. É Peggy. Nos últimos tempos, Connell convenceu-se de que Peggy não gosta dele, e acontece-lhe ficar a observar o seu comportamento em busca de indícios. Ele também não gosta dela, nunca gostou, mas isso não lhe parece importante. Ela corre para o portão, com as sandálias a baterem no saibro. O calor incide na nuca de Connell como olhos humanos fixos nele. Peggy abre e deixa-os entrar, com um grande sorriso e a dizer *ciao, ciao*. Tem um vestido de ganga curto e enormes óculos de sol. Seguem todos pelo caminho de gravilha em direção à casa, e Niall leva a mochila de Elaine além da sua. Peggy tira um jogo de chaves do bolso do vestido e abre a porta da rua.

No interior do vestíbulo, um arco de pedra conduz a um curto lanço de escadas. A cozinha é uma divisão comprida com ladrilhos de terracota, armários brancos e uma mesa junto das portas que dão para o jardim, banhado de luz. Marianne está lá fora, no quintal das traseiras, entre as cerejeiras, com um cesto de roupa nos braços. Tem um vestido branco com uma tira à volta do pescoço e a pele bronzeada. Esteve a pendurar roupa na corda. No exterior não corre uma aragem e a roupa, molhada e colorida, está ali pendurada, imóvel. Ao poisar a mão no puxador da porta, vê-os no interior. Tudo aquilo parece acontecer muito lentamente, embora só leve uns segundos. Abre a porta e coloca o cesto em cima da mesa, e Connell sente uma dor na garganta que lhe dá prazer. O vestido dela tem um aspeto impecável e ele toma consciência de como deve parecer sujo, uma vez que não se barbeia desde que saiu da pousada de juventude na véspera de manhã e que a sua roupa não está propriamente limpa.

Olá, cumprimenta Elaine.

Marianne sorri e diz *ciao*, como que a troçar de si mesma, dá dois beijos na face de Elaine e de Niall e pergunta-lhes pela viagem; Connell está ali, dominado por uma sensação que pode ser de exaustão total, uma exaustão que se tem vindo a acumular há semanas. Sente o cheiro da roupa lavada. De perto, vê que Marianne tem os braços ligeiramente manchados de sardas e os ombros rosa-vivo. Por fim, ela volta-se para ele

trocam beijos na face. Olhando-o nos olhos, ela diz: Ora viva. Ele sente uma certa receptividade na sua expressão, como se ela estivesse a recolher informação sobre os seus sentimentos, uma coisa que aprenderam a fazer um ao outro há muito tempo, como que a falar uma língua secreta. Sente que o seu rosto fica mais quente enquanto ela o fita, mas não quer desviar o olhar. Também consegue recolher informação no rosto dela. Percebe que há coisas que ela lhe quer contar.

Olá, diz.

Marianne aceitou uma oferta para passar o terceiro ano do curso na Suécia. Vai partir em setembro e Connell talvez só volte a vê-la em junho, o que depende dos planos de ambos para o Natal. As pessoas estão sempre a dizer-lhe que vai sentir a falta dela, mas até agora ele pensa como a correspondência que trocaram por *e-mail* vai ser longa e intensa enquanto ela estiver fora. Agora, ao fitar os seus olhos frios e interpretativos, pensa: Está bem, está bem, vou sentir a falta dela. Isto provoca-lhe sentimentos ambivalentes, como se isso fosse desleal da sua parte, pois talvez a aparência dela ou qualquer aspeto físico da sua proximidade lhe deem prazer. Não sabe ao certo se é lícito os amigos sentirem isso um pelo outro.

Numa série de *e-mails* que trocaram recentemente acerca da sua amizade, Marianne manifestou os seus sentimentos por Connell principalmente em termos de um interesse permanente pelas suas opiniões e convicções, da curiosidade pela sua vida, e do instinto de lhe sondar os pensamentos sempre que se sente dividida em relação a qualquer coisa. Ele manifestou-se mais em termos de identificação, do sentimento que o leva a apoiá-la e a partilhar o seu sofrimento quando ela sofre, da sua capacidade de compreender e partilhar as suas motivações. Segundo Marianne, isso tinha qualquer coisa que ver com os papéis de género. Acho apenas que gosto muito de ti como pessoa, respondeu ele na defensiva. Isso é muito gentil, escreveu ela de volta.

Jamie desce os degraus atrás deles e voltam-se todos para o cumprimentar. Connell esboça um ligeiro aceno de cabeça, inclinando um tudo-nada o queixo para cima. O outro dirige-lhe um sorriso zombeteiro e diz: Estás com ar de rufia, pá. Desde que se tornou namorado de Marianne, Jamie tornou-se um alvo contínuo de desprezo e de chacota para Connell. Durante vários meses depois que os viu juntos pela primeira vez, Connell teve fantasias compulsivas em que se via a dar pontapés na cabeça de Jamie até o crânio dele ficar com a textura de um jornal molhado. Certa vez, após trocaram breves palavras numa festa, Connell saiu do prédio e deu um murro numa parede de tijolo com tanta força que a mão lhe começou a sangrar. Jamie é ao mesmo tempo enfadonho e hostil, sempre a bocejar e a revirar os olhos quando outras pessoas estão a falar. E, no entanto, é a pessoa mais confiante que Connell conheceu. Nada o intimida. Não parece capaz de conflitos íntimos. Connell consegue imaginá-lo a sufocar Marianne com as suas mãos nuas e a sentir-se completamente descontraído com isso, o que, segundo ela conta, corresponde à realidade.

Marianne liga uma cafeteira com café, enquanto Peggy corta pão em fatias e dispõe em pratos azeitonas e presunto de Parma. Elaine está a contar-lhes disparates de Niall e Marianne ri de uma maneira generosa, não por as histórias serem divertidas,

mas para Elaine se sentir bem recebida. Peggy passa pratos à volta da mesa e Marianne toca no ombro de Connell e estende-lhe uma chávena de café. Por causa do vestido branco e das pequenas chávenas brancas de porcelana, ele sente vontade de dizer: "Pareces um anjo. Nem sequer é uma coisa que Helen se importasse de ouvir mas, de qualquer modo, não pode dizer esse género de coisas bizarras e afetuosas diante de outras pessoas. Bebe o café e come um pedaço de pão. O café está muito quente e é amargo e o pão é fresco e macio. Começa a sentir-se fatigado.

Depois do almoço, sobe ao andar de cima para tomar um duche. Há quatro quartos, de modo que fica com um para si, com uma enorme janela de guilhotina a dar para o jardim. Depois do duche, veste a única roupa apresentável que lhe resta: uma *T-shirt* branca, lisa, e os *jeans* que usa desde os tempos de escola. Tem o cabelo molhado. Devido ao café e à elevada pressão da água do chuveiro, sente o cérebro desanuviado e a frescura do algodão em contacto com a pele. Põe a toalha húmida pelos ombros e abre a janela. As cerejas pendem como brincos das árvores verde-escuras. Pensa nessa frase uma ou duas vezes. Gostaria de a incluir num *e-mail* para Marianne, mas não pode contactá-la desse modo quando ela está no andar de baixo. Helen usa brincos, em geral um par de argolas de ouro minúsculas. Entrega-se a fantasias sobre ela durante uns momentos, porque ouve os outros no andar de baixo. Pensa nela deitada de costas. Devia ter pensado nisso no duche, mas estava cansado. Precisa do código Wi-Fi daquela casa.

Tal como Connell, Helen era popular na escola. Ainda se esforça por manter o contacto com velhos amigos e com a família alargada, recordando aniversários e postando fotografias nostálgicas no Facebook. Responde sempre aos convites para festas e chega a tempo, está sempre a tirar fotografias de grupo, repetidas vezes, até haver uma com que toda a gente se sente feliz. Por outras palavras, é uma pessoa simpática, e Connell começa a compreender que, na realidade, gosta de pessoas simpáticas, e que ele próprio deseja sê-lo. Teve um namorado a sério no passado, um rapaz chamado Rory, com quem rompeu no primeiro ano da universidade. Está na UCD<sup>6</sup>, por isso Connell nunca o conheceu, embora tivesse visto as fotografias dele no Facebook. Não é muito diferente de Connell em estatura e cor de pele, mas tem um certo ar desajeitado e fora de moda. Uma vez Connell confessou a Helen que o tinha procurado na Internet, e ela perguntou-lhe que tal o tinha achado.

Não sei, respondeu Connell. Parece-me um bocado tosco, não é?

Ela achou aquilo hilariante. Estavam deitados na cama, Connell a rodeá-la com um braço.

Ele é o teu género, gostas de tipos toscos?, perguntou ele.

Tu lá sabes.

O quê, eu sou tosco?

Acho que sim, respondeu ela. No bom sentido. Não gosto de pessoas fixes.

Endireitou-se a fim de olhar para ela.

Sou mesmo?, insistiu. Não me sinto ofendido, mas, sinceramente, pensava que era para o fixe.

És um parolo.

Sou? Em que aspeto?

Tens um sotaque de Sligo cerradíssimo, disse ela.

Não tenho nada. Não acredito nisso. Nunca me disseram tal coisa. Tenho mesmo?

Ela ainda estava a rir. Connell acariciou-lhe a barriga, contente por a fazer rir.

Metade do tempo, quase não consigo perceber-te, disse ela. Felizmente que és do tipo forte e silencioso.

Nessa altura, ele também teve de rir.

Isso é brutal, Helen.

Ela meteu-lhe uma mão por trás da cabeça. Pensas mesmo que és fixe?, perguntou.

Bem, agora já não penso.

Helen sorriu para consigo. Ótimo, disse. Ainda bem que já não pensas.

Helen e Marianne tinham-se conhecido em fevereiro, na Dawson Street. Connell e Helen iam rua fora de mãos dadas quando ele viu Marianne a sair da livraria Hodges Figgis, com uma boina preta. Ah, olá, cumprimentou-a numa voz angustiada. Pensou em largar a mão de Helen, mas não conseguiu fazê-lo. Olá, respondeu Marianne. Deves ser a Helen. Ficaram então as duas ocupadas com uma conversa perfeitamente apropriada e afável, enquanto ele, em pânico, olhava fixamente para diversos objetos nas proximidades.

Mais tarde, Helen perguntou-lhe: Então tu e a Marianne foram sempre amigos, ou...? Nessa altura estavam no quarto dele, na Pearse Street. Os autocarros passavam lá fora, projetando uma coluna de luz amarela na porta do quarto.

Iá, mais ou menos, respondeu ele. Mas nunca vivemos propriamente juntos.

Mas dormiam juntos.

Iá, mais ou menos. Não, iá, para ser franco, dormíamos. Tem alguma importância?

Não, é só por curiosidade, respondeu Helen. Era assim uma coisa de amigos coloridos?

Basicamente. No último ano da escola, e durante algum tempo no ano passado. Não era nada de sério.

Helen fez-lhe um sorriso. Ele raspava o lábio inferior com os dentes, e só se lembrou de parar depois de ela ter reparado.

Parece que ela vai estudar Belas-Artes, disse Helen. Imagino que a achas muito sofisticada.

Ele deu uma pequena gargalhada e olhou para o chão. Não é nada disso, retorquiu. Conhecemo-nos desde miúdos.

Não é nada do outro mundo ela ser tua ex, disse Helen.

Ela não é minha ex. Somos só amigos.

Mas antes de serem amigos, eram...

Bem, ela não era minha namorada.

Mas mesmo assim dormias com ela.

Ele tapou todo o rosto com as mãos. Helen riu-se.

Depois disso, Helen decidiu tornar-se amiga de Marianne, como que para provar um ponto de vista. Quando a viam em festas, Helen esforçava-se por lhe elogiar o

cabelo e a roupa, e Marianne fazia acenos de cabeça vagos e continuava a manifestar qualquer opinião profunda sobre o escândalo dos Asilos das Magdalene ou sobre o caso Denis O'Brien<sup>7</sup>. Objetivamente, Connell achava interessantes as opiniões de Marianne, mas percebia como a sua predileção por expressá-las pormenorizadamente, em detrimento da conversa mais ligeira, não era do agrado geral. Uma noite, depois de uma discussão demasiado longa sobre Israel, Helen ficou irritável, e, a caminho de casa, disse a Connell que tinha achado Marianne «egocêntrica».

Por falar demasiado de política?, perguntou Connell. Mas eu não lhe chamaria egocêntrica por isso.

Helen encolheu os ombros, mas inspirou pelo nariz, o que indicava que a interpretação não lhe agradava.

Ela já era assim na escola, acrescentou. Mas não está a armar, esses assuntos interessam-lhe genuinamente.

Ela interessa-se mesmo pelas conversações de paz israelitas?

Surpreendido, Connell limitou-se a responder: Sim. Após uns segundos a caminhar em silêncio, acrescentou: Tal como eu, para ser franco. É importantíssimo. Helen soltou um suspiro bem audível. Ele ficou admirado por ela suspirar daquela maneira petulante, e perguntou-se quanto teria ela bebido. Helen tinha os braços cruzados sobre o peito. Não é ser moralista, prosseguiu ele. É óbvio que não vamos salvar o Médio Oriente a falar disto numa festa. Mas julgo que a Marianne pensa muito no assunto.

Não te parece que ela talvez tome essa atitude para atrair as atenções?, sugeriu Helen.

Ele franziu o sobrolho, num esforço consciente de parecer pensativo. Marianne interessava-se tão pouco pelo que os outros pensavam dela, sentia-se tão segura das suas opiniões, que era difícil imaginá-la a procurar atenção de uma maneira ou de outra. Tanto quanto Connell sabia, nem tudo em si mesma lhe agradava, mas os elogios de outras pessoas pareciam-lhe tão irrelevantes como as críticas tinham sido na escola.

Para falar com franqueza, não, respondeu.

Mas ela parece gostar muito da tua atenção.

Connell manteve-se em silêncio. Só então compreendeu por que motivo Helen estava tão irritada, e sem tentar dissimular essa irritação. Não lhe parecia que Marianne lhe estivesse a dar qualquer atenção especial, embora ouvisse sempre com atenção o que ele dizia, uma delicadeza que nem sempre tinha para com as outras pessoas. Voltou a cabeça para olhar um carro que passava.

Não reparei nisso, disse por fim.

Para seu alívio, Helen mudou de assunto e centrou-se numa crítica mais geral do comportamento de Marianne. Cada vez que a vemos numa festa, ela está sempre a flertar com dez tipos diferentes, disse. Se isso não é tentar atrair a atenção masculina, não sei o que será.

Satisfeito por já não estar envolvido na crítica, Connell sorriu e disse: Pois. Mas ela não era nada assim na escola.



Queres dizer que não se comporta como uma galdéria?, perguntou Helen.

A sentir-se de súbito encurralado, e lamentando ter baixado a guarda, Connell ficou de novo em silêncio. Sabia que Helen era uma pessoa impecável, mas por vezes esquecia-se de como os seus valores eram antiquados. Decorrido algum tempo, disse pouco à vontade: Olha, ela é minha amiga, está bem? Não fales dela assim.

Helen não respondeu, mas apertou mais os braços cruzados contra o peito. De qualquer modo, dissera a coisa errada. Mais tarde, perguntar-se-ia se estava de facto a defender Marianne ou apenas a defender-se a si próprio de uma acusação implícita sobre a sua sexualidade, por ele próprio estar de algum modo maculado, por ter desejos inaceitáveis.

Mas, de momento, o consenso tácito é que Helen e Marianne não gostam muito uma da outra. São pessoas diferentes. Connell pensa que os aspetos da sua personalidade que são mais compatíveis com Helen são as suas melhores facetas: a sua lealdade, a sua visão do mundo essencialmente prática, o seu desejo de que o considerem uma pessoa às direitas. Com Helen, não sente coisas vergonhosas, não diz coisas bizarras enquanto têm relações, não tem a sensação constante de não ter raízes em parte nenhuma, e de nunca as vir a ter. Marianne tem um lado selvagem que o contagiou durante algum tempo e que o levou a sentir que era como ela, que sofriam ambos dos mesmos danos espirituais inomináveis, e que nunca nenhum deles viria a adaptar-se ao mundo. Mas ele não estava danificado como Marianne. Era ela que o fazia sentir-se assim.

Uma noite, estava à espera de Helen na faculdade, à saída do Graduates Memorial Building. Ela vinha do ginásio no outro extremo do *campus* e iam apanhar o autocarro para casa. Connell estava nos degraus, a olhar para o telemóvel, quando a porta atrás dele se abriu e saiu um grupo de pessoas, com vestuário formal, a rir e a conversar. Com a luz pelas costas, só se viam em contraluz, pelo que demorou um segundo a reconhecer Marianne. Ela tinha um vestido comprido, de uma cor escura, e o cabelo apanhado no alto da cabeça, o que tornava o seu pescoço visível e mais esguio. Os olhos, quando os cruzou com os dele, tinham uma expressão familiar. Olá, disse ela. Connell não conhecia as pessoas que a acompanhavam e calculou que eram da sociedade de debates, ou coisa assim. Olá, disse ele. Como poderia sentir por ela algo de semelhante ao que sentia por outras pessoas? Mas parte desse sentimento provinha de saber a tremenda influência que tinha sobre ela, e continuava a ter, sem poder pensar em alguma vez vir a perdê-la.

Nessa altura, Helen chegou. Só reparou nela, quando o chamou. Vinha de *leggings* e ténis, com o saco de ginástica ao ombro, e a testa lustrosa, visível à luz do candeeiro. Sentiu uma intensa vaga de amor por ela, e também piedade, quase compaixão. Sabia que o seu lugar era junto dela. O que havia entre ambos era normal, uma boa relação. A vida que estavam a viver era a certa. Tirou-lhe o saco do ombro e ergueu um braço para dizer adeus a Marianne. Ela não lhe correspondeu, limitando-se a fazer um aceno de cabeça. Diverte-te!, disse Helen. E foram apanhar o autocarro. A partir daí, ele ficou com pena de Marianne, triste por nunca ter havido nada na vida dela que lhe parecesse verdadeiramente saudável, e também por ter de se afastar dela. Sabia que

isso a fizera sofrer. De certo modo, até tinha pena de si próprio. Sentado no autocarro, continuou a imaginá-la à saída, com a luz por trás: como era atraente, uma pessoa sedutora e formidável, com aquela expressão subtil que lhe surgia no rosto quando o olhava. Mas ele não podia ser o que ela desejava. Daí a algum tempo, ao aperceber-se de que Helen estava a falar, parou de pensar e começou a ouvir.

Para o jantar, Peggy faz massa e comem na mesa redonda do jardim. O céu, de um azul intenso, estende-se liso e uniforme como seda. Marianne sai de casa com uma garrafa de espumante fresco, com a condensação a correr pelo vidro como suor, e pede a Niall que a abra. Connell acha essa decisão sensata. Em ocasiões como aquela, Marianne é serena e sociável como a esposa de um diplomata. Connell está sentado entre ela e Peggy. A rolha voa para a parede do jardim e vai aterrar longe da vista. Uma crista branca sai pelo gargalo da garrafa e Niall enche o copo de Elaine. Os copos são largos e pouco profundos como pires. Jamie vira o seu ao contrário, ainda vazio, e pergunta: Não temos copos de champanhe como deve ser?

Estes copos são de champanhe, responde Peggy.

Não, estou a falar dos altos, diz Jamie.

Estás a pensar em *flutes*, diz Peggy. Estas são taças.

Helen sente vontade de rir com a conversa, e, a pensar nas gargalhadas que ela iria dar, Connell sorri. Marianne diz: Não é uma questão de vida ou de morte, pois não? Peggy enche-lhe o copo e passa a garrafa a Connell.

Estou só a dizer que estes não são para champanhe, insiste Jamie.

És cá um ignorante, diz Peggy.

Sou um ignorante? Estamos a beber champanhe por molheiras.

Niall e Elaine começam a rir, e Jamie sorri a pensar que eles riem do seu dito espirituoso. Marianne toca ao de leve na pálpebra com a ponta do dedo, como que para retirar um grão de poeira ou de areia. Connell estende-lhe a garrafa e ela aceita-a.

É um estilo de copos de champanhe antigos, diz Marianne. Eram do meu pai. Vai lá dentro buscar uma *flute*, se preferes, estão no armário por cima do lava-loiça.

Por ironia, Jamie abre muito os olhos e diz: Não sabia que era uma questão tão importante para ti. Marianne poisa a garrafa no centro da mesa e não responde. Connell nunca ouviu Marianne mencionar o pai assim, numa conversa descontraída. Mais ninguém à mesa parece dar-se conta disso; Elaine talvez nem sequer saiba que o pai de Marianne morreu. Connell tenta cruzar o olhar com o de Marianne, mas não consegue.

A massa está deliciosa, diz Elaine.

Ah, responde Peggy, está muito *al dente*, não está? Talvez demasiado *al dente*.

Acho que está boa, diz Marianne.

Connell bebe um gole e sente a espuma fria na boca antes de esta se desvanecer como ar. Jamie começa a contar uma anedota sobre um dos seus amigos, que está a fazer um estágio de verão no Goldman Sachs. Connell termina o espumante e, discretamente, Marianne volta a encher-lhe o copo. Obrigado, agradece ele em voz baixa. A mão dela fica a pairar por um instante, como se fosse tocar-lhe. Mas não o

faz. E não diz nada.

Na manhã que se seguiu ao anúncio das bolsas, Connell e Marianne foram juntos à cerimónia do juramento. Ela tinha saído na véspera à noite e parecia estar com uma ressaca, o que o deixou satisfeito, por a cerimónia ser tão formal, eles terem de usar trajes académicos e de recitar frases em latim. Em seguida, foram tomar o pequeno-almoço juntos, num café perto da faculdade. Ficaram sentados no exterior, a uma mesa na rua, e havia pessoas a passar com sacos de compras e a conversar em voz muito alta ao telemóvel. Marianne bebeu uma única chávena de café e pediu um *croissant*, que não acabou. Connell comeu uma grande omelete de fiambre e queijo, com duas fatias de torrada com manteiga, e bebeu chá com leite.

Marianne disse que estava preocupada com Peggy, que era a única dos três a não ter tido uma bolsa, o que devia ser duro para ela. Connell inspirou e não disse nada. Peggy não precisava que lhe subsidiassem as propinas ou que lhe concedessem alojamento grátis no *campus*, porque vivia em casa, em Blackrock, e os pais eram ambos médicos, mas Marianne insistia em encarar a bolsa mais como uma questão de sentimento pessoal do que como um fator económico.

De qualquer modo, estou feliz por ti, disse ela.

Eu também estou feliz por ti.

Mas mereces mais.

Ele ergueu os olhos para ela e limpou a boca ao guardanapo. Em termos económicos, queres tu dizer?, perguntou.

O que queria dizer é que és melhor aluno do que eu, respondeu ela.

Baixou os olhos para o *croissant* com uma expressão crítica. Connell ficou a olhá-la.

Embora também, como é óbvio, em termos de situação financeira, acrescentou. Acho ridículo não fazerem uma análise dos rendimentos.

Creio que, do ponto de vista de classe, somos de meios muito diferentes.

Não é coisa em que eu pense muito, disse ela, e acrescentou muito depressa: Desculpa, é estúpido dizer isto. Talvez devesse pensar mais no assunto.

Não me consideras o teu amigo da classe operária?

Com um sorriso que mais parecia uma careta, Marianne respondeu: Tenho consciência de que nos conhecemos porque a tua mãe trabalha para a minha família. Além disso, não me parece que a minha mãe seja uma boa patroa, creio que não paga muito bem à Lorraine.

Pois não, paga-lhe uma miséria.

Connell cortou uma fatia fina de omelete. Para o seu gosto, o ovo parecia-se demasiado com borracha.

Admiro-me que não tenhamos falado disto antes, disse ela. Acho que é totalmente justo se te sentires magoado comigo.

Não me sinto magoado contigo. Porque havia de me sentir?

Poisou a faca e o garfo e olhou para ela. Marianne tinha uma ligeira expressão de ansiedade.

Só que tudo isto me provoca uma sensação estranha, disse ele. Sinto-me bizarro de gravata preta e a dizer coisas em latim. Sabes que ontem, ao jantar, as pessoas que nos serviam eram estudantes. Trabalham para poderem fazer o curso, enquanto nós estávamos ali sentados, a comer a comida grátis que nos punham à frente. Não é horrível?

Claro que é. Toda a ideia de «meritocracia» é perversa, sabes o que eu penso a esse respeito. Mas o que podemos fazer, devolver o dinheiro da bolsa? Não sei qual a vantagem disso.

Bem, é sempre fácil encontrar razões para não se fazer uma coisa.

Sabes que também não o vais fazer, por isso não me culpabilizes, disse ela.

Depois continuaram a comer, como se estivessem a representar uma cena de discussão na qual ambas as partes eram igualmente convincentes e tivessem escolhido a sua posição mais ou menos aleatoriamente, com a única finalidade de representar o debate. Uma grande gaivota, com penas magnificamente limpas e macias, poisou na base de um candeeiro de rua que se encontrava ali perto.

Tens de ter uma ideia clara do que te parece ser uma boa sociedade, disse Marianne. E, se achas que as pessoas deviam poder ir para a universidade e tirar cursos de Inglês, não te debes sentir culpado por fazeres o mesmo, porque é um direito que tens.

Isso está bem para ti, que nunca te sentes culpada de nada.

Ela começou a procurar qualquer coisa no saco. É assim que me vês?, perguntou despreocupadamente

Não, respondeu ele. Depois, sem saber ao certo até que ponto Marianne se sentia culpada de tudo, acrescentou: Não sei. Quando vim para Trinity, devia saber que seria assim. Só estou a olhar para toda esta coisa das bolsas e a pensar: Santo Deus, o que irão dizer os colegas da escola?

Por instantes, Marianne ficou em silêncio. Ele sentiu que, de qualquer maneira obscura, se tinha expressado incorretamente, embora não soubesse como. Para ser sincera, disse ela, sempre te preocupaste muito com o que diriam os colegas da escola. Nessa altura, ele recordou-se de como os colegas a tratavam nesse tempo, e de como ele próprio a havia tratado, e sentiu-se mal. Não era essa conclusão que esperava para a conversa, mas sorriu. Ela devolveu-lhe o sorriso e ergueu a chávena de café. Nesse momento, Connell pensou: tal como no tempo de escola era ele a decidir os termos da relação de ambos, agora era ela a fazê-lo. Mas ela é mais generosa, pensou. É uma pessoa melhor.

Quando a história de Jamie acabou, Marianne entra em casa e volta a sair com mais uma garrafa de espumante e outra de vinho tinto. Niall começa a tirar o arame da primeira e Marianne estende um saca-rolhas a Connell. Peggy começa a levantar os pratos. Connell tira a capa de alumínio do alto da garrafa enquanto Jamie se inclina e diz qualquer coisa a Marianne. Introduce o saca-rolhas na rolha e fá-lo girar para o enterrar. Peggy tira-lhe o prato e empilha-o com os outros. Ele dobra os braços do saca-rolhas e a rolha salta do gargalo da garrafa com um som de lábios a beijarem-se.

Agora o azul do céu está menos intenso, e há nuvens prateadas na orla do horizonte. Connell sente o rosto afogado e pergunta-se se terá apanhado um escaldão. Às vezes gosta de imaginar Marianne mais velha, com filhos. Imagina que estão todos juntos ali, em Itália, e que ela está a fazer uma salada ou qualquer coisa do género, e a queixar-se a Connell do marido, que é mais velho, provavelmente um intelectual, e a quem ela acha um chato. Porque não casei contigo?, perguntaria ela. No seu sonho, vê Marianne com toda a nitidez, vê-lhe o rosto, sente que ela passou anos a trabalhar como jornalista, talvez a viver no Líbano. Não se vê a si próprio tão bem, nem sabe o que andou a fazer. Mas sabe o que lhe diria. Dinheiro, diria ele. E ela havia de rir, sem erguer os olhos da salada.

À mesa estão a falar da viagem de um dia que vão fazer a Veneza: que comboios devem apanhar, que galerias vale a pena visitarem. Marianne diz a Connell que ele havia de gostar do Guggenheim, e Connell sente-se satisfeito por ela se ter dirigido a ele, por ser escolhido como um apreciador de arte moderna.

Não sei porque estamos a preocupar-nos com Veneza, diz Jamie. A cidade está cheia de asiáticos a tirar fotografias a tudo.

Oxalá que não tenhas um encontro com um asiático, diz Niall.

Faz-se silêncio à mesa. O quê?, pergunta Jamie. O seu tom de voz e a lentidão com que reagiu tornam claro que agora está embriagado.

O que acabaste de dizer sobre os asiáticos é um comentário racista, declara Niall. Vou fingir que não ouvi.

Ah, sim, porque todos os asiáticos aqui à mesa vão ficar ofendidos, não é?, riposta Jamie.

Marianne põe-se de pé abruptamente e diz: Vou buscar a sobremesa. Connell fica desapontado com esta ausência de reação, mas também não diz nada. Peggy segue Marianne até ao interior da casa e todos à mesa ficam em silêncio. Uma enorme falena descreve círculos no ar sombrio e Jamie bate-lhe com o guardanapo. Daí a um ou dois minutos, Peggy e Marianne chegam da cozinha com a sobremesa: uma taça gigantesca com morangos partidos ao meio, uma pilha de pratos de porcelana e colheres de prata. Mais duas garrafas de vinho. Os pratos são passados à volta e todos os enchem de frutos.

Ela esteve a tarde inteira a partir ao meio estes sacaninhas, explica Peggy.

Sinto-me tão mimada, declara Elaine.

Onde estão as natas?, pergunta Jamie.

Estão lá dentro, responde Marianne.

Porque não as trouxeste?, insiste ele.

Friamente, Marianne puxa a cadeira para trás e levanta-se para ir dentro de casa. Agora está quase escuro. Jamie olha à volta da mesa, a tentar encontrar alguém que esteja a olhar para ele e que concorde que tinha razão em pedir as natas, ou que a reação de Marianne perante uma pergunta inocente foi exagerada. Mas, em vez disso, todos evitam olhá-lo e, com um suspiro sonoro, derruba a cadeira para trás e segue-a. A cadeira cai sem ruído na relva. Entra pela porta lateral da cozinha, que bate atrás dele. Também há uma porta das traseiras, que conduz à outra parte do jardim, onde

estão as árvores. Mas, como há um muro, só as copas das árvores estão visíveis.

No momento em que Connell volta a dirigir a atenção para a mesa, Niall está a olhar para ele. Não sabe o que isso significa. Tenta semicerrar os olhos para mostrar ao outro que está confuso. Niall lança um olhar significativo à casa, e volta a fitá-lo.

Connell olha por cima do ombro direito. A luz da cozinha está acesa, deixando filtrar um fulgor amarelado pelas portas que dão para o jardim. Só tem uma perspetiva em diagonal, pelo que não consegue ver o que se passa no interior. Elaine e Peggy estão a fazer elogios aos morangos. Quando param, Connell ouve uma voz sonora vinda da casa, quase um grito. Todos se imobilizam. Levanta-se da mesa para entrar em casa e sente a tensão arterial descer. Nessa altura já bebeu uma garrafa de vinho, ou mais.

Quando chega às portas que dão para o jardim vê Jamie e Marianne de pé junto da bancada, a terem uma discussão. Através do vidro, não o veem imediatamente, e Connell detém-se com a mão no puxador. Marianne está afogueada, talvez por ter apanhado sol de mais, ou talvez por estar irritada. Com movimentos incertos, Jamie está a encher o copo de champanhe com vinho tinto. Connell faz girar o puxador e entra. Está tudo bem?, pergunta. Param ambos de falar e olham para ele. Repara que Marianne está a tremer, como se tivesse frio. Jamie ergue o copo sarcasticamente na direção de Connell, entornando vinho para o chão.

Larga isso, diz Marianne em voz baixa.

Desculpa, o quê?, responde Jamie.

Larga o copo, por favor, repete Marianne.

Jamie sorri e acena a cabeça de si para consigo. Queres que o largue?, diz. Está bem, está bem. Olha, vou largá-lo.

Deixa cair o copo, que se estilhaça no chão. Marianne grita, solta um grito real vindo da garganta, e lança o corpo contra Jamie, puxando o braço direito para trás como se fosse bater-lhe. Com vidros a estalar debaixo dos sapatos, Connell interpõe-se entre eles, e agarra Marianne pela parte superior dos braços. Atrás dele, Jamie ri. Marianne tenta afastar Connell, com todo o corpo a tremer, e o rosto tumefacto e descorado como se tivesse estado a chorar. Vem cá, diz ele. Marianne. Ela olha-o. Recorda-se dela na escola, tão amarga e obstinada com toda a gente. Nessa altura, sabia coisas sobre ela. Entreolham-se e a rigidez dela desvanece-se e o seu corpo fica frouxo como se tivesse sido atingido por uma bala.

Não regulas bem, diz Jamie. Tens de procurar ajuda.

Connell faz girar o corpo de Marianne e condu-la para a porta de trás, sem que ela ofereça resistência.

Aonde vão?, pergunta Jamie.

Connell não responde. Abre a porta e Marianne sai sem falar. Ele fecha a porta atrás de ambos. Agora está escuro naquela parte do jardim, e a única luz provém da janela encoberta pela folhagem. As cerejas cintilam nas árvores, com um brilho ténue. Por cima do muro, ouvem a voz de Peggy. Juntos, descem os degraus, sem dizer palavra. A luz da cozinha apaga-se atrás deles. Nessa altura, ouvem Jamie, do outro lado do muro, a aproximar-se dos restantes. Marianne enxuga o nariz às costas da mão.

As cerejas pendem à volta deles a cintilar como outros tantos planetas espectrais. O ar está puro e perfumado, verde como clorofila. Connell reparou que na Europa vendem pastilha elástica com clorofila. Lá no alto, o céu está de um azul aveludado. Estrelas brilham sem produzir luz. Caminham juntos ao longo de um renque de árvores, afastando-se da casa, e depois param.

Marianne encosta-se a um tronco de árvore esguio e prateado e Connell abraça-a e pensa: Ela está magra. Seria tão magra antes? Ela encosta o rosto à sua única *T-shirt* lavada. Ainda tem o vestido branco, e agora um xaile com bordados dourados. Ele aperta-a com força, com o corpo a adaptar-se ao seu como um colchão confortável. Ela abandona-se nos seus braços e começa a parecer mais calma. A respiração de ambos abranda num só ritmo. A luz da cozinha acende-se durante algum tempo e depois apaga-se de novo, ouvem-se vozes a subir e a descer de tom. Connell sente-se seguro do que está a fazer, mas é uma segurança vazia, como se estivesse a realizar uma tarefa memorizada com a mente em branco. Descobre que tem os dedos no cabelo de Marianne e que lhe está a acariciar calmamente a parte posterior do pescoço. Não sabe há quanto tempo faz isso. Ela esfrega os olhos com o pulso.

Connell liberta-a. Marianne tira do bolso um maço de cigarros e uma caixa de fósforos esmagada. Oferece-lhe um cigarro e ele aceita. Ela risca um fósforo e a luz ilumina-lhe as feições na escuridão. Tem a pele seca e inflamada e os olhos inchados. Inala o fumo e o papel do cigarro sibila com a chama. Ele acende o seu, deixa cair o fósforo na relva e esmaga-o com o sapato. Fumam em silêncio. Ele afasta-se da árvore, vigiando o fundo do jardim, mas está escuro de mais para distinguir grande coisa. Regressa para junto de Marianne, para debaixo dos ramos e, com ar ausente, puxa uma folha larga e cerosa. Ela deixa o cigarro suspenso no lábio inferior e levanta o cabelo com as mãos, torcendo-o num nó que segura com um elástico que tem no pulso. Por fim, acabam os cigarros e apagam-nos na relva.

Esta noite posso ficar no teu quarto?, pergunta ela. Durmo no chão.

A cama é enorme, não te preocupes com isso.

Quando voltam a entrar, a casa está às escuras. No quarto de Connell, despem-se e ficam de roupa interior. Marianne tem um sutiã de algodão branco que faz o seu peito parecer pequeno e triangular. Deitam-se ao lado um do outro debaixo da coberta. Ele dá-se conta de que agora, se quisesse, podia fazer sexo com ela. Marianne não iria contar a ninguém. Isso parece-lhe estranhamente reconfortante e permite-lhe pensar em como seria. Ei, diria ele em voz baixa. Deita-te de costas, está bem? E, obediente, ela deitar-se-ia de costas. De qualquer modo, há tantas coisas secretas que se passam entre as pessoas. Se isso acontecesse agora, que género de indivíduo seria ele? Alguém muito diferente? Ou exatamente o mesmo, ele próprio, sem diferença absolutamente nenhuma?

Decorrido algum tempo, ouve-a dizer qualquer coisa que não consegue perceber. Não ouvi, diz ele.

Não sei o que há de errado comigo, diz Marianne. Não sei porque não posso ser como as pessoas normais.

A voz dela parece estranhamente fria e distante, como uma gravação da sua voz

ouviu depois de ela se ter afastado ou partido para outro sítio qualquer.

Em que aspeto?, pergunta ele.

Não sei porque não consigo fazer com que as pessoas me amem. Acho que havia qualquer coisa errada comigo quando nasci.

Há muita gente que te ama, Marianne. Estás a ouvir? A tua família e os teus amigos amam-te.

Por instantes, ela fica em silêncio e depois diz: Tu não conheces a minha família.

Ele mal tinha reparado que usara a palavra «família»; só procurara qualquer coisa tranquilizadora e sem sentido para dizer. Agora, fica sem saber o que fazer.

Com a mesma voz estranha e inexpressiva, ela prossegue: Eles odeiam-me.

Connell senta-se na cama para a ver melhor. Sei que brigas com eles, diz, mas isso não quer dizer que te odeiem.

A última vez que estive em casa, o meu irmão disse-me que eu devia matar-me.

Mecanicamente, Connell senta-se mais direito, e afasta a coberta do corpo como se estivesse prestes a levantar-se. Passa a língua pelo interior da boca.

Porque é que ele disse isso?, pergunta.

Não sei. Disse que ninguém sentiria a minha falta se eu morresse, porque não tenho amigos.

Não devias dizer à tua mãe quando ele te fala assim?

Ela estava presente, responde Marianne.

Connell move o maxilar. Sente as pulsações no pescoço a palpitarem. Está a tentar visualizar a cena, os Sheridan em casa, Alan por qualquer razão a dizer a Marianne que se suicide, mas é difícil imaginar qualquer família a comportar-se da maneira que ela descreveu.

O que disse ela? Como reagiu?

Acho que lhe disse qualquer coisa do género, olha, não a encorajes.

Lentamente, Connell inspira pelo nariz e expira através dos lábios.

E o que provocou isso? Quero dizer, como começou a discussão?

Agora sente que qualquer coisa se modifica, ou endurece, no rosto de Marianne, embora não saiba exatamente o quê.

Pensas que eu fiz qualquer coisa para merecer isso, diz ela.

Não, claro que não penso isso.

Às vezes julgo que devo merecer a maneira como me tratam. De outro modo, não sei porque havia de acontecer. Mas, se ele está de mau humor, segue-me pela casa. Não posso fazer nada. Entra no meu quarto, sem querer saber se estou a dormir nem nada.

Connell esfrega as palmas das mãos no lençol.

Ele alguma vez te bateu?

Às vezes. Menos desde que me mudei. Para ser franca, nem me preocupo muito com isso. O lado psicológico é mais desmoralizador. Mas não sei como explicar. Sei que deve parecer...

Ele leva a mão à testa. Sente a pele húmida. Ela não termina a frase a explicar como deve parecer.



Porque é que nunca me falaste disso?, pergunta ele.

Ela não responde. A luz fraca não lhe permite ver-lhe os olhos abertos. Marianne, diz. Durante todo o tempo em que andámos juntos, porque é que nunca me contaste nada disso?

Não sei. Acho que não queria que pensasses que havia algum problema comigo, ou coisa assim. Provavelmente tinha medo que já não me quisesses.

Finalmente, ele oculta o rosto nas mãos. Sente os dedos frios e pegajosos nas pálpebras e lágrimas nos olhos. Quanta mais pressão exerce com os dedos, mais depressa as lágrimas correm, molhando-lhe a pele. Meu Deus, diz. Fala numa voz embargada, e pigarreja. Vem cá. E ela aproxima-se. Sente-se terrivelmente envergonhado e confuso. Ficam deitados, virados um para o outro, e ele rodeia-lhe o corpo com os braços. Desculpa, está bem?, diz-lhe ao ouvido. Ela aperta-se contra ele, abraça-lo, e Connell beija-lhe a testa. Mas, de qualquer modo, sempre achou que havia algum problema com ela. A culpa fá-lo fechar os olhos com força. Agora têm os rostos quentes e húmidos. Connell pensa nela a dizer: Tinha medo que já não me quisesses. Têm as bocas tão próximas que ele sente nos lábios a sua respiração húmida. Começam a beijar-se, e a boca dela tem um sabor escuro como vinho. O corpo dela move-se contra o seu, ele toca-lhe no seio com a mão e, daí a poucos segundos, poderia estar de novo dentro dela. Não, não devemos fazer isto, diz Marianne, afastando-se de repente. No silêncio, ele ouve a sua própria respiração, sente o patético movimento ascendente e descendente do peito. Espera até se acalmar de novo, sem querer que a sua voz vacile quando tenta falar. Lamento muito, diz. Num gesto triste, ela aperta-lhe a mão. Connell não acredita na estupidez do que acabou de fazer. Desculpa, repete. Mas Marianne já se voltou para o outro lado.

<sup>6</sup> A UCD, ou University College Dublin, é a maior universidade da Irlanda.

<sup>7</sup> Dois casos que abalaram a Irlanda, o primeiro relacionado com um asilo para «mulheres perdidas», criado na Irlanda no século xviii e que perdurou até 2011, data em que foi denunciado por maus-tratos, trabalho escravo e violações; o segundo sobre um magnata da comunicação irlandês, acusado de corrupção.

Cinco Meses mais tarde  
(Dezembro de 2013)

Ela está sentada no átrio do edifício de Línguas e Literatura, a ler os *e-mails*. Não despe o casaco porque se vai levantar daí a um minuto. Ao seu lado, em cima da secretária, tem o pequeno-almoço, que acabou de comprar no supermercado do outro lado da rua: um café com açúcar mascavado e um bolo de limão. Quase todos os dias é este o seu pequeno-almoço. Ultimamente, começou a comer devagar, em garfadas generosas e açucaradas, que solidificam à volta dos dentes. Quanto mais devagar come e mais atenção dá à composição dos alimentos, menos fome sente. Só voltará a comer às oito ou nove da noite.

Tem dois *e-mails*, um de Connell e outro de Joanna. Dá pequenos toques no rato, para trás e para a frente entre eles, e selecciona o de Joanna.

como de costume, não há grandes novidades por aqui. ultimamente habituei-me a ficar em casa à noite, a ver uma série-documentário em nove episódios sobre a Guerra Civil Americana. a próxima vez que estivermos no Skype tenho uma data de novas informações para partilhar contigo sobre diversos generais da guerra civil. como estás? e como está o Lukas? ele já tirou essas fotografias ou vai tirá-las hoje? e agora a grande pergunta... posso vê-las quando estiverem prontas?? ou isto será curiosidade mórbida? espero notícias tuas. bjs

Marianne leva o bolo de limão à boca, dá-lhe uma grande dentada lenta e deixa-o dissolver-se em camadas na língua. Mastiga, engole, e pega na chávena. Um gole de café. Volta a baixar a chávena e lê a mensagem de Connell.

Não sei o que queres dizer com a última frase que escreveste. Referes-te ao facto de estarmos muito longe um do outro ou de termos mudado como pessoas? Agora sinto-me muito diferente do que era mas talvez não pareça assim tão diferente. A propósito procurei o teu amigo Lukas no Facebook, e ele tem aquilo a que tu chamarias «ar de escandinavo». Infelizmente desta vez a Suécia não se qualificou para o Campeonato do Mundo, por isso, se acabares com um namorado sueco terei de arranjar outra

maneira de criar laços com ele. Não quero dizer com isto que esse Lukas vá ser teu namorado ou, se vier a ser, que queira falar comigo sobre futebol, embora me pareça uma possibilidade. Sei que, como dizes, gostas de tipos altos e atraentes, por isso porque não o Lukas, que parece alto e também atraente? (A Helen viu a fotografia dele e concorda). Mas, seja como for, não vou insistir na história do namorado, espero que tenhas confirmado que ele não é um psicopata. Nem sempre tens um bom radar para essas coisas.

Mudando de assunto, ontem à noite atravessámos de táxi o Phoenix Park e vimos uma data de gamos. São uns animais de aspeto invulgar. No escuro, têm uma aparência fantasmagórica e os seus olhos podem refletir a luz dos faróis numa tonalidade verde-azeitona ou prateada, como um efeito especial. Pararam para observar o táxi antes de seguirem caminho. Acho estranho os animais parecerem tão inteligentes quando param, mas talvez seja por associar paragem a pensamento. De qualquer modo tenho de dizer que os gamos são elegantes. Se fosses um animal, não era mau de todo seres um gamo. Têm essa expressão pensativa e uns lindos corpos esguios. Mas também se sobressaltam de maneiras imprevisíveis. Na altura não me fizeram pensar em ti, mas em retrospectiva vejo uma semelhança. Espero que não fiques ofendida com a comparação. Devia falar-te da festa antes de atravessarmos o Phoenix Park de táxi, mas, para dizer a verdade, foi chata e não tão boa como os gamos. Não estava lá ninguém que conhecesses bem. O teu último *e-mail* era mesmo bom, obrigado. Como sempre fico ansiosamente à espera de mais notícias.

Marianne vê as horas no canto superior direito do ecrã: 09:49. Regressa à mensagem de Joanna e carrega em resposta.

Ele vai tirar as fotografias hoje, e vou agora mesmo para lá. Claro que tas envio quando estiverem prontas E espero comentários elogiosos sobre cada uma delas. Fiquei entusiasmada por estares a aprender coisas sobre a Guerra Civil Americana. Tudo o que aprendi aqui foi a dizer «não, obrigada» (*nej tack*) e «não, a sério» (*verkligen, nej*). Até breve. Bjs

Marianne fecha o portátil, come mais dois pedaços de bolo e embrulha o que resta num pequeno papel à prova de gordura. Mete o computador na sacola, de onde tira a boina de feltro macio, que enterra até acima das orelhas. Deita o bolo num caixote de lixo próximo.

Lá fora, continua a nevar. O mundo exterior assemelha-se ao ecrã de uma velha televisão mal regulada. O ruído visual quebra a paisagem em fragmentos suaves. Marianne enfia as mãos nos bolsos. Flocos de neve caem-lhe no rosto e dissolvem-se. Um deles poisa-lhe no lábio superior e ela toca-lhe com a língua. Com a cabeça baixa para se proteger do frio, vai a caminho do estúdio de Lukas. O cabelo dele é tão loiro que cada fio parece branco. Por vezes ela encontra-os na roupa, mais finos do que linha de coser. Ele veste-se todo de preto: camisas pretas, blusões pretos com capuz, botas

pretas com solas grossas de borracha preta. É um artista. Quando se conheceram, Marianne disse-lhe que era escritora, o que era mentira. Agora evita falar-lhe do assunto.

Lukas mora perto da estação. Ela tira a mão do bolso, sopra os dedos e carrega na campainha. Ele responde, em inglês: *Who is it?*

É a Marianne, diz ela.

Ah, vens cedo. Entra.

Enquanto sobe a escada, pergunta-se porque terá ele dito «vens cedo». A ligação estava pouco nítida, mas era como se fizesse o comentário com um sorriso. Estaria a chamar-lhe a atenção para o facto de parecer demasiado ansiosa? Mas ela constata que não se rala de parecer muito ou pouco ansiosa, pois é impossível detetar a sua ansiedade secreta. Podia estar ali, a subir a escada para o estúdio de Lukas, ou podia estar na biblioteca do *campus*, ou no dormitório a fazer um café. Há semanas que tem essa sensação de andar às voltas no interior de uma película protetora, a flutuar como mercúrio. O mundo exterior está em contacto com a sua pele, mas não com o seu interior. Por isso, seja qual for a razão para Lukas dizer «vens cedo», isso não lhe parece importante.

Ele está a montar o equipamento. Marianne tira a boina e sacode-a. Lukas ergue os olhos, e volta a olhar para o tripé. Estás a habituar-te ao tempo?, pergunta ele. Ela pendura a boina atrás da porta e encolhe os ombros. Começa a despir o casaco. Na Suécia, dizemos que não há mau tempo, só há má roupa, acrescenta.

Marianne pendura o casaco ao lado da boina. Qual é o problema da minha roupa?, pergunta em voz suave.

É só uma expressão, responde Lukas.

Não percebe se ele estava ou não a criticar a sua roupa. Tem uma camisola de lã cinzenta, uma saia preta grossa e botas até ao joelho. Lukas não é delicado, o que, para Marianne, o faz parecer infantil. Nunca lhe oferece café nem chá quando ela chega, nem sequer um copo de água. Começa logo a falar do que leu ou fez desde a última visita dela. Não parece ansioso por ouvir a sua opinião e, por vezes, as respostas dela deixam-no perplexo e desorientado, o que afirma resultar do seu mau inglês. Na realidade, compreende a língua muito bem. De qualquer modo, hoje é diferente. Ela descalça as botas e deixa-as junto da porta.

Há um colchão ao canto do estúdio, onde Lukas dorme. As janelas são muito altas e descem quase até ao chão, com persianas e cortinas finas até abaixo. Diversos artigos díspares estão espalhados pela sala: vários vasos com plantas, pilhas de atlas, uma roda de bicicleta. A princípio aquele arranjo impressionou Marianne, mas, mais tarde, Lukas explicou-lhe que tinha reunido aqueles artigos intencionalmente para uma fotografia, o que, aos olhos dela, os fez parecer artificiais. Contigo, tudo é um efeito, disse-lhe Marianne certa vez. Ele encarou isso como um elogio à sua arte. Tem um gosto perfeito. É sensível à mais insignificante falha estética, em pintura, em cinema, até em romances ou programas de televisão. Por vezes, quando Marianne menciona um filme que viu há pouco, ele agita a mão e diz: Parece-me falhado. Ela apercebeu-se de que essa capacidade de discernimento não faz de Lukas uma boa pessoa, pois

conseguir alimentar uma sensibilidade artística apurada sem desenvolver qualquer sentido do que está certo ou errado. O facto de tal coisa ser possível inquieta Marianne, e faz a arte de súbito parecer-lhe sem sentido.

Há umas semanas que têm um acordo. Lukas chama-lhe «o jogo». Como é natural, há algumas regras. Marianne não está autorizada a falar nem a estabelecer contacto visual enquanto o jogo decorre. Se infringir as regras, mais tarde será castigada. O jogo não termina quando o sexo acaba, mas sim quando ela entra no duche. Por vezes, depois de terem relações, Lukas passa muito tempo a falar com ela antes de a deixar ir para o duche. Diz-lhe coisas negativas sobre ela. É difícil saber se Marianne gosta de ouvir essas coisas; deseja ouvi-las, mas agora tem consciência de que, em certo sentido, é capaz de desejar o que não quer. A satisfação que obtém é escassa e difícil, chega demasiado depressa e deixa-a trémula e agoniada. Não vales nada, gosta Lukas de lhe dizer. Não és nada. E ela sente-se nada, uma ausência que tem de ser preenchida pela força. Não é que goste da sensação, mas, de certo modo, alivia-a. Depois toma um duche e o jogo acaba. Ela experimenta uma depressão tão profunda que é tranquilizadora, come o que ele lhe diz para comer, e não se sente mais senhora do seu corpo do que se este fosse um pedaço de lixo.

Desde que chegou à Suécia, mas, particularmente, desde que o jogo começou, as pessoas parecem-lhe, não reais, mas formas de papel colorido. Por vezes uma pessoa cruza o olhar com o seu, um condutor de autocarro ou alguém à procura de trocos, e por breves momentos ela sobressalta-se ao aperceber-se de que isso é de facto a sua vida e que ela é visível para os outros. Essa sensação deixa-a aberta para certos anseios: fome e sede, o desejo de falar sueco, um desejo físico de nadar ou dançar. Mas estes depressa se desvanecem. Em Lund nunca tem fome e, embora todas as manhãs encha de água uma garrafa de plástico, à noite volta a esvaziar a maior parte do seu conteúdo no lava-loiça.

Agora senta-se no canto do colchão, enquanto Lukas acende e apaga uma lâmpada e faz qualquer coisa com a câmara. Ainda não sei como vai ficar a luz, diz ele. Talvez possamos fazer, tipo, primeiro uma e depois outra. Marianne encolhe os ombros. Não compreende o significado do que ele está a dizer. Uma vez que todos os amigos dele falam sueco, é-lhe difícil perceber até que ponto Lukas é popular ou considerado. É frequente haver quem passe tempo no estúdio e suba e desça a escada com uma quantidade de equipamento artístico, mas serão apreciadores do seu trabalho, gratos por conquistarem a sua atenção? Ou estarão a explorá-lo pela localização conveniente do seu local de trabalho, ao mesmo tempo que troçam dele pelas costas?

Pronto, acho que podemos começar, diz Lukas.

Queres que eu...

Por agora, talvez só a camisola.

Marianne despe a camisola. Põe-na no colo, dobra-a, e em seguida coloca-a de lado. Tem posto um sutiã de renda preta, com pequenas flores bordadas. Lukas começa a fazer qualquer coisa com a câmara.

Já não tem muitas notícias dos outros: Peggy, Sophie, Teresa, toda essa gente.

Jamie não aceitou bem terem acabado, disse às pessoas que estava infeliz, e todos sentiram pena dele. As coisas começaram a virar-se contra Marianne, o que ela já sentia antes de partir. A princípio inquietava-se com a maneira como os outros desviavam os olhos numa sala, ou a conversa se interrompia quando ela entrava; tinha a sensação de ter perdido a posição que ocupava no mundo social, de já não ser admirada e invejada, de que tudo isso depressa se desvanecera. Mas depois descobriu que era fácil habituar-se. Sempre houvera qualquer coisa dentro dela que os homens tinham querido dominar, e esse desejo de domínio pode parecer atração, e mesmo amor. Na escola, os rapazes tinham tentado obrigá-la a vergar com crueldade e falta de apreço, e na universidade os homens tinham tentado fazer o mesmo com sexo e popularidade, todos com o mesmo intuito de subjugar qualquer força da sua personalidade. Deprimia-a pensar que as pessoas eram tão previsíveis. No fundo, não fazia muita diferença se era respeitada ou desprezada. Iria cada fase da sua vida continuar a revelar-se idêntica, a mesma competição incessante e implacável pelo domínio?

Com Peggy, tinha sido difícil. *Sou a tua melhor amiga*, não parava ela de dizer, numa voz cada vez mais bizarra. Era incapaz de aceitar a atitude indiferente de Marianne perante a situação. Dás-te conta de que as pessoas andam a falar de ti, disse Peggy uma noite, enquanto Marianne fazia as malas. Esta ficou sem saber o que responder. Decorridos uns momentos de silêncio, retorquiu pensativa: Não me parece que me preocupe sempre com as mesmas coisas com que tu te preocupas. Mas preocupo-me contigo. Delirante, Peggy ergueu as mãos e deu duas voltas à mesa de café.

Sou a tua melhor amiga, disse. O que hei de fazer?

Não sei o que significa essa pergunta.

O que quero dizer é o seguinte: em que posição me coloca a tua atitude? Porque, sinceramente, não me apetece tomar partido.

Marianne franziu o sobrolho, ao mesmo tempo que metia uma escova de cabelo na bolsa da mala e corria o fecho.

O que queres dizer é que não queres tomar o meu partido.

Peggy olhou para ela, agora a respirar com dificuldade, devido ao esforço que fizera à volta da mesa de café. Marianne continuava ajoelhada junto da mala.

Não sei se percebes como se sentem as pessoas, disse Peggy. Andam preocupadas com isto.

Por eu estar a acabar com o Jamie?

Com toda essa história. As pessoas andam mesmo preocupadas.

Peggy olhou para ela, à espera de uma resposta, e Marianne acabou por responder: Está bem. Peggy esfregou o rosto com a mão e disse: Vou deixar-te fazer as malas. Quando ia a sair, acrescentou: Devas pôr a hipótese de ver um terapeuta, ou coisa assim. Marianne não compreendeu a sugestão. Devo ir a um terapeuta por *não* estar preocupada?, pensou. Mas era difícil ignorar uma coisa que passara a vida a ouvir vinda de diversas fontes: que estava mentalmente perturbada e que precisava de ajuda.

Joanna é a única que se mantém em contacto com ela. À noite, fala pelo Skype

acerta do curso, de filmes que viram, de artigos em que está a trabalhar para o exame. No ecrã, o rosto dela aparece sempre tenuemente iluminado contra o mesmo fundo, a parede creme do seu quarto. Já nunca se maquilha e, por vezes, nem sequer escova o cabelo. Agora tem uma amiga chamada Evelyn, uma aluna de pós-graduação em Estudos Internacionais sobre Paz. Uma vez Marianne perguntou se Joanna via Peggy muitas vezes, e ela fez uma rápida expressão crispada, que durou apenas uma fração de segundo, embora o tempo suficiente para Marianne ver. Não, respondeu Joanna. Já não vejo ninguém dessa gente. De qualquer modo, eles sabem que eu estava do teu lado.

Desculpa, diz Marianne. Não queria que ninguém cortasse contigo por minha causa.

Joanna fez outra careta, desta vez uma expressão menos legível, seja devido à iluminação ténue, seja devido à imagem indistinta, ou ao sentimento ambivalente que tentava manifestar.

Bem, eu nunca fui verdadeiramente amiga deles, disse Joanna. Eram mais teus amigos.

Pensei que éramos todos amigos.

Tu eras a única com que eu me dava. Para ser franca, não penso que o Jamie ou a Peggy sejam uma companhia particularmente boa. Não é da minha conta se quiseses continuar a ser amiga deles, só estou a dar-te a minha opinião.

Não, concordo contigo, disse Marianne. Creio que só me conquistaram por parecerem gostar tanto de mim.

Pois. Julgo que, quando caíste em ti, te apercebeste de como eles eram nocivos. Mas comigo foi mais fácil, porque nunca gostaram muito de mim.

Marianne ficou surpreendida pelo caráter neutro que a conversa havia assumido e sentiu-se um pouco recriminada, embora o tom de voz de Joanna permanecesse cordial. Era verdade, Peggy e Jamie não eram boa companhia; podia-se mesmo dizer que eram o contrário, uma vez que tinham prazer em humilhar os outros. Marianne sentiu-se entristecida por se ter deixado iludir, por ter pensado que tinha alguma coisa em comum com eles, que participava no mercado de produtos que eles apregoavam como amizade. Na escola, convencera-se de que estava acima desses intercâmbios de capital social, mas a sua vida universitária apontava para o facto de que, se alguém estivesse disposto a aceitá-la, ela se comportaria tão mal como outra pessoa qualquer. Não há nada nela que seja superior.

Podes virar-te de frente para a janela?, pede Lukas.

Claro.

Marianne volta-se em cima do colchão, com as pernas puxadas para o peito.

Podes mexer-te, tipo... com as pernas para baixo de qualquer maneira?

Marianne cruza as pernas à sua frente. Lukas desliza o tripé para a frente e reajusta o ângulo. Ela pensa no *e-mail* em que Connell a compara com um gamo. Gostava da passagem sobre a expressão pensativa e os corpos esguios. Ainda perdeu mais peso na Suécia, agora está mais magra e muito esguia.

Este ano decidiu não ir passar o Natal a casa. Pensa muito na maneira de se libertar

da sua «situação familiar». À noite, na cama, imagina cenários em que está completamente livre da mãe e do irmão, em que não se dá bem nem mal com eles, sendo simplesmente uma não-participante neutra nas suas vidas. Passou grande parte da infância e da adolescência a planejar esquemas elaborados para se afastar do conflito familiar: manter um silêncio total, com o rosto e o corpo inexpressivos e imóveis, sair da sala sem dizer palavra, dirigir-se ao quarto e fechar a porta sem fazer ruído atrás de si. Fechar-se na casa de banho. Sair de casa durante um número indefinido de horas e sentar-se sozinha no parque de estacionamento da escola. Nenhuma dessas estratégias se revelou benéfica. Na realidade, a sua tática só pareceu aumentar a possibilidade de ser punida como principal instigadora.

Agora percebe que a sua tentativa de evitar um Natal em família, sempre um momento de eleição para hostilidades, será registada no livro de contabilidade doméstico como mais um exemplo de comportamento ofensivo da sua parte.

Agora, quando pensa no Natal, recorda Carricklea, as luzes a enfeitarem a Main Street, o Pai Natal de plástico reluzente na montra do Kelleher's com o seu braço móvel a acenar uma saudação rígida e repetitiva. Flocos de neve de papel de alumínio suspensos na farmácia da vila. A porta do talho a abrir-se e a fechar-se, vozes a chamarem à esquina. À noite, o bafo das pessoas a erguer-se como neblina no parque de estacionamento da igreja. Foxfield ao entardecer, casas tranquilas como gatos a dormir, janelas iluminadas. A árvore de Natal na sala de Connell, erizada de enfeites, os móveis amontoados para criar espaço, e o som sonoro e delicioso das gargalhadas. Ele disse que ia ter pena de não a ver. Não vai ser o mesmo sem ti, escreveu ele. Ela sentiu-se estúpida e com vontade de chorar. Agora a sua vida é completamente estéril e desprovida de beleza.

Penso que talvez possas tirar isso, diz Lukas.

Com um gesto, indica o sutiã. Ela alcança o fecho atrás das costas e abre-o, depois faz deslizar as alças sobre os ombros. Põe-no de lado, fora do alcance da câmara. Lukas tira algumas fotografias, baixa a posição da câmara no tripé, fá-la avançar uns centímetros, e continua. Marianne olhar para a janela. Finalmente, o som do obturador pára e ela vira-se. Lukas está a abrir uma gaveta debaixo da mesa e tira dela um rolo de fita preta grossa, feita de qualquer fibra grosseira de algodão ou linho.

O que é isso?, pergunta Marianne.

Sabes o que é.

Não comeces com isso agora.

Lukas fica de pé, a desenrolar a fita, indiferente. Marianne sente nos ossos um peso familiar. Estão tão pesados que mal consegue mexer-se. Em silêncio, estende os braços à sua frente, com os cotovelos unidos. Ótimo, diz ele. Ajoelha-se e enrola a fita com força. Os pulsos dela são finos, mas a fita está tão apertada que ainda há um pouco de carne protuberante de cada lado. Isso parece-lhe feio e, instintivamente, vira-se de novo para a janela. Muito bem, diz ele. Regressa para junto da câmara. Ouve-se o ruído do obturador. Ela fecha os olhos, mas ele diz-lhe que os abra. Agora está cansada. Parece-lhe que o interior do corpo gravita cada vez mais para baixo, em direção ao chão, ao centro da Terra. Quando ergue os olhos, Lukas está a desenrolar



mais um pedaço de fita.

Não, diz ela.

Não tornes as coisas mais difíceis.

Não quero fazer isso.

Eu sei, diz ele.

Ajoelha-se de novo. Ela põe a cabeça para trás, evitando o seu contacto, e, num movimento rápido, ele põe-lhe a mão à volta do pescoço. Esse gesto não a assusta, só a deixa tão exausta que não consegue falar nem mexer-se. Deixa descair o queixo para a frente. Está cansada de fazer esforços para se esquivar quando é mais fácil ceder. Ele aperta-lhe a garganta ligeiramente, o que a faz tossir. Depois, sem falar, larga-a. Volta a tirar a fita e põe-lha como uma venda à volta dos olhos. Agora até a respiração dela se processa com dificuldade. Sente os olhos a arder. Ele toca-lhe ao de leve na face, com as costas da mão, e ela sente-se agoniada.

Vês que te amo?, diz ele. E sei que tu me amas.

Horrorizada, ela afasta-se, batendo com a parte posterior da cabeça na parede. Com os pulsos atados, esforça-se por tirar a venda e consegue levantá-la o suficiente para o ver.

O que se passa?, pergunta Lukas.

Desata-me.

Marianne.

Desata-me já ou chamo a polícia.

Não parece uma ameaça particularmente realista, uma vez que continua com as mãos amarradas, mas, talvez por sentir que o humor dela mudou, Lukas começa a tirar-lhe a fita dos pulsos. Agora ela treme violentamente. Mal a fita fica suficientemente larga, Marianne afasta os braços. Tira a venda, agarra na camisola, enfia-a pela cabeça e introduz os braços nas mangas. Nesse momento, está de pé, muito direita, em cima do colchão.

Porque estás a comportar-te assim?, pergunta ele.

Afasta-te de mim. E nunca mais me fales assim.

Assim como? O que é que eu disse?

Ela tira o sutiã do colchão, fá-lo numa bola e atravessa a sala para o enfiar no saco de mão. Começa a calçar as botas, a saltar estupidamente num só pé.

Marianne, diz ele. O que é que eu fiz?

Estás a falar a sério ou isto é algum tipo de técnica artística?

Toda a vida é uma técnica artística.

Ela olha-o fixamente. Estranhamente, ele completa a observação com a seguinte frase: Acho que és uma escritora muito dotada. Ela ri, horrorizada.

Não tens a mesma opinião a meu respeito, diz ele.

Vou ser muito clara. Não sinto nada por ti. Nada. Estás a ouvir?

Ele regressa para junto da câmara, de costas viradas para ela, como que para disfarçar qualquer expressão. Um riso malicioso devido à angústia dela?, pensa Marianne. Cólera? Embora seja uma hipótese demasiado terrível, dar-se-á o caso de estar magoado? Lukas começa a tirar a câmara do tripé. Ela abre a porta do

apartamento e desce a escada. Seria possível ele fazer as coisas arrepiantes que lhe faz  
e, ao mesmo tempo, acreditar que as faz por amor? O mundo será um lugar tão  
perverso que o amor não se distinga das formas mais abjetas e mais ultrajantes de  
violência? Lá fora, a respiração dela ergue-se numa fina neblina e a neve continua a  
cair, como uma repetição incessante do mesmo erro infinitamente pequeno.

Três Meses mais tarde  
(Março de 2014)

Na sala de espera, Connell tem de preencher um questionário. As cadeiras, de uma cor viva, encontram-se dispostas à volta de uma mesa de café, em cima da qual está um ábaco de criança. Como a mesa é demasiado baixa para se curvar e preencher as folhas sobre ela, dispõe-nas incomodamente no colo. Logo na primeira pergunta, fura a folha com a esferográfica e deixa um pequeno rasgão no papel. Olha para a rececionista que lhe deu o formulário, mas ela não o está a ver, pelo que volta a baixar os olhos. Por cima da segunda pergunta está a palavra «Pessimismo». Tem de fazer um círculo à volta do número de uma das afirmações seguintes:

0. Não me sinto desencorajado acerca do meu futuro
1. Sinto-me mais desencorajado acerca do meu futuro do que costumava sentir-me
2. Não tenho expectativas de que as coisas me venham a correr bem
3. Sinto que o meu futuro não tem perspectivas e que só irá ficar pior

Parece-lhe que qualquer destas afirmações poderia ser verdadeira, ou que mais do que uma poderiam ser verdadeiras ao mesmo tempo. Introdiz a extremidade da caneta entre os dentes. Ler a quarta frase, que por qualquer razão é designada por «3», provoca-lhe uma sensação de picadas no interior do nariz, como se a frase fosse sobre si. É verdade, sente que o seu futuro não tem perspectivas e que só irá ficar pior. Quanto mais pensa nisso, mais a frase parece ressoar. Nem sequer tem de pensar no conteúdo, porque é o que sente: a sintaxe parece ter tido origem no seu íntimo. Esfrega a língua com força no palato, tentando compor uma expressão neutra e concentrada. Sem querer alarmar a mulher que irá receber o questionário, faz um círculo à volta da frase

2.

Foi Niall que lhe falou acerca daquele serviço. O que disse especificamente foi: é grátis, por isso podes muito bem experimentar. Niall tem um espírito prático e manifesta compaixão de maneiras práticas. Nos últimos tempos, Connell não o tem visto muito, porque vive no alojamento que a bolsa lhe atribuiu e não vê muito ninguém. Na véspera à noite, passou uma hora e meia deitado no chão da sala, por

estar demasiado cansado para completar a viagem dali até à cama. Havia o quarto com a casa de banho anexa atrás dele, e a cama, à sua frente, ambos bem visíveis, mas, por qualquer motivo, foi-lhe impossível deslocar-se para a frente ou para trás, só para baixo, para o chão, até o seu corpo ficar imóvel sobre a carpete. Bem, aqui estou eu no chão, pensou. Será a vida muito pior aqui do que seria na cama, ou mesmo num sítio totalmente diferente? Não, é exatamente igual. A vida é o que temos dentro da nossa cabeça. Posso estar deitado aqui, a respirar o pó nojento da carpete que me penetra nos pulmões, a sentir o braço direito ir ficando insensível sob o peso do meu corpo, porque esta experiência é essencialmente a mesma que todas as outras possíveis.

0. Sinto o mesmo de sempre sobre mim

1. Perdi confiança em mim

2. Estou dececionado comigo

3. Não gosto de mim

Ergue os olhos para a mulher atrás do vidro. Repara agora pela primeira vez que colocaram uma vidraça entre aquela mulher e quem está na sala de espera. Imaginarão que as pessoas como Connell representam um risco para a mulher atrás do vidro? Imaginarão que os estudantes que ali vão e que preenchem pacientemente os questionários, que repetem os seus nomes vezes sem conta para a mulher os digitar no computador — imaginarão que essas pessoas querem atacar a mulher da receção? Pensarão que, devido ao facto de Connell por vezes passar horas deitado no chão da sua casa, um dia comprará uma metralhadora semiautomática e cometerá um assassinio em massa num centro comercial? Nada podia estar mais longe dos seus pensamentos do que cometer um assassinio em massa. Sente-se culpado depois de gaguejar uma frase ao telemóvel. Mesmo assim, percebe a lógica: as pessoas com problemas mentais estão de certo modo contaminadas e são possivelmente perigosas. Se não atacarem a mulher da receção movidas por impulsos incontroláveis e violentos, podem expirar qualquer tipo de micróbio na sua direção, levando-a a manter uma ligação doentia com todas as relações falhadas do seu passado. Desenha um círculo à volta do 3 e avança.

0. Nunca penso em matar-me

1. Penso em matar-me, mas nunca poria isso em prática

2. Gostaria de me matar

3. Matar-me-ia se tivesse oportunidade

Olha de novo de relance para a mulher. Não lhe apetece confessar, a ela, uma total desconhecida, que gostaria de se matar. Na véspera à noite, deitado no chão, tivera fantasias em que se vira completamente imóvel até morrer de desidratação, por muito tempo que isso demorasse. Talvez dias, mas dias repousantes, durante os quais não teria de fazer nada nem de se concentrar muito. Quem encontraria o seu corpo? Tanto lhe fazia. A fantasia, purificada por semanas de repetição, termina no momento da

morte: as pálpebras que se fecham, calmas e silenciosas, sobre tudo, de uma vez por todas. Rodeia com um círculo a frase 1.

Depois de completar as restantes perguntas, todas elas profundamente pessoais e a última sobre a sua vida sexual, dobra as folhas e entrega-as à rececionista. Não sabe o que o espera, depois de entregar essa informação extremamente sensível a uma desconhecida. Engole, e a sua garganta está tão apertada que lhe dói. A mulher recebe as folhas como se ele lhe estivesse a estender um trabalho escolar com atraso e dirige-lhe um sorriso suave e animado. Obrigada, diz. Agora pode aguardar que a terapeuta o chame. Fica ali, a sentir-se sem energia. Entregou-lhe a informação mais íntima que já partilhou com alguém. Ao ver a sua indiferença, Connell sente um impulso de lhe pedir que lhe devolva as folhas, como se tivesse interpretado mal a natureza das questões e, afinal, quisesse responder de uma maneira diferente. Mas o que acaba por dizer é: Está bem. E volta a sentar-se.

Durante algum tempo, não se passa nada. Agora o seu estômago produz um ligeiro ruído, pois não tomou pequeno-almoço. Nos últimos tempos, sente-se demasiado cansado para cozinhar à noite, pelo que acaba por se inscrever para jantar no *site* dos estudantes e por comer no Refeitório. Antes da refeição, todos se põem de pé para dar graças em latim, após o que a comida é servida por outros estudantes, todos vestidos de preto para se distinguirem dos colegas que estão a ser servidos. As refeições são sempre iguais: a abrir, sopa de cenoura, com um pãozinho e um cubo de manteiga embrulhado em papel de alumínio. Em seguida, um corte de carne com molho e pratos de prata com batatas passados à roda da mesa. Por último, a sobremesa, um qualquer bolo húmido e açucarado, ou salada de fruta em que predominam as uvas. Tudo isto é servido e levantado rapidamente, enquanto retratos de homens de diferentes séculos reluzem nas paredes em vestes de gala dispendiosas. A comer assim sozinho, a ouvir as conversas dos outros, mas sem ser capaz de participar nelas, Connell sente-se profunda e quase insuportavelmente alienado do seu próprio corpo. Depois da refeição, dão de novo graças, com o ruído desagradável das cadeiras a serem arrastadas e afastadas das mesas. Às sete horas, sai para a escuridão da praça diante do edifício e os candeeiros já estão acesos.

Agora uma mulher de meia-idade aparece na sala de espera; veste um casaco de malha comprido e diz: Connell? Ele tenta contorcer o rosto num sorriso, mas depois desiste, esfrega o queixo e faz um aceno de cabeça. Chamo-me Yvonne. Quer acompanhar-me? Ele levanta-se do sofá e segue-a até um pequeno gabinete. Ela fecha a porta atrás deles. A um lado do gabinete há uma secretária com um computador Microsoft antigo que produz um zumbido audível; do outro lado, encontram-se dois cadeirões verde-menta, um em frente do outro. Muito bem, Connell, diz ela. Pode sentar-se onde quiser. Ele senta-se no cadeirão de frente para a janela, de onde pode ver as traseiras de um edifício de betão e um algeroz enferrujado. Ela senta-se diante dele e pega nuns óculos suspensos de uma corrente que tem ao pescoço. Põe-nos e olha para a prancheta.

Muito bem, diz. Porque não falamos de como se sente?

Está bem. Não me sinto grande coisa.

Lamento ouvi-lo dizer isso. Quando começou a sentir-te assim?

Bem, há uns meses. Em janeiro, acho eu. Ela carrega na mola de uma caneta e anota qualquer coisa. Em janeiro, repete. Muito bem. Nessa altura, aconteceu qualquer coisa, ou começou assim sem mais nem menos?

Uns dias depois da passagem do ano, Connell recebeu uma mensagem de Rachel Moran. Eram duas da manhã, e ele e Helen tinham chegado a casa de uma saída à noite. Inclinando o telemóvel, abriu a mensagem: era uma mensagem de grupo enviada para todos os colegas da escola, a perguntar se alguém tinha visto Rob Hegarty ou estado em contacto com ele. Dizia que não o viam havia horas. Helen perguntou-lhe o que dizia a mensagem e, por qualquer razão, Connell respondeu: Ah, não é nada, é só uma mensagem de grupo. A desejar Feliz Ano Novo. No dia seguinte, o corpo de Rob foi retirado do rio Corrib.

Mais tarde, os amigos disseram-lhe que, nas semanas anteriores, Rob andava a beber muito e parecia deprimido. Connell não estava a par disso, pois não fora muito a casa durante o último período e praticamente não vira ninguém. Procurou no Facebook para saber quando fora a última vez que Rob lhe enviara uma mensagem, e verificou que tinha sido no princípio de 2012: uma fotografia tirada numa saída à noite, Connell com o braço a rodear a cintura de Teresa, a amiga de Marianne. Na mensagem, Rob escrevera: andas a pinar com ela?? FIXE ahah. Connell não respondera. Não vira Rob no Natal, e não conseguia recordar-se se o vira no último verão. Tentando evocar uma imagem mental exata do rosto de Rob, descobriu que não conseguia: a princípio aparecia uma imagem, completa e reconhecível, mas, ao tentar examiná-la melhor, as feições tornavam-se indistintas e confusas.

Nos dias que se seguiram, os alunos da escola postaram atualizações de *status* sobre prevenção do suicídio. Desde então, semana após semana, o estado mental de Connell não cessara de deteriorar-se. A sua ansiedade, anteriormente crónica e de baixo nível, que lhe servia como uma espécie de impulso inibidor em todas as situações, tornou-se grave. Começava a sentir um formigueiro nas mãos quando tinha de realizar interações sem importância, como pedir um café ou responder a uma pergunta na aula. Uma vez ou duas, teve ataques de pânico sérios: hiperventilação, dor no peito, alfinetadas em todo o corpo. E também uma sensação de dissociação dos sentidos, uma incapacidade de pensar corretamente ou de interpretar o que via ou ouvia. As coisas começaram a ter um aspeto e um som diferentes e a parecerem-lhe mais lentas, artificiais, irreais. A primeira vez que isso aconteceu, pensou que estava a perder o juízo, que todo o quadro cognitivo que dava sentido ao mundo se desintegrara por completo, e que, daí em diante, tudo teria um som e uma cor indiferenciados. Depois, daí a uns minutos, aquilo passou, e ficou estendido no colchão coberto de suor.

Agora está a olhar para Yvonne, a pessoa a quem a universidade encarregou, e a quem paga, para ouvir os seus problemas.

Um dos meus amigos suicidou-se em janeiro, diz ele. Um amigo da escola.

Ah, que coisa triste. Lamento muito ouvir isso, Connell.

Não nos víamos muito na faculdade. Ele estava em Galway, eu estava aqui, e tudo isso. Mas acho que agora me sinto culpado por não ter estado mais em contacto com

ele.  
Percebo isso, diz Yvonne. Mas, por muito triste que esteja por causa do seu amigo, não tem culpa do que lhe aconteceu. Não é responsável pelas decisões que ele tomou.

Nem sequer respondi à última mensagem que me enviou. Quero dizer, isso foi há anos, mas nem sequer respondi.

Sei que deve ser doloroso para si, claro que isso é muito doloroso. Sente que perdeu uma oportunidade de ajudar alguém que estava a sofrer.

Em silêncio, Connell faz um aceno afirmativo e esfrega um olho.

Quando perdemos alguém que se suicida, é natural perguntarmo-nos se poderíamos ter feito alguma coisa para ajudar essa pessoa, diz Yvonne. Estou certa de que, neste momento, toda a gente que conhecia o seu amigo se está a pôr a mesma questão.

Mas, pelo menos, houve quem tentasse.

Ficou surpreendido ao verificar que, em vez de responder diretamente, Yvonne se limita a olhar para ele, através das lentes dos óculos, com os olhos semicerrados, ao mesmo tempo que faz acenos de aquiescência. Depois tira uma folha de papel que está em cima da mesa e segura-a na vertical, com um ar eficiente.

Bem, dei uma vista de olhos a este questionário que preencheu, diz. E vou ser sincera consigo, Connell, o que vejo aqui parece-me preocupante.

Ah, sim?

Ela passa as folhas de papel. Connell vê na primeira folha o sítio onde a caneta fez o pequeno rasgão.

Isto é aquilo a que chamamos a Escala de Depressão de Beck, diz ela. Estou certa de que percebeu como funciona, atribuímos uma pontuação de zero a três a cada questão. Ora, alguém como eu pode ter uma pontuação, por exemplo, entre zero e cinco num teste destes, e alguém que está a sofrer de um episódio depressivo ligeiro podia ter uma pontuação talvez de quinze ou dezasseis.

Está bem, diz Connell. Certo.

Ora o que temos aqui é uma pontuação de quarenta e três.

Sim. Estou a ver.

Por isso, temos um quadro de depressão muito grave, diz ela. Parece-lhe que isto coincide com o que sente?

Connell esfrega de novo o olho. Em voz muito baixa, consegue responder: Sim.

Vejo que tem sentimentos muito negativos em relação a si próprio, que tem pensamentos suicidas, e coisas semelhantes. Por conseguinte, isto são coisas que temos de tomar muito a sério.

Certo.

Nesse momento, ela começa a falar de opções de tratamento. Diz que lhe vai recomendar que vá a uma consulta com um médico de clínica geral na faculdade para falar das opções de medicação. Deve compreender que não lhe posso passar receitas aqui, diz ela. Ele faz um aceno afirmativo, agora inquieto. Sim, eu sei, responde. Continua a esfregar os olhos, pois sente comichão. A terapeuta oferece-lhe um copo de água, mas ele recusa. Ela começa a fazer perguntas sobre a sua família, sobre a mãe, onde mora e se ele tem irmãos e irmãs.

Use o momento, há alguma namorada ou namorado em cena?, pergunta Yvonne. Não, responde Connell. Não há ninguém.

Helen voltou com ele a Carricklea para o funeral. Na manhã da cerimónia, vestiram-se no quarto dele, em silêncio, a ouvirem através da parede o ruído do secador de Lorraine. Connell tinha vestido o único fato que possuía e que comprara para a comunhão de um primo quando tinha dezasseis anos. Quando levantava os braços, sentia que o casaco lhe estava apertado nos ombros. A sensação de não parecer bem preocupava-o. Helen estava sentada ao espelho a maquilhar-se, e Connell pôs-se atrás dela para dar o nó da gravata. Ela estendeu a mão para lhe tocar no rosto. Está todo giro, disse. Por qualquer razão, aquilo irritou-o, como se fosse a coisa mais insensível e grosseira que ela pudesse ter dito, e não respondeu. Nessa altura, Helen baixou a mão e foi calçar os sapatos.

Pararam no átrio da igreja a falar com alguém que Lorraine conhecia. O cabelo de Connell estava molhado da chuva e ele não parava de o alisar, sem olhar para Helen e sem falar. Foi então que, através das portas abertas da igreja, viu Marianne. Sabia que ela vinha da Suécia para o funeral. À entrada, parecia muito magra e pálida, com um casaco preto e um guarda-chuva molhado na mão. Não a via desde Itália e pensou que quase parecia frágil. Ela começou a colocar o guarda-chuva no bengaleiro do lado de dentro da porta.

Marianne, disse ele.

Disse aquilo em voz alta, sem pensar. Ela ergueu os olhos e viu-o. O seu rosto fazia lembrar uma pequena flor branca. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e ele apertou-a com força. Connell sentiu-lhe na roupa o cheiro do interior da casa. A última vez que a vira, tudo era normal. Rob ainda estava vivo, Connell podia ter-lhe mandado uma mensagem ou mesmo ter-lhe ligado e falado com ele ao telemóvel, tudo isso teria sido possível. Marianne tocou-lhe na nuca com a mão. Connell sentiu que toda a gente ali de pé os observava. Quando perceberam que aquilo não podia continuar, largaram-se. Helen deu-lhe umas palmadinhas rápidas no braço. As pessoas entravam e saíam do átrio, com os casacos e os guarda-chuvas a pingar silenciosamente sobre as lajes.

É melhor irmos dar as condolências, disse Lorraine.

Puseram-se na fila para apertarem a mão à família. Eileen, a mãe de Rob, não parava de chorar, ouvia-se por toda a igreja. Na altura em que chegaram a meio da fila, Connell tinha as pernas a tremer. Desejou que fosse Lorraine a estar com ele, e não Helen. Sentia-se agoniado. Quando finalmente chegou a sua vez, Val, o pai de Rob, pegou-lhe na mão e disse: Connell, és um bom rapaz. Ouvi dizer que estás a fazer um bom trabalho em Trinity. As mãos de Connell estavam húmidas. Tenho muita pena, disse numa voz débil. Tenho imensa pena. Val continuava a agarrar-lhe na mão e a olhá-lo nos olhos. És um rapaz às direitas, disse. Obrigado por teres vindo. Depois tudo acabou. Connell sentou-se no primeiro banco que encontrou, a tremer de cima a baixo. Helen sentou-se ao seu lado, com um ar constrangido, a puxar a bainha da saia. Lorraine aproximou-se e deu ao filho um lenço de papel que tirou do saco de mão, com o qual ele enxugou a testa e o lábio superior. Ela apertou-lhe o ombro. Está tudo



bem, disse. Fizeste o que havia a fazer, agora descontrai. E Helen desviou o rosto, como que embaraçada.

Depois da missa foram ao funeral, e a seguir voltaram ao Tavern para comer sanduíches e beber chá no salão de baile. Ao balcão do bar, uma rapariga do ano anterior ao dele na escola, vestida com uma camisa branca e um colete, servia cervejas. Connell encheu uma chávena de chá para Helen e outra para si. Ficaram junto da parede perto das bandejas do chá, a beber, calados. A chávena de Connell raspava no pires. Quando Eric chegou, aproximou-se e ficou com eles. Tinha uma gravata azul acetinada.

Como vai tudo?, perguntou Eric. Há muito tempo que não te via.

Sim, eu sei, respondeu Connell. Já passou muito tempo.

Quem é esta?, perguntou Eric, indicando Helen com um gesto de cabeça.

É a Helen, respondeu Connell. Helen, este é o Eric.

Eric estendeu a mão e Helen apertou-a, equilibrando a chávena delicadamente na mão esquerda, com o rosto tenso devido ao esforço.

És a namorada dele, não és?, perguntou Eric.

Com uma olhadela a Connell, ela fez um aceno de cabeça e respondeu: Sim.

Eric largou-lhe a mão com um grande sorriso. De qualquer modo, és de Dublin, disse ele.

Helen sorriu nervosamente e respondeu: Sou.

Deve ser por tua culpa que este tipo deixou de vir cá, disse Eric.

Não é por culpa dela, é por minha culpa, respondeu Connell.

Estou só a gozar contigo, disse Eric.

Durante uns segundos, ficaram a olhar para a sala em silêncio. Helen pigarreou e disse delicadamente: Lamento muito a morte do teu amigo, Eric.

Eric voltou-se e dirigiu-lhe uma espécie de aceno de cabeça cortês, antes de voltar a olhar para a sala. Sim, é difícil acreditar, disse. Depois serviu-se de chá do bule que se encontrava atrás deles. Foi simpático a Marianne ter vindo, comentou. Pensei que ela estava na Suécia ou em qualquer sítio assim.

E estava, disse Connell. Veio cá para o funeral.

Ela está muito magra, não está?

Eric bebeu um grande gole de chá, fazendo estalar os lábios. Marianne afastou-se das pessoas com quem conversava e dirigiu-se à bandeja de chá.

Cá está ela, disse Eric. Foste muito simpática em teres vindo da Suécia, Marianne.

Ela agradeceu-lhe e começou a encher uma chávena de chá, dizendo que era muito bom vê-lo.

Conheces aqui a Helen?, perguntou Eric.

Marianne poisou a chávena no pires.

Claro que sim, respondeu. Andamos juntas na faculdade.

E dão-se bem, espero. Sem rivalidades, quero eu dizer.

Ora, porta-te lá bem, disse Marianne.

Ao vê-la servir o chá, com os seus modos sorridentes, e a dizer «porta-te lá bem», Connell sentiu-se pasmado com a sua naturalidade, com a facilidade com que se movia

no mundo. Não era assim na escola, muito pelo contrário. Nessa altura, era Connell quem sabia como devia comportar-se, ao passo que Marianne exasperava toda a gente.

Depois do funeral, ele chorou, mas chorar não o fez sentir nada. No quinto ano, quando Connell tinha marcado um golo para a equipa de futebol da escola, Rob saltara para o campo e abraçara-o. Gritou o seu nome e começou a dar-lhe beijos desvairados e exuberantes na cabeça. Estavam um a um, e ainda faltavam vinte minutos para o jogo terminar. Na altura, o mundo deles era assim. Os seus sentimentos eram reprimidos com tanto cuidado na vida quotidiana, forçados a ocupar espaços cada vez mais pequenos, que até acontecimentos sem importância pareciam assumir um significado louco e assustador. Era permissível tocarem uns nos outros e chorarem durante os jogos de futebol. Connell ainda se recorda dos seus braços a apertarem-no com demasiada força. E, na noite do baile de finalistas, Rob mostrara-lhes aquelas fotografias de Lisa nua. Não havia nada mais importante para Rob do que a aprovação dos outros, que pensassem bem dele e o achessem uma pessoa de prestígio. Teria traído qualquer confiança, qualquer amizade, em troca da promessa de aceitação social. Connell não podia julgá-lo por causa disso. Consigo próprio tinha-se passado o mesmo, ou pior. Quisera ser normal, ocultar as facetas que lhe pareciam vergonhosas e confusas. Fora Marianne a mostrar-lhe que eram possíveis outras coisas. A partir daí, a vida fora diferente. Talvez ele nunca tivesse percebido até onde ia essa diferença.

Na noite do funeral, ele e Helen ficaram deitados no quarto dele, às escuras, sem dormir. A segredar, para não acordar Lorraine, ela perguntou-lhe porque não a tinha apresentado a nenhum dos seus amigos..

Apresentei-te ao Eric, não foi?, respondeu Connell.

Só depois de ele pedir. Para ser sincera, não parecias querer que eu o conhecesse.

Connell fechou os olhos. Era um funeral, retorquiu. Alguém tinha morrido, sabes? Não me parece que seja a ocasião ideal para apresentar pessoas.

Enfim, se não querias que eu fosse, não devias ter-me convidado, disse ela.

Ele inspirou e expirou lentamente.

Está bem. Lamento ter-te convidado.

Ela sentou-se muito direita na cama ao seu lado. O que quer isso dizer?, perguntou. Lamentas que eu tenha estado lá?

Não, o que estou a dizer é que lamento se te dei uma impressão errada do que se ia passar.

Não me querias lá, pois não?

Para ser franco, eu próprio não queria estar lá. Lamento que não te tenhas divertido, mas era, tipo, um funeral. Não sei o que esperavas.

Ouviu-a inspirar rapidamente pelo nariz.

Mas deste atenção à Marianne, disse ela.

Dei atenção a toda a gente.

Mas pareceste particularmente feliz por a ver, não foi?

Pelo amor de Deus, Helen, exclamou em voz baixa.

O que foi?

Como é possível cada discussão vir a dar nisto? Francamente, o nosso amigo

matou-se e tu vest-me com a Marianne? Se fiquei contente por a ver, isso faz de mim um monstro?

Quando Helen voltou a falar, foi num silvo baixo. Tive muita pena do teu amigo, e tu sabes isso, disse. Mas que esperas que eu faça, que finja que não reparo quando ficas a olhar fixamente para outra mulher à minha frente?

Não estava a olhar fixamente.

Estavas, na igreja.

Bem, não foi intencional, disse ele. Acredita que não achei o ambiente da igreja muito atraente. Podes crer no que te digo.

Porque tens um comportamento tão bizarro quando ela está por perto?

Ainda de olhos fechados e com o rosto voltado para o teto, Connell franziu o sobrolho.

A maneira como me comporto com ela está de acordo com a minha personalidade normal, disse ele. Talvez eu seja uma pessoa bizarra.

Helen não respondeu. Por fim, deitou-se de costas ao lado dele. Duas semanas mais tarde, acabaram a relação. Mas, nessa altura, Connell sentia-se tão exausto e deprimido que nem sequer conseguiu reagir. Aconteciam-lhe coisas, como crises de choro e ataques de pânico, mas era como se se abatessem sobre ele, vindas do exterior, e não tivessem origem algures no seu íntimo. Interiormente, não sentia nada. Era como um artigo congelado que estivesse a descongelar e tivesse derretido demasiado depressa no exterior, enquanto o interior continuava gelado. De certo modo, estava a expressar mais emoção do que em qualquer outro período da sua vida, embora ao mesmo tempo sentisse menos ou, antes, não sentisse nada.

Yvonne faz um lento aceno de cabeça, movendo a boca com uma expressão compreensiva. Acha que fez amigos aqui em Dublin?, pergunta ela. Alguém de quem se sinta próximo, com quem possa falar da maneira como se sente?

Talvez o meu amigo Niall. Foi ele que me falou desta coisa.

Do serviço de aconselhamento da universidade.

Sim, diz Connell.

Bem, isso é positivo. Ele preocupa-se consigo. O Niall. E também estuda aqui em Trinity.

Connell tosse, para eliminar a sensação de secura da garganta, e diz: Pois. E tenho outra amiga muito chegada, mas este ano ela está a fazer o Erasmus.

Uma amiga da faculdade?

Bem, andámos na escola juntos, mas agora também está em Trinity. Chama-se Marianne. Ela conhecia o Rob e tudo isso. O nosso amigo que morreu. Mas, como disse, este ano está fora.

Fica a ver Yvonne apontar o nome no bloco, as altas hastes do «M» maiúsculo. Agora fala com Marianne quase todas as noites pelo Skype, às vezes depois do jantar, outras vezes tarde, quando ela chega a casa depois de ter saído à noite. Nunca falaram do que aconteceu em Itália. Ele sente-se grato por ela nunca ter referido o assunto. Quando falam, a transmissão de vídeo é de alta qualidade, mas muitas vezes não está sincronizada com o áudio, o que lhe dá a sensação de que Marianne é uma imagem em

movimento, uma coisa para ser olhada. Desde que se foi embora, as pessoas na faculdade falam dela. Connell não tem a certeza se ela sabe ou não o que pessoas como o Jamie andam a dizer. Nem sequer é propriamente amigo dessa gente, e foi um tipo embriagado numa festa que lhe contou que ela andava metida numa cena esquisita, e que havia fotografias suas na Internet. Connell não sabe se a história das fotografias é verdadeira. Procurou o nome dela *online*, mas não encontrou nada.

Ela é alguém com quem possa falar do que sente?, pergunta Yvonne.

Sim, tem-me dado um bom apoio em relação a isso. Ela, bem... é difícil descrever-lhe a quem não a conhece. É muito inteligente, muito mais inteligente do que eu, mas temos uma visão do mundo semelhante. E vivemos toda a vida no mesmo sítio, por isso, como é óbvio, é um bocado diferente estar longe dela.

Parece difícil.

Não há muita gente com quem me dê bem, diz ele. É um problema que tenho.

Acha que é um problema novo, ou é uma coisa que já acontecia?

Creio que já acontecia. Às vezes na escola já tinha essa sensação de isolamento. Mas as pessoas gostavam de mim. Aqui, tenho a sensação de que não gostam muito.

Interrompe-se, e Yvonne parece aperceber-se da pausa e não o interrompe.

É como com o Rob, o meu amigo que morreu, diz ele. Não diria que nos entendíamos a um nível profundo nem nada disso, mas éramos amigos.

Claro.

Não tínhamos muito em comum, tipo, em termos de interesses ou fosse no que fosse. E, no aspeto político, é provável que nunca tivéssemos as mesmas perspetivas. Mas, na escola, cenas dessas não tinham grande importância. Pertencíamos ao mesmo grupo, por isso éramos amigos, está a ver?

Compreendo, diz Yvonne.

E ele fez uma coisa que não me agradou muito. Às vezes tinha atitudes com as raparigas que eram para o foleiro. Está a ver, tínhamos para aí dezoito anos e comportávamo-nos como idiotas. Mas eu achava essas coisas um bocado alienantes.

Connell rói a unha do polegar e volta a deixar cair a mão no colo.

Julgava que, se me mudasse para aqui, ficaria mais adaptado, diz ele. Pensava que talvez encontrasse pessoas com ideias semelhantes às minhas, ou coisa assim. Mas, sinceramente, as pessoas aqui são muito piores do que as que conheci na escola. Por exemplo, aqui toda a gente passa o tempo a comparar quanto ganham os pais. Já vi isso acontecer, tipo, montes de vezes.

Nesse momento, inspira, a sentir que esteve a falar depressa de mais e durante demasiado tempo, mas incapaz de parar.

Sai de Carricklea a pensar que podia ter uma vida diferente, diz ele. Mas odeio isto aqui e agora já não posso voltar para lá. Ou seja, essas amizades desapareceram. O Rob já cá não está, nunca mais posso voltar a vê-lo. Nunca mais vou poder recuperar essa vida.

Yvonne empurra para ele a caixa de lenços de papel que está em cima da mesa. Connell olha para a caixa, que tem desenhos de folhas de palmeira verdes, e a seguir para Yvonne. Toca no rosto, e descobre que começou a chorar. Sem dizer palavra, tira

um lenço da caixa e limpa a cara.

Desculpe, diz.

Agora Yvonne está a olhá-lo de frente, mas Connell já não percebe se ela está a ouvi-lo, se percebeu ou tentou perceber o que ele disse.

O que podemos fazer aqui no aconselhamento psicológico é tentar trabalhar os seus sentimentos, e também os seus pensamentos e comportamentos, explica ela. Não podemos mudar a sua situação, mas podemos mudar a forma como reage a essa mesma situação. Percebe o que quero dizer?

Sim.

Neste ponto da sessão, Yvonne começa a estender-lhe folhas, ilustradas com grandes setas a apontarem para diversas caixas de texto. Connell recebe-as e finge que intenciona preenchê-las mais tarde. Também lhe dá umas fotocópias sobre como lidar com a ansiedade, que ele finge que irá ler. Ela imprime uma mensagem para ele levar ao serviço de saúde da faculdade informando-os sobre a sua depressão, e Connell diz que voltará para outra sessão daí a duas semanas. Depois sai do gabinete.

Umhas semanas atrás, Connell assistiu a uma conferência de um escritor de visita à faculdade. Sentou-se sozinho ao fundo da sala, constrangido por haver pouco público e todos os outros estarem sentados em grupos. Era uma das grandes salas sem janelas do Bloco de Artes, com mesas rebatíveis ligadas às cadeiras. Um dos oradores traçou uma panorâmica breve e aduladora da obra do escritor, após o que este, um jovem de cerca de trinta anos, subiu para a tribuna e agradeceu o convite à faculdade. Nessa altura, Connell já estava arrependido da sua decisão de assistir. Tudo no evento era formal e previsível, desprovido de energia. Não sabia porque tinha ido. Lera o livro do escritor e achara-o irregular, embora penetrante e sensível em certas passagens. Agora, pensou, mesmo essa impressão foi anulada ao ver o autor naquele meio, desligado do que quer que fosse espontâneo, a ler passagens do seu livro a um público que já o tinha lido. A rigidez daquela atuação fazia as observações do livro parecerem falsas, separando o escritor das pessoas sobre as quais escrevia, como se só as tivesse observado para falar sobre elas aos alunos de Trinity. Connell não via razão que justificasse a realização daqueles eventos literários, não via que contribuíssem para o que quer que fosse, nem percebia o que significavam. A assistência era constituída por pessoas que queriam ser o tipo de indivíduo que assistia àquele género de conferência.

Seguiu-se uma pequena receção em que foi servido vinho, no exterior da sala de conferências. Connell ia sair, mas viu-se impedido por um grupo de estudantes a falarem muito alto. Quando tentou abrir caminho, uma das raparigas disse: Ah, olá, Connell. Reconheceu-a, era Sadie Darcy-O'Shea. Ela ia a algumas das suas aulas de Inglês, e ele sabia que Sadie era ativa na sociedade literária. Foi ela que lhe chamou «um génio», cara a cara, no primeiro ano.

Viva, respondeu.

Gostaste da conferência?

Ele encolheu os ombros. Não foi má, respondeu. Sentia-se ansioso e com vontade de se ir embora, mas Sadie não parava de falar. Esfregou as palmas das mãos na T-

shirt.

Não ficaste maravilhado?, perguntou ela.

Não sei, não vejo qual o sentido destas coisas.

Das conferências?

Sim, confirmou Connell. Não vejo para que servem, percebes?

De repente, toda a gente desviou a vista, e Connell voltou-se para seguir os olhares. O escritor tinha saído da sala de conferências e aproximava-se deles. Olá, Sadie, disse. Connell não se tinha apercebido de que houvesse qualquer relação pessoal entre eles, e sentiu-se idiota por ter dito o que dissera. Falaste maravilhosamente, disse Sadie. Irritado e exausto, Connell afastou-se, para deixar o escritor juntar-se ao seu círculo e começou a esgueirar-se. Nessa altura, Sadie agarrou-lhe no braço e disse: o Connell estava mesmo agora a dizer-nos que não vê para que servem as conferências literárias. O escritor olhou vagamente na sua direção e fez um aceno de aquiescência. Sim, é mesmo isso, disse ele. São chatas, não são? Connell reparou que o tom artificial da palestra também parecia caracterizar o discurso e os movimentos do escritor, e sentiu-se mal por atribuir uma opinião tão negativa da literatura a alguém que afinal talvez só fosse desajeitado.

Bem, nós gostámos, disse Sadie.

Como se chama, Connell quê?, perguntou o escritor.

Connell Waldron.

O escritor fez um novo aceno de cabeça.

Tirou um copo de vinho tinto da mesa e deixou os outros continuarem a falar. Por qualquer motivo, embora por fim houvesse uma oportunidade de se ir embora, Connell deixou-se ficar. O escritor bebeu um gole de vinho e olhou de novo para ele.

Gostei do seu livro, disse Connell.

Ah, obrigado, agradeceu o escritor. Vem ao Stag's Head beber um copo? Acho que é para lá que eles vão.

Nessa noite, só saíram do Stag's Head quando o *pub* fechou. Tiveram uma discussão simpática sobre conferências literárias e, embora Connell não dissesse grande coisa, o escritor tomou o seu partido, o que lhe agradou. Mais tarde, o outro perguntou-lhe de onde era, e Connell disse-lhe que era de Sligo, de uma vila chamada Carricklea. O escritor fez novo aceno de assentimento. Sim, conheço, disse. Havia lá uma pista de *bowling*, já deve ter desaparecido há anos.

Pois é, confirmou Connell demasiado depressa. Tive lá uma festa de aniversário quando era pequeno. Na pista de *bowling*. Mas agora, como disse, claro que já desapareceu.

O escritor bebeu um gole de cerveja e perguntou: Que tal acha de Trinity, gosta?

Connell olhou para Sadie do outro lado da mesa, com as pulseiras a tilintarem nos pulsos. Para ser franco, a adaptação é um bocado difícil, respondeu.

O escritor fez mais um aceno de aquiescência e disse: Isso pode não ser mau. Talvez possa fazer um primeiro livro a partir daí.

Connell riu, e baixou os olhos. Sabia que aquilo era apenas uma piada, mas era agradável pensar que talvez o seu sofrimento não fosse em vão.

Connell sabe que muitas pessoas na faculdade consideram os livros, acima de tudo, como uma maneira de parecerem cultos. Quando, nessa noite no Stag's Head, alguém referiu os protestos contra a austeridade, Sadie ergueu as mãos e disse: Política não, por favor! Ninguém refutou a avaliação inicial de Connell da conferência. Era a cultura como desempenho de classe, a literatura convertida em fetiche devido à sua capacidade de levar as pessoas instruídas em falsas viagens emocionais, para depois se poderem sentir superiores às pessoas sem instrução, sobre cujas viagens emocionais gostavam de ler. Mesmo que o próprio escritor fosse uma pessoa válida, e ainda que o seu livro fosse inteligente, em última análise todos os livros eram comercializados como símbolos de estatuto, e todos os escritores participavam até certo ponto nessa comercialização. Possivelmente, era assim que a indústria fazia dinheiro. A literatura, da maneira como era apresentada naquelas conferências públicas, não tinha potencial enquanto forma de resistência a nada. Mesmo assim, nessa noite foi para casa ler umas notas que tinha tomado para uma nova história, e sentiu o antigo frémito de prazer no interior do corpo, como alguém que assiste a um golo perfeito, como o movimento sussurrante da luz a penetrar nas folhas, ou uma frase musical vinda da janela de um carro que passa. Apesar de tudo, a vida oferece esses momentos de alegria.

Quatro Meses mais tarde  
(Julho de 2014)

Os olhos de Marianne estreitam-se até o ecrã da televisão se tornar apenas um retângulo verde, a emitir luz nas margens. Estás a adormecer?, pergunta Connell. Após um silêncio, ela responde: Não. Ele faz um aceno de cabeça, sem tirar os olhos do jogo. Bebe um gole de *Coca-Cola* e o gelo que resta tilinta suavemente no copo. Os braços e as pernas dela pesam no colchão. Está deitada no quarto dele, em Foxfield, a ver a Holanda jogar contra a Costa Rica para aceder às meias-finais do Mundial. O quarto tem o mesmo aspeto que tinha nos tempos da escola, embora um canto do póster de Steven Gerrard se tenha soltado da parede e esteja encaracolado para dentro. Mas tudo o mais é igual: o quebra-luz, as cortinas verdes e até as fronhas das almofadas com a orla às riscas.

Posso levar-te a casa no intervalo, diz ele.

Por instantes, ela não responde. Os seus olhos pestanejam e fecham-se, depois abrem-se de novo, maiores, de modo que vê os jogadores a deslocarem-se no campo.

Estou a incomodar-te?, pergunta ela.

Não, de modo nenhum. Só pareces com sono.

Posso beber um bocado da tua *Coca-Cola*?

Ele estende-lhe o copo e ela senta-se para beber, como um bebé. Sente a boca seca e a bebida fresca e insípida na língua. Bebe duas grandes goladas e devolve-lhe o copo, depois de limpar os lábios às costas da mão. Ele aceita o copo sem desviar os olhos da televisão.

Estás com sede, diz ele. Se te apetecer, há mais lá em baixo no frigorífico.

Ela abana a cabeça e volta a deitar-se, com as mãos cruzadas atrás do pescoço.

Onde te meteste ontem à noite?, pergunta ela.

Ah. Não sei. Estive algum tempo na zona de fumadores.

Acabaste por beijar aquela rapariga?

Não.

Marianne fecha os olhos e abana a mão como um leque diante da cara. Tenho mesmo calor, diz. Não achas que está calor aqui?

Podes abrir a janela se quiseres.



Ela tenta contorcer-se na cama em direção à janela e alcançar o puxador sem ter de se sentar. Pára, a ver se Connell irá intervir em seu auxílio. Nesse verão, ele está a trabalhar na biblioteca da faculdade, mas, desde que ela voltou, vai todos os fins de semana a Carricklea. Dão passeios de carro, até Strandhill, ou sobem até à queda-d'água de Glencar. Connell rói muito as unhas e fala pouco. No mês anterior, ela disse-lhe que não devia sentir-se obrigado a visitá-la se não lhe apetecesse, e ele respondeu num tom neutro: Olha, é a única coisa por que anseio. Agora ela senta-se e abre a janela. A luz do dia está a esmorecer, mas o ar lá fora está imóvel e perfumado.

Diz lá outra vez como é que ela se chamava. A rapariga do bar.

Niamh Keenan.

Ela gosta de ti.

Não me parece que tenhamos interesses em comum, diz ele. O Eric andava à tua procura ontem à noite, viste-o?

Marianne senta-se na cama, de pernas cruzada, de frente para Connell. Ele está encostado à cabeceira da cama, com o copo de *Coca-Cola* apoiado no peito.

Sim, eu vi-o, diz ela. Foi esquisito.

O quê, o que aconteceu?

Ele estava completamente bêbedo. Não sei. Por qualquer razão, decidiu que queria pedir-me desculpa pela maneira como se comportou na escola.

A sério? Isso é estranho.

Ele volta a olhar para o ecrã, de modo que ela se sente livre para lhe examinar o rosto em pormenor. Provavelmente, Connell apercebe-se do que ela está a fazer, mas delicadamente não diz nada. O candeeiro da mesa de cabeceira ilumina-o com uma luz difusa, a maçã do rosto delicada, a testa franzida numa ligeira concentração, o brilho ténue da transpiração sobre o lábio superior. Observar o rosto de Connell dá sempre um certo prazer a Marianne, o que pode ser alterado por alguns outros sentimentos, consoante a mínima interação da conversa ou do humor. A aparência dele é como uma peça de música favorita, que parece um pouco diferente de cada vez que a ouve.

Ele esteve a falar um pouco do Rob, diz ela. Disse que ele devia ter querido pedir desculpa. Mas não ficou claro se aquilo era uma coisa que o Rob lhe tinha dito, ou se o Eric estava a fazer uma qualquer projeção psicológica.

Para ser franco, tenho a certeza de que o Rob teria querido pedir desculpa.

Ah, desteto pensar nisso. Detesto pensar que, de algum modo, isso lhe pesava na consciência. Nunca lhe levei a mal, a sério. Não teve importância, sabes? Éramos miúdos.

Não teve importância, repete Connell. Ele agredia-te.

Marianne não responde. É verdade que a agrediam. Uma vez Eric chamou-lhe «peito chato» à frente de todos, e Rob, a rir, segredou qualquer coisa ao ouvido de Eric, qualquer afirmação, ou qualquer insulto demasiado grosseiro para ser dito em voz alta. Em janeiro, no funeral, todos diziam como Rob tinha sido fantástico, cheio de vida, um filho dedicado, e por aí adiante. Mas também era muito inseguro, obcecado com a popularidade, e o seu desespero tornara-o cruel. Não é a primeira vez que Marianne pensa que a crueldade não só magoa a vítima, mas também o perpetrador, e

talvez de uma forma mais profunda e permanente. Ao ser vítima de agressão, ninguém aprende nada de muito profundo sobre si próprio; mas, quando se agride alguém, aprende-se qualquer coisa que nunca se esquece.

Depois do funeral ela passou noites a ver a página do Facebook de Rob. Muitos colegas da escola tinham deixado comentários no seu mural, a dizer que sentiam a sua falta. Que estavam aquelas pessoas a fazer, pensou Marianne, a escrever no mural do Facebook de um morto? O que significavam para alguém aquelas mensagens, aqueles anúncios de perda? Qual o protocolo apropriado quando apareciam na cronologia? Deixar um *like* a apoiá-las? Avançar, à procura de qualquer coisa melhor? Mas, nessa altura, tudo deixava Marianne irritada. Ao pensar nisso agora, não consegue perceber porque se sentia incomodada. Nenhuma daquelas pessoas fizera nada de errado. Estavam apenas a lamentar uma perda. Claro que não fazia sentido escrever no mural de Rob, mas também nada mais fazia sentido. Se pareciam comportar-se de uma forma absurda quando sofriam era apenas por a vida humana ser absurda, e era essa a verdade que o sofrimento revelava. Gostaria de ter podido perdoar a Rob, mesmo que isso já não significasse nada para ele. Agora, quando pensa nele, recorda-o sempre com o rosto oculto, virado para outro lado, por trás da porta do cacifo, por trás da janela fechada do carro. Quem eras tu?, pensa, agora que já não há ninguém para responder à pergunta.

Aceitaste a desculpa?, pergunta Connell.

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça, a olhar para as unhas. Claro que aceitei, responde. Não sou de ressentimentos.

Felizmente para mim.

O som do apito anuncia o intervalo e os jogadores voltam-se, de cabeça baixa, e começam a atravessar o campo lentamente. O resultado continua a ser zero a zero. Ela limpa o nariz aos dedos. Connell senta-se direito e põe o copo na mesa de cabeceira. Ela pensa que ele vai oferecer-lhe de novo boleia para casa, mas em vez disso pergunta: Apetece-te um gelado? Ela diz que sim. É só um segundo, diz ele. Quando sai, deixa a porta do quarto aberta.

Agora Marianne está a viver em casa pela primeira vez desde que deixou a faculdade. A mãe e o irmão passam o dia no trabalho e ela não tem nada para fazer a não ser ficar sentada no jardim a observar insetos a serpentear pela terra. Dentro de casa, faz café, varre o chão, limpa superfícies. Agora a casa nunca está verdadeiramente limpa porque Lorraine tem um emprego a tempo inteiro no hotel e nunca a substituíram. Sem ela, a casa não é um lugar agradável para viver. Por vezes, Marianne vai passar o dia a Dublin, e ela e Joanna deambulam pela Hugh Lane com os braços nus, a beber água pelas garrafas. Evelyn, a namorada de Joanna, acompanha-as quando não está a estudar ou a trabalhar, e tem sempre o cuidado de ser simpática com Marianne e interessada em ouvi-la falar da sua vida. Marianne sente-se tão feliz por Joanna e Evelyn que gosta de as ver juntas, e até de ouvir Joanna dizer ao telemóvel a Evelyn num tom de voz animado: Está bem, adoro-te, até logo. Isso cria uma janela para a felicidade real, embora uma janela que ela não pode abrir e pela qual não pode

sair.

Na semana anterior, foram com Connell e Niall a uma manifestação contra a guerra em Gaza. Estavam presentes milhares de pessoas, com cartazes, megafones e faixas. Nessa altura, o desejo de Marianne era que a sua vida tivesse algum significado, acabar com toda a violência dos fortes contra os fracos; e recordou-se de um período havia vários anos em que se sentia tão jovem, inteligente e poderosa que quase teria podido realizar esse desejo. Mas agora sabia que não era de modo nenhum poderosa, que iria viver e morrer num mundo de extrema violência contra os inocentes e que, na melhor das hipóteses, poderia ajudar apenas umas quantas pessoas. Era tão difícil reconciliar-se com a ideia de ajudar poucas pessoas, era quase como se preferisse não ajudar ninguém a fazer algo tão insignificante, mas também não era bem disso que se tratava. A manifestação era muito lenta e ruidosa, muitas pessoas tocavam tambores e cantavam em uníssono, e sistemas de som produziam um crepitar intermitente. Desfilaram pela O'Connell Bridge, com o rio Liffey a correr-lhes por baixo dos pés. Estava calor, e os ombros de Marianne ficaram bronzeados.

Ao entardecer, Connell levou-a de carro de volta a Carricklea, embora ela dissesse que iria de comboio. Pelo caminho, ambos se sentiam cansados. Atravessaram Longford com o rádio ligado e a ouvir uma canção dos White Lies popular no tempo em que andavam na escola. Sem tocar no botão nem levantar a voz para se fazer ouvir sobre o som do rádio, Connell disse: Sabes que te amo. Não disse mais nada. Marianne respondeu que também o amava e, com um aceno de cabeça, ele continuou a conduzir como se nada se tivesse passado, o que de certo modo era um facto.

De momento, o irmão de Marianne trabalha para o município. Chega a casa ao fim do dia e anda de um lado para o outro à procura dela. No quarto, Marianne percebe que é ele porque anda sempre de sapatos dentro de casa. Se não a encontra na sala ou na cozinha, bate à porta. Só queria falar contigo, diz. Porque te comportas como se tivesses medo de mim? Podemos falar um segundo? Nessa altura, ela tem de ir à porta, e Alan quer retomar qualquer discussão que tiveram na véspera; ela diz que está cansada e que quer dormir, mas ele recusa ir-se embora até ela dizer que está arrependida da discussão anterior, por isso, acaba por dizer que está arrependida, e Alan responde: Achas-me horroroso. Ela pergunta-se se isso será verdade. Tento ser simpático contigo, diz ele, mas estás sempre a atirar-me isso à cara. Ela pensa que aquilo não é verdade, mas sabe que provavelmente ele julga que é. Na maior parte das vezes, as coisas não vão mais longe, é sempre igual, apenas aquilo, longos dias de semana vazios a limpar superfícies e a espremer esponjas molhadas para o lava-loiça.

Connell volta a subir a escada e atira-lhe um gelado embrulhado em papel brilhante. Ela apanha-o e encosta-o ao rosto, onde o frio irradia docemente para o exterior. Ele volta a sentar-se apoiado à cabeceira da cama, e começa a desembulhar o seu.

Costumas ver a Peggy em Dublin?, pergunta ela. Ou algumas dessas pessoas?

Ele fica em silêncio, e os seus dedos fazem estalar o invólucro de plástico. Não, acaba por responder. Pensei que tinhas cortado com eles.

Só estou a perguntar se sabes deles.

Não. E se os visse não teria muito para lhes dizer.

Ela abre a embalagem de plástico e retira o gelado, de laranja com creme de baunilha. Sente na língua flocos de gelo minúsculos e insípidos.

Ouvi dizer que o Jamie não ficou contente, acrescenta Connell.

Acho que andava a dizer coisas desagradáveis a meu respeito.

Pois. Enfim, claro que não falei pessoalmente com ele. Mas sim, fiquei com a impressão de que andava a dizer umas coisas.

Marianne levanta as sobrancelhas, como que divertida. Quando ouviu os rumores que circulavam sobre ela, não achara graça nenhuma. Estava constantemente a interrogar Joanna: quem andava a falar a seu respeito, o que diziam. Joanna não lhe contava. Respondia que, de qualquer modo, daí a umas semanas mudariam de assunto. As pessoas são infantis nas suas atitudes para com a sexualidade, disse Joanna. Provavelmente a sua fixação na tua vida sexual é mais fetichista do que o que quer que tivesses feito. Marianne chegou mesmo a contactar Lukas e obrigou-o a apagar todas as fotografias dela, nenhuma das quais, de resto, ele pusera *online*. A vergonha envolvia-a como um sudário. Mal conseguia ver através dela. O tecido impedia-a de respirar, provocava-lhe comichão na pele. Era como se a sua vida tivesse acabado. Quanto tempo durara essa sensação? Duas semanas, ou mais? Depois desapareceu; um breve capítulo da sua juventude encerrara-se, e ela sobrevivera.

Nunca me falaste disso, diz ela a Connell.

Bem, ouvi dizer que o Jamie estava chateado por teres acabado com ele e andava a dizer merdas a teu respeito. Mas olha, isso nem sequer são mexericos, é assim que os rapazes se comportam. Nem me pareceu que alguém quisesse saber.

Acho que é mais um caso de danos na reputação.

Então como é que a reputação do Jamie não sofreu danos?, pergunta Connell. Foi ele que te fez essas cenas todas.

Ela ergue os olhos e vê que Connell já acabou o gelado. Os seus dedos brincam com o pauzinho de madeira. A ela ainda lhe resta um pouco, lambido até se transformar num bolbo escorregadio, a cintilar à luz do candeeiro da mesa de cabeceira.

Para os homens é diferente, diz ela.

Sim, começo a perceber isso.

Marianne lambe o gelado até o pauzinho ficar limpo e examina-o. Durante uns instantes, Connell fica calado, e depois diz: O Eric foi gentil em ter-te pedido desculpa.

Eu sei. Na verdade, os nossos colegas da escola têm sido muito simpáticos desde que voltei. Embora eu nunca tenha feito nenhum esforço para os ver.

Talvez devesse.

Porquê? Pensas que estou a ser ingrata?

Não, só quero dizer que te deves sentir só.

Ela fica calada, com o pauzinho entre o indicador e o médio.

Já estou habituada. A verdade é que toda a vida estive só.

De cenho franzido, Connell faz um aceno de assentimento. Pois é, responde, sei o

que queres dizer.

Não te sentias só com a Helen, pois não?

Não sei. Às vezes. Com ela, nem sempre me sentia totalmente eu.

Marianne deita-se de costas, com a cabeça apoiada na almofada e as pernas nuas estendidas sobre o edredão. Fixa o candeeiro do teto, com o mesmo abajur de há anos, verde e empoeirado.

Connell, diz. Sabes quando ontem à noite estávamos a dançar?

Sim.

Por um momento, ela só quer estar ali deitada, a prolongar o silêncio intenso e a gozar o abajur, a desfrutar da sensação de estar de novo ali com ele, naquele quarto, a fazê-lo falar com ela, mas o tempo avança.

O que houve?

Fiz qualquer coisa que te aborrecesse?

Não. O que queres dizer com isso?

Quando te afastaste e me deixaste ali, fiquei sem saber o que fazer. Pensei que talvez tivesses ido atrás daquela rapariga, a Niamh, ou coisa assim, foi por isso que te falei dela. Não sei.

Não me afastei. Perguntei-te se querias ir lá fora, à zona de fumadores, e tu disseste que não.

Ela senta-se apoiada nos cotovelos e olha para ele. Agora Connell está corado e tem as orelhas vermelhas.

Não perguntaste, diz ela. Disseste que ias à zona de fumadores e afastaste-te.

Não, perguntei-te se querias ir à zona de fumadores e tu abanaste a cabeça.

Talvez não tivesse ouvido bem.

Não deves ter ouvido. Lembro-me muito bem do que te disse. Mas a música estava muito alta.

Segue-se outro silêncio. Marianne está deitada de costas, de novo a olhar para a luz do teto, a sentir o rosto afogueado.

Pensei que tinhas ficado aborrecido comigo, diz.

Bem, desculpa. Mas não fiquei.

Após uma pausa, acrescenta: Penso que, em certos aspetos, a nossa amizade seria mais fácil se, tipo... determinadas coisas fossem diferentes.

Ela leva a mão à testa. Connell não continua a falar.

Se fosse diferente o quê?, pergunta ela.

Não sei.

Ouve-o respirar. Sente que o forçou a ter aquela conversa, e agora tem relutância em o pressionar mais.

Sabes que não te vou mentir, diz ele, claro que sinto uma certa atração por ti. Não estou a tentar arranjar desculpas. Só me parece que as coisas seriam menos confusas se não houvesse este outro elemento na relação.

Ela leva as mãos às costelas e sente o lento movimento do diafragma.

Achas que seria melhor se nunca tivéssemos andado um com o outro?, pergunta ela.

Não sei. É-me difícil imaginar a minha vida dessa maneira. Nesse caso não saberia para que faculdade teria ido nem onde estaria agora.

Marianne permanece em silêncio e, por instantes, reflete nessa ideia, com a mão espalmada no abdómen.

É curioso as decisões que se tomam por se gostar de alguém, diz Connell, e depois toda a nossa vida é diferente. Penso que estamos nessa idade estranha em que pequenas decisões podem mudar muito a vida. Mas, de um modo geral, tu foste uma boa influência para mim, sem dúvida que agora sou uma pessoa melhor, acho eu. Graças a ti.

Ela continua deitada, a respirar. Sente os olhos a arder, mas não faz um movimento para lhes tocar.

Quando vivíamos juntos no primeiro ano da faculdade, sentias-te só?, pergunta ela.

Não. E tu?

Também não. Às vezes sentia-me frustrada, mas não só. Nunca me sinto só quando estou contigo.

Pois é, diz ele. Para ser sincero, essa foi uma época perfeita da minha vida. Antes disso, acho que nunca fui verdadeiramente feliz.

Ela continua a pressionar o abdómen, forçando a respiração a sair-lhe do corpo, e em seguida inala.

Ontem à noite, queria mesmo que me beijasses, diz ela.

Ah.

O peito dela enche-se de novo de ar, e esvazia-se lentamente.

Eu também queria, diz ele. Acho que houve um mal-entendido entre nós.

Bem, não tem importância.

Ele pigarreia.

Não sei o que será melhor para nós, diz. É evidente que me é agradável ouvir-te dizer essas coisas. Mas, ao mesmo tempo, nunca houve nada que acabasse bem connosco no passado. Sabes que és a minha melhor amiga e nem por nada queria perder isso.

Claro, sei o que queres dizer.

Os olhos de Marianne estão húmidos e ela tem de os esfregar para as lágrimas pararem de correr.

Posso pensar nisso?, pergunta ele.

Claro que sim.

Não quero que me aches mal-agradecido.

Ela faz um aceno de cabeça, e limpa o nariz com os dedos. Pergunta-se se poderá voltar-se de lado, de frente para a janela, de modo a Connell não poder olhar para ela.

Deste-me um bom apoio, diz ele. Com a depressão e tudo o mais, não quero estar sempre a falar disso, mas ajudaste-me imenso.

Não me debes nada.

Pois não, eu sei. Não era isso que queria dizer.

Ela senta-se, faz girar os pés para fora da cama, e apoia o rosto nas mãos.

Agora estou a ficar ansioso, diz ele. Espero que não sintas que te estou a rejeitar.

Não fiques ansioso. Está tudo bem. Se não te importas, agora vou para casa.

Posso levar-te.

Não vais querer perder a segunda parte. Vou a pé, não há problema.

Ela começa a calçar os sapatos.

Para ser franco, até me esqueci do jogo, diz ele.

Mas não se levanta, nem procura as chaves. Marianne põe-se de pé e alisa a saia. Connell está sentado na cama, a observá-la, com uma expressão atenta, quase nervosa.

Pronto, diz ela. Adeus.

Ele estende a mão para pegar na dela e Marianne dá-lha, sem pensar. Por instantes, segura-a, com o polegar a mover-se sobre os nós dos dedos dela. Depois, leva-a à boca e beija-a. Ela sente-se agradavelmente esmagada sob o peso do poder exercido sobre ela, sob a imensa e arrebatadora profundidade da sua vontade de lhe agradar. Isto é bom, diz ela. Ele concorda com um aceno de cabeça. Marianne sente uma dor surda e agradável no interior do corpo, no osso pélvico, nas costas.

Só estou nervoso, diz ele. É óbvio que não quero que te vás embora.

Numa voz débil, ela diz: O que tu queres não é óbvio para mim.

Ele levanta-se e põe-se à sua frente. Como um animal treinado, Marianne permanece imóvel, com cada nervo à flor da pele. Apetece-lhe choramingar alto. Connell segura-a pelas ancas e ela deixa-o beijar-lhe a boca aberta. A sensação é tão intensa que se sente desmaiar.

Quero tanto isto.

É bom ouvir-te dizer isso. Se não te importas, vou desligar a televisão.

Marianne vai para a cama enquanto Connell desliga a televisão. Ele senta-se ao seu lado e beijam-se de novo. O contacto dele tem um efeito narcótico. Um torpor agradável invade-a, só lhe apetece despir-se. Deita-se sobre a coberta e ele inclina-se para ela. Já decorreram anos. Marianne sente o sexo dele a fazer-lhe pressão na anca e estremece com a violência do seu próprio desejo.

Hm, diz ele. Senti a tua falta.

Não é assim com outras pessoas.

Bem, gosto muito mais de ti do que de outras pessoas.

Ele beija-a de novo e Marianne sente no corpo as suas mãos. Ela é um abismo no qual ele pode cair, um espaço vazio para ele preencher. Às cegas, mecanicamente, começa a despir-se, e ouve-o desapertar o cinto. O tempo parece elástico, esticado pelo som e pelo movimento. Ela está deitada de frente, com o rosto a pressionar o colchão, e a mão dele toca-lhe na parte posterior da coxa. O corpo dela é apenas um bem valioso, que, embora tenha circulado e sido explorado de diversas maneiras, de certo modo sempre foi a ele que pertenceu, e que agora ele está a recuperar.

A verdade é que não tenho preservativos, diz Connell.

Não faz mal. Eu tomo a pílula.

Ele toca-lhe no cabelo. Ela sente as pontas dos seus dedos roçarem-lhe a nuca.

Queres assim?, pergunta ele.

Como tu quiseres.

Connell põe-se em cima dela, com uma mão apoiada no colchão ao lado do seu

rosto, a outra no cabelo.

Já não faço isto há algum tempo, diz ele.

Não faz mal.

Quando ele a penetra, Marianne ouve a sua própria voz a chorar sem parar, com gritos estranhos e dolorosos. Quer agarrar-se a ele, mas não pode, e sente a mão direita inutilmente fincada na colcha. Ele inclina-se, aproximando o rosto um pouco mais do seu.

Marianne?, diz. Podemos tornar a fazer isto no próximo fim de semana, e por aí adiante?

Sempre que quiseres.

Ele agarra-lhe o cabelo, sem o puxar, apenas a segurá-lo na mão. A sério, sempre que eu quiser?

Podes fazer tudo o que quiseres comigo.

Ele produz um ruído com a garganta, e penetra um pouco mais nela. Isto é bom, diz.

Gostas que eu diga isto?, pergunta ela, numa voz agora rouca.

Sim, gosto imenso.

Vais dizer-me que te pertences?

O que queres dizer?

Sem responder, ela limita-se a respirar com força para dentro da coberta e sente no rosto a sua própria respiração. Connell fica em silêncio, à espera que responda qualquer coisa.

Vais bater-me?, pergunta ela.

Por instantes, não ouve nada, nem sequer a respiração dele.

Não. Acho que não quero isso. Desculpa.

Ela não diz nada.

Está bem assim?

Ela continua sem responder.

Queres que pare?

Ela diz que sim com a cabeça. Sente o peso dele sair de cima de si. Fica de novo vazia e de súbito arrepiada. Connell senta-se na cama e tapa-se com a colcha. Ela continua deitada, de rosto para baixo, imóvel, incapaz de pensar em qualquer movimento aceitável.

Estás bem?, pergunta ele. Desculpa, não queria fazer isso, penso que seria esquisito. Quero dizer, não esquisito, mas... Não sei. Não me parece que fosse boa ideia.

Assim deitada de frente, doem-lhe os seios e sente picadas no rosto.

Achas que eu sou esquisita?, pergunta.

Não disse isso. Só queria dizer que não quero que haja coisas estranhas entre nós.

Agora ela sente um calor terrível, um calor acre, na pele e nos olhos. Senta-se, virada para a janela, e afasta o cabelo do rosto.

Acho que agora vou para casa, se não te importas.

Está bem. Se é isso que queres.



Encontra a roupa e veste-se. Ele também começa a vestir-se, diz que a vai levar a casa e ela responde que quer ir a pé. Segue-se uma competição ridícula entre eles, a verem quem consegue vestir-se mais depressa, e, dado ter tido um avanço inicial, ela acaba primeiro e desce a escada a correr. Quando fecha a porta, ele ainda está no patamar. Na rua, sente-se uma criança impertinente, a bater com a porta enquanto ele corria para o patamar. Sente-se dominada por qualquer coisa que não sabe o que é. Isso fá-la recordar-se do que sentia na Suécia, uma espécie de vazio, como se não houvesse vida dentro de si. Odeia a pessoa em que se transformou, sem sentir qualquer poder para modificar seja o que for em si mesma. É alguém a quem o próprio Connell acha repugnante, ultrapassou aquilo que ele consegue tolerar. Na escola, estavam ambos no mesmo plano, ambos confusos e, de certo modo, a sofrer, e, desde então, ela está convencida de que, se pudessem regressar juntos a esse mesmo plano, tudo voltaria a ser igual. Agora sabe que, nos anos que mediarão, Connell se foi adaptando lentamente ao mundo, num processo constante, embora por vezes doloroso, enquanto ela própria degenerou, afastando-se cada vez mais do que era saudável, caindo numa degradação irreconhecível, até já nada haver em comum entre ambos.

Quando chega a casa, já passa das dez. O carro da mãe não se encontra no caminho de acesso e o vestíbulo está frio e vazio. Descalça as sandálias e põe-nas na sapateira, pendura o saco num cabide e alisa o cabelo com os dedos.

Alan aparece ao fundo do vestíbulo, vindo da cozinha, com uma garrafa de cerveja na mão.

Onde raio te meteste?, pergunta.

Estive em casa do Connell.

Ele desloca-se para diante da escada, a garrafa a oscilar ao lado do corpo.

Não devias ir lá.

Ela encolhe os ombros. Sabe que se aproxima um confronto, e que não lhe é possível impedi-lo. Alan já avança para ela, vindo de todas as direções, e não há um movimento especial que possa fazer, um gesto que a ajude a esquivar-se.

Pensei que gostavas dele, diz Marianne. Gostavas quando andávamos na escola.

Sim, mas como havia de saber que ele não regulava bem? Toma medicação e tudo isso, sabias?

Neste momento creio que está bem.

Então porque anda ele à tua volta?, insiste Alan.

Acho que vais ter de lhe perguntar.

Tenta avançar para a escada, mas Alan coloca a mão livre no corrimão.

Não quero que as pessoas andem para aí a dizer que esse sacana fode com a minha irmã, diz Alan.

Agora dás-me licença que suba a escada?

Alan está a agarrar com força a garrafa de cerveja.

Não quero que voltes a aproximar-te dele. Estou a avisar-te. As pessoas na vila andam a falar de ti.

Não imagino como seria a minha vida se me ralasse com o que os outros pensam de mim.

Antes que se aperceba do que está a acontecer, o irmão ergue o braço e atira-lhe a garrafa, que se vai estilhaçar ao seu lado nos ladrilhos. De alguma forma, sabe que Alan não pode ter tido a intenção de a atingir, pois estão a menos de um metro de distância e não lhe acertou. Mesmo assim, passa por ele e sobe a escada a correr. Sente o corpo cortar a toda a velocidade o ar frio do interior da casa. Ele dá meia-volta e segue-a, mas Marianne consegue chegar ao quarto, e apoiar-se com todo o seu peso contra a porta antes de o irmão a alcançar. Alan tenta rodar o puxador e ela tem de fazer um esforço para o impedir. Então ele começa aos pontapés do lado de fora da porta. O corpo dela vibra com adrenalina.

Minha grande anormal!, grita ele. Abre a merda da porta, não te fiz nada!

Deixa-me em paz, por favor, diz ela, com a testa apoiada à madeira lisa. Vai para a cama, está bem? Eu limpo tudo lá em baixo e não digo à Denise.

Abre a porta, repete ele.

Marianne apoia à porta todo o peso do corpo, com as mãos a agarrar firmemente o puxador e os olhos fechados com força. Sabe que desde muito cedo a sua vida foi anormal. Mas agora o tempo cobriu muito, do mesmo modo que as folhas caem e tapam um pedaço de terra até acabarem por se misturar com o solo. As coisas que lhe aconteceram estão enterradas no seu corpo. Tenta ser boa pessoa. Mas, no mais fundo de si, sabe que é má, corrupta, falsa, e todos os seus esforços para ser reta, para ter as opiniões corretas, para dizer as coisas certas, só disfarçam o que tem enterrado dentro de si, o seu lado maléfico.

Abruptamente, sente o puxador deslizar-lhe sob a mão e, antes de conseguir afastar-se da porta, ela abre-se de rompante. Ouve o barulho da madeira a estalar quando lhe bate no rosto e depois tem uma sensação estranha no interior da cabeça. Recua, ao mesmo tempo que Alan entra no quarto. Ouve qualquer coisa a tinir, mas não é tanto um som quanto uma sensação física, como a fricção de duas placas de metal imaginárias algures no seu cérebro. Tem o nariz a escorrer. Apercebe-se de que Alan está no interior do quarto. Leva a mão ao rosto. Agora o nariz está a escorrer mesmo muito. Ao retirar a mão, vê que tem os dedos cobertos de sangue, sangue húmido e quente. Alan está a dizer qualquer coisa. O sangue deve vir do rosto dela. Agora a sua visão desliza em diagonal e o tinido aumenta.

Agora vais dizer que a culpa foi minha?, pergunta o irmão.

Leva de novo a mão ao nariz. O sangue corre-lhe pelo rosto tão depressa que não consegue estancá-lo com os dedos. Sente-o correr-lhe para a boca, pelo queixo abaixo. Vê-o cair em pesadas gotas na fibra de carpete azul.

## Cinco Minutos mais tarde (Julho de 2014)

Na cozinha, ele vai buscar uma lata de cerveja ao frigorífico e senta-se à mesa a abri-la. Daí a um minuto, a porta da rua abre-se, e ele ouve as chaves de Lorraine. Olá, diz, suficientemente alto para ela ouvir. A mãe entra e fecha a porta. Sobre o linóleo, os sapatos dela produzem um ruído pegajoso, como o som húmido de lábios a separarem-se. Connell repara numa falena gorda poisada no abajur do teto, sem se mexer. Lorraine põe-lhe a mão suavemente no alto da cabeça.

A Marianne já foi para casa?, pergunta ela.

Já.

Qual foi o resultado do jogo?

Não sei. Acho que iam para penaltis.

Lorraine puxa uma cadeira e senta-se ao lado dele. Começa a tirar os ganchos do cabelo e a poisá-los em cima da mesa. Ele bebe um gole de cerveja e deixa-a aquecer na boca antes de engolir. A falena bate as asas no teto. A persiana por cima do lava-loiça está puxada para cima e ele vê a silhueta negra das árvores recortada contra o céu.

Tive um dia ótimo, obrigada por perguntas, diz Lorraine.

Desculpa.

Estás com um ar um bocado em baixo. Aconteceu alguma coisa?

Ele abana a cabeça. Quando viu Yvonne na semana anterior, ela disse-lhe que estava a «fazer progressos». Os profissionais de saúde mental usam sempre esse vocabulário higiénico, palavras limpas como quadros brancos, isentas de conotações, assexuadas. Fez-lhe perguntas sobre o seu sentimento de «pertença». Disse-me que se sentia bloqueado entre dois lugares, declarou ela, sem pertencer a Carricklea, mas também sem encaixar aqui. Ainda se sente assim? Connell limitou-se a encolher os ombros. De qualquer modo, seja o que for que faça ou diga, a medicação está a fazer o seu trabalho químico no interior do cérebro. Levanta-se todas as manhãs, toma duche, vai trabalhar na biblioteca, e já não tem fantasias em que se vê a saltar de uma ponte. Toma a medicação, e a vida continua.

Com os ganchos dispostos em cima da mesa, Lorraine começa a soltar o cabelo

com os dedos.

Ouviste dizer que a Isa Gleeson está grávida?, pergunta ela.

Sim, ouvi.

A tua velha amiga.

Ela pega na lata de cerveja e sopesa-a. Isa foi a sua primeira namorada, é a sua primeira ex-namorada. Depois de acabarem, ela costumava ligar à noite para o telefone fixo e Lorraine ia atender. Do seu quarto, debaixo dos cobertores, ouvia a voz da mãe dizer: tenho muita pena, minha querida, agora ele não pode vir ao telefone. Talvez possas falar com ele na escola. Quando saíam juntos, ela usava um aparelho nos dentes, provavelmente já não o usa. Sim, a Isa. Sentia-se envergonhado quando estavam juntos. Ela fazia coisas estúpidas para lhe provocar ciúmes, mas parecia inocente, como se fosse claro para ambos o que estava a fazer: talvez pensasse que ele não percebia, ou talvez fosse ela a não perceber. Connell detestava isso. Foi-se afastando cada vez mais, até que, finalmente, numa mensagem, lhe disse que não queria continuar o namoro. Agora não a vê há anos.

Não sei porque vai ela ter a criança, diz ele. Achas que é uma dessas pessoas antiaborto?

Ah, então essa é a única razão que leva as mulheres a terem bebés, não? Devido a quaisquer ideias políticas atrasadas?

Bem, pelo que ouvi, ela não vive com o pai da criança. Nem sequer sei se tem um emprego.

Eu não tinha emprego quando tu nasceste, responde Lorraine.

Ele olha para o imbricado desenho branco e vermelho na lata de cerveja, para o alto do «B» que descreve um arco e avança de novo em direção a si próprio.

E não te arrependes? Sei que vais tentar não ferir os meus sentimentos, mas, francamente, não achas que terias tido uma vida melhor sem um puto?

Lorraine volta-se para olhar para ele, agora com o rosto como que paralisado.

Oh, meu Deus, porquê? A Marianne está grávida?

O quê? Não.

Ela ri, e pressiona a clavícula com a mão. Ainda bem, diz. Santo Deus.

Pelo menos, suponho que não, acrescenta ele. Mas, mesmo que estivesse, isso não teria nada que ver comigo.

A mãe fica em silêncio, ainda com a mão no peito, e depois diz diplomaticamente: Bem, isso não me diz respeito.

O que queres dizer, pensas que estou a mentir? Não há nada entre nós, acredita.

Durante uns segundos, Lorraine fica em silêncio. Ele bebe mais uns goles de cerveja e poisa a lata em cima da mesa. É extremamente irritante a mãe pensar que ele e Marianne andam juntos, quando o mais próximo que estiveram disso desde há anos foi umas horas atrás, e tudo terminou com ele a chorar sozinho no quarto.

Então vens cá todos os fins de semana a casa para veres a tua adorada mãe, não é?

Ele encolhe os ombros. Se não queres que venha a casa, não venho, responde.

Vá lá, deixa-te disso.

Ela levanta-se para encher a chaleira. Indolentemente, ele fica a vê-la introduzir a

saqueta de chá na chávena, após o que volta a esfregar os olhos. Connell sente que destruiu a vida de toda a gente que mesmo marginalmente gostou dele.

Em abril, Connell enviou um dos seus contos, o único que de facto estava completo, a Sadie Darcy-O'Shea. Daí a uma hora, ela respondeu-lhe com um *e-mail*:

Connell é incrível! por favor deixa-nos publicá-lo! Bjs

Quando leu a mensagem, as pulsações, fortes e sonoras como uma máquina, fizeram-lhe estremecer todo o corpo. Teve de se deitar e de ficar a olhar para o teto branco. Sadie era a editora do jornal literário da faculdade. Finalmente, sentou-se e respondeu:

Estou contente por teres gostado mas por agora não me parece suficientemente bom para ser publicado, mesmo assim obrigado.

Sadie respondeu imediatamente:

POR FAVOR! BJS

Todo o corpo de Connell pulsava como uma correia transportadora. Até àquele momento, ninguém tinha lido uma palavra da sua obra. Era uma loucura, uma nova janela de experiência. Começou a andar pelo quarto, a massajar o pescoço durante algum tempo. Depois escreveu a resposta:

OK, mas que tal publicá-lo sob um pseudónimo? E tens de me prometer que não dizes a ninguém quem o escreveu, nem sequer às outras pessoas que editam a revista. Pode ser?

Sadie escreveu de volta:

ahah que misterioso, adoro isso! obrigada meu querido! os meus lábios vão manter-se selados para sempre bjs

O conto saiu, sem ter sido revisto, no número de maio da revista. Connell encontrou um exemplar no Bloco de Artes na manhã em que foi publicado e folheou-o até à página onde a história aparecia, sob o pseudónimo de «Conor McCready». Isto nem parece um nome real, pensou. À sua volta, no Bloco de Artes, as pessoas desfilavam, a caminho das aulas matinais, com chávenas de café na mão e a conversar. Logo na primeira página do texto Connell reparou em dois erros. Teve de fechar a revista por uns segundos e de respirar fundo várias vezes. Alunos e professores continuavam a passar, sem se aperceberem da sua agitação. Voltou a abrir a revista e continuou a ler. Outro erro. Sentiu vontade de rastejar para baixo de uma planta e de se

enfiar na terra. Era assim o fim da tortura da publicação. Uma vez que ninguém sabia que ele tinha escrito a história, não podia sondar nenhuma reação para saber se a consideravam boa ou má. Com o tempo, começou a convencer-se de que Sadie só a tinha publicado por estar com falta de material para um prazo que se aproximava. De um modo geral, a experiência causara-lhe mais inquietação do que prazer. No entanto, guardou dois exemplares da revista, um em Dublin e o outro debaixo do colchão em casa.

Porque foi a Marianne para casa tão cedo?, pergunta Lorraine.

Não sei.

É por isso que estás de mau humor?

O que queres insinuar? Que estou a morrer sem ela, é o que estás a dizer?

Lorraine abre as mãos como que a dizer que não sabe, e depois volta a sentar-se à espera que a chaleira ferva. Agora ele sente-se embaraçado, o que o deixa irritado. O que quer que haja entre ele e Marianne, nunca deu nada de bom, e só causou confusão e sofrimento a toda a gente. Faça o que fizer, não consegue ajudá-la. Há nela qualquer coisa assustadora, um enorme vazio no abismo do seu ser. É como estar à espera que um elevador chegue e, quando as portas se abrem, não haver nada senão o terrível e escuro vazio do poço do elevador, para todo o sempre. Ela não possui o instinto primordial de autodefesa ou de autopreservação que torna os outros seres humanos compreensíveis. Inclina-se numa resistência expectante e tudo se desmorona à sua frente. Mesmo assim, ele estaria disposto a morrer por ela a qualquer momento, e isso é a única coisa que sabe sobre si mesmo e que o faz sentir-se uma pessoa digna.

O que aconteceu naquela noite era inevitável. Se contasse o que se passara a Yvonne, ou mesmo a Niall, ou a qualquer outro interlocutor imaginário, sabe o que eles pensariam: Marianne é uma masoquista e Connell é um tipo demasiado impecável para bater numa mulher. Afinal, foi literalmente a este nível que o incidente ocorreu. Ela pediu-lhe que lhe batesse e, quando ele respondeu que não queria, recusou continuar a fazer sexo. Então por que motivo, apesar da exatidão factual, o que diz parece uma maneira desonesta de contar o sucedido? Qual é o elemento que falta, a parte excluída da história que explica o que os perturbou a ambos? Sabe que tem qualquer coisa que ver com a história deles. Desde os tempos de escola que compreendeu o poder que exerce sobre Marianne. Como ela reage ao seu olhar ou ao contacto da sua mão. Como se ruboriza e fica imóvel, como que à espera de qualquer ordem. A tirania que exerce sem esforço sobre alguém que, aos olhos dos outros, parece tão invulnerável. Nunca conseguiu reconciliar-se com a ideia de perder esse poder sobre ela, semelhante a uma chave de uma casa vazia, à disposição para uso futuro. Na realidade, cultivou-o, e sabe-o.

Então, o que lhes resta? É como se já não houvesse uma posição intermédia. Passaram-se demasiadas coisas entre eles para isso ser possível. Quer dizer que acabou, que eles não são nada? O que significaria não ser nada para ela? Poderia evitá-la, mas, mal a visse de novo, mesmo que apenas se olhassem de relance à entrada de uma sala de conferências, esse olhar não poderia não conter nada. Ele nunca poderia querer que assim fosse. Desejou sinceramente morrer, mas nunca desejou

sinceramente que Marianne o esquecesse. É a única parte de si que quer proteger, a parte que existe dentro dela.

A água da chaleira está a ferver. Lorraine faz deslizar a fila de ganchos para a palma da mão, fecha o punho à volta deles e mete-os no bolso. Depois põe-se de pé, enche a chávena de chá, acrescenta leite, e volta a arrumar a garrafa no frigorífico. Connell observa-a.

Pronto, diz ela. São horas de ir para a cama.

Certo. Dorme bem.

Ouve-a tocar no puxador da porta atrás dele, mas sem a abrir. Volta-se e ela está ali de pé, a olhar para ele.

Não estou nada arrependida, diz ela. De ter tido um bebé. Foi a melhor decisão que já tomei na vida. Adoro-te e estou muito orgulhosa de que sejas meu filho. Espero que saibas isso.

Connell olha-a. Rapidamente, aclara a garganta.

Também te adoro.

Então boa noite.

Lorraine fecha a porta atrás de si. Ele ouve os seus passos na escada. Decorridos uns minutos levanta-se, esvazia os restos de cerveja no lava-loiça e deita a lata para o caixote da reciclagem sem fazer ruído.

Em cima da mesa, o seu telemóvel começa a tocar. Como está regulado para vibrar, começa a mover-se na superfície da mesa, captando a luz. Connell vai apanhá-lo antes que caia ao chão, e vê que é Marianne. Detém-se, a olhar para o ecrã. Por fim, desliza o botão para atender.

Olá, diz.

Ouve-a respirar com força no outro lado da linha. Pergunta-lhe se está bem.

Desculpa lá isto, diz ela. Sinto-me idiota.

A sua voz ao telefone parece toldada, como se ela estivesse constipada, ou tivesse qualquer coisa na boca. Connell dirige-se à janela da cozinha.

Por causa do que se passou? Também estive a pensar no assunto.

Não, não é isso. É mesmo estúpido. Tropecei em qualquer coisa e tenho uma pequena ferida. Desculpa incomodar-te por causa disto. Não é nada. Só que não sei o que fazer.

Ele poisa a mão no lava-loiça.

Onde estás?

Estou em casa. Não é nada de grave, só que me dói, é tudo. Nem sei porque estou a telefonar. Desculpa.

Posso ir buscar-te?

Após uma pausa, ela responde numa voz abafada: Sim, por favor.

Já estou a ir. É só entrar no carro, está bem?

Entalando o telefone entre a orelha e o ombro, pesca o sapato do pé esquerdo de debaixo da mesa e calça-o.

Isso é mesmo simpático da tua parte, diz-lhe Marianne ao ouvido.

Daqui a uns minutos estou aí. Vou sair agora mesmo. Até já.

Lá fora, entra no carro e põe o motor a trabalhar. O rádio começa a funcionar, e ele desliga-o com a mão espalmada. A sua respiração não está regular. Bastou uma bebida para se sentir esquisito, não suficientemente alerta, ou excessivamente alerta, agitado. Há demasiado silêncio no carro, mas não suporta a ideia de ter o rádio ligado. Sente a mão húmida no volante. Ao virar à esquerda, para a rua de Marianne, avista a luz na janela do quarto dela. Põe o pisca e vira para o caminho de acesso vazio. Quanto sai e fecha a porta do carro, o ruído ecoa na fachada da casa.

Toca à campainha e, quase imediatamente, a porta abre-se. Marianne está ali, com a mão direita apoiada na porta e a esquerda a cobrir o rosto e a segurar um lenço de papel amarrotado. Tem os olhos inchados, como se tivesse estado a chorar. Connell repara que tem a *T-shirt*, a saia e parte do pulso esquerdo manchados de sangue. As proporções do campo visual que o rodeia estremecem, ora focadas, ora desfocadas, como se alguém tivesse pegado no mundo e o tivesse abanado com força.

O que aconteceu?, pergunta.

Atrás dela, ouvem-se passos pesados a descer a escada. Connell, como que a assistir à cena através de qualquer telescópio cósmico, vê o irmão dela chegar ao fundo dos degraus.

Porque estás suja de sangue?, pergunta Connell.

Acho que tenho o nariz partido.

Quem é?, pergunta Alan atrás dela. Quem bateu à porta?

Precisas de ir ao hospital?, pergunta Connell.

Ela abana a cabeça, diz que esteve a ver na Internet e não precisa de cuidados urgentes. Se ainda lhe doer, pode ir ao médico no dia seguinte. Connell faz um aceno de assentimento e pergunta:

Foi ele?

Ela diz que sim com um gesto de cabeça. Os seus olhos têm uma expressão assustada.

Entra no carro, diz Connell.

Ela olha-o, sem mover as mãos, ainda com o lenço de papel a cobrir-lhe o rosto. Ele sacode as chaves e diz:

Vai.

Marianne tira a mão da porta e abre-a. Ele deposita-lhe as chaves na palma da mão e, sem o desfitar, ela afasta-se.

Aonde vais?, pergunta Alan.

Connell está mesmo à entrada da porta da rua. Uma névoa colorida alastra pelo caminho de acesso enquanto ele fica a ver Marianne entrar no carro.

O que se passa aqui?, pergunta Alan.

Mal a vê em segurança dentro do carro, Connell fecha a porta, de modo que ele e Alan ficam sozinhos.

O que estás a fazer?, pergunta Alan.

Connell, agora com a vista ainda mais turva e sem perceber se Alan está zangado ou assustado, diz:

Preciso de falar contigo.



A sua visão flutua de tal maneira que ele repara que tem de manter a mão na porta para se manter na vertical.

Eu não fiz nada, diz Alan.

Connell avança para ele, até Alan ficar com as costas apoiadas ao corrimão. Agora parece mais pequeno, e assustado.

Chama a mãe, virando a cabeça até o pescoço ficar tenso, mas ninguém aparece no alto da escada. O rosto de Connell está húmido de transpiração. O de Alan só é visível como um desenho de pontos coloridos.

Se voltas a tocar na Marianne, mato-te, ouviste? É tudo. Se tornas a dizer-lhe qualquer coisa má, eu volto aqui e mato-te.

Embora não consiga ver nem ouvir muito bem, tem a impressão de que Alan está agora a chorar.

Percebeste o que eu disse? Responde sim ou não.

Sim, responde Alan.

Connell dá meia-volta, sai e fecha a porta atrás de si.

No carro, Marianne está à espera em silêncio, com uma mão a apertar o rosto, e a outra inerte no colo. Connell senta-se ao volante e limpa a boca à manga. Estão juntos, encerrados no silêncio compacto do carro. Ele olha-a. Marianne está um pouco curvada sobre o colo, como se lhe doesse qualquer coisa.

Desculpa incomodar-te, diz ela. Desculpa. Não sabia o que fazer.

Não peças desculpa. Ainda bem que me chamaste. Olha para mim durante um segundo. Ninguém vai voltar a magoar-te assim.

Ela olha-o, por cima do véu do lenço de papel branco, e, de súbito, ele volta a sentir o seu poder sobre ela, a receptividade nos seus olhos.

Vai tudo ficar bem, diz. Confia em mim. Adoro-te, não vou deixar que nada de semelhante te volte a acontecer.

Durante um ou dois segundos, ela sustém o olhar dele, até que, finalmente, fecha os olhos. Recosta-se no banco do passageiro, com a cabeça encostada ao apoio, e a mão ainda a apertar o lenço de papel contra o rosto, numa atitude que parece a Connell de extrema fadiga ou de alívio.

Obrigada, agradece ela.

Ele põe o carro a trabalhar e sai do caminho de acesso. A sua visão está firme, os objetos voltaram a solidificar diante dos seus olhos, e consegue respirar. Por cima deles, as árvores agitam folhas prateadas em silêncio.

Sete Meses mais tarde  
(Fevereiro de 2015)

Na cozinha, Marianne verte água quente por cima do café. Lá fora, o céu está baixo e lanoso e, enquanto o café assenta, vai até à janela e encosta a testa ao vidro. Gradualmente, o seu bafo oculta a faculdade, as árvores tornam-se suaves e a Velha Biblioteca transforma-se numa nuvem pesada. Alunos atravessam a praça com casacos de inverno e, de braços cruzados, transformam-se em manchas até desaparecerem por completo. Marianne já não se sente admirada nem humilhada. Os outros esqueceram-se dela. Agora é uma pessoa normal. Quando passa, ninguém olha. Nada na piscina da faculdade, come no Refeitório com o cabelo molhado, passeia pelo campo de *cricket* ao anoitecer. Quando o tempo está chuvoso, Dublin parece-lhe extraordinariamente bela, com a pedra cinzenta a escurecer até se tornar quase negra e a chuva a deslizar na relva e a murmurar nos telhados escorregadios. Com os impermeáveis a luzir na cor submarina dos candeeiros de rua. Com a chuva prateada, semelhante a moedas a cair no fulgor do tráfego.

Limpa a janela com a manga e vai buscar as chávenas ao armário. Hoje tem trabalho das dez às duas e depois um seminário sobre a França moderna. No emprego responde a *e-mails*, a dizer que o patrão não está disponível para reuniões. Não sabe ao certo o que ele faz na realidade. Nunca está disponível para se encontrar com quem quer encontrar-se com ele, o que a leva a concluir que, ou está muito ocupado, ou permanentemente ocioso. Quando aparece no escritório, é frequente acender um cigarro com ar provocador, como que a pôr Marianne à prova. Mas qual é a natureza dessa prova? Ela permanece sentada à secretária, a respirar da maneira habitual. Ele gosta de mostrar como é inteligente. É enfadonho ouvi-lo, mas não extenuante. No final da semana, estende-lhe um envelope cheio de dinheiro. Ao ouvir isso, Joanna ficou chocada. Qual é a ideia de te pagar em dinheiro líquido?, perguntou. Será um traficante de droga, ou coisa assim? Marianne respondeu que pensava que ele era uma espécie de promotor imobiliário. Uau, disse Joanna, isso é muito pior.

Marianne carrega no êmbolo do café e enche duas chávenas. Numa delas deita um quarto de colher de açúcar e um pingo de leite. Na outra apenas café, sem açúcar. Põe-nas no tabuleiro, como de costume, segue pelo corredor com passos de lã e bate à porta

com a esquinha do tabuleiro. Não há resposta. Apoia-o à anca, segurando-o com a mão esquerda, e abre a porta com a direita. O quarto tem um cheiro denso, a suor e álcool, cedido, e as cortinas amarelas das janelas de guilhotina ainda estão fechadas. Liberta um espaço em cima da secretária e poisa o tabuleiro, depois senta-se na cadeira giratória a beber o café, que tem um gosto ligeiramente amargo, não muito diferente do ar que a rodeia. Acha agradável aquela altura do dia, antes de o trabalho começar. Quando a chávena fica vazia, estende a mão e levanta um canto da cortina com os dedos. Uma luz branca inunda a secretária.

Por fim, da cama, Connell diz: Na verdade, estou acordado.

Como te sentes?

Bem.

Ela leva-lhe a chávena de café sem açúcar. Ele vira-se na cama e fita-a, a piscar os olhos. Marianne senta-se no colchão.

Desculpa a noite passada, diz ele.

Sabes que a Sadie gosta de ti.

Achas?

Ele encosta a almofada à cabeceira da cama e tira-lhe a chávena das mãos. Bebe um grande trago e olha de novo para Marianne, ainda com os olhos franzidos e o esquerdo mesmo fechado.

Ela não é nem de longe o meu tipo, acrescenta.

Contigo nunca sei.

Ele abana a cabeça e bebe mais um gole de café.

Sabes, sim, diz ele. Gostas de pensar que as pessoas são misteriosas, mas eu não sou misterioso.

Ela reflete nisso enquanto termina o café.

Creio que, de certo modo, toda a gente é um mistério, diz ela. Nunca se conhece ninguém a fundo.

Pois é. Mas estás mesmo convencida disso?

É o que as pessoas dizem.

O que sei eu sobre ti?

Marianne sorri, boceja e ergue as mãos ao encolher os ombros.

Pode-se saber muito mais sobre as pessoas do que elas pensam, acrescenta ele.

Vou tomar duche primeiro, ou queres ir tu?

Não, vai tu. Posso usar o teu portátil para ver uns *e-mails* e umas coisas assim?

Sim, força, diz ela.

Na casa de banho, a luz é azul e clínica. Ela abre a porta do duche, gira o manípulo de torneira e espera que a água aqueça. Entretanto, lava os dentes rapidamente, cospe a espuma branca diretamente para o cano, e desfaz o rabo de cavalo na nuca. Em seguida, despe o roupão e pendura-o atrás da porta.

Em novembro, quando a nova editora da revista literária da faculdade apresentou a sua demissão, Connell ofereceu-se para desempenhar o cargo até arranjam outra pessoa. Meses mais tarde, não apareceu ninguém e continua a ser ele a editar a revista.

Na véspera à noite, fora à festa de lançamento do novo número, e Sadie Darcy-O'Shea serviu uma taça de vodka rosa-vivo com pedacinhos de fruta a flutuar. Sadie gosta de aparecer nestas ocasiões a apertar o braço de Connell e a ter conversas íntimas com ele sobre a sua «carreira». Na véspera, ele bebeu tanto ponche que caiu quando tentava pôr-se de pé. Marianne teve a sensação de que, em certa medida, a culpada fora Sadie, embora, por outro lado, fosse inegável que a responsabilidade fora de Connell. Mais tarde, quando Marianne o levou de volta a casa e o meteu na cama, ele pediu-lhe um copo de água, que entornou por cima de si e do edredão antes de cair para o lado a dormir.

No verão anterior, ela lera pela primeira vez uma das histórias de Connell. Estar ali sentada a ler as páginas impressas, dobradas no canto superior, porque ele não tinha agrafos, transmitiu-lhe uma ideia muito peculiar dele como pessoa. De certo modo, sentiu-se muito próxima dele enquanto lia, como se testemunhasse os seus pensamentos mais íntimos, mas também o sentia distante, centrado em qualquer tarefa complexa que era só dele, e da qual ela nunca poderia fazer parte. Claro que Sadie também nunca poderá fazer parte dessa tarefa, mas pelo menos é escritora, e tem uma vida imaginária secreta. A vida de Marianne desenrola-se estritamente no mundo real, povoado por indivíduos reais. Pensa em Connell a dizer: Pode-se saber muito mais sobre as pessoas do que elas pensam. Mas, mesmo assim, ele possui qualquer coisa que a ela lhe falta, uma vida interior que a exclui.

Costumava perguntar-se se ele na realidade a amava. Na cama, Connell dizia carinhosamente: Vais fazer exatamente o que te digo, não vais? Sabia como dar-lhe o que ela desejava, deixá-la aberta, fraca, impotente, por vezes a chorar. Compreendia que era necessário magoá-la: conseguia deixá-la submeter-se de livre vontade, sem violência. Tudo isso parecia acontecer ao nível mais profundo da personalidade dela. Mas a que nível se passava com ele? Seria apenas um jogo, ou um favor que lhe estava a fazer? Senti-lo-ia da mesma maneira que ela? Todos os dias, na sua atividade quotidiana, ele revelava paciência e consideração pelos sentimentos dela. Cuidava dela quando estava doente, lia-lhe esboços dos seus trabalhos para a faculdade, sentava-se a ouvir enquanto ela expunha as suas ideias, discordando com veemência de si própria e mudando de opinião. Mas amá-la-ia? Por vezes, sentia vontade de lhe perguntar: Sentirias a minha falta se deixasses de me ver? Perguntara-lhe isso em tempos, na urbanização fantasma, quando ainda eram miúdos. Na altura, ele respondera que sim, mas, nesse tempo, ela era a única coisa que ele tinha na vida, a única coisa que tinha de seu, e nada voltaria a ser assim.

No princípio de dezembro, os amigos deles perguntaram-lhes sobre os planos para o Natal. Marianne não via a família desde o verão. A mãe nunca tentara contactá-la. Alan enviara-lhe algumas mensagens a dizer coisas do género: A mãe não te quer falar, diz que tu és a vergonha dela. Marianne não tinha respondido. Ensaíara mentalmente que tipo de conversa iriam ter quando a mãe finalmente entrasse em contacto com ela, que acusações seriam feitas, em que verdades iria insistir. Mas isso nunca aconteceu. O seu aniversário chegou e passou sem receber uma palavra de casa. Depois chegou dezembro e ela tinha planos de passar o Natal sozinha na faculdade a

trabalhar na dissertação que estava a escrever sobre as instituições prisionais irlandesas depois da independência. Connell queria que ela fosse com ele a Carricklea. A Lorraine ia adorar ter-te em casa, disse. Eu telefono-lhe, devias falar com ela sobre o assunto. Mas acabou por ser Lorraine a telefonar a Marianne e a convidá-la pessoalmente para passar o Natal com eles. Confiante de que Lorraine sabia o que estava certo, Marianne aceitou.

Depois de saírem de Dublin, a caminho de casa no carro, ela e Connell falaram sem parar, dizendo graças e fazendo vozes cómicas para se fazerem rir um ao outro. Agora, ao olhar para trás, ela pergunta-se se estariam nervosos. Quando chegaram a Foxfield, já tinha escurecido e as janelas estavam cheias de luzes coloridas. Connell tirou os sacos da bagageira. Na sala de estar, Marianne sentou-se junto da lareira enquanto Lorraine fazia chá. Na árvore de Natal, colocada entre a televisão e o sofá, as luzes piscavam em padrões repetitivos. Connell chegou com uma chávena de chá e colocou-a no braço da poltrona dela. Antes de se sentar, deteve-se a arranjar um enfeite da árvore, que ficou muito melhor onde ele o pôs. Junto da lareira, o rosto e as mãos de Marianne estavam quentes. Lorraine entrou e começou a falar a Connell dos parentes que já a tinham visitado, dos que a iam visitar no dia seguinte, e por aí adiante. Marianne sentia-se tão desconfiada que quase lhe apetecia fechar os olhos e dormir.

No Natal, a casa em Foxfield era movimentada. À noite, havia pessoas a chegar e a partir, com latas de biscoitos ou garrafas de *whisky*. Crianças corriam à altura dos joelhos, a gritar frases ininteligíveis. Uma noite, alguém levou uma PlayStation, e Connell, com uma expressão quase de intensidade religiosa, ficou a pé até às duas da manhã a jogar FIFA com um dos primos mais novos, com os corpos esverdeados à luz do ecrã. Marianne e Lorraine passaram quase todo o tempo na cozinha, a lavar copos sujos, a abrir caixas de chocolates, a encherem constantemente a chaleira. Uma vez ouviram uma voz exclamar na sala: O Connell tem uma namorada? E outra voz a responder: Sim, ela está na cozinha. Lorraine e Marianne entreolharam-se. Ouviram um breve ruído de passos, e um adolescente apareceu à porta com uma camisola do Manchester United. Mal viu Marianne, que se encontrava junto do lava-loiça, ficou envergonhado e olhou para os pés. Olá, disse ela. Ele fez-lhe um aceno, sem cruzar os olhos com os dela, e bateu em retirada para a sala. Lorraine achou aquilo muito divertido.

Na véspera de Ano Novo, encontraram a mãe de Marianne no supermercado. Bem arranjada como sempre, vestia um fato escuro e uma blusa de seda. Lorraine cumprimentou-a delicadamente, mas Denise limitou-se a passar, sem dizer palavra e a olhar em frente, sem que soubessem qual o motivo do seu descontentamento. No carro, depois de saírem do supermercado, Lorraine, sentada ao lado do condutor, estendeu o braço para trás e apertou a mão de Marianne. Connell pôs o carro a trabalhar. O que pensam dela as pessoas da vila?, perguntou Marianne.

De quem, da tua mãe?, perguntou Lorraine.

Como é que as pessoas a veem?

Com uma expressão condoída, Lorraine respondeu em voz doce: Acho que a consideram um pouco estranha.

Foi a primeira vez que Marianne ouviu isso, ou até que pensou no caso. Connell não interveio na conversa. Nessa noite, quis ir ao Kelleher's celebrar o Ano Novo. Disse que toda a gente da escola lá ia. Marianne sugeriu que talvez ficasse em casa e ele pareceu refletir uns instantes antes de dizer: Não, debes vir. Ela ficou deitada na cama, de rosto voltado para baixo, enquanto ele mudava de camisa. Longe de mim desobedecer a uma ordem, disse ela. Ele olhou para o espelho e cruzou o olhar com o dela. Sim, exatamente, disse.

Nessa noite, o Kelleher's, húmido devido ao calor, estava a abarrotar. Connell tinha razão, estava lá a escola inteira. Não paravam de ter de fazer acenos à distância e movimentos de lábios a cumprimentar. Karen, a cheirar a qualquer perfume suave mas muito agradável, viu-os no bar e abraçou Marianne. Estou tão contente por te ver, disse Marianne. Venham dançar connosco, disse Karen. Connell, com as bebidas deles, desceu os degraus até à pista de dança, onde se encontravam Rachel e Eric, Lisa e Jack, e Ciara Heffernan, que andara um ano atrás deles. Eric, na brincadeira, fez-lhes uma vénia. Provavelmente estava embriagado. O ruído era demasiado para terem uma conversa normal. Connell segurou a bebida de Marianne enquanto ela despiu o casaco e o enfiava debaixo de uma mesa. Ninguém estava propriamente a dançar, só ali de pé, a gritar aos ouvidos uns dos outros. De vez em quando, Karen fazia um movimento de boxe encantador, como que a dar um murro no ar. Outras pessoas foram-se juntar a eles, incluindo algumas que Marianne nunca vira, e toda a gente se abraçava e gritava coisas.

À meia-noite, quando todos gritaram Feliz Ano Novo, Connell tomou Marianne nos braços e beijou-a. Como uma pressão física na pele, ela sentiu que os outros os observavam. Talvez até àquele momento ninguém tivesse acreditado, ou talvez qualquer coisa que em tempos fora escandalosa continuasse a provocar um fascínio mórbido. Talvez tivessem apenas curiosidade de observar a química entre duas pessoas que, ao longo de vários anos, pareciam não ser capazes de se largar. Marianne teve de admitir que, provavelmente, também ela teria olhado. Quando se separaram, Connell olhou-a nos olhos e disse: Amo-te. Nessa altura, ela ria, com o rosto corado. Estava em seu poder, ele decidira redimi-la, estava redimida. Era tão invulgar ele comportar-se assim em público que devia fazê-lo de propósito, para lhe agradar. Como era estranho, mas ao mesmo tempo banal, sentir-se tão completamente sob o controlo de outra pessoa. Uma vez que ninguém pode ser completamente independente dos outros, pensou ela, porque não ceder à tentação e correr no outro sentido, depender dos outros para tudo e permitir-lhes que dependam de nós? Sabe que ele a ama, já não se interroga a esse respeito.

Agora sai do duche e enrola-se na toalha de banho azul. O espelho está todo embaciado. Abre a porta e, da cama, Connell olha-a. Olá, diz. O ar viciado do quarto arrefece-lhe a pele. Ele está sentado na cama, com o portátil no colo. Marianne vai à cómoda buscar roupa interior lavada e começa a vestir-se. Ele observa-a. Pendura a toalha na porta do roupeiro e enfia os braços nas mangas de uma camisa.

Passa-se alguma coisa?, pergunta ela.

Acabei de receber este *e-mail*.

Ah, sim? De quem?

Sem responder, ele olha para o portátil e em seguida para ela. Tem os olhos vermelhos e ensonados. Marianne está a abotoar a camisa. Ele está sentado, com os joelhos fletidos sob o edredão e com a luz do portátil refletida no rosto.

De quem, Connell?, insiste ela.

Desta universidade em Nova Iorque. Parece que me estão a oferecer um lugar no MFA. No programa de escrita criativa, sabes?

Ela está ali, ainda tem o cabelo molhado, a embeber lentamente o tecido da camisa.

Não me disseste que te candidataste, diz ela.

Connell limita-se a olhá-la.

Parabéns, felicita-o. Não me surpreende terem-te aceitado, só estou admirada por não teres falado do assunto.

Ele faz um aceno de cabeça, com o rosto inexpressivo, e em seguida volta a olhar para o portátil.

Não sei, diz. Devia ter-te dito, mas, sinceramente, pensei que tinha poucas hipóteses.

Isso não é razão para não me teres dito.

Não importa. Não é provável que vá. Nem sequer sei porque me candidatei.

Marianne tira a toalha da porta do roupeiro e começa a usá-la para massajar lentamente as pontas do cabelo. Senta-se na cadeira da secretária.

A Sadie sabia que te candidataste?, pergunta ela.

O quê? Porque perguntas isso?

Sabia?

Bem, sabia. Mas não vejo que importância tem isso.

Porque lhe disseste a ela e não a mim?

Ele suspira, esfrega os olhos com as pontas dos dedos e encolhe os ombros.

Não sei. Foi ela que me disse para concorrer. Para ser franco, pareceu-me uma ideia estúpida, por isso não te disse.

Estás apaixonado por ela?

Connell olha para Marianne, sem fazer um movimento nem desviar a vista durante vários segundos. É difícil dizer o que o seu rosto deixa transparecer. Por fim, é ela que desvia o olhar para ajeitar a toalha.

Estás a brincar?, pergunta ele.

Porque não respondes?

Estás a misturar uma data de coisas, Marianne. Eu nem sequer gosto da Sadie como amiga e, para ser sincero, acho-a chata. Não sei quantas vezes tenho de te dizer isto. Desculpa não te ter falado da candidatura, mas como é que isso te leva a concluir que estou apaixonado por outra pessoa?

Marianne continua a esfregar as pontas do cabelo com a toalha.

Não sei, responde por fim. Por vezes sinto que gostas de estar junto de pessoas que te compreendem.

Sim, de ti. Se tivesse de fazer uma lista de pessoas que não me compreendem de

todo, a Sadie estaria no topo.

Marianne fica de novo em silêncio. Agora Connell fechou o portátil.

Desculpa não te ter dito, está bem? Por vezes fico envergonhado de te dizer coisas como essa porque me parecem estúpidas. Para ser franco, ainda me sinto inferior a ti, e não quero que penses em mim como... não sei, como alguém que tem ilusões.

Ela enxuga o cabelo com a toalha, sentindo a textura áspera e granulosa de cada madeixa.

Devias ir, diz ela. Para Nova Iorque. Devias aceitar a oferta e ir.

Ele não responde. Marianne levanta os olhos. A parede atrás dele é amarela como manteiga.

Não.

Tenho a certeza de que conseguias uma bolsa.

Porque estás a dizer isso? Pensei que querias ficar aqui para o ano.

Eu posso ficar e tu podes ir. É só um ano. Acho que devias ir.

Ele produz um ruído estranho, confuso, quase uma gargalhada. Toca no pescoço.

Ela poisa a toalha e começa a escovar lentamente os nós do cabelo.

Isso é ridículo, diz ele. Não vou para Nova Iorque sem ti. Nem sequer estaria aqui se não fosses tu.

É verdade, pensa ela, ele não estaria aqui. Estaria noutro sítio qualquer, e teria um tipo de vida diferente. Até seria diferente com as mulheres, e as suas aspirações em relação ao amor seriam diferentes. E ela própria seria uma pessoa completamente diferente. Teria sido feliz? E que tipo de felicidade seria essa? Durante todos esses anos, foram como duas pequenas plantas a partilharem o mesmo pedaço de terra, a crescerem à volta uma da outra, a contorcêrem-se para criar espaço, a assumirem determinadas posições improváveis. Mas ela acabou por fazer qualquer coisa por ele, tornou possível uma nova vida, e nunca se arrepende disso.

Sentiria demasiado a tua falta, diz ele. Ia ficar mal, sinceramente.

A princípio, sim. Mas depois passava.

Agora estão sentados em silêncio, Marianne a passar metodicamente a escova pelo cabelo, a procurar nós e, lentamente, a desfazê-los com paciência. De nada serve ser impaciente.

Sabes que te amo, diz Connell. Nunca hei de sentir o mesmo por ninguém.

Ela faz um aceno de concordância. Ele está a dizer a verdade.

Para ser franco, não sei o que fazer. Diz que queres que eu fique, e eu fico.

Ela fecha os olhos. É provável que ele não volte, pensa. Ou regressará, diferente. Nunca mais voltarão a ter o que têm agora. Mas para ela a dor da solidão não será nada em comparação com a dor que costumava sentir, por ser desprezível. Ele deu-lhe valor, como quem oferece um presente, e agora isso pertence-lhe. Entretanto, a vida dele abre-se à sua frente em todas as direções ao mesmo tempo. Fizeram muito bem um ao outro. É verdade, pensa ela, é verdade. As pessoas podem modificar-se mutuamente.

Devias ir, diz ela. Sabes que estarei sempre aqui.



## Agradecimentos

Obrigada, em primeiro lugar, a John Patrick McHugh, que apoiou este romance muito antes de eu ter acabado de o escrever, e cujas conversas e orientações contribuíram tão substancialmente para o seu desenvolvimento; a Thomas Morris, pelas suas opiniões inteligentes e pormenorizadas sobre o manuscrito; a David Hartery e Tim MacGabhann, por lerem os capítulos iniciais e pelos conselhos sensatos que me deram; a Ken Armstrong, Iarla Mongey e todos os membros do grupo de escritores de Castlebar pelo seu apoio quando comecei a escrever; a Tracy Bohan, por fazer praticamente tudo exceto escrever o livro; a Mitzi Angel, que contribuiu para tornar melhor esta obra e me tornar a mim uma escritora melhor; à família de John; à minha família, e, em particular, aos meus pais; a Kate Oliver e Aoife Comey, como sempre, pela sua amizade; e a John, por tudo.

## E-BOOKS DISPONÍVEIS NA RELÓGIO D'ÁGUA

A Abadia de Northanger  
A Amiga Genial  
A Arte da Guerra  
A Sociedade do Cansaço  
A Viúva e o Papagaio  
As Aventuras de Huckleberry Finn  
Crime e Castigo  
Frente ao Contágio  
O Grande Gatsby  
O Jogador  
O Mal-Estar na Civilização  
Orgulho e Preconceito  
Orlando  
Pequenos Fogos em Todo o Lado  
Será que os Andróides Sonham com Ovelhas Elétricas?

